PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XV

EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

Caixa Postal 4468

SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Vidas dos Santos

Agôsto

16.º DIA DE AGÔSTO

SÃO JACINTO

Da ordem de São Domingos.

Em Roma, quando o viajante entra na igreja de Santa Sabina e visita as três naves, nota, numa capela lateral, afrescos antigos. Um dêles representa Domingos revestido do hábito de irmão pregador, um jovem, ajoelhado diante dêle, enquanto outro jovem está estendido por terra; o rosto de ambos está escondido ao observador, e ambos portanto lhe causam comoção.

Êsses dois jovens são dois poloneses, Jacinto e Ceslas Odrowaz. Tinham acompanhado a Roma seu tio Yve Odrowaz, bispo eleito de Cracóvia e, levados provàvelmente a São Sixto, pelo cardeal Ugolino, antigo condiscípulo de Yve na universidade de Paris, tinham assistido à ressurreição do jovem Napoleão. O bispo imediatamente rogara a São Domingos lhe concedesse alguns irmãos pregadores para os levar com êle à Polônia. O santo objetou-lhe que não tinha nenhum que soubesse a língua e os costumes poloneses, e que se alguém de seu séquito quisesse tomar o hábito, seria o melhor meio de propagar a ordem na

Polônia e nas regiões do norte. Jacinto e Ceslas ofereceram-se então, de própria vontade.

Julga-se que eram irmãos e fora de dúvida que pertenciam à mesma família. Seu coração parecia-se como o sangue. Consagrados ambos a Jesus Cristo pelo sacerdócio, tinham honrado o mestre, aos olhos de sua pátria, e a juventude parecia nêles uma virtude mais. Jacinto era cônego da igreja da Cracóvia e Ceslas, prefeito ou preboste da igreja de Sandomir. Tomaram o hábito ao mesmo tempo em Santa Sabina, com dois outros companheiros de viagem, conhecidos na história dominicana sob os nomes de Henrique, o Morávio e Hermano, o Teutônico.

São Jacinto e seus companheiros ficaram pouco tempo em Roma. Depois de suficientemente instruídos nas regras da ordem, partiram com o bispo de Cracóvia. Passando por Friesach, cidade da antiga Nórica, foram levados pelo Espírito Santo a ali pregar a palavra de Deus. Sua pregação modificou completamente o país. Animados pelo feliz resultado veio-lhes a idéia de fundar um convento. Conseguiram-no em seis meses, e o deixaram sob a direção de Hermano, o Teutônico, já com um grande número de religiosos. De volta a Cracóvia, o bispo deu-lhes, para fazerem um convento, uma casa de madeira que dependia do bispado. Foram as primícias da Ordem nas regiões setentrionais. Ceslas fundou conventos em Praga e Breslau, e São Jacinto, antes de morrer, plantará até em Kiow, as tendas dominicanas, sob as vistas dos gregos cismáticos, e ao rumor das invasões tártaras.

Mandado por São Domingos, dedicou-se especialmente à conversão dos bárbaros e infiéis. Conver-

teu em pouco tempo na Cumana, habitada por jazigos, grande número dêsses bárbaros, entre outros um de seus príncipes, que, em 1245, veio ao primeiro concílio geral de Latrão, com vários senhores de sua nação. Apesar dos vastos desertos, que cortavam a grande Tartária, Jacinto a percorreu, anunciando por tôda parte a Jesus Cristo. Penetrou até o Tibé, perto das Índias orientais e até Kataí que é a província mais setentrional da China. Voltando à Polônia, Jacinto regressou à Rússia Vermelha e converteu vários cismáticos, entre outros o príncipe Coloman e Salomé, sua mulher, e ambos viveram depois na continência e abraçaram o estado de perfeição. Inspirou também vivos sentimentos de compunção aos habitantes da Podolia, da Volhinia, e da Lituânia. Fundou em Vilna, capital dessa província, um convento que é o principal de uma província imensa de Dominicanos.

Depois de ter percorrido mais ou menos quatro mil léguas, voltou à Polônia e chegou à Cracóvia, no ano de 1257, isto é, aos setenta e dois anos de vida. O rei Boleslau V, cognominado o Casto, e Santa Cunegunda, sua mulher viveram dirigidos por São Jacinto e tenderam ambos de acôrdo à perfeição cristã. Conta-se o milagre seguinte que êle operou nesse tempo. Uma mulher de qualidade tinha-lhe mandado o filho para lhe rogar que viesse dar algumas instruções a seus vassalos. O moço afogou-se, ao passar um rio, de volta a casa. A mãe ferida pela dor, mandou trazer o corpo do filho aos pés do servo de Deus, que, depois de ter rezado por algum tempo, tomou o morto pela mão e lhe restituiu a vida.

Jacinto caiu doente a 14 de agôsto e Deus fê-lo saber que morreria no dia seguinte, festa da Assun-

ção da Santa Mãe de Deus, que êle sempre havia honrado como sua padroeira. Exortou os religiosos à prática da doçura, da humildade e da pobreza. No dia seguinte, assistiu às matinas e à missa; recebeu, depois, a Extrema-unção e o santo Viático, aos pés do altar, e, algumas horas depois expirou tranqüilamente. Sua santidade foi atestada por grande número de milagres. Foi canonizado por Clemente VII, em 1594. (1)

* * *

(1) **Acta SS. e Godescard, 16 Aug.**

SÃO ROQUE

Nasceu em Montpellier, no comêço do reino de Filipe, o Belo, de um gentil-homem chamado João. Sua mãe, chamada Libéria, que pediu muitas vêzes um filho a Deus, pôs todos os cuidados em lhe inspirar a piedade cristã desde o berço. Roque, cujas inclinações se dirigiam para a virtude, viveu nessa primeira idade numa grande pureza de costumes e habituou o corpo ainda tenro a suportar a abstinência e outras mortificações. Tendo perdido o pai e a mãe na idade de vinte anos, viu-se senhor de grandes riquezas. Distribuiu aos pobres o de que podia dispor, deixou a administração dos fundos de terra a um de seus tios, afastou-se do país, e encaminhou-se para Roma, com vestes de peregrino e de mendigo. Atravessando a Toscana, soube que a peste tinha chegado à cidade de Aquapendente: foi para lá oferecer-se para servir aos pestilentos. Seguiu a peste a Cesena, a Rímini, e por fim, a Roma servindo por tôda parte sem cessar os que por ela eram atingidos. Todo seu desejo era fazer a Deus o sacrifício de sua vida naquela espécie de martírio. Depois de se ter sacrificado vários anos e em várias cidades da Lombardia, caiu doente em Placência. Para não incomodar os outros doentes do hospital, pelos gritos involuntários que lhe arrancavam as dores intermináveis, arrastou-se

até uma cabana na entrada de um bosque. Um gentil-homem chamado Gotardo, que morava na vizinhança, deu-lhe as coisas necessárias. Deus recompensou um e outro: deu a Roque, uma saúde perfeita e Gotardo, comovido por seus exemplos de virtude, resolveu deixar o mundo para servir a Deus, no retiro.

São Roque, saindo da Itália, voltou ao Languedoc, com o hábito de peregrino e foi hospedar-se numa aldeia que tinha pertencido a seu pai e que êle mesmo tinha cedido ao tio. Como se estava numa época de hostilidades, narra-se que foi prêso por um espião e levado ao juiz de Montpellier, que era seu mesmo tio, e que o pôs na prisão, sem o conhecer. Roque, que só aspirava a viver oculto em Deus, no meio de humilhações e sofrimentos, ficou cinco anos naquela prisão, sem que ninguém se lembrasse de esclarecer aquêle negócio, e sem êle mesmo disso se tivesse preocupado. Morreu, segundo a opinião mais comum, a 16 de agôsto de 1327. Sua memória tornou-se célebre pelos milagres operados em seu túmulo, pela devoção do povo, que o invocara desde então, contra as epidemias. Seu nome foi inserido no martirológio romano a 16 de agôsto. (1)

* * *

(1) **Acta SS. 16 aug.**

SÃO JOAQUIM (*)

Confessor

Pai da Santíssima Virgem Maria

1.º Século D. C.

As fontes, aliás suspeitas, para o estudo de São Joaquim, pai da Santíssima Virgem Maria Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, são as mesmas que utilizamos para a história de sua santa espôsa, Sant'Ana, por isso que se torna difícil consagrar-lhe, aqui, algo de novo.

Intimamente ligados, Joaquim e Ana, dados à educação da Filha, são venerados pelo povo cristão juntamente, a ambos os dois dedicando a cristandade um mesmo culto.

Demais, ver os *Evangelhos Canônicos e Evangelhos Apócrifos*, de Lepin; o *Proto-Evangelho de Tiago*, de Amann; os *Evangelhos da Virgem*, de Daniel-Rops; e o que delineamos sôbre Sant'Ana, 26 de julho.

No mesmo dia, no Egito, São Queremão, ermitão, que viveu nos desertos ao sul de Alexandria. Paládio escreveu sôbre êle o seguinte: "Queremão, o Asceta terminou a vida sentado e foi encontrado morto no seu banco, com um livro entre as mãos." Vivia numa caverna situada a quarenta milhas da igreja mais próxima e a doze dum curso d'água. Faleceu em 385.

Em Milão, São Simpliciano, bispo, célebre pelos testemunhos de Santo Ambrósio e de Santo Agostinho, falecido em 401. São Simpliciano foi designado por Santo Ambrósio como seu sucessor. Há algumas cartas de Ambrósio a São Simpliciano: *Sôbre a verdadeira liberdade; elevações sôbre o precioso sangue no sacrifício do altar; sôbre a penitência.* Agostinho, quando em Milão jazia indeciso, escreveu nas *Confissões*: "Achei bom ir ver Simpliciano, que me parecia um de vossos bons servidores (ó Senhor), e em que brilhava a vossa graça. Sabia que, desde a infância, êle era todo vosso." São Simpliciano igualmente aparece na obra de Paulino de Nola, de Genádio, de Enódio e de Próspero. Foi quem consagrou Gaudêncio, primeiro bispo de Novara.

Em Sion, Valais, São Teodoro, bispo e confessor, no IV século. Assistiu ao concílio de Aquiléia, onde, sob a presidência de São Valeriano, bispo de Aquiléia, e a direção de Santo Ambrósio de Milão, vinte e dois bispos, concertados, condenaram dois bispos ilirianos, Paládio e Secundiano, e um padre, Atalo, acusados de arianismo. São Teodoro morreu no fim do século IV, talvez a 16 de agôsto, dia em que sua festa é celebrada desde há muito.

Em Ploernel, na Bretanha, Santo Armel, confessor, no século VI. Bretão de além-Mancha, passou para a Armórica, onde se tornou célebre pelos milagres.

No mosteiro de São Sulpício da Floresta, na diocese de Rennes, São Raul de la Fustaie, fundador do mosteiro. O necrológio de São Sulpício da Floresta situa-lhe a morte a 16 de agôsto de 1129. Vulgarmente chamavam-no *Ru*.

Em Subiaco, na Itália, o bem-aventurado Lourenço, o da Couraça, ermitão, assim chamado por causa da couraça que sempre trouxe vestido e que só tirou quando fraquíssimo, jazia às portas da morte. Vivendo numa gruta, quando ocorreu grande inundação, que lhe ameaçava o doce retiro, disse: "Fiz voto de jamais deixar esta caverna. Nem o fogo nem a água arrrancar-me-ão daqui. Deus fará de mim o que bem quiser." Diz-se que a água, então subindo assustadoramente, baixou no mesmo instante. Faleceu em 1243.

Em Meako, Japão, o bem-aventurado João de Santa Marta, mártir. Nascido na Espanha, em 1578, professou entre os irmãos menores observantes da província de São Tiago. Enviado às Filipinas, suplicou que o transferissem para o Japão. Ali, prêso, foi, depois, morto, em 1618. Cinco cristãos que o sepultaram foram presos e martirizados no ano seguinte. João de Santa Marta foi beatificado por Pio IX a 7 de julho de 1867.

Em Concura, no Bugen, Japão, o bem-aventurado Simão Bokusai Kiota e quatro companheiros, mártires, em 1620, sob o govêrno de Yetsundo. Condenado porque continuava pregando a doutrina cristã,

contra os editos imperiais, foi morto com outros japonêses, considerados seus cúmplices: Madalena, espôsa de Simão, Tomás Ghengoro e Maria, sua espôsa, e Tiago, o filho. O menino, cruelmente batido, gritou ao juiz: "Jamais conseguireis, pela violência, o que não conseguistes pelas carícias. Eis meu peito, eis todo o meu corpo, batei, picai-o, eu sou cristão e cristão hei de ser para sempre." Todos morreram crucificados de cabeça para baixo. Pio IX beatificou-os a 7 de julho de 1869.

Em Couvert, na diocese de Bayeux, Santa Basiléia, virgem e mártir. A antiguidade do culto desta Santa é-nos garantida pelo manuscrito em que se lê: *Em Basiliacum, Bessin, a deposição da virgem Basiléia. Basiliacum,* atualmente, é o sobredito Couvert.

Na Pérsia, São Vamné, mártir, em 423. O rei persa Bahram V, cognominado Gor, perseguindo os cristãos, fêz com que Vamné, encarcerado, fôsse cruelmente flagelado e, finalmente, decapitado.

Em Arcis-sur-Aube, na diocese de Troyes, São Bálsamo, mártir, no século V, vítima da perseguição vândala, cujos restos foram descobertos graças a uma revelação que uma senhora cega teve: assim que, aberto o túmulo de São Bálsamo, deram-lhe com as relíquias, aquela senhora, que era de Limoges, recuperou a vista.

No Maine, São Frambaldo, monge, no século VI, também chamado Fraimbaldo, Framburgo e Frambur. Monge, solitário, depois cenobita no Maine, viveu nos tempos de Santo Inocêncio, bispo.

Em Nevers, Santo Areu, bispo, no século VI. Assistiu aos concílios de Orléans, em 549, e de Paris, em 552. Morto, foi colocado num barco, alumiado

com algumas velas, segundo o seu desejo, e pôsto a vogar ao sabor da corrente: indo parar em Decize, ali foi enterrado.

No país de Rieux, Languedoc, São Cizi, mártir.

Em Florença, o bem-aventurado Anjo Agostinho Mazzinghi, carmelo, falecido em 1438. Nobre florentino nascido no ano de 1377, professou no convento do carmelo da capital da Toscana.

Em Toledo, na Espanha, a bem-aventurada Beatriz da Silva, fundadora das concepcionistas. Nascida em 1424, numa nobre família portuguêsa, foi levada para a côrte do rei da Espanha pela tia Isabel, que se casara com João II. Requestada, pela beleza, deixou o século, ingressando em São Domingos de Silos, em Toledo. Em 1484, com doze companheiras, fundou a ordem em honra da Virgem e de sua conceição imaculada, ordem que o papa Inocêncio II aprovou em 1489. Faleceu em 1490, com sessenta e seis anos. Pio XI, a 28 de julho de 1926, ratificou-lhe o culto.

Em Roma, São Tito, diácono, que tendo sido surpreendido quando distribuía dinheiro aos pobres, ou enquanto os gôdos serviam os senhores da cidade, foi morto por ordem de um tribuno daqueles bárbaros. Em Nicéia, na Bitínia, São Diomedes, médico, que tendo morrido pela espada pela fé de Jesus Cristo, recebeu a honra do martírio durante a perseguição de Diocleciano. — No mesmo dia, memória de trinta e três santos mártires. — Em Ferentino, na campanha romana, morte de Santo Ambrósio, centurião, que, durante a perseguição de Diocleciano, depois de

diversos tormentos, tendo passado pelo fogo sem receber ferida alguma, foi por fim atirado às águas de onde saiu para entrar num lugar de frescor. — Em Auxerre, Santo Eleutério, bispo. — Em Nicomédia, Santo Arsácio, confessor, que, tendo deixado a milícia para abraçar a vida solitária, durante a perseguição de Licínio, tornou-se célebre por tantos milagres que se contam que êle expulsava os demônios e que por suas orações matou um dragão monstruoso; enfim, depois de ter predito a ruína da cidade, morreu, rogando a Deus. — Em Roma, Santa Serena, que tinha sido espôsa do imperador Diocleciano.

* * *

17.º DIA DE AGÔSTO

A BEM-AVENTURADA EMÍLIA BICCHIERI

Essa santa jovem, que pertencia a uma família ilustre, a dos Bicchieri, nasceu em Vercelli, a 3 de maio de 1238. Perdeu a mãe ainda muito pequenina; sua piedade antecipou-se aos anos, e ela rogou à Santíssima Virgem que a tomasse sob sua proteção e suprisse, assim, a perda que acabava de sofrer. Aquela confiança filial em Maria mereceu-lhe graças especiais.

Compreendendo bem cedo o preço do silêncio e da mortificação, falava com as criaturas o menos possível, a fim de conversar mais fàcilmente com Deus na oração, exercício que tinha para ela muitos atrativos. Afligia o corpo pelo jejum e domava a vontade com atos contínuos de renúncia. Por outro lado, era tão inimiga do fausto e dos ornamentos mundanos, que tirara êsses mesmos ornamentos que suas criadas acrescentavam às suas vestes. Cheia de compaixão para com os pobres, aliviava-os com tôdas as suas fôrças. Pedro Bicchieri, seu pai, considerava-a a glória e o sustentáculo da família. Também fizera projetos para sua permanência no mundo. Mas todo o desejo de Emília era consagrar-se a Deus no estado

religioso. Na idade de quinze anos lançou-se aos pés do pai e pediu-lhe o consentimento para seguir a voz do Senhor que a chamava ao seu serviço. Aquêle pedido inesperado surpreendeu e perturbou Bicchieri. Monstrou-se êle, primeiro, pouco disposto a satisfazer os desejos da filha, mas logo, vencido por seus insistentes pedidos, deixou-a livremente executar a piedosa resolução.

A serva de Deus, considerando-se, desde aquêle instante, separada do mundo, começou na casa paterna a tentar o gênero de vida que queria abraçar. Acostumada ao jejum, desde a infância, entregou-se-lhe mais freqüentemente então, unindo-lhe vários dias de abstinência por semana. Embora mui fervorosa, punha tanta discrição em seu proceder, que não se lhe podia censurar a devoção.

Na idade de dezoito anos, no ano 1256, entrou na ordem de São Domingos, para o que se havia resolvido, após sérias reflexões e ardentes preces; seu pai, fêz construir expressamente um convento daquela Ordem para receber a filha tendo-o ao mesmo tempo dotado de recursos suficientes. Mas, antes de se separar do bom pai, ela pediu-lhe perdão das faltas que tinha cometido contra êle, bem como sua bênção, de maneira tão tocante que Bicchieri, chorando a abençoou com ternura.

Emília, no auge de seus desejos, tomou o hábito da Ordem Terceira de São Domingos, e, depois de ter passado um ano nos exercícios de um fervoroso noviciado, ligou-se ao Senhor pelos votos religiosos. Seria difícil expressar com que alegria fêz seu sacrifício. Inteiramente consagrada a Deus não quis mais ter relação alguma com as pessoas seculares. As

senhoras mesmas, as mais distintas de Vercelli, tentaram inùtilmente vê-la e falar-lhe; ela recusava-lhes as visitas e só recebia as do pai. Bicchieri não viveu por muito tempo depois da profissão da filha. Ela foi avisada por Deus de que o perderia dentro de oito dias. Compreende-se fàcilmente quanto essa notícia lhe causou pesar; mas, resignada à vontade de Deus submeteu-se com coragem a tão grande aflição; e quando, no momento que lhe tinha sido indicado de antemão, viera anunciar-lhe que seu pai tinha passado do tempo para a eternidade, ela suportou o golpe sem se comover, contentando-se em rezar com fervor por uma alma que lhe era tão cara e pela felicidade com a qual o Senhor lhe deu logo a consoladora certeza.

Tornando-se, contra sua vontade, superiora do convento que ela mesma tinha fundado, mostrou-se a mais humilde das religiosas. Dividia com todos os trabalhos mais vis e os mais abjetos de uma casa. Zelosa da santificação de suas irmãs, estudava o grau de perfeição de cada uma, e prescrevia-lhes os atos de virtude, mais ou menos difíceis, segundo a medida da coragem que lhes era conhecida; mas, o que a bem-aventurada pedia de tôdas indistintamente era a pureza de intenção. Queria que suas religiosas tivessem em vista a glória de Deus em tôdas as suas obras e que fizessem disso o motivo de sua obediência; não lhes propunha outra, quando lhes mandava alguma coisa. Seus cuidados para conservar e manter a caridade entre os membros da comunidade não eram menores. Estabeleceu para êsse fim uma prática comovente. Nas proximidades de uma grande festa, cada religiosa se punha de joelhos, diante das com-

panheiras e dava-lhes o ósculo da paz, depois de lhes ter pedido perdão dos maus exemplos e das penas que lhes tinha causado; admirável invenção que o espírito de Deus, sòmente, pode inspirar.

Severa para consigo mesma, só vivia de privações e entregava-se a grandes austeridades, a ponto de jejuar a pão e água duas vêzes por semana, embora sua vida fôsse muito inocente e pura. Era santamente pródiga quando se tratava de aliviar os indigentes, proibia que se recusasse alguma esmola e dava-lhes o que seu amor pela pobreza a levava a tirar de si mesma.

Não nos devemos admirar de que uma alma tão santa tenha merecido obter de Deus favores extraordinários. O autor da vida da bem-aventurada afirma que uma vez, não tendo podido fazer a comunhão com suas irmãs, porque a caridade a retivera junto de um enfêrmo, como se queixasse amorosamente a nosso Senhor, um anjo lhe apareceu e lhe deu a Santa Comunhão na presença de tôda a comunidade. Três religiosas enfermas foram sùbitamente curadas no mesmo momento, recebendo sua bênção. Deteve, por suas orações e pelo sinal da cruz, um violento incêndio que estava a ponto de lhe destruir todo o mosteiro. O dom dos milagres não foi o único favor espiritual que nosso Senhor concedeu à espôsa fiel; tornou-a participante das dores de sua Paixão e sobretudo, de sua coroação de espinhos depois de um pedido que ela lhe fizera na meditação.

Tal foi a vida angélica dessa santa jovem, até a idade de setenta e seis anos. Caiu então enfêrma e compreendeu que seu fim se aproximava. Obediente à enfermeira, inteiramente obediente às ordens do

médico, oferecia a tôdas as pessoas religiosas um modêlo perfeito da resignação, que devem ter nas enfermidades corporais. A oração, o silêncio, as orações jaculatórias, ocupavam-na constantemente. Depois de ter recebido os sacramentos na presença de tôdas as irmãs, que derramavam lágrimas, dirigiu-lhes algumas palavras cheias de edificação e as abraçou tôdas, uma por uma para o último adeus. Enfim, sentindo que ia morrer, juntou as mãos e, erguendo os olhos para o céu, como se visse aproximar-se o espôso, disse estas palavras: E eu verei em minha carne a Deus, meu Salvador. Estou pronta e não fui perturbada por guardar vossos mandamentos. Vem sôbre mim vossa misericórdia, ó Senhor, vossa salvação segundo vossa promessa! Mas, repetia, mais freqüentemente ainda, o versículo seguinte: Que vossa misericórdia, Senhor, se apresse em me consolar segundo vossa palavra. Por fim, disse com grande coragem: Senhor, entrego minha alma nas vossas mãos! Maria; Mãe de graça! Depois entregou a Deus a santa alma, dizendo: Jesus, Maria, Domingos! Era o dia 3 de maio de 1314. Seu corpo ficou exposto durante oito dias, e muitos doentes que dêle se aproximaram recobraram imediatamente, a saúde. O Papa Clemente XIV aprovou, a 17 de julho de 1769, o culto prestado à bem-aventurada Emília e fixou-lhe a festa para 17 de agôsto, que é o dia da segunda transladação de suas relíquias. (1)

* * *

(1) Godescard, 17 de agôsto, — Acta SS. —, 3 de maio. — No apêndice do primeiro volume de maio.

SÃO CARLOMANO (*)

Prefeito de Palácio e Monge Beneditino

Carlomano era filho de Carlos Martel e de Rotrudes. Carlos Martel foi quem impôs a supremacia franca aos alemães, bávaros e turíngios, submetendo burguinhões, provençais e neutrios, e quem salvou a civilização cristã ocidental em Poitiers, pondo em debandada os sarracenos.

Carlomano nasceu em 715. Exerceu o cargo de prefeito do palácio a partir do ano 741, juntamente com Pepino, o irmão.

Morto o pai, cindiu-se a sucessão, mas Carlomano, que herdara a autoridade na Austrásia, cedeu o direito ao irmão, buscando o convento, em 752: destarte, renunciou a todo poder.

Quando o papa Estêvão II procurou o rei Pepino, o Breve, em busca de auxílio contra os lombardos, Carlomano também procurou defender uma causa que lhes era comum.

Morto Carlomano, em 755, o irmão ordenou que lhe levassem o corpo para o Monte Cassino. Honrado como santo, desde antigamente, o culto caiu sensìvelmente, reavivando-se, porém, depois do século XVIII.

Há relíquias de São Carlomano no mosteiro de Fuelda, dadas por um abade do Monte Cassino.

Os reis da primeira dinastia franca, conhecidos por *merovíngios*, de Meroveu, reinaram até perto de dois séculos e meio, depois da morte de Clóvis. A história dos merovíngios está dividida em dois períodos: o primeiro é chamado dos reis *cabeludos*, que se estendeu até a morte de Dagoberto, em 638: *cabeludos*, porque a longa cabeleira simbolizava, então, a autoridade; o segundo período é o dos reis *indolentes*, assim chamados porque, ao invés de governarem êles próprios, deixavam o govêrno a cargo dos *Prefeitos de Palácio*, funcionários que, não passando, a princípio, de chefes dos empregados do palácio real, foram-se impondo, com o apoio da nobreza, até que chegaram a verdadeiros ministros de Estado.

* * *

BEM-AVENTURADO FRANCISCO DE SANTA MARIA E COMPANHEIROS (*)

Mártires

No ano de 1627, o governador de Nagasaki, chamado Cavatchidono, resolveu exterminar com o catolicismo na sua província, ainda bem vivo apesar de longa e cruel perseguição que se arrastou cheia de sangue por vários anos.

Foi assim que a polícia de Nagasaki localizou e prendeu o padre Francisco de Santa Maria, nascido na Espanha, em Montalvanejo, na aquidiocese de Toledo.

Com o padre Francisco de Santa Maria, foram martirizados frei Bartolomeu Laurel, mexicano, médico estimadíssimo; um coreano, educado por um português de Macau, que o fêz batizar e lhe deu o nome de Gaspar Vaz; a espôsa dêste, Maria, com a qual se casou em Nagasaki, para onde viera depois de deixar Macau; e Cufioye e Luís Soyemon, vizinhos de Gaspar, considerados cúmplices de Francisco de Santa Maria.

Na prisão, êsses heróicos soldados de Cristo encontraram numerosos irmãos, encarcerados de há muito.

Executados a 17 de agôsto de 1627, eis a lista dos mártires encabeçados pelo padre Francisco de Santa Maria, que, com frei Bartolomeu e Gaspar, foi queimado vivo: frei Antônio de São Francisco, catequista, sete japonêses, todos terciários de São Francisco, Cufioye, Luís Someyon, Tomé Wo Jinyemon, antigo servidor dos jesuítas, Lucas Kiyemon, carpinteiro, Miguel Kizayemon, também carpinteiro, Martim Gomes de Facata, que recolhera e hospedara franciscanos, Maria Vaz, espôsa dedicada de Gaspar Vaz, e Luís Madzuwo.

Segundo algumas fontes, foram também martirizados quatro terciários de São Domingos, que enfrentaram o suplício do fogo: Francisco Curobioye de Tchicungo, catequista, Caio Jiyemon, Madalena Kiota, japonêsa de sangue real, viúva e Francisca.

Decapitados, o que mostra a violência da perseguição, pereceram: Antônio, de vinte e cinco anos, filho de Francisca; o filho de Martim Gomes, Francisco, de cinco anos; os de Luís Madzuwo, Emanuel, de cinco anos, e João, de três; e os de Miguel Kizayemon, João, também de três anos.

No mesmo dia, na diocese de Saint-Flour, São Mameto, confessor, apóstolo daquela diocese.

Na abadia de Amorbach, na Francônia, Santo Amor, abade (século VIII?). Desde o século XV que aquela abadia venera o Santo como seu fundador.

Na Holanda, São Jerão, sacerdote, falecido em 856, que, segundo algumas fontes, foi morto numa das incursões normandas.

Na Tessalônica, Santo Elias, cognominado o Jovem, monge calabrês. Nascido em 823, em Enna, na Sicília, foi prêso pelos sarracenos e enviado para a África. Libertado, fêz uma peregrinação a Jerusalém. João Batista de nascimento, o patriarca nomeou-o Elias. Depois dum sem-número de viagens, tornou à Sicília, depois passou à Grécia. Fixado na Calábria, faleceu, anos mais tarde, quando em Tessalônica, onde fôra a chamado do imperador de Constantinopla Leão IV, o Filósofo (903?).

Em Susteren, na diocese de Roermond, as santas Benedita, Cecília, abadêssa, e Relinda, reclusa (século V).

Em Montemarano, Campânia, São João, bispo (século IX), que, conta-se, trabalhava a terra, cultivando-a com as próprias mãos, para socorrer os pobres. Diz-se que São João, foi um monge que o papa Gregório VII, em 1074, elevara a prelazia.

No bosque chamado de Adriano, no reino de Nápoles, São João Nusco, abade, falecido em 1163. Foi o primeiro abade de São João dos Ermitães de Palermo e discípulo de São Guilherme de Montevirgínia.

Na Sicília, São Nicolau Politi, ermitão, desaparecido em 1167. Nascido em Aderno, a oeste do Etna, viveu trinta anos numa gruta do maciço vulcânico. Vida austera, comia uma só vez por dia e apenas uma pequena porção de legumes. Depois de morto, recolheram-lhe o corpo os monges basilianos. Júlio II aprovou-lhe o culto em 1507.

Em Santo Onofre, Lucânia, São Donato, monge (1198?). Da congregação de Montevirgínia, faleceu com dezenove anos no mosteiro de Santo Onofre da Massa Picentina. Nasceu em Ripacandida, onde, agora, repousa seu corpo.

Em Saumur, na diocese de Angers, a bem-aventurada Joana Delanoue, fundadora das Irmãs de Sant'Ana da Providência de Saumur. Nascida aos 18 de junho de 1666, faleceu em 1736. Pio XII proclamou-a bem-aventurada em 1947, no dia 9 de dezembro.

A oitava de São Lourenço, mártir — Em Cartago, os santos mártires Liberato, abade, Bonifácio, diácono, Servo e Rústico, subdiáconos, Rogato, e Sétimo, monges, e Máximo, ainda menino, que, durante a perseguição dos vândalos, sob o rei Hunerico, tendo sofrido diversos e horríveis tormentos pela defesa da fé católica, e da unidade do batismo, foram pregados com pregos sôbre madeira, onde deviam ser queimados; mas o fogo, depois de aceso por diversas vêzes, sempre se apagava por virtude divina e o tirano mandou-os bater com remos, de modo que, tendo a cabeça esmagada, terminaram felizmente a carreira e conquistaram a coroa que Deus lhes tinha preparado. — Em Cesaréia, na Capadócia, festa de São Mamede, que sofreu um longo martírio desde a infância até à velhice e que por fim teve a felicidade de o terminar sob o governador Alexandre, no tempo do imperador Aureliano. São Basílio e São Gregório

Nazianzeno fazem-lhe grandes elogios. — Na Acaia, São Miro, padre e mártir, que foi decapitado em Cízico, depois de ter sofrido muitos tormentos sob o imperador Décio e o governador Antípatro. — Em Nicomédia, os santos mártires Estratão, Filipe e Eutiquiano, que tendo sido expostos às feras e não recebendo nenhum mal, cumpriram o martírio pelo fogo. — Em Terni, Santo Anastácio, bispo e confessor. — Em Tolemaida, na Palestina, São Paulo e Santa Juliana, sua irmã, que sofreram o martírio sob o imperador Diocleciano.

* * *

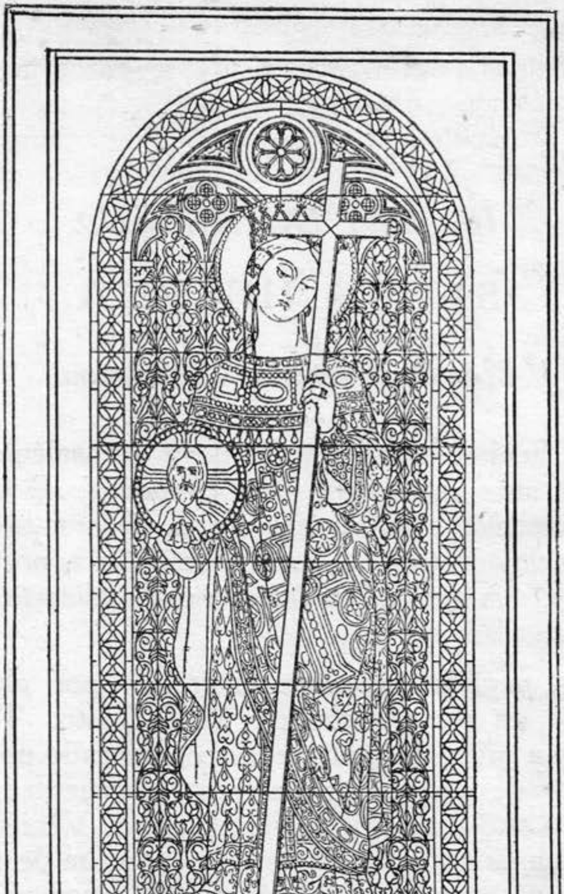
18.º DIA DE AGÔSTO

SANTA HELENA

Mãe do Imperador Constantino

O Senhor tinha dito à nova Jerusalém: "Eu elevarei meu estandarte para os povos. E os reis serão nutrícios e as rainhas amas. Adorar-te-ão de rosto inclinado para a terra e beijarão a poeira de teus pés." A antiga Jerusalém via a realização disso pela Jerusalém nova.

Os pagãos tinham-se esforçado por abolir a memória da ressurreição de Jesus Cristo. Tinham fechado a gruta do santo sepulcro, colocado por cima uma grande quantidade de terra, pavimentado com pedras o alto e construído um templo de Vênus, onde ofereciam os sacrifícios a êsse ídolo, a fim de que os cristãos parecessem adorá-lo, quando viessem àquele lugar, para adorar Jesus Cristo. Constantino deu ordem de se construir uma igreja magnífica e escreveu sôbre isso ao bispo Macário, recomendando-lhe que aquêle edifício sobrepujasse em beleza não sòmente as outras igrejas mas todos os edifícios das outras cidades. "Dei ordem, acrescenta a Draciliano, governador da província, de empregar segundo vossas ordens os operários necessários para se erguerem as



Santa Helena. Segundo Ingres. Vitral da Capela de São Fernando das Ternas, Paris. Século XIX.

paredes. Mandai-me dizer que mármore precioso e que colunas julgais conveniente, a fim de que eu as faça construir. Ficarei bem contente de saber se julgais a propósito que a cúpula da igreja seja adornada com teto lavrado ou com outra espécie de trabalho; se fôr lavrado, poder-se-á colocar ouro.

Santa Helena, mãe de Constantino, encarregou-se, ela mesma de sua execução. Tinha então oitenta anos, vivendo havia muitos anos na piedade e nas obras de caridade. O imperador seu filho, fê-la conhecer a verdadeira religião, que antes ela ignorava; deu-lhe o título de augusta ou de imperatriz, e mandou pôr sua efígie nas moedas de ouro. Ela dispunha dos tesouros só para fazer caridade e esmolas. Era muito assídua à igreja, adornava-as com vários ornamentos e não se descuidava nem mesmo dos oratórios das aldeias; viam-na no meio do povo com um hábito simples e modesto, nas assembléias de religião.

Foi, não obstante a idade, visitar os santos lugares e tomou o cuidado de os adornar com suntuosos edifícios pela liberalidade de seu filho. Atravessando o Oriente, fêz donativos extraordinários aos soldados, às comunidades e a cada um dos particulares que se dirigiam a ela. A uns dava dinheiro, a outros vestes; libertava os presos e os que trabalhavam nas minas; fazia voltar os exilados. Tendo chegado a Jerusalém, começou por fazer derrubar o templo e o ídolo de Vênus, que profanavam o lugar da cruz e da ressurreição. Tirou-se a terra, cavou-se tanto até se encontrar o santo sepulcro e, perto, três cruzes enterradas. Não se sabia qual era a do Salvador; o bispo São Macário imaginou um meio para se desvendar isso.

Mandou levar as cruzes à casa de uma mulher enfêrma havia muito tempo, e que estava nas últimas; aplicaram-lhe cada uma das cruzes, fazendo preces; e logo que ela foi tocada pela última, ficou inteiramente curada. Com a cruz, encontraram o título, mas separado, com os pregos, que Santa Helena mandou ao imperador com uma parte considerável da cruz, deixando a outra em Jerusalém. Mandou-a pôr numa caixa de prata e deu-a em custódia ao bispo para a conservar para a posteridade. De fato, no século seguinte, mostravam-na uma vez por ano, na festa da Páscoa, isto é, na sexta-feira santa. O bispo, depois de a ter adorado por primeiro, expunha-a para ser adorada, por todo o povo; daí, sem dúvida, veio em tôdas as igrejas a piedosa cerimônia. Não se mostrava em Jerusalém a verdadeira cruz, fora dêsse dia; às vêzes, por graça particular do bispo como um favor a pessoas de piedade, que lá tinham ido expressamente em peregrinação. Quanto aos cravos, Constantino, mandou pôr uma parte dêles em seu capacete e uma parte nas rédeas de seu cavalo, para lhe servirem de defesa nos combates.

Entretanto, por suas ordens e pelos cuidados de sua mãe, construiu-se a igreja do Santo Sepulcro, terminada sòmente seis anos depois. Em redor, elevava-se uma cidade antiga, não no mesmo lugar que parecia ser a nova Jerusalém, predita pelos profetas. Perto daí, no alto do Monte das Oliveiras, o imperador mandou construir também uma igreja magnífica, para honrar o lugar da Ascensão de Jesus Cristo e outra em Belém, para honrar a gruta santificada pelo seu nascimento. Êsses edifícios eram ornados de preciosos dons, vasos de ouro e de prata; véus de diversas côres serviam para eternizar a memória do imperador



Santa Helena descobre a verdadeira cruz. Segundo um afrêscc de Pinturicchio.

e de sua mãe. Ela permaneceu ainda alguns dias na Palestina e, entre outros sinais de piedade, prestou grande honra às virgens consagradas a Deus pois, tendo-as reunido e mandado sentar-se sôbre vários tapêtes, serviu-as à mesa, tendo ela mesmo o jarro e a bacia para lhes lavar as mãos trazendo as iguarias, vertendo o vinho e apresentando-o para beber. Enfim essa piedosa princesa, voltando a Roma, lá morreu no mês de agôsto dêsse mesmo ano, 326, nos braços do imperador, seu filho e de seus netos, os césares; o imperador fêz-lhe funerais com pompa real. (1) A Igreja honra-lhe a memória no dia 18 de agôsto.

O título da cruz, encontrado por Santa Helena, foi depositado na igreja que ela fundou em Roma e que é conhecida pelo nome de *Santa Cruz de Jerusalém*. Puseram-no no alto de uma arcada, onde foi encontrado em 1492, encerrado numa caixa de chumbo. A inscrição em hebraico, grego e latim, está sôbre madeira esbranquiçada e em letras vermelhas.

* * *

(1) Euseb., — **Vita Constant.**, 1. III, Soc., I, 17. Soz., 2 c. I, Theod., 1, c. XVIII. Ruf., 1 II, c. 8.

SANTA CLARA DE MONTE-FALCO

Santa Clara de Monte-Falco nasceu em Monte-Falco perto de Espoleto, pelo ano 1275. Foi, desde a infância, um modêlo admirável de piedade e penitência. Tendo abraçado a regra das religiosas agostinianas, distinguiu-se logo por seu fervor. Elegeram-na abadêssa, sendo ainda muito jovem e satisfêz às esperanças que dela se haviam concebido. Todos os que tinham a felicidade de conversar com ela sentiam-se animados por um ardente desejo de tender à perfeição. Seu recolhimento profundo era o efeito da união constante de sua alma com Deus. Quando lhe escapava uma palavra que lhe parecia inútil, impunha-se uma penitência que consistia em recitar certo número de orações. Gostava, sobretudo, de meditar na Paixão do Salvador. Morreu a 18 de agôsto de 1308. João XXII ordenou o processo de sua canonização, mas êle foi interrompido pela morte dêsse Papa. Santa Clara, é nomeada no martirológio romano. (1)

* * *

---

(1) Godescard, 18 de agôsto.

BEM-AVENTURADO AIMON TAPARELLI (*)

Dominicano

Aimon, da nobre família Taparelli, nasceu em 1395, em Savigliano, no Piemonte, e procurou os dominicanos algum tempo depois de casado.

Tendo ensinado na universidade de Turim, foi, mais tarde, escolhido pelo duque de Savóia, Amadeu, para predicador da côrte e, segundo alguns, como diretor de consciência.

A 21 de abril de 1466, foi nomeado comissário da Inquisição, substituindo um colega assassinado, o bem-aventurado Bartolomeu Cerveri.

Até meados do século X, a Igreja gozou de certa paz, mas turbando-se a tranqüilidade com furiosas contendas entre Roma e os imperadores da Alemanha, surgindo heresias as mais variadas, os papas, vendo ameaçada a Igreja Romana por questões delicadíssimas, acharam necessário fazer calar inimigos poderosos de Nosso Senhor.

Os *arnaldistas*, principalmente, foram dos que puseram o papado em apurada situação. Assim, foi estabelecida, na Itália, a inquisição.

A Congregação do Santo Ofício de Roma, cujo chefe era o papa, tinha suprema autoridade sôbre tôdas as inquisições, ditas particulares, que a seu modo de ver eram como que tribunais subalternos do soberano tribunal.

No que dizia respeito às inquisições particulares estabelecidas na Itália, eram tão numerosas como as cidades importantes de cada província. Cada uma, pois, dessas principais cidades da velha Itália, comportava um inquisidor, um vigário, um procurador fiscal, com notário, secretários e consultores.

Aimon, encarregado de velar pela fé em Savigliano, onde se tornou vigário geral, para tôda a região, logo foi promovido a inquisidor geral para tôda a Lombardia superior e a Ligúria. Êste cargo, o bem-aventurado Aimon Taparelli conservou por todo o resto da vida, dêle se saindo muito bem, coisa que não acontecia tão comumente, já que muitos eram apartados ou mortos.

Faleceu o bem-aventurado Aimon no dia 15 de agôsto de 1495, centenário. Por Deus, trabalhou com afinco, sem esmorecimento, por tôda a vida, sempre dizendo, como se fôra um lema: *Servir a Deus é reinar.*

No mesmo dia, em Bérgamo, São Projectício, mártir (século IV?). Êste santo mártir teria sido arcediago de Bérgamo, no princípio do século IV, e o corpo teria sido descoberto em fins do século XIII.

Em Poitiers, Santo Agon, bispo.

Em Arles, Santo Eônio, bispo, falecido em 502. Aparentado com São Cesário, que era originário de Chalons, sucedeu a Leôncio, que faleceu em 475. Esta data, contudo, não é a da sua elevação, a qual se desconhece. Desconhecem-se também detalhes da administração do santo bispo. A diocese de Aix e de Arles celebra-lhe a festa.

Na Irlanda, São Dega, bispo-abade, falecido em 586. Também conhecido como Daig, Dagaens, Dagano, foi discípulo de São Finnian. Fundou um mosteiro em Inis Cain Dega, no condado de Louth.

Em Evreux, São Landulfo, bispo, que foi o exumador de São Taurino e o que ordenou a construção da basílica em honra dêste Santo. Faleceu em 600.

Em Cahors, São Rústico, bispo e mártir, em 630. Feito bispo quando Dagoberto se tornou rei da Austrásia, em 623, assistiu ao concílio de Clichy. Assassinado, teve São Didier por sucessor, o qual lhe erigiu uma igreja no lugar em que foi martirizado.

Em Constantinopla, os santos João II, falecido em 520, e Jorge I, falecido em 686, patriarcas. Sob João II a união com Roma foi restabelecida em Constantinopla pelos legados do papa, a 24 de março de 519, terminando assim o cisma chamado de Acácio.

Ao lado da abadia de Fontenelle, na diocese de Ruão, São Milon, ermitão, filho de Rotmundo e de Vuisla, nobres francos que renunciaram o mundo. Padre, Milon conseguiu do abade Benigno a permissão de levar vida eremítica numa gruta perto do Sena. Ali, numa capela que construiu, rezava a santa missa. Faleceu em 740.

Na Escócia, Santo Evan, ermitão, no século IX.

Na abadia de Cava, na Itália, o bem-aventurado Leonardo, abade, desaparecido no ano de 1255. Teve o culto aprovado por Pio XI em 1928.

Em Ravena, São Rainaldo, arcebispo, falecido em 1321.

Na Palestina, festa de Santo Agapito mártir, que tendo sòmente quinze anos e ardendo em desejo de amor por Jesus Cristo, foi prêso por ordem do imperador Aureliano e primeiro batido com nervos de boi; sofreu depois mais cruéis suplícios, sob o governador Antíoco; depois o imperador o fêz atirar aos leões, dos quais não recebeu sequer, uma ferida; morto pela espada dos executores, obteve a coroa imortal. — Em Roma os bem-aventurados João e Crespo, padres, que durante a perseguição de Diocleciano, estando a enterrar os corpos dos vários santos mártires, mereceram ser a êles associados e possuir com êles as alegrias da vida eterna. — No mesmo lugar, os santos mártires Hermas, Serapião e Polieno que, tendo sido arrastados por lugares ásperos, cheios de pedras e de espinhos, entregaram a Deus a alma. — Na Ilíria, os santos mártires Floro e Lauro, cavouqueiros, que depois do martírio de seus senhores, São Próculo e São Máximo, tendo suportado diversos tormentos, foram atirados a um poço muito fundo sob o governador Lício. — Em Mira, na Lícia, São Leão e Santa Juliana, mártires. — Em Metz, São Firmino, bispo e confessor.

* * *

19.º DIA DE AGÔSTO

SÃO LUÍS

Bispo de Tolosa

Carlos II, rei da Sicília, tinha por espôsa Maria, filha do rei da Hungria, Estêvão VIII, irmão de Santa Isabel da Turíngia: esta é também sobrinha de uma santa. Êle mesmo era sobrinho de um santo, isto é, São Luís, rei da França. Deus lhe abençoou o casamento com uma prole numerosa e ilustre. Eram quatorze filhos, que na maior parte ocuparam tronos. Mas, mais ilustre de todos, é o segundo, que veremos revestir-se, com amor, do humilde hábito de São Francisco, e morrer como bispo de Tolosa. Nasceu êle, no ano 1274, em Brignolles, na Provença. Seu pai e sua mãe, cheios de admiração pelas virtudes do santo rei de França, seu tio, chamaram-no Luís. E êle foi outro São Luís. Parecia, desde a infância, só ter inclinação para a virtude e trabalhar sòmente pela eternidade. Suas recreações mesmas se referiam a Deus; só escolhia coisas sérias e só a elas se entregava quando serviam para dar agilidade ao corpo e para lhe conservar o vigor do espírito. Seu passeio ordinário consistia em visitar as igrejas e os mosteiros. Sentia um prazer singular em ouvir os servos

de Deus, discorrer sôbre assuntos de piedade. Sentia-se penetrado de devoção, vendo-se sua modéstia e seu recolhimento na igreja. A mãe afirmou ao autor de sua vida que, na idade de sete anos, êle praticava já exercícios de penitência e que muitas vêzes se deitava sôbre um lençol estendido perto do leito. Sua mãe levava-o com ardor por êsse caminho e não temia censuras pela severidade no proceder que tinha com relação ao filho. Fazia-o praticar, por princípio de religião, o que os pagãos obrigavam os filhos a fazer para lhes fortalecer o corpo e dispô-los, de antemão, aos penosos trabalhos da guerra. Sabia que o hábito de dominar sentidos e afetos era sempre acompanhado das virtudes morais e cristãs. Teve a alegria de ver o filho corresponder perfeitamente às suas intenções. Luís fazia, cada dia, novos progressos na virtude. Aflições imprevistas, pelas quais Deus o experimentou como outro Tobias, acabaram de purificar seu coração e o desapegaram inteiramente do mundo.

Dado como refém, no lugar de seu pai, no ano de 1288, Luís ficou sete anos prisioneiro em Barcelona e foi tratado com muito rigor. Jamais perdeu algo da tranqüilidade; tinha o costume de encorajar os companheiros de sofrimentos. Ao lhe perguntarem um dia como podia conservar-se tão calmo e igual a si mesmo, no meio de tantas contrariedades, respondeu: "A adversidade é mais proveitosa aos amigos de Deus do que a prosperidade. Ficamos submissos a Deus, quando a adversidade nos aflige. A prosperidade eleva a alma e faz que não pensemos em Deus, nem o respeitemos. A fortuna, como médico ignorante, torna cegos os que domina e insensato

aquêle a quem muito favorece. É portanto infeliz quem não experimenta nenhuma aflição, desconhecido a si mesmo, como não tendo jamais sido exposto à provação, ou então rejeitado por Deus, como muito fraco para o combate. É preciso, portanto, alguma adversidade para provar o homem."

Assim salutarmente exercitado nessa arena, aproveitou tanto que quando lhe foi restituída a liberdade afirmou que jamais pedira a Deus ser livre da prisão, se não uma única vez, e ainda com esta cláusula: Se isso fôr salutar. E, o que é ainda mais admirável, jamais teria querido trocar êsse cativeiro por tôdas as riquezas do mundo; teria preferido, ao contrário, voltar a ela, tanto lhe tinha sido proveitosa. Citava para êsse fim as palavras do profeta: "Fomos alegrados pelos dias em que nos humilhastes, pelos anos onde vimos males. Pois não nos tornamos sábios se não pela infelicidade."

O santo não se contentava com sofrer os rigores do cativeiro e praticava ainda rigores extraordinários; jejuava vários dias da semana, evitava todos os divertimentos vãos ou perigosos. Não falava às mulheres em público, para não dar o menor motivo de perigo à pureza de sua alma. Para conservar sem mancha a bela virtude, velava continuamente sôbre si mesmo, recorria freqüentemente à oração e à meditação da santa lei, guardava as regras da mais exata temperança e afastava-se com horror de tudo o que nêle pudesse acender chamas impuras.

Caiu gravemente doente; os médicos julgaram que seus pulmões estavam atacados: na véspera da Purificação parecia que ia morrer. Voltando à saúde, fêz voto a Deus, à Santa Virgem e a São Francisco,

de entrar na Ordem dos Irmãos Menores e de aí perseverar por tôda a vida. Recobrou a saúde e no dia de Pentecostes renovou o voto na capela da Santa Virgem, que se encontrava na cidadela. Como lhe tinham permitido, bem como ao irmão Roberto, depois, rei de Nápoles, divertir-se com exercícios a cavalo e com armas, Luís montava apenas para agradar ao irmão, que nisso sentia muito prazer. Um dia, à vista de todos, o cavalo de Luís, grande e vigoroso, caiu de repente sôbre êle e rolou três vêzes por terra. Todos, aterrorizados, esperavam a morte do príncipe. Mas êle levantou-se sem nada ter sofrido, apenas, sacudindo o pó. Todos por isso bendisseram a Deus. O piedoso príncipe considerou mais atentamente que nunca, de um lado a fragilidade humana e de outro a clemência de Deus que nos protege; meditava assìduamente nestas palavras de Davi, que não é o cavalo que salva o homem mas a confiança na misericórdia divina. Resolvido a deixar a milícia do século para se dar todo a Jesus Cristo, decidiu-se, no mesmo instante, a não mais montar a cavalo, a não mais usar armas, o que cumpriu durante todo o resto da vida. Mesmo sendo bispo, só montava numa mula ordinária.

Ocupava-se com mais afeto na oração. Todos os dias rezava o ofício divino, segundo o uso da santa Igreja romana. Lia os salmos com tal fervor que sòmente sua presença animava os mais negligentes. Segundo o provérbio: Onde está o coração estão os olhos. Também durante a oração, sobretudo nas igrejas, tinha os olhos fixos no crucificado. Às horas canônicas, acrescentava os salmos da penitência, com as ladainhas, e muitos outros salmos pró-

prios para inflamar a piedade e de ordinário terminava-os, cada um, pela *Salve-rainha.* — Todos os dias, ainda, rezava o ofício da Paixão, com um Irmão Menor, fechado no seu quarto; e para melhor sentir o que Jesus tinha sentido, rezava o ofício de pé, imóvel e com os braços em cruz. Depois de completas, dizia ainda várias orações sôbre as alegrias da bem-aventurada Virgem, que honrava com a mais terna piedade. Tinha um respeito tão afetuoso pelo nome de Jesus, que, quando o ouvia pronunciar, parecia rejubilar-se, inclinava a cabeça e beijava a terra. De noite, retirando-se ao leito, como Davi, regava-o com as lágrimas, persuadido de que há mais vantagem em ser purificado pela água do que pelo fogo. Como Davi ainda, levantava-se de noite, para oferecer ao Senhor longas preces. O inimigo do gênero humano não podia suportar tanto fervor num jovem príncipe e se esforçava por afastá-lo de suas orações noturnas; atacou-o mais de uma vez, sob a figura de horrível gato prêto; mas Luís punha-o em fuga pelo sinal da cruz. Seu irmão Raimundo, que dormia no mesmo quarto, fôra testemunha dessa luta e Luís fê-lo prometer nada dizer antes de sua morte. Mais tarde, dois Irmãos Menores, dormiam no mesmo aposento; levantava-se com êles tôdas as noites, para rezarem juntos.

Sua fé e devoção pelo mistério da Santa Eucaristia eram tão grandes que se confessava todos os dias antes da santa Missa, a fim de a ouvir mais devotamente, sobretudo quando ia também comungar. Sendo ainda leigo, comungava em tôdas as festas principais, tornando-se sacerdote, jamais deixava de celebrar o santo sacrifício mesmo nas via-

gens. Levava sempre consigo uma partícula da Santa Cruz e das Relíquias dos santos. Enfim, antes de abraçar a Ordem de S. Francisco usava sôbre as vestes a cruz de peregrino da Terra Santa.

A aplicação à oração não impedia a aplicação dos estudos. Durante os sete anos de cativeiro, em Barcelona, estudou com os mais hábeis mestres entre os Irmãos Menores, a gramática ou a arte de falar e de escrever corretamente, a lógica, ou a arte de bem raciocinar, a física ou a ciência da natureza visível, a metafísica, ou a ciência das idéias gerais, a moral ou ciência dos deveres, a teologia ou a ciência de Deus e das coisas divinas. E fêz tais progressos que era capaz de discutir sàbiamente com os mais doutos, em público e em particular e de pregar com grande êxito. Para achar o tempo necessário à aquisição de tôdas essas ciências, evitava a sociedade dos homens frívolos e suas conversas inúteis, e procurava homens ilustres pelo saber e piedade, do número dos quais foi Tiago de Euse, depois Papa, sob o nome de João XXII. Quando ficou padre e enquanto morou no castelo, perto de Nápoles, eis como santificava o dia. Depois de ter oferecido o santo sacrifício, aplicava-se à leitura, até o almôço. Terminada a refeição, conversava com homens doutos e piedosos de coisas sérias e úteis, aprendia o canto eclesiástico, tomava um breve descanso, e retirava-se depois para ler a Sagrada Escritura, os monumentos dos Santos Padres, principalmente as meditações de São Bernardo, do qual trazia sôbre si o livro da *Consideração*, mesmo em viagem, com suas cartas e alguns de seus opúsculos. Cansado de ler, fazia alguns exercícios corporais, cultivando o jardim, cavando a terra,

arrancando ervas más, plantando boas e advertindo a si mesmo, pelo cultivo exterior, da cultura interior que se deve dar à alma. Sempre fazia alguma coisa de bom, sempre o encontravam ocupado. Assim, duas coisas que entediavam aos outros lhe inspiravam um novo ardor, o ócio e a solidão: jamais menos só e menos ocioso, que quando estava sòzinho e desocupado.

Ao estudo e pregação assídua, unia o amor da pobreza evangélica. Quando deixou o cativeiro, no ano de 1294, era herdeiro presuntivo do reino de Nápoles; seu irmão mais velho, Carlos Martelo, rei da Hungria, tinha morrido e seu filho Caroberto, o substituíra. Mas Luís contava por coisa de nada uma coroa terrestre. O pai o induzia a tomar uma espôsa, prometendo ceder-lhe em pouco tempo o reino. O filho aspirava, pelo contrário, a ser libertado de todos os bens temporais, a fim de não ter outra partilha que Deus. Cedeu o reino ao irmão mais novo, Roberto. Êle, admitido à tonsura clerical, pronunciou aos pés do altar, com efusão de alegria e lágrimas, aquelas palavras do Profeta: O Senhor é a porção de minha herança e de meu cálice: vós mesmo dais-me, minha herança. Por um privilégio especial do santo Papa Celestino V, o jovem príncipe recebeu a tonsura das mãos de seu confessor, segundo um breve, datado de Sulmona, em 9 de outubro de 1294.

Além da ordenação clerical, São Luís aspirava à pobreza evangélica, na Ordem dos Frades Menores. No mundo, muitos falavam mal dessa santa Ordem; mas era um motivo mais para o príncipe lá entrar. Desde sua prisão em Barcelona, procurava onde poder cumprir o voto. Se o fizer em minha pátria, não

poderei praticar a humildade como quero; pois temo que meus irmãos me queiram honrar demais. Penso em que retirar para a Alemanha ou outra Província longínqua, onde, sendo desconhecido, poderei lavar os pratos, cozinhar, varrer a casa e cumprir outros misteres humildes. O guia espiritual a quem Luís comunicava assim seus projetos, louvou-lhe a candura, mas acrescentou: é impossível, que vos escondais de vosso pai. O geral e os provinciais da Ordem têm o nome de todos os irmãos; em qualquer canto em que vos oculteis, vosso pai saberá sempre onde estais, com tôda facilidade. Ademais, se executardes pùblicamente o que resolvestes em segrêdo, será isso um memorável exemplo, e muito mais de um vos imitarão. Aquêle que vive bem, mas oculto, sem trabalhar para a utilidade dos outros, é um carvão, mas aquêle que serve de exemplo a grande número é uma lâmpada; queima e ilumina os outros.

Tendo conquistado a liberdade em 1294, passando por Montpellier, Luís rogou instantemente ao superior dos Frades Menores daquela província que o recebesse em sua Ordem, e lhe desse o hábito. Mas o provincial não ousou fazê-lo bem como seus religiosos, temeroso de ofender o rei, seu pai. Luís fêz, então, o que pôde, renovou pùblicamente o voto, que tinha feito no cativeiro, de entrar na Ordem de São Francisco. No mesmo ano, o Papa São Celestino o designou para arcebispo de Lião; mas como então ainda não tivesse a tonsura, encontrou um meio de não cumprir o projeto do soberano Pontífice. Chegando a Roma, com seu pai, o Papa Bonifácio VIII nomeou-o arcebispo de Tolosa. Luís resolveu só consentir depois de ter cumprido o voto. O Papa deu-lhe

o consentimento e êle fêz profissão na Ordem de São Francisco em Roma, no convento de *Ara Coeli*. Todavia, para não ofuscar o pai, o Papa permitiu-lhe usar uma veste clerical por baixo do hábito monástico. Mas isso não durou muito; algum tempo depois, levado pelo Espírito Santo, só usava a pobre túnica, cingindo-se com uma corda e foi, descalço, pela lama, do Capitólio até o palácio de São Pedro. Foi, desde então, o seu costume o resto da vida, mesmo sendo bispo: ainda escolhia sempre a túnica mais pobre que podia encontrar.

Se Luís amava a pobreza mas não amava menos os pobres. Todos os dias alimentava vinte e cinco dêles, aos quais derramava água para lhes lavar as mãos e aos quais cortava o pão, de joelhos. No sábado, lavava os pés a três dos mais miseráveis. Nada tinha mais a peito do que êsse ofício. Estando ainda em Barcelona, numa Quinta-Feira Santa, convidou vinte e cinco mendigos para seu jantar, serviu-os êle mesmo, trazendo-lhes a comida, e dando-lhes de beber; aquêles a quem a enfermidade impedia de tomar êles mesmos o alimento, êle lho levava à bôca; depois lavava os pés, a todos. No dia seguinte, Sexta-Feira Santa, indo a uma igreja, viu um infeliz coberto de lepra horrível. Tê-lo-ia abraçado pùblicamente se não tivesse temido ofender Roberto, seu irmão, depois rei de Nápoles; mas, considerando que Jesus Cristo mesmo tinha sido batido e humilhado como um leproso, mandou chamar o infeliz, no dia seguinte e, tirando o manto, abraçou-o e beijou-o com fervor e amor. Roberto, seu irmão, ficou admirado e tão comovido ao mesmo tempo, quanto aquêle mesmo

homem lhe inspirava horror; abraçou-o também com ternura, a exemplo do santo irmão.

O príncipe Luís tinha então vinte e oito anos, quando saiu em 1294, de seu cativeiro em Barcelona. Foi ordenado sacerdote e sagrado bispo de Tolosa, com dispensa de idade. Apareceu na sua diocese com o hábito de um pobre religioso; mas receberam-no em Tolosa, com o respeito devido a um santo e com a magnificência que convinha a um príncipe. Sua modéstia, doçura e piedade inspiravam o amor à virtude a todos os que o viam. Seu primeiro cuidado foi visitar os hospitais e prover às necessidades dos infelizes. Tendo feito apresentar-lhe o estado dos rendimentos, reservou uma pequena parcela dêles para a manutenção da casa e destinou o resto aos pobres. Todo o reino de seu pai experimentou os efeitos de sua liberalidade. Visitou a diocese e deixou por tôda parte monumentos de sua caridade, zêlo e santidade. Por mais difíceis que fôssem os trabalhos apostólicos nada diminuía de suas austeridades. Sendo ainda leigo, cingia os rins com uma corda cheia de nós, sôbre a carne; prendia-lhe ainda cadeias de ferro, à noite e, muitas vêzes, de dia. Pregava freqüentemente. Seus discursos converteram grande número de judeus e pagãos; batizou alguns e foi padrinho de outros.

Atemorizado pela gravidade de suas obrigações, pediu para deixar o bispado; mas não se teve em consideração alguma seu pedido. Disse aos que se opunham à sua retirada: "Que o mundo me condene. Ficarei satisfeito, contanto que possa ficar livre de um fardo tão pesado para meus ombros. Não é

preferível que procure livrar-me dêle antes que arriscar a ser por êle esmagado sob seu pêso?" Deus concedeu-lhe o que desejava. Voltava da Catalunha aonde tinha ido visitar sua irmã, então rainha de Aragão. Passava por Tarascon, onde repousa o corpo de Santa Marta. Pregou sôbre a bem-aventurada hospedeira do Salvador. De lá, dirigiu-se ao castelo de Brignolles, onde tinha nascido; foi tomado de febre e soube que seu fim estava próximo. Disse aos que o rodeavam: depois de uma viagem perigosa, eis-me chegado à vista do pôrto, pelo qual tanto tempo suspirei com ardor. Vou gozar de meu Deus, de cuja posse o mundo me privava. Logo estarei livre dêste pêso opressor, que não posso suportar.

Recebeu o santo viático de joelhos, com lágrimas nos olhos. Fazia muitas vêzes esta oração: Nós vos adoramos, ó Jesus Cristo e vos bendizemos, porque por vossa santa cruz remistes o mundo. Repetia igualmente estas palavras do salmo: Senhor, não vos recordeis dos pecados de minha juventude e de minhas ignorâncias. Não deixava ao mesmo tempo de dirigir à Santa Virgem a saudação angélica: Interrogado porque a repetia tão freqüentemente, respondeu: Porque vou morrer e a Santa Virgem me ajudará. Adormeceu assim no sono dos justos, na oitava da Assunção, 19 de agôsto de 1297, na idade de vinte e três anos e meio, e foi enterrado na casa dos franciscanos de Marselha, como tinha pedido.

Houve então grande quantidade de milagres por sua intercessão. O autor de sua vida, que tinha vivido em sua intimidade, indica quatorze ressurreições de mortos. João XXII, sucessor de Bonifácio VIII, que

tinha sido um dos amigos e confidentes do santo, canonizou-o solenemente em Avinhão, em 1317, e dirigiu, a êsse respeito, um breve à mãe do santo. No mesmo ano, encerraram as relíquias de São Luís numa bela caixa de prata, na presença de sua mãe, de Roberto, seu irmão, rei de Nápoles e da rainha da França. (1) A Igreja honra-lhe a memória a 19, dia de sua morte.

* * *

(1) Veja, a **Vie de Saint Louis,** com os comentários dos Bolandistas — **Acta SS.** 19 aug.

SÃO MARIANO (*)

Ermitão

Século VI

Mariano era um ermitão do Berry. Vivia exclusivamente de frutas silvestres e de mel, que os que percorriam as matas colhiam e iam levar-lhe, caridosamente.

Muito visitado pelo povo, um dia os da região não o encontraram. Impressionados com aquilo, porque São Mariano jamais deixara o retiro, puseram-se a procurá-lo, temendo alguma desgraça.

Descoberta uma pista na terra fôfa, as pegadas do santo ermitão levaram os que o buscavam à beira dum ribeiro. Ali, de bruços, metade fora, metade dentro das águas, acharam-no morto. Tomaram-no reverentemente e, abatidos, levaram-no para Evaux, que ficava perto. Levaram-no, vestiram e enterraram na igreja.

São Mariano é comemorado duas vêzes: a 19 de agôsto e a 19 de setembro. Desconhece-se o ano em que faleceu.

* * *

BEM-AVENTURADO LEÃO II (*)

Abade de Cava

Sob Leão II, a abadia de Cava chegou ao apogeu, no século XIII.

Nascido em 1239, muito cedo buscou a vida religiosa. Monge, à morte de Amicus, que o tinha em alta consideração, Leão, por unanimidade, foi eleito abade de Cava, para suceder ao morto. Era a 25 de janeiro de 1268, e a 5 de fevereiro recebia a bênção em Benevento.

Tendo participado do concílio de Lião, o papa Gregório X concedeu-lhe, numa bula, a confirmação de todos os privilégios, direitos e liberdades outorgados à abadia pelos predecessores.

Leão II erigiu nova igreja dedicada a São Germano de Auxerre; um grande e magnífico claustro; manuscritos sem conta foram copiados sob sua direção: a escolha dos textos mostra em que alto grau lhe ia o gôsto; e a fama do velho abade, quando faleceu, em 1295, no dia 19 de agôsto, com cinqüenta e seis anos de idade, era já a de santo.

Pio XI, a 16 de maio de 1928, aprovou o culto que se lhe rende como bem-aventurado.

* * *

SÃO MOCHTA (*)

A b a d e

São Mochta, nascido na Bretanha, foi abade de Louth. Conta-se que, antes de nascer, a cada hora canônica, exultava no seio da mãe.

Um dia, já moço, um anjo apareceu-lhe, dizendo:

— Vai a Roma para estudar a Santa Escritura: assim poderás salvar muitas almas.

Mochta não titubeou, e embarcou para Roma, onde estudou e se tornou mestre dos mais eminentes. Sagrado bispo, buscou o país natal, com doze discípulos.

Na Irlanda, fundou um mosteiro. Tendo composto uma Regra, deixou o mosteiro para os trabalhos de evangelização, tendo colhido excelentes frutos.

Diz-se que Mochta convertera a filha dum pagão. Tocada pela suavidade do grande abade, prometeu a Deus guardar a virgindade. Os pais, porém, queriam vê-la casada, e, à fôrça, obrigaram-na a desposar um jovem nobre.

Logo após a cerimônia, a moça, gozando da mais perfeita saúde, faleceu: era a mão de Deus, ajudando-a a manter o voto feito.

São Mochta ressuscitou-a, e os pais, amedrontados, permitiram à filha viver para Deus, como bem quisesse.

O santo abade do mosteiro de Louth faleceu bastante idoso, em 535, possìvelmente.

* * *

SÃO BERTULFO (*)

Abade

São Bertulfo, nascido numa nobre família, era pagão. Convertido, não sabemos como, talvez por um parente, Santo Arnoldo, bispo de Metz, que o teve, por uns tempos, sob sua conduta, o Santo, desejando levar vida cada vez mais perfeita, procurou o mosteiro de Luxeuil, quando ali Eustácio era abade.

Piedoso, observador da regra, dado à oração e à penitência, foi notado pelo abade de Bobbio, Attale. Numa de suas viagens, quando, então, se hospedava em Luxeuil, o abade, tocado pela virtude de Bertulfo, conseguiu de Eustácio a permissão de levá-lo consigo.

Quando Attale faleceu, em 627, Bertulfo foi eleito abade pela quase unanimidade dos monges.

Ora, Probus, que era bispo de Tortona, sentiu-se ofendido por não ser consultado sôbre a escolha que haviam feito os monges de Bobbio, e, indo a Ariovaldo, rei dos lombardos e ariano, instigou-o a intervir no caso, para afastar Bertulfo.

Ariovaldo, porém, não queria complicações. O mosteiro de Bobbio, embora situado na Itália, era quase que todo composto de monges francos, e, pois, o rei, para evitar quaisquer desentendimentos com estrangeiros, procurou atender o bispo, mas deixando

a resolução da permanência ou não de Bertulfo em outras mãos que não as suas — nas do papa.

Assim, aconselhado pelo rei, Bertulfo, também avêsso às complicações, seguindo o conselho de Ariovaldo, viajou para Roma, acompanhado dum piedoso monge, muito dedicado ao novo abade, Jonas, o qual nos deixou a narrativa daquela viagem.

Era Honório I quem se sentava, então, na cátedra de Pedro. Bertulfo foi recebido muito bem e, tendo conseguido a aprovação do Pontífice, retornou, com a imunidade episcopal, o que foi de grande importância, desde aquêles tempos (628), para a história monástica.

Quando chegou em Pietra di Bismantova (1), o santo abade sentiu-se doente. Tomado por alta febre, não duvidou de que lhe soara a última hora.

De madrugada, porém, acordou, depois dum sono agitadíssimo, sentiu-se melhor. E, ao olhar para um lado, deu com um desconhecido à beira do catre. Quem era? perguntou o santo abade, confuso.

O outro, sorrindo docemente, respondeu-lhe:

— Pedro. Hoje todo o universo festejava a minha festa.

Com efeito, era a 29 de junho de 628.

Curado, Bertulfo tornou a Bobbio, ao qual ainda governou por doze anos.

Falecido aos 19 de agôsto de 640, tendo cumprido milagres, foi enterrado na cripta, em Bobbio, onde ainda lhe repousam as relíquias.

* * *

(1) Antigamente Bismanto.

BEM-AVENTURADO GUERRIC (*)

Abade

Abade de Igny, Guerric nasceu em Tournay, entre 1070 e 1080. Desde muito cedo sob a direção de Odon, sentiu-lhe a influência grandemente.

Tendo, em 1131, conhecido São Bernardo, partiu para Claraval. Por São Bernardo mesmo, foi feito abade de Igny, para tomar o lugar do bem-aventurado Humberto, que se demitira.

Sob Guerric, Igny prosperou e recebeu novas doações. A observância era excelente, e, sempre recebendo elogios de São Bernardo, passou o santo abade a ser venerado por todos os cistercienses, que o tinham como o discípulo do grande mestre.

Deixou o bem-aventurado alguns sermões. Crê-se que, à morte, examinando pela última vez a consciência, Guerric, porque aos monges fôra vedado escrever sem superior autorização, pediu seus manuscritos e a todos atirou ao fogo. Mal sabia êle que os monges, prevendo o que o bom abade ia fazer, deixaram de lhe entregar quatro dos trabalhos, os quais, reverentemente, guardaram.

Falecido a 19 de agôsto, entre 1151 e 1155, o culto que lhe renderam foi reconhecido pela S. Congregação dos Ritos, no dia 24 de janeiro de 1889.

No mesmo dia, em Arezzo, na Toscana, São Sátiro, bispo, e companheiros, mártires (século IV?).

Em Toulon, os santos Mandriano e Flaviano, mártires. Teriam sido massacrados pelos lombardos, mas a lenda contradiz a história.

Em Agdo, São Venusto, bispo (época desconhecida).

Em Paris, Santa Crescência, virgem (século IV, V?). Gregório de Tours conta-nos que havia ao lado da mais antiga igreja de Paris uma sepultura coberta por uma pedra que trazia esta inscrição: *Aqui repousa Crescência, virgem consagrada a Deus*. Diz-se que um doente, cheio de fé, reunindo um pouco do pó que cobria a tumba da santa virgem, tomou-o e foi curado. Conta-se também que o moedeiro oficial da cidade, gravemente enfêrmo, viu Santa Crescência numa aparição, a qual ordenou que lhe construísse uma capela, caso quisesse curar-se. Construída a capela, o moedeiro sentiu-se perfeitamente são. Outros, tendo-a invocado, foram aliviados instantâneamente do tormento.

Em Ainay, São Badulfo, abade, o primeiro do mosteiro de Ainay, na diocese de Lião, numa ilha do Ródano.

Na Inglaterra, São Clitauco, rei e mártir (século V?).

Em Chalons-sur-Marne, Santo Eláfio, bispo, aquêle que Gregório de Tours, na sua *História dos Francos*, diz que foi enviado à Espanha pela rainha Brunilda como embaixador, tendo falecido a meio caminho, em 580.

Em Auvergne, São Calmino, duque da Aquitânia, no século VII, ao qual se atribue a fundação da abadia de São Chaffre ou Teodofredo. É honrado com um culto em Laguenne, cantão de Tulle, onde é festejado no dia de hoje, 19 de agôsto.

Em Vannes, São Guenino, bispo e confessor, também no século VII.

Em Avinhão, São Magno, bispo (época desconhecida).

Em Evesham, na Inglaterra, São Credano, abade, no século VIII.

Em Acquapagana, na arquidiocese de Camerino, o bem-aventurado Anjo, ermitão, falecido em 1313. Monge camaldulo em Valdi Castro, acabou por se fazer ermitão. Passou a vida a desincumbir-se dos trabalhos ditos mais vis. Morto, foi enterrado numa capela da igreja de Acquapagana. No domingo depois da Assunção levam-lhe as relíquias em procissão. Teve o culto confirmado em 1600.

Em Gualdo, na Úmbria, o bem-aventurado Pedro, terciário franciscano, falecido em 1367. Foi o mentor do bem-aventurado Tomasuccio (Tomàsinho), que o sepultou. Atualmente o corpo jaz em Gubbio.

Em Nagazaki, os bem-aventurados Pedro de Zuniga, Luís Flôres e treze companheiros, mártires, em 1622.

Em Dorchester, na Inglaterra, o bem-aventurado Hugo Green, mártir, em 1642. Beatificado por Pio XI em 1929.

Em Roma, São Júlio, senador e mártir que, tendo sido entregue ao juiz Vitélio e por êle aprisionado, foi flagelado, segundo a ordem do imperador Cômodo e tão rudemente e por tanto tempo, que morreu no suplício; enterraram-lhe o corpo no cemitério de Calepódio, na via Aurélia. — Na Cilícia, festa de Santo André, tribuno e de seus companheiros, soldados, que, depois de terem vencido os persas, por uma assistência particular de Deus, se converteram a Jesus Cristo, e tendo sido acusados de ser cristãos, sob o imperador Maximiano, foram massacrados nos desfiladeiros do monte Tauro, pelo exército do governador Seleuco. — Na Palestina, São Timóteo, mártir, que durante a perseguição de Diocleciano, depois de ter sofrido muito sob o governador Urbano, foi queimado em fogo lento. Santa Tecla e Santo Ágape foram também martirizados no mesmo lugar: Tecla tendo sido exposta às feras e feita em pedaços por suas mordidas, foi apresentar-se ao espôso celeste; Ágape, depois de ter sofrido vários tormentos, foi reservado a maiores combates. — Em Anagni, São Magno, bispo, martirizado durante a perseguição de Décio. — Na diocese de Sisteron, na Provença, São Donato, padre e confessor, que, desde os mais tenros anos, favorecido por várias graças particulares, se retirou à solidão, onde ficou por muito tempo; e, depois de se ter tornado célebre pelo brilho de seus milagres, passou da terra ao céu. — Em Mântua, São Rufino, confessor.

* * *

20º DIA DE AGÔSTO

SÃO BERNARDO

Abade de Claraval, nascido em 1091 — morto a 20 de agôsto de 1153

— Doutor da Igreja —

Havia quinze anos que o mosteiro de Cister tinha sido fundado; o fervor dos monges não tinha deixado de aumentar, mas seu número não crescia. O primeiro abade, São Roberto, morrera; o segundo, o bem-aventurado Alberico, morrera também; o terceiro, Santo Estêvão, ainda vivia. Tinha ainda aumentado a austeridade da regra mas o número de religiosos não aumentava; ao contrário, a morte acabava de lhe levar vários outros. Todos admiravam o fervor da comunidade, mas ninguém ousava apresentar-se. Êle temia vê-la extinguir-se, quando em 1113 trinta noviços se prostraram de repente à sua porta, pedindo para serem admitidos. Eram trinta senhores, a maior parte jovens ainda, que renunciavam às famílias, aos bens, a tôdas as esperanças do mundo para vir sepultar-se na humildade do claustro. São Bernardo estava à frente; êle sòmente tinha

conquistado todos. Havia seis meses aquela santa colônia se preparava para se dar assim a Deus.

Bernardo, de ilustre origem, de espírito ainda mais distinto que o nascimento, tornando-se noviço, só pensou em morrer para o mundo e para si mesmo. Bernardo, Bernardo, perguntava êle a si mesmo, por que vieste? Sua alma estava de tal modo absorta em Deus, que parecia não perceber o que se passava em tôrno de si. No fim de um ano, não sabia como era o fôrro do dormitório, nem se, numa das extremidades da igreja, havia uma só janela ou três. Seu fervor era admirável em todos os exercícios, mas sobretudo no cumprimento das coisas mais comuns. Quando os outros trabalhavam em algo que êle não sabia fazer, compensava-o, cavando a terra, cortando lenha, carregando fardos nas costas. Durante a ceifa o superior tinha-lhe ordenado sentar-se e repousar, por ser muito fraco e pouco hábil; ficou muito aflito e rogou a Deus, com lágrimas, lhe concedesse a graça de ceifar com os companheiros. Obteve imediatamente o que pedira e felicitou-se depois, com um santo júbilo, por ser mais hábil que os outros naquele ofício. O trabalho exterior não lhe interrompia a oração interior, a união e as conversas com Deus.

São Bernardo, rogai por nós, rogai por mim. Vós convertestes tantos outros, convertei-me também. Obtende-me de ser noviço como vós. Obtende-me de ser pelo menos professo como vós fôstes noviço. Obtende-me uma parte de vosso espírito de humildade, de obediência, de mortificação. Ó minha alma, façamos pelo menos hoje, como se fôssemos São Bernardo.

São Bernardo era o terceiro filho de uma piedosa mãe que teve sete, seis meninos e uma menina. Desde o nascimento ela os oferecia a Deus e os educava ela mesma, na piedade, com o cuidado mais terno. Bernardo perdeu-a na idade de dezenove anos. Havia terminado os estudos. Apareceu então no mundo, com qualidades próprias para conquistar todos os corações. Percebeu logo os perigos que sua inocência corria. Falsos amigos procuravam levá-lo a divertimentos profanos. Tendo chegado um dia a fixar os olhos sôbre uma mulher, por curiosidade, castigou-se imediatamente, mergulhando até o pescoço num tanque gelado; para evitar todos êsses perigos, tomou a resolução de abraçar o instituto dos monges de Cister. Seus irmãos opuseram-se-lhe, a princípio; mas êle falou-lhes tão bem, que seguiram todos seu exemplo. No dia marcado para a partida, foram pedir a bênção ao pai. Deixavam com êle apenas o irmãozinho Nivard, que devia ser a sua consolação na velhice. Tendo-o visto, voltando a brincar com outros meninos, o mais velho disse-lhe: Adeus, meu irmãozinho Nivard: tereis sòzinho nossos bens e nossas terras. Como? respondeu o irmão: vós tomais o céu para vós e me deixais a terra! A partilha não é igual. E de fato, algum tempo depois, deixou o mundo como êles, e os seguiu.

São Bernardo depois, foi abade do novo mosteiro de Claraval; seu pai, então muito idoso, veio também colocar-se sob sua direção, recebeu o hábito religioso de suas mãos e pouco depois terminou santamente a vida. A única irmã do santo tinha ficado no mundo, tinha-se casado e vivia segundo o mundo. Corria grande risco de se perder, no meio das rique-

zas. Um dia, foi inspirada a ir visitar São Bernardo, bem como seus irmãos. Chegou com um soberbo cortejo e muito aparato. Mas nenhum dêles quis aparecer para a ver. Ainda mais, um dêles, tendo-a encontrado à porta, chamou-a de esterqueiro adornado, por causa da magnificência dos adôrnos. Já evitada precedentemente, derramou ela lágrimas e disse: sou uma pecadora, é verdade, mas foi por essas pessoas que Jesus Cristo morreu; por isso, porque sou pecadora, recorro ao conselho e convívio dos bons. Se meu irmão despreza minha carne, que o servo de Deus não despreze minha alma. Que venha e que ordene; tudo o que determinar, estou disposta a fazer. São Bernardo veio então com todos os irmãos, proibiu-lhe tôdas as vaidades do século, deu-lhe por modêlo o exemplo de sua mãe. Ela cumpriu tudo. Dois anos depois, o marido renunciou ao mundo e ela retirou-se a um mosteiro, onde viveu e morreu digna de seus irmãos.

Eis como os santos amavam os irmãos e irmãs, parentes e amigos; amamos nós também assim os nossos? Somos para êles como São Bernardo, atraindo-os por nossas palavras e nossos exemplos ao caminho da perfeição? Ao contrário, o afeto puramente humano que lhes dedicamos não é uma forte tentação para nós faltar à vocação do céu e nos tornar a expor aos perigos do século? São Bernardo, rogai por êles e por nós!

Na diocese de Langres, no coração de uma vasta floresta, havia um vale deserto e pantanoso, chamado outrora Vale do Absinto, e depois, Claraval, ou vale ilustre, que servia de esconderijo a grande número de ladrões. Em 1115, doze religiosos de Cister aí

chegaram em procissão, cantando salmos e tendo à sua frente São Bernardo, como abade. Com o auxílio do bispo de Châlons e dos habitantes do país, prepararam uma parte e construíram cabanas ou celas. Êsse foi o comêço do mosteiro de Claraval. São Bernardo, julgando os outros por si mesmo, repreendia severamente as menores infrações da regra, o que levou alguns ao desânimo. Reconheceu êle a falta e pôs-se a os exortar com ternura quase materna. Os que tinham antes sido tentados de desânimo, correram então com santa alegria pela estrada da perfeição. Claraval foi um paraíso. Viveram aí até setecentos monges, que voavam ao menor sinal da vontade de Bernardo e lhe obedeciam como a um anjo do céu. Nesse número estava um filho do rei da França, um rei da Sardenha e muitos outros príncipes e senhores. A maior parte eram irmãos conversos, ocupados no trabalho manual ou em pastorear rebanhos. Havia mesmo um que, para expiar uma falta que tinha cometido na guerra, julgando-se indigno de ser admitido entre os religiosos, se havia por feliz guardando, sob os irmãos conversos, os porcos de uma fazenda. Êsses os sentimentos de humildade que Deus inspirava aos grandes do século.

Nessa comunidade tão santa, qual era o mais perfeito? São Bernardo no-lo vai dizer. Fazendo um dia a conferência aos religiosos do côro, que tinham realizado estudos, declarou-lhes pùblicamente que não hesitava em preteri-los todos a um irmão leigo ausente; aquêle irmão, por sua humildade era mais perfeito que todos, embora jamais tivesse estudado as letras e mais instruído que ninguém, na comunidade, na ciência dos santos e no conhecimento de si

mesmo; considerava-se sempre um miserável pecador na presença de Deus; via virtudes sòmente nos outros e em si só descobria fraqueza e imperfeição. O santo abade, tendo-o um dia encontrado banhado em lágrimas, perguntou-lhe a razão. Sou, respondeu o humilde irmão, um grande pecador; meu irmão, com o qual trabalho, pratica tôdas as virtudes em grau heróico, e eu não tenho um grau sequer da menor virtude. Rogo-vos supliqueis a Deus que me conceda, em sua misericórdia, essas virtudes, que minha indignidade e minha negligência me impedem obter por mim mesmo.

São Bernardo, rogai por nós, rogai por mim. Tenho muito mais necessidade disso que êsse bom irmão.

São Bernardo aspirava sòmente fazer-se esquecer em sua querida solidão. Deus permitiu que fôsse amado, honrado, consultado por papas, bispos, imperadores, reis e pelo povo. Por tôda parte, onde havia uma questão, chamavam-no para ser o pacificador. Uma disputa tinha surgido entre o arcebispo e os habitantes de Reims: Bernardo reconciliou o pastor com o rebanho. O imperador ficara inimigo de dois príncipes da Alemanha: Bernardo reconciliou o imperador com os príncipes. O duque da Aqüitânia perseguia os bispos de seus estados: Bernardo reconciliou o duque com os bispos. Houve um cisma na Igreja por que se escolheram ao mesmo tempo dois papas. Bernardo, consultado pelos bispos da França, para saber qual dos dois se deveria reconhecer, declarou-se pelo papa legìtimamente eleito, Inocêncio II, e com seu exemplo, com suas pregações e mesmo com seus milagres, convenceu não sòmente a França,

mas as cidades de Gênova, Milão e outras, onde o cisma tinha prevalecido. Alguns anos depois, elegeu-se papa, sob o nome de Eugênio III, um antigo monge de Claraval, mas então o abade do mosteiro de Roma. Bernardo, de quem êle tinha sido discípulo, escreveu-lhe cinco livros admiráveis sôbre os deveres de seu cargo, os perigos que ia correr e os meios de se salvar e de salvar aos outros. Muitas cidades como Gênova e Milão pediam a Bernardo por bispo. Mas êle preferia a tudo a cela em Claraval; sempre a deixava com pesar e voltava sempre com ansiedade e alegria.

Erros surgiram contra a fé. Bernardo foi chamado para os combater. Não sòmente os refutou mas acabou por converter os que os professavam. Bendigamos a Deus por ter dado semelhante doutor à sua Igreja, peçamos-lhe que dê sempre outros semelhantes a êle, mas sobretudo em nosso tempo, a fim de trazer à Igreja as nações divididas, reconciliar os reis com os povos, reanimar por tôda parte a fé e a caridade, ressuscitar comunidades fervorosas, onde, como então, venham santificar-se os homens do século.

O que mais devemos imitar nesse santo doutor é a profunda humildade no meio da veneração universal, é o amor pelo retiro e o recolhimento no meio dos homens e das coisas do mundo. Ai! Por pouco que nos louvem, não possuímos vaidade; por pouco que tenhamos a fazer no mundo, nossa piedade, nosso recolhimento aí se perdem. São Bernardo, rogai por nós!

* * *

SÃO SAMUEL (*)

Profeta

Antigo Testamento

Samuel, provàvelmente, viveu entre 1100 e 1020, décimo-primeiro século antes de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o primeiro dos grandes profetas ditos oradores, assim chamados para que sejam distinguidos dos profetas escritores.

São Samuel foi encarregado por Javé de dizer aos israelitas suas vontades bem como interpretá-las. À frente de Israel, como juiz, ou chefe supremo, era no difícil momento em que a realeza fôra instaurada.

Samuel significa *Obtido de Deus*, segundo a explicação tradicional, porque fôra dado à mãe à fôrça de oração.

— — — —

NASCIMENTO E VOCAÇÃO DE SAMUEL

"Houve um homem efrateu de Ramatain — Sofin, do monte de Efraim, cujo nome era Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliu, filho de Toú, filho de Suf. Teve duas mulheres, uma chamada Ana, e outra chamada Fenena. Fenena teve filhos; Ana, porém, não os tinha.

"Êste homem, nos dias determinados, subia de sua cidade para adorar e oferecer sacrifícios ao Senhor dos exércitos em Silo. Assistiam ali dois filhos de Heli: Ofni e Finéias, sacerdotes do Senhor. No dia em que Elcana oferecia um sacrifício, dava uma porção dobrada, porções (da vítima) a Fenena, sua mulher, e a todos os seus filhos e filhas. A Ana, porém, dava uma só porção, embora a amasse. Mas o Senhor tinha-a tornado estéril. A sua rival afligia-a também excessivamente, atormentava-a porque o Senhor a tinha tornado estéril. Elcana assim fazia todos os anos, quando chegava o tempo de ir ao templo do Senhor, e Fenena, do mesmo modo a provocava. Então Ana chorava, e não comia. Dizia-lhe Elcana, seu marido:

"— Ana, por que choras? Não comes? Por que se aflige o teu coração? Porventura não sou eu melhor para ti, do que dez filhos?"

"Ana levantou-se, depois de ter comido e bebido em Silo. Estando o pontífice Heli sentado na sua cadeira à porta do templo do Senhor, Ana, com o coração cheio de amargura, orou ao Senhor, derramando copiosas lágrimas, e fêz um voto, dizendo:

"— Senhor dos exércitos, se te dignares olhar para a aflição da tua serva, se te lembrares de mim, se não esqueceres a tua serva e lhes deres um filho varão, eu o darei ao Senhor durante todos os dias da sua vida, e não passará navalha sôbre sua cabeça". (1)

"Aconteceu que, enquanto ela multiplicava as preces na presença do Senhor, Heli observava o movimento dos seus lábios. Ana falava no seu coração, e apenas se moviam os seus lábios, mas não se lhe ouvia palavra alguma. Julgou, pois, Heli que ela estava embriagada, e disse-lhe:

"— Até quando estarás tu embriagada? Digere um pouco o vinho de que estás cheia".

"Ana, respondendo, disse:

"— Não é assim, meu senhor; eu sou uma mulher muito infeliz, não bebi vinho, nem outra coisa que possa embriagar, mas dilatei a minha alma na presença do Senhor. Não tomes a tua escrava por uma das filhas de Belial, porque pela grandeza da minha dor e da minha aflição é que falei até agora".

"Então Heli disse-lhe:

"— Vai em paz, e o Deus de Israel te conceda a súplica que lhe fizeste".

"Ela respondeu:

---

(1) Seria Nazareno, cuja obrigação, entre outras, era conservar os cabelos sem os cortar.

"— Praza a Deus que a tua escrava ache graça aos teus olhos".

"E a mulher foi pelo seu caminho, e comeu, e o seu rosto já não era o mesmo. Levantaram-se de manhã, prostraram-se diante do Senhor, e voltaram para sua casa, em Rama. Elcana conheceu sua mulher Ana, e o Senhor lembrou-se dela. Assim sucedeu que, havendo Ana concebido, passado o seu tempo, deu à luz um filho, a que pôs o nome de Samuel, porque o tinha pedido ao Senhor. (2)

"Subiu Elcana, seu marido, com tôda a sua família, para oferecer ao Senhor o sacrifício anual e cumprir o seu voto. Ana não foi, porque disse ao seu marido:

"— Eu não irei, antes que o menino esteja desleitado; então o levarei, para que apareça na presença do Senhor, e lá fique para sempre".

"Elcana, seu marido, disse-lhe:

"— Faze o que te parecer bem; fica até o desleitares, e eu rogo ao Senhor que cumpra a sua palavra".

"Ficou, pois, Ana em casa, e deu leite a seu filho, até que o desleitou.

"Depois de o ter desleitado, levou-o consigo, e três novilhos, três alqueires de farinha, um cântaro de vinho, e levou-o à casa do Senhor em Silo. O menino era ainda pequenino. Sacrificaram um novilho, e apresentaram o menino a Heli. Ana disse:

"— Ouve-me, senhor meu, por tua vida. Eu sou aquela mulher que estêve aqui em tua presença orando ao Senhor. Eu orei por êste menino, e o Senhor concedeu-me a petição que lhe fiz. Portanto,

---

(2) **Daí o Obtido de Deus.**

eu também o dou ao Senhor; durante todos os dias da sua vida, êle será dado ao Senhor". (2-a)

Segue-se o cântico de Ana, que é admirável, tanto pela beleza da forma como do fundo. É o agradecimento a Deus pela graça que o Altíssimo, bondosamente, lhe concedera. Aproveita, então, Ana a oportunidade para celebrar a consagração do rei de Israel, a ruína dos inimigos de Deus, o triunfo e a glória do Messias e do seu reino.

Depois de adorar o Senhor, Ana orou:

"— O meu coração exulta no Senhor,
e a minha fôrça foi exaltada pelo meu Deus;
a minha bôca abriu-se para responder aos meus inimigos,
porque me alegrei na salvação que recebi de ti.
Não há quem seja santo como o Senhor,
porque não há outro (*Deus*) fora de ti,
não há quem seja forte como o nosso Deus.
Não queirais multiplicar palavras altivas, vangloriando-vos;
afaste-se da vossa bôca a linguagem arrogante,
porque o Senhor é o Deus das ciências,
e as ações (*do homem*) não subsistem.
O arco dos fortes quebrou-se,
e os fracos foram revestidos de fôrça.
Os que, antes, estavam cheios de bens assalariaram-se para ter pão;
os famintos foram saciados;
até a estéril teve sete filhos,
e a que tinha muitos, perdeu a fôrça (*de os ter*).

(2-a) I Sam. 1, 1-28.

O Senhor é quem tira a vida e a dá,
leva à habitação dos mortos e tira dela.
O Senhor é quem empobrece e enriquece,
quem humilha e exalta.
Levanta o pobre do pó,
e do estêrco eleva o indigente,
para que se sente com os príncipes,
e ocupe um trono de glória.
Porque do Senhor são as colunas da terra,
sôbre elas pôs o mundo.
Êle guardará os pés dos seus santos. (3)
e os ímpios perecerão nas trevas;
porque o homem não vencerá pela sua robustez.
Tremerão diante do Senhor os seus inimigos,
e êle trovejará sôbre êles dos céus;
o Senhor julgará as extremidades da terra,
e dará o império ao seu rei,
e exaltará a cabeça do seu ungido".

"Depois disto, Elcana retirou-se para sua casa em Rama, e o menino servia na presença do Senhor, sob a direção do sacerdote Heli".

"Ora, os filhos de Heli eram filhos de Belial (*pela sua impiedade*), não conheciam o Senhor (4), nem as obrigações de sacerdotes para com o povo. Quando alguém imolava uma vítima, vinha o servo do sacerdote, enquanto se coziam as carnes, com um garfo de três dentes na mão, e metia-o no caldeirão, ou na caldeira, ou na panela, ou na marmita, e, tudo o que o garfo trazia, tomava-o para o sacerdote; assim

(3) Ou seja, os passos, protegendo os santos.

(4) Isto é, eram daqueles que conhecem a Deus, mas negam-no com o que fazem, com as obras.

faziam a todos os israelitas que iam a Silo. Mesmo antes que queimassem a gordura, ia o servo do sacerdote e dizia ao que imolava:

"— Dá-me carne, a fim de a cozer para o sacerdote, porque eu não receberei de ti carne cozida, mas crua".

"O imolante dizia-lhe:

"— Queime-se hoje primeiro a gordura, como é costume, e depois toma para ti quanto quiseres".

"Êle respondia, dizendo:

"— Não; hás de dar-me agora, senão te tirarei à fôrça".

"Era, pois, muito grande o pecado dêstes jovens diante do Senhor, porque retraíam os homens do sacrifício do Senhor.

"Entretanto, o menino Samuel servia diante do Senhor, revestido de um éfode de linho. Sua mãe fazia-lhe uma pequena túnica, que lhe levava, de ano a ano, quando ia com seu marido oferecer o sacrifício anual.

"Heli abençoou Elcana e sua mulher, dizendo:

"— O Senhor te dê sucessão desta mulher, em recompensa da prenda que ela ofereceu ao Senhor".

"E êles voltaram para sua casa. O Senhor visitou Ana, e ela concebeu e deu à luz três filhos e duas filhas. O menino Samuel ia crescendo diante do Senhor.

"Heli era muito velho, e soube tudo o que seus filhos faziam a todos os de Israel, e que dormiam com as mulheres que vigiavam a porta do tabernáculo. (*Ao invés de os castigar com severidade*) disse-lhes (*sòmente*):

"— Por que fazeis estas coisas péssimas, que eu ouço de todo o povo? Não procedais assim, meus filhos, porque não é boa a fama, que eu ouço. Estais a fazer pecar o povo do Senhor. Se um homem pecar contra outro, está no meio de Deus, que pode aplacar o ofendido; mas, se um homem pecar contra o Senhor, quem intercederá por êle?"

"Mas êles não ouviram a voz de seu pai, porque o Senhor queria fazê-los morrer.

"Entretanto o menino Samuel crescia, e era agradável tanto ao Senhor como aos homens".

Diz o padre Matos Soares:

"Endurecidos do mal, os filhos de Heli mereceram ser abandonados por Deus à perversidade do seu coração, não merecendo receber por isso a graça, sem a qual não podiam arrepender-se nem tirar fruto das paternas admoestações. Vemos no Êxodo (4, 21): "O Senhor disse-lhe (a Moisés) enquanto voltava para o Egito: Cuida de fazer diante de Faraó todos os prodígios que eu pus na tua mão. Eu endurecerei o seu coração, e êle não deixará partir o povo". Isto é, Deus dá a todos as graças suficientes para que se salvem. Muitos, porém, abusam delas, tornando-se dêste modo indignos de receber as graças eficazes, sem as quais é impossível permanecer na amizade de Deus. Sem elas o coração se endurece e permanece no pecado. É neste sentido que Deus diz: *Endurecerei seu coração,* isto é, não lhe darei as graças eficazes, visto que se tornou indigno delas. A passagem da Escritura, que fala dos filhos de Heli, mostra bem a gravidade dos pecados do sacerdote que ofende a Deus com as próprias coisas que o deviam tornar propício".

Eis que um homem de Deus ameaça a família de Heli:

"Um homem de Deus foi ter com Heli e disse-lhe:

"— Eis o que disse o Senhor: Porventura não me revelei eu visìvelmente à casa de teu pai, quando êles estavam no Egito na casa de Faraó? Eu o escolhi entre tôdas as tribos de Israel para meu sacerdote, para subir ao meu altar, para me queimar incenso, e para trazer o éfode diante de mim. De todos os sacrifícios de combustão dos filhos de Israel dei parte à casa de teu pai. Por que calcastes vós aos pés as minhas vítimas e os meus dons, que eu mandei que fôssem oferecidas no templo? Por que honraste tu mais os teus filhos do que a mim, comendo com êles as primícias de todos os sacrifícios de Israel, meu povo? Portanto, o Senhor Deus de Israel diz: Eu disse e repeti que a tua casa e a casa de teu pai serviria para sempre (*no sumo sacerdócio*) diante da minha face. Mas agora o Senhor diz: Longe de mim tal coisa; antes, glorificarei a quem me glorificar e desprezarei a quem me desprezar. Chegam-se os dias em que eu cortarei o teu braço e o braço da casa de teu pai, de tal modo, que não haja nenhum velho em tua casa. No meio de tôdas as prosperidades de Israel, verás o teu êmulo no templo, e não haverá velho algum em tua casa. Todavia, não tirarei de todo do meu altar os teus descendentes, de modo que os teus olhos se escureçam e a tua alma se consuma (*de dor na pessoa dos teus descendentes*), mas todos os de tua casa morrerão, ao chegarem a idade varonil. Servirá para ti de sinal o que acontecerá aos teus dois filhos, Ofni e Finéias: ambos morrerão no mesmo

dia. Suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o meu coração e a minha alma, edificar-lhe-ei uma casa fiel, e êle andará sempre diante do meu ungido. Então acontecerá que todo aquêle que restar da tua casa, virá prostrar-se diante dêle, para ter uma moeda de prata e uma torta de pão, e dirá: Rogo-te que me admitas a alguma função sacerdotal, a fim de que eu tenha um bocado de pão para comer". (5)

Era chegada a hora da visão de Samuel:

"Entretanto o menino Samuel servia o Senhor sob a direção de Heli. A palavra do Senhor era rara, naqueles dias, e a visão não era freqüente.

"Ora, aconteceu, certo dia, que Heli estava deitado no seu aposento. (Os seus olhos tinham-se escurecido, e não podia ver). Antes que fôsse apagada a lâmpada de Deus, Samuel dormia no templo do Senhor, onde estava a arca de Deus. O Senhor chamou Samuel, o qual respondendo, disse:

"— Eis-me aqui".

"Samuel correu a Heli e disse:

"— Eis-me aqui, pois tu me chamaste".

"Êle respondeu:

"— Não te chamei; volta e dorme".

"E êle se retirou e dormiu.

"O Senhor voltou novamente a chamar Samuel. Samuel, levantando-se, foi a Heli e disse:

"— Eis-me aqui, pois me chamaste".

"Heli respondeu:

"— Não te chamei, meu filho; volta e dorme".

"Samuel ainda não conhecia o Senhor, porque não lhe tinha sido revelado a palavra do Senhor.

---

(5) I Sam. 2, 1-36.

"O Senhor voltou novamente a chamar Samuel pela terceira vez. Êle, levantando-se, foi a Heli, e disse:

"— Eis-me aqui, pois me chamaste".

"Compreendeu então Heli que o Senhor chamava o menino, e disse a Samuel:

"— Vai e dorme. Se te chamarem outra vez, dirás: Fala, Senhor, porque o teu servo escuta".

"Samuel, pois, retirou-se e dormiu no seu aposento.

"O Senhor veio, parou e chamou como das outras vêzes:

"—Samuel, Samuel".

"Samuel respondeu-lhe:

"— Fala Senhor, porque o teu servo escuta".

"O Senhor disse a Samuel:

"— Vou fazer uma coisa em Israel, que a todo o que a ouvir, fará que fiquem retinindo ambos os ouvidos (*de terror*). Naquele dia cumprirei contra Heli tôdas as coisas que disse sôbre a sua casa; começarei e acabarei. Eu lhe predisse que exerceria o meu juízo contra a sua casa para sempre, por causa da iniqüidade, que êle sabia que seus filhos cometiam, procedendo indignamente, e que não corrigiu (*como devia*). Por isso jurei à casa de Heli que a iniqüidade da sua casa jamais se expiaria com vítimas nem com ofertas".

"Samuel dormiu até pela manhã; depois abriu as portas da casa do Senhor. Samuel temia dizer a Heli a visão. Porém, Heli chamou Samuel e disse:

"— Samuel, meu filho!"

"Êle respondeu:

"— Eis-me aqui".

"Heli perguntou-lhe:

"— Qual é a palavra que o Senhor te disse? Não mo encubras, peço-te; o Senhor te trate com tôda a severidade, se me encobrires alguma das palavras que te foram ditas".

"Samuel, pois, descobriu-lhe tôdas as palavras sem lhe ocultar nada. Heli respondeu:

"— Êle é o Senhor; faça o que fôr agradável aos seus olhos".

"Samuel crescia, e o Senhor era com êle, e nenhuma das suas palavras caiu no chão. (6) Todo Israel, desde Dan até Bersabée, conheceu que Samuel era um fiel profeta do Senhor. O Senhor continuou a aparecer em Silo, porque em Silo é que o Senhor se manifestara a Samuel, segundo a palavra do Senhor. E a palavra de Samuel chegou a todo o Israel". (7)

— — — —

Embora Heli não fôsse mau, era, todavia, fraco, pecando porque, às iniqüidades dos dois filhos, fechava os olhos, deixando-as vicejar.

A punição, anunciada por Javé, caiu, terrível: os filisteus esmagaram Israel, a arca foi tomada e os dois filhos de Heli foram mortos.

Quanto ao velho pontífice, sentado na sua cadeira, todo apreensivo, o coração a tremer, esperando notícias da arca de Deus, ouviu um grande clamor. Era um homem da tribo de Benjamim, que, espalhando a nova do desastre, enchera a cidade de rumores.

(6) Ou seja, deixou de realizar-se, referindo-se às profecias.
(7) I Sam. 3, 1-21.

Heli perguntou:

"— Que ruído tumultuoso é êste?"

E mais apreensivo se tornou.

O homem da tribo de Benjamim correu levar-lhe as notícias pelas quais ansiava. "Heli tinha noventa e oito anos; os seus olhos estavam parados, e êle não podia ver. (*O homem*) disse a Heli:

"— Eu venho da batalha, escapei hoje do campo de combate".

"Heli disse-lhe:

"— Que sucedeu, meu filho?"

"O que trazia a nova respondeu:

"— Israel fugiu diante dos filisteus, e houve grande mortandade no povo; além disto, também os teus dois filhos, Ofni e Finéias, foram mortos, e a arca de Deus foi tomada".

"Logo que êle nomeou a arca de Deus, Heli caiu da cadeira, para trás, junto da porta, e, fraturando o crânio, expirou, porque era um homem velho, muito avançado em anos. Tinha julgado Israel durante quarenta anos". (8)

— — — —

Uma grande reunião dos hebreus, em Masfa, renovou-lhes a coragem que debandara. Os filisteus, que tiveram de devolver a arca, porque se tornara indesejável, tal a multidão de desgostos que lhes acarretava, foram batidos. E Samuel elevou um monumento comemorativo, a *Pedra do Socorro,* para agradecer a Javé o seu grande auxílio. E disse:

"— Até aqui, socorreu-nos o Senhor".

---

(8) I Sam. 4, 1-18.

"Os filisteus foram humilhados e não tentaram mais entrar nos confins de Israel. E a mão do Senhor foi sôbre os filisteus durante todo o tempo de Samuel. Foram restituídas a Israel as cidades que os filisteus tinham tomado de Israel, desde Acaron até Get, com seus territórios; (*Samuel*) livrou Israel das mãos dos filisteus, e havia paz entre Israel e os amorreus.

"Samuel julgou Israel durante todos os dias da sua vida. Ia todos os anos dando volta a Betel, a Galgala e a Masfa, para administrar justiça a Israel nos sobreditos lugares. Depois, voltava para Rama, onde estava a sua casa. Aí julgava Israel, e aí edificou também um altar ao Senhor". (9)

Samuel foi juiz de caráter sobretudo religioso, mas teve que se ocupar de política. Velho, estabeleceu juízes os dois filhos, Joel, o primogênito, e Abdia, que julgavam em Bersabea.

Os filhos, porém, não seguiram as mesmas pegadas do pai, denxando-se levar pela avareza: recebiam presentes e julgavam de modo injusto.

"Tendo-se juntado todos os anciães de Israel, foram ter com Samuel em Rama e disseram-lhe:

"— Bem vês que estás velho e que teus filhos não seguem as tuas pisadas; dá-nos um rei, que nos julgue, como o tem tôdas as nações".

"Esta linguagem desagradou a Samuel, porque lhe diziam:

"— Dá-nos um rei para que nos julgue".

---

(9) I Sam., 5, 1-12. 6, 1-21. 7, 1-17.

"Samuel fêz oração ao Senhor, e o Senhor disse a Samuel:

"— Ouve a voz do povo em tudo o que te dizem, porque não é a ti que êles rejeitaram, mas a mim, para eu não reinar sôbre êles. É assim que êles sempre tem feito, desde o dia em que os tirei do Egito até hoje; como me abandonaram a mim e serviram a deuses estranhos, o mesmo te fazem a ti. Ouve, pois, a sua voz, mas dá testemunho contra êles e declara-lhe o direito do rei que reinar sôbre êles".

Samuel, então, passou a expor ao povo os inconvenientes da realeza, mas o povo não quis ouvi-lo. Teimava em querer um rei.

Indo ter com Deus, o Senhor ordenou a Samuel que fizesse a vontade daqueles homens. (10)

— — — —

(10) I Sam., 8, 1-22.

ORIGEM DE SAUL E SEU ENCONTRO COM SAMUEL

"Ora, havia um homem (*da tribo*) de Benjamim, chamado Cis, filho de Abiel, filho de Seror, filho de Becorat, filho de Afia, filho dum homem de Jemini, forte e valoroso. E êle tinha um filho chamado Saul, jovem e belo. Não havia entre os filhos de Israel outro mais belo do que êle. Desde o ombro para cima sobressaía a todo o povo.

"Tinham-se perdido as jumentas de Cis, pai de Saul, e Cis disse a Saul, seu filho:

"— Toma contigo um dos criados, levanta-te e vai procurar as jumentas".

"Tendo êles atravessado o monte de Efraim e o território de Salisa, sem as encontrarem, passaram também pela terra de Salim, mas não estavam lá; também (*passaram*) pela terra de Jemini e não as encontraram. Chegados à terra de Sufi, Saul disse para o criado que ia com êle:

"— Vem e voltemos, não suceda que meu pai, não pensando já nas jumentas, esteja com cuidado por nós".

"O criado disse-lhe:

"— Nesta cidade há um homem de Deus, varão famoso: tudo o que êle diz, sucede infalìvelmente:

vamos pois lá, a ver se êle nos dá alguma indicação sôbre o fim que aqui nos trouxe".

"Saul disse ao seu criado:

"— Vamos lá; mas que levaremos nós ao homem de Deus? Acabou-se já o pão (*que traziamos*) nos nossos alforges, e não temos nenhum presente nem outra coisa para dar ao homem de Deus".

"O criado, respondendo de novo a Saul, disse:

"— Olha, tenho aqui um quarto de um siclo de prata; demo-lo ao homem de Deus, para que nos encaminhe em nossa jornada".

"(Antigamente, em Israel, todo o que ia consultar a Deus falava assim: Vinde, e vamos ao Vidente. Aquêle que hoje se chama Profeta, chamava-se, então, Vidente).

"Saul disse ao seu criado:

"— Dizes muito bem. Anda, vamos".

"E foram à cidade, onde residia o homem de Deus.

"Quando subiam pela encosta da cidade, encontraram umas donzelas, que saíam a buscar água, e perguntaram-lhes:

"— Está aqui o Vidente?"

"Elas, respondendo, disseram-lhes:

"— Está aqui; ei-lo diante de ti, vai depressa porque êle veio hoje à cidade, porquanto hoje é um sacrifício do povo no lugar alto. Ao entrar na cidade encontrá-lo-eis antes que suba ao lugar alto para comer. (11) O povo não comerá sem que êle chegue, porque êle (*é o que*) abençoa o sacrifício, e, só então, comem os que foram convidados. Subi, pois, agora, porque hoje o encontrareis".

---

(11) Parte da vítima, que é reservada ao banquete sagrado.

"Êles subiram à cidade, e, quando passavam pelo meio da cidade, apareceu Samuel, que se encontrou com êles, para subir para o lugar alto. Ora, o Senhor tinha revelado a Samuel a vinda de Saul, um dia antes que êle chegasse, dizendo:

"— Amanhã, a esta mesma hora, enviar-te-ei eu um homem da terra de Benjamim, e tu o ungirás para chefe do meu povo de Israel; êle salvará o meu povo da mão dos filisteus, porque eu olhei para o meu povo, pois o seu clamor chegou a mim".

"Quando Samuel viu Saul, o Senhor disse-lhe:

"— Eis o homem de quem te falei, êste reinará sôbre o meu povo".

"Saul aproximou-se de Samuel, no meio da porta, e disse:

"— Peço-te que me digas onde é a casa do Vidente".

"Samuel respondeu a Saul, dizendo:

"— Sou eu o Vidente. Sobe diante de mim ao lugar alto, e comereis hoje comigo. Amanhã te deixarei partir, e descobrir-te-ei tudo o que tens no teu coração. Sôbre as jumentas, que perdeste há três dias, não te dê isso cuidado, porque já foram encontradas. E de quem será tudo o que há de melhor em Israel? Não irá, porventura, ser teu e de tôda a casa do teu pai?"

"Saul, respondendo, disse:

"— Não sou eu filho de Jemini, da mais pequena tribo de Israel, e não é a minha família a menor de tôdas as famílias da tribo de Benjamim? Por que me falas, pois, tu assim?"

"Samuel, tomando Saul e o seu criado, levou-os para a sala de jantar e deu-lhes o primeiro lugar entre

todos os convidados. Êstes eram cerca de trinta pessoas. Samuel disse ao cozinheiro:

"— Traze aquela porção, que eu te dei e que mandei que guardasses à parte".

"Tomou, pois, o cozinheiro uma espádua, e pô-la diante de Saul. Samuel disse:

"— Esta é a porção reservada para ti; põe-na diante de ti e come, porque foi reservada de propósito para ti, quando convidei o povo".

"E Saul comeu com Samuel naquele dia.

"Desceram do lugar alto para a cidade, e (*Samuel*) falou com Saul sôbre o terraço; a seguir, foram deitar-se. Levantando-se pela manhã, ao raiar da aurora, Samuel chamou Saul sôbre o terraço e disse-lhe:

"— Levanta-te para eu te despedir".

"Saul levantou-se, e sairam ambos, isto é, êle e Samuel. Quando desciam para a parte extrema da cidade, Samuel disse a Saul:

"— Dize ao criado que passe e vá adiante de nós; tu, pára um pouco, para eu te comunicar a palavra do Senhor". (12)

Ia Saul ser ungido para rei:

"Samuel tomou um pequeno vaso de óleo, derramou-o sôbre a cabeça de Saul, beijou-o e disse:

"— O Senhor te ungiu príncipe sôbre a sua herança, e tu livrarás o seu povo das mãos dos inimigos que o cercam. E êste será para ti o sinal de que Deus te ungiu príncipe: Quando te separares hoje de mim, encontrarás dois homens junto ao sepulcro de Raquel, nos confins de Benjamim, na parte meridional, e êles te dirão: Foram encontradas as jumen-

(12) I Sam., 9, 1-27.

tas que tu tinhas ido procurar; teu pai, não se lembrando mais delas, está em cuidado por vós e diz: Que farei eu relativamente a meu filho? Logo que partires de lá e passares adiante e chegares ao carvalho de Tabor, encontrarás aí três homens, que vão adorar a Deus em Betel, levando um três cabritos, e o outro três tortas de pão, e outro um barril de vinho. Depois de te saudarem, dar-te-ão dois pães, e tu os receberás da sua mão. Depois chegarás ao outeiro de Deus, onde está uma guarnição de filisteus; quando tiveres entrado na cidade, encontrarás um grupo de profetas a descer do lugar alto, precedidos de saltérios, de tímpanos, de flautas e de cítaras, profetizando (*ou cantando louvores a Deus*). O Espírito do Senhor apoderar-se-á de ti, tu profetizarás com êles, e ficarás mudado noutro homem".

E Samuel, continuando:

"— Quando te acontecerem todos êsses sinais, faze tudo o que te ocorrer, porque o Senhor é contigo. Descerás primeiro que eu a Galgala; depois eu irei ter contigo, para oferecer um sacrifício e imolar vítimas pacíficas; esperarás sete dias, até que eu vá ter contigo e te declare o que deves fazer".

"Quando Saul voltou as costas, ao deixar Samuel, Deus mudou-lhe o coração em outro, e todos êstes sinais aconteceram no mesmo dia. Quando chegaram a Cabaa, ao sobredito outeiro, um grupo de profetas veio ao seu encontro, o espírito do Senhor o arrebatou, e êle profetizou no meio dêles. Todos os que o tinham conhecido pouco antes, vendo que êle estava com os profetas e que profetizava, disseram entre si:

"— Que é o que aconteceu ao filho de Cis? Porventura também Saul está entre os profetas?"

"Um da multidão disse:

"— E quem é o pai dêstes (*profetas*)?"

"Por isso passou a provérbio (o *dizer-se*): Porventura também Saul está entre os profetas? Quando cessou de profetizar, foi para o lugar alto. O tio de Saul disse-lhe a êle e ao seu criado:

"— Onde fostes?"

"Êles responderam:

"— Procurar as jumentas; porém, não as tendo encontrado, fomos ter com Samuel".

"O tio perguntou-lhe:

"— Conta-me o que te disse Samuel".

"Saul respondeu ao tio:

"— Disse-nos que se tinha encontrado as jumentas".

"Contudo, não lhe descobriu nada do que Samuel lhe tinha dito relativamente ao reino".

Ia Saul ser eleito pùblicamente em Masfa:

"Samuel convocou o povo diante do Senhor, em Masfa, e disse aos filhos de Israel:

"— Eis o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu tirei Israel do Egito, livrei-vos da mão dos egípcios e do poder de todos os reis que vos oprimiam. Vós rejeitastes hoje o vosso Deus, que vos salvou de todos os males e de tôdas as tribulações, e dissestes: Não há de ser assim, mas estabelece um rei sôbre nós. Agora ponde-vos diante do Senhor, segundo as vossas tribos e famílias".

"Samuel sorteou tôdas as tribos de Israel, e caiu a sorte sôbre a tribo de Benjamim. Deitou sortes sôbre a tribo de Benjamim, sôbre suas famílias, e a sorte caiu sôbre a família de Metri; finalmente, chegou

até Saul, filho de Cis. Procuraram-no, pois, mas não o encontraram. Depois consultaram o Senhor se porventura êle viria ali. O Senhor respondeu:

"— Está escondido em casa".

"Correram buscá-lo, e trouxeram-no de lá; êle se pôs no meio do povo, e viu-se que era mais alto do que todo o povo, do ombro para cima. Samuel disse a todo o povo:

"— Vós bem vêdes quem é aquêle que o Senhor escolheu. Não há em todo o povo quem lhe seja semelhante".

"E todo o povo aclamou, dizendo:

"— Viva o rei!"

"Samuel expôs ao povo a lei do reino e escreveu-a num livro, que depositou diante do Senhor; depois, despediu todo o povo, cada um para sua casa.

"Saul voltou também para sua casa, em Gabaa, e foi com êle uma parte do exército, a quem Deus tinha tocado o coração. Porém os filhos de Belial (13) disseram:

"— Porventura poderá êste salvar-nos?"

"E desprezaram-no, e não lhe levaram presentes; êle, porém, dissimulava, como se não os ouvisse". (14)

— — — —

Vencidos os amoritas por Saul, a realeza foi confirmada em Galgala. Samuel estava prestes a abdicar do ofício de juiz. Disse ao povo de Israel:

"— Como vêdes ouvi a vossa voz, em tudo o que me dissestes, e estabeleci um rei sôbre vós. Agora

---

(13) Isto é, os perversos dentre o povo.

(14) I Sam., 10, 1-27.

já tendes rei que vá adiante de vós. Eu estou velho e encanecido, e os meus filhos estão convosco (*como simples particulares*). Tendo estado à vossa frente, desde a minha mocidade até êste dia, aqui me tendes presente. Dai testemunho de mim diante do Senhor e diante de (*Saul que é o*) seu ungido: Tomei o boi ou a jumenta de alguém? Oprimi ou prejudiquei alguém? Aceitei presentes da mão de alguém, para fechar os olhos ao seu proceder? Entregar-vo-los-ei.

"Êles disseram:

"— Tu não nos prejudicaste, nem oprimiste, nem recebeste coisa alguma da mão de ninguém".

"(*Samuel*) disse-lhes:

"— O Senhor é testemunha hoje contra vós, e também o seu ungido é hoje testemunha de que vós não encontrastes na minha mão coisa alguma".

"Responderam:

"— É testemunha".

"Samuel disse ao povo:

"— (*Sim, é testemunha*) aquêle Senhor que fêz Moisés e Aarão, e que tirou os nossos pais da terra do Egito".

E Samuel, passando a recordar aos israelitas a sua ingratidão para com Deus, exortando-os a serem fiéis, confirmou as suas palavras com um milagre: chamou ao Senhor e o Senhor enviou naquela hora trovões e chuvas.

"Todo o povo temeu sobremaneira o Senhor e Samuel, e todo o povo disse a Samuel:

"— Roga ao Senhor teu Deus pelos teus servos, para que não morramos, porque a todos os outros nossos pecados juntamos o mal de pedirmos para nós um rei".

"Samuel disse ao povo:

"— Não temais, vós fizestes (*é certo*) todo êste mal, mas, ainda assim, não deixeis de seguir o Senhor, servi-o de todo o vosso coração. Não vos desvieis, seguindo coisas vãs, que não vos aproveitarão, nem vos livrarão, porque são vãs. O Senhor, por causa do seu grande nome, não abandonará o seu povo, porque o Senhor jurou fazer-vos o seu povo. Longe de mim também êste pecado contra o Senhor de cessar de orar por vós. Eu vos ensinarei o caminho bom e direito. Temei, pois, o Senhor e servi-o em verdade e de todo o vosso coração, porque vós vistes as maravilhas que tem operado entre vós. Se, porém, obstinardes-vos na malícia, vós e o vosso rei perecereis juntamente". (15)

— — — —

No decurso duma campanha contra os filisteus, Saul, em crítica situação, viu os seus guerreiros a abandoná-lo. Segundo as ordens de Samuel, esperou sete dias, mas Samuel não aparecia. E o povo, a pouco e pouco, ia debandando. Disse, então, desobedecendo, porque não era sacerdote:

"— Trazei-me o holocausto e as vítimas pacíficas".

"E ofereceu o holocausto.

"Ao acabar de oferecer o holocausto, chegava Samuel, e Saul saiu-lhe ao encontro para saudar. Samuel disse-lhe:

"— Que fizeste?"

"Saul respondeu:

---

(15) I Sam., 11, 1-15. 12, 1-25.

"— Porque vi que o povo debandava e que tu não vinhas no dia aprazado, e que os filisteus se tinham juntado em Macmas, disse: Agora virão os filisteus contra mim a Galgala, e eu não aplaquei o Senhor. Obrigado pela necessidade, ofereci o holocausto".

"Samuel disse a Saul:

"— Procedeste nèsciamente e não observastes as ordens que te deu o Senhor teu Deus. Se não tivesses feito isto, já desde agora teria o Senhor confirmado para sempre o teu reino sôbre Israel; porém o teu reino não subsistirá. O Senhor buscará para si um homem, segundo o seu coração, e mandar-lhe-á que seja o chefe de seu povo, porque tu não observaste o que o Senhor te ordenou".

Porque Saul quisera agir por si mesmo, Javé retirar-lhe-ia a realeza.

Doutra feita, uma vitória sôbre os amalecitas foi para Saul a ocasião para cair em novo êrro. As leis da guerra santa prescreviam a destruição total. Ora, Saul havia poupado o rei, Agag.

"— Arrependo-me de ter feito rei a Saul, porque se afastou de mim, não cumpriu as minhas ordens".

Diante destas palavras, que Javé dirigiu a Samuel, o velho profeta entristeceu-se sobremodo. E entrou a clamar ao Senhor por tôda a noite.

"Tendo-se levantado Samuel, de madrugada, para ir ter com Saul, avisaram Samuel de que Saul tinha ido ao Carmelo, onde tinha levantado em sua própria honra um arco triunfal, e que, voltando (*de lá*), tinha passado e descido a Galgala. Foi, pois, Samuel em busca de Saul, e Saul estava oferecendo ao Senhor um holocausto das primícias da prêsa que

tinha trazido de Amalec. Chegando Samuel a Saul, Saul disse-lhe:

"— Bendito sejas tu do Senhor; eu já cumpri a ordem do Senhor".

"Samuel disse:

"— E que balidos são êstes de rebanhos, que ressoam aos meus ouvidos, e que mugidos são êstes de bois, que ouço?"

"Saul disse:

"— Trouxeram-nos de Amalec, porque o povo perdoou-o a tudo o que havia de melhor nas ovelhas e nas vacas, para se imolarem ao Senhor teu Deus; matamos, porém, o resto".

"Samuel disse a Saul:

"— Permite-me declarar-te o que o Senhor me disse esta noite".

"Saul disse-lhe:

"— Fala".

"Samuel prosseguiu:

"— Porventura quando tu eras pequeno aos teus olhos, não fôste feito chefe das tribos de Israel? O Senhor ungiu-te rei sôbre Israel, o Senhor mandou-te a esta emprêsa e disse: Vai e mata os pecadores de Amalec, combate-os até o extermínio. Por que não ouviste tu a voz do Senhor, mas te deixaste arrastar pela cobiça da prêsa, fazendo o mal sob os olhos do Senhor?"

"Saul disse a Samuel:

"— Antes pelo contrário, ouvi a voz do Senhor, segui o caminho pelo qual o Senhor me mandou, trouxe Agag, rei de Amalec, e matei os amalecitas. Mas o povo tomou da prêsa ovelhas e bois, como primícias do que foi morto, para imolar ao Senhor seu Deus em Galgala".

"Samuel disse:

"— Porventura quer o Senhor holocausto e vítimas e não quer antes que se obedeça à sua voz? A obediência vale mais do que as vítimas; a docilidade vale mais do que a gordura dos carneiros; tamanho pecado é a rebelião como a superstição, a resistência como a idolatria. Porque, pois, tu rejeitaste a palavra do Senhor, o Senhor te rejeitou a ti, para que não sejas o rei".

E foi o arrependimento, inútil arrependimento de Saul.

Morto Agag, Samuel retirou-se para Rama, e Saul foi para sua casa em Gabaa. E Samuel não viu mais Saul até o dia da sua morte. (16)

— — — —

Todavia, Samuel entrou a chorar por Saul, porque Javé tinha arrependido de o ter constituído rei de Israel. E o espírito do Senhor, retirando-se de Saul, cedeu lugar a um espírito maligno, por permissão de Deus, que a Saul atormentava.

Samuel, a mandado do Senhor, foi em busca dum novo rei, e, em segrêdo, consagrou com o óleo o jovem Davi. Saul, porém, logo, sabendo-o, quis matar o rival, o qual, um dia, refugiou-se em Rama, na casa do velho profeta. Ali, contou-lhe tudo aquilo que Saul lhe tinha feito: da inveja, da tentativa de trespassá-lo com a lança, das ciladas, até que, fugindo dos guardas que Saul incumbira de o assassinar em sua própria casa, ali a Rama fôra ter.

---

(16) I Sam., 13, 1-23. 14, 1-52. 15, 1-35.

Samuel, velho, a tudo assistia sem intervir. Deus faria o necessário. E Davi levava a vida dum banido, quando o profeta faleceu.

"Todo o Israel se juntou a chorá-lo. Sepultaram-no na sua casa em Rama". (17)

Mais tarde, "vendo Saul o exército dos filisteus, teve mêdo, e agitou-se muito o seu coração. Consultou o Senhor, o qual não lhe respondeu nem por sonhos, nem por sacerdotes, nem por profetas. Saul disse aos seus servos:

"— Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de Piton, e eu irei ter com ela, a fim de a consultar.

"Os servos disseram-lhe:

"— Em Edon há uma mulher que evoca" (*os mortos*).

"Saul disfarçou-se, tomou outras vestes e partiu com dois homens. Chegaram de noite a casa da mulher e Saul disse-lhe:

"— Adivinha-me o futuro, evocando um morto, e faz-me aparecer quem eu te disser".

"A mulher respondeu-lhe:

"— Tu bem sabes tudo o que fêz Saul, como exterminou do país os magos e os adivinhos; por que armas, pois, ciladas à minha vida, para me matarem?"

"Saul jurou-lhe pelo Senhor, dizendo:

"— Viva o Senhor, que disto não te virá mal algum".

"A mulher disse-lhe:

---

(17) I Sam., 16, 1 e ss.

"— Quem queres tu que te apareça?"

"Saul disse:

"— Faze-me aparecer Samuel".

"A mulher, tendo visto aparecer Samuel, deu um grande grito, e disse a Saul:

"— Por que me enganaste? Tu és Saul".

"O rei disse-lhe:

"— Não temas; que viste tu?"

"A mulher disse a Saul:

"— Vejo um deus que sobe da terra".

"Saul disse-lhe:

"— Como é a sua figura?"

"Ela respondeu:

"— É um ancião, envolvido numa capa".

"Saul compreendeu que era Samuel, fêz-lhe uma profunda reverência e prostrou-se por terra. Samuel disse a Saul:

"— Por que me inquietaste, fazendo-me vir aqui?"

"Saul respondeu-lhe:

"— Eu me acho no último apêrto, porque os filisteus me fazem guerra, e Deus retirou-se de mim, não me quis ouvir nem por profetas, nem por sonhos; por essa razão te chamei, para que me indiques o que devo fazer".

"Samuel disse:

"— Para que me interrogas, quando o Senhor se afastou de ti e passou para o teu rival? O Senhor te tratará como eu te disse da sua parte, arrancará o teu reino da tua mão e o dará a Davi teu companheiro. Tu não obedeceste a lei do Senhor, nem executaste o decreto da sua ira contra os amalecitas;

por isso te fêz hoje o Senhor aquilo que padeces. O Senhor entregará contigo também Israel nas mãos dos filisteus, e amanhã, tu e os teus filhos, estareis comigo; o Senhor entregará também nas mãos dos filisteus o acampamento de Israel".

"Imediatamente Saul caiu estendido por terra, porque se aterrou com as palavras de Samuel, e estava sem fôrças, visto que não tinha comido nada todo aquêle dia". (18)

E assim foi. Feriu-se a batalha. Os filhos de Saul tombaram e êle se suicidou para não ser agarrado vivo: tomando a espada, deixou-se cair sôbre ela, mostrando falta de coragem no meio das adversidades.

— — — —

A glória de Samuel passou à posteridade — Atos dos Apóstolos, Epístola aos Hebreus. O Salmo XCVIII, 6 compara-o a Moisés. No Eclesiástico encontra-se o seu elogio:

"Samuel, profeta do Senhor, amado do Senhor
seu Deus,
instituiu um govêrno novo,
e ungiu príncipes na sua nação.
Julgou o povo segundo a lei do Senhor,
e Deus olhou propìciamente para Jacó.
Pela sua fidelidade manifestou-se como profeta,
foi reconhecido fiel nas suas palavras,
porque viu o Deus de luz.
Invocou o Senhor onipotente,

(18) I Sam., 28, 5-20.

quando os inimigos o cercavam de todos os lados,
e ofereceu um cordeiro sem mancha.
O Senhor trovejou do céu,
com um grande estrondo fêz ouvir a sua voz,
e destroçou os príncipes de Tiro
e todos os chefes dos filisteus.
Antes do tempo do sono eterno,
deu testemunho, na presença do Senhor e do seu Ungido,
de que não tinha recebido, de pessoa alguma, dinheiro
nem sequer umas sandálias,
e ninguém pôde acusá-lo.
Depois disto, Samuel morreu e apareceu ao rei (*Saul*),
predizendo-lhe o fim da vida;
levantou a sua voz debaixo da terra, profetizando,
para destruir a impiedade do povo". (19)

— — — —

Durante o reinado de Arcádio, as relíquias do profeta foram transferidas da Judéia para o santuário que em Constantinopla lhe foi dedicado.

* * *

(19) Ecl. 46, 16-23.

SÃO MESMO (*)

Abade

Século V

São Mesmo foi discípulo de São Martinho. Deixou a Turena, onde gozava de grande reputação, para, humildemente, ir viver no mosteiro de Ilha Bárbara, de Lião.

Tido, ali, como santo, resolveu voltar para o país natal, mas a barca em que fazia a viagem, virando-se, atirou com êle para as águas do rio que sulcava. Ganhando uma das margens, levando com dificuldade a parca bagagem — os Evangelhos, um cálice e uma patena — foi dar em Chinon, onde se instalou e acabou por fundar um mosteiro.

Gregório de Tours, que dêle nos fala no seu *In Gloria Confess.*, XXII, não nos relata qual o gênero de vida do santo abade, mas conta-nos um dos seus milagres. Quando se atacava Chinon e se procurava cercá-la, os assaltantes conseguiram, hàbilmente, obstruir todos os poços de água potável para levar os habitantes a morrer de sêde.

São Mesmo, que onde quer que estivesse, era sempre tido como santo, foi procurado, naquela afli-

ção, pelo povo, que lhe rogou conseguisse de Deus clemência para Chinon.

O bom abade, imediatamente, apiedado, pôs-se a orar, pedindo a Deus que tivesse compaixão daquela gente. Eis senão quando, grande temporal se armou, e uma chuva torrencial desabou por tôda a região, enchendo de água todos os recipientes adrede preparados. E a violência da chuvarada foi tal que, desnorteando-se, o inimigo desistiu do sítio e se foi.

São Mesmo faleceu com idade bastante avançada. O mosteiro que fundou, subsistiu durante muitos anos, sendo destruído pelos normandos. A igreja, que foi reconstruída no século X, transformou-se, mais tarde, em escola.

* * *

SANTO HADUÍNO (*)

B i s p o

Santo Haduíno, que foi o sucessor de São Bertrand, foi eleito bispo do Mans em 623 ou 624, ocupando a sé episcopal por quase trinta anos.

Assistiu aos concílios de Reims, em 627-630, de Clichy, em 627, fazendo-se representar no de Châlons-sur-Saone pelo abade Chagnoaldo.

Foi o fundador de vários mosteiros, dentre os quais se salientaram o de São Longis e o de Evron.

O testamento que fêz, e que chegou até nós, foi elaborado a 6 de fevereiro de 643: é documento que nos fornece detalhes de grande valor para a história do Mans daquele século. No testamento, Santo Haduíno instituiu a Igreja do Mans sua herdeira.

Falecido no ano de 650, segundo o seu desejo foi enterrado na igreja de São Vítor, ao lado de muitos dos seus predecessores.

* * *

SANTO OSWIN (*)

Rei e Mártir

O sucessor de Santo Etelberto, rei de Kent, falecido em 616, convertido por Santo Agostinho de Cantorbéry, tornou, algum tempo depois, ao paganismo. Invadido o reino, por pagãos, Santo Oswaldo ali acabou por restabelecer a dinastia de Edwin, e com ela o reino de Cristo.

Quando êste príncipe faleceu, em 642, Oswin, filho de Osrico, sobrinho de Edwin, tomou o govêrno de Deira, que era província da Northumbria. (1)

Morto o pai, Osrico, em 634, Oswin deixou a sede do govêrno e foi refugiar-se no Wessex, onde fôra batizado e educado.

Oswin foi rei piedoso e governou Deira por nove anos. Era, segundo Beda, generoso, amável, polido, alto e belo, tendo o condão de conquistar, com a mesma facilidade, tanto os grandes da côrte, poderosos e cheios de si, como os pequenos, doces e humildes.

Atacado por um dos primos, Oswy, rei de Bernícia, e achando que a luta não valia o sacrifício do

---

(1) Ver S. Justo, 10 de dezembro.

povo, que amava, luta vã, que sabia perdida, o rei foi eliminado pelo parente, juntamente com um fiel servidor que não o deixava jamais.

Enterrados em Gilling, perto de Richmond, Yorkshire, a espôsa do rei e mártir ali ergueu um mosteiro. Mais tarde, o corpo de Santo Oswin foi transferido para Tynemouth.

* * *

SÃO FILIBERTO (*)

Abade

São Filiberto foi abade de Jumieges e de Noirmoutier. Filiberto (*fil*, muito, e *bert*, ilustre, do alemão) nasceu na Gasconha. Era filho de Filibaldo, que fôra eleito bispo de Aire: alto funcionário, querem alguns que conde, elevou-se ao episcopado segundo uso corrente naquele tempo — a escolha dum grande senhor laico para a prelazia.

Tendo abandonado a vida da côrte, para o seu lugar ao rei Dagoberto recomendou o filho.

Filiberto contava treze anos quando entrou na vida palaciana, tornando-se, logo, amigo de São Vandrilo e de Dadon, que seria arcebispo de Ruão, debaixo do nome de Audoeno.

Quatro anos depois, com a competente autorização, o futuro abade deixou a rumorejante vida da côrte para retirar-se a um mosteiro, o recém-construído Rebais, fundado por Dedon e os irmãos, dirigido por um velho monge de Luxeuil, Santo Aile.

São Filiberto foi dado a grandes jejuns. Por isso mesmo, perseguia-o o demônio tenazmente. O Santo venceu-o triplicando o jejum e, duma feita, quando ia à igreja orar, defrontando-se com o diabo,

expulsou-o de sua presença, para sempre, com devoto sinal da cruz.

Morto o abade Aile por volta do ano 650, Filiberto foi designado para o cargo. Rígido para consigo mesmo, assim também o foi para com os outros, o que levou certo descontentamento a vários monges. Dois dêles, conta-se, quiseram retirá-lo da igreja, mas foram castigados por Deus: um morreu sùbitamente e o outro vomitou as entranhas.

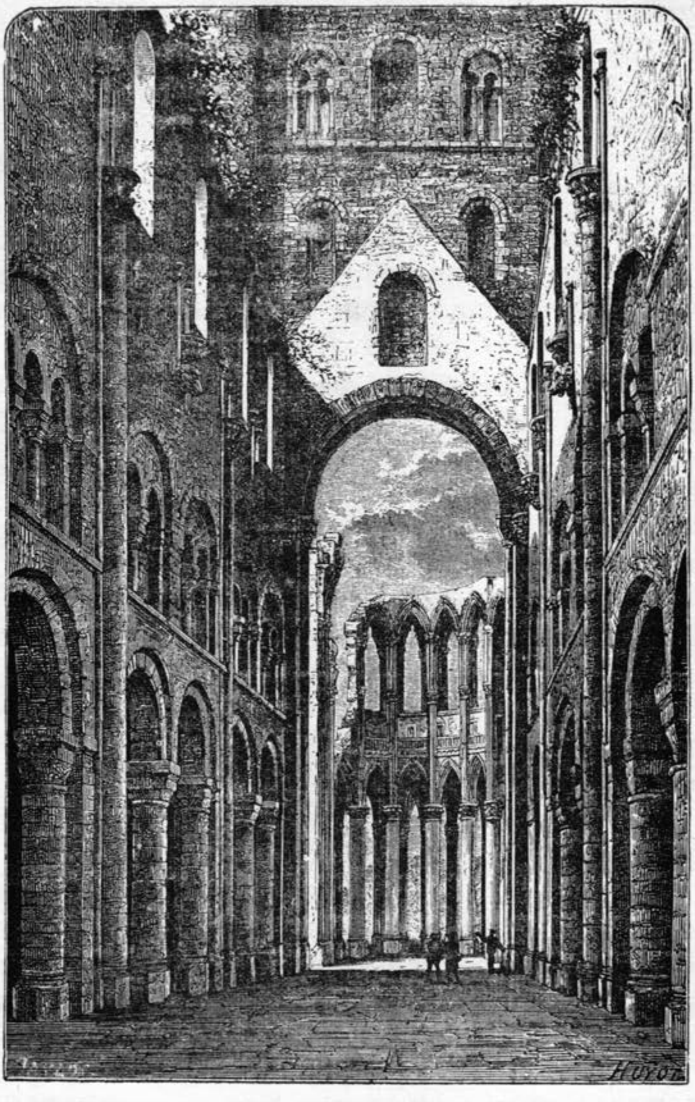
Impressionado com o caso, Filiberto, para melhor se inteirar das observâncias monásticas, empreendeu uma viagem pelos mosteiros franceses, depois iniciou uma visita que o levou da Borgonha à Itália. Principalmente em Luxeuil e em Bobbio, permaneceu mais tempo, cuidadosamente a estudar as Regras dos santos Basílio, Bento, Macário e Colombano.

De volta daquela excursão de estudos, não procurou Rebais, mas dirigiu-se para a diocese de Ruão, que Santo Audoeno dirigia desde 641, e ali, num domínio que ficava na desembocadura do Sena, domínio cedido por Clóvis II e a rainha Batilda, Filiberto fundou o mosteiro de Jumieges.

Era em 654, e a nova fundação, colocada debaixo da proteção de São Pedro, prosperou com grande rapidez.

Em Pavilly, pouco mais tarde, fundava o Santo um outro mosteiro, êste para mulheres.

São Filiberto teve diversos aborrecimentos com Ebroíno, mau prefeito de palácio. Depois que Ebroíno, de volta do exílio, reapareceu no cenário político da época, muitos foram os que sentiram o rigor da vingança, principalmente, é claro, aquêles que mais diretamente o combateram. Entre êstes, destaca-se



Igreja da Abadia de Jumiège. Em ruínas em 1820.

a figura do bispo de Autun, São Leger, ao qual furaram os olhos.

São Filiberto, destemerosamente, enfrentou o *maire* em pessoa, recriminando-lhe duramente os crimes que perpetrava, dizendo-lhe, com tôda a calma, que ali, diante do Todo-Poderoso, estava completamente longe de ter mêdo do martírio.

Arrazado pelo Santo, a quem a violência não atemorizaria, Ebroíno não ousou sequer esboçar um gesto áspero, mas, depois, cavilosamente, procurou caluniar o Santo junto de Audoeno.

Audoeno deixou-se embair, e pediu a prisão do valoroso abade de Jumieges. Corria o ano de 676, e, pouco depois, Filiberto era pôsto em liberdade, deixava o país sob o taco do péssimo prefeito de palácio e ia pôr-se sob a generosa proteção de Ansoaldo, então bispo de Poitiers.

Ansoaldo acolheu-o bondosamente e lhe favoreceu o apostolado na diocese. Depois de ter restaurado o mosteiro de Quinçay, Filiberto buscou a ilha de Herio, hoje de Noirmoutier, e ali fundou uma abadia, que abrigou, de início, monges que lhe vieram ao encontro, de Jumieges.

São Filiberto, porque a região era semi-selvagem, evangelizou as gentes do lugar.

Em 683, morto Ebroíno, o Santo buscou Jumieges, então numa fase tumultuosa, de graves dissensões eternas: dois abades, nomeados por Audoeno, não eram reconhecidos pela maior parte dos religiosos, que se mantinham fiéis ao fundador.

A chegada de São Filiberto foi apoteótica. E Audoeno, emocionado, reconciliou-se com o antigo amigo.

Meses depois, quando tudo então se assentara e a paz reinava sòlidamente, o santo abade retornou a Noirmoutier. Ali, em 685, faleceu docemente.

No mesmo dia, na Pérsia, os santos Heliodoro, bispo. Dausa, Mariahb, Abdiso e companheiros, mártires, em 362.

Em Córdova, na Espanha, os santos mártires Leovigildo e Cristóvão (1), monges: durante a perseguição árabe, foram atirados à prisão, porque em defesa da fé cristã, e, logo depois, sendo decapitados, foram queimados, assim conquistando a palma do martírio (852).

Em Saintes, São Saloine ou Seroire, mártir, cuja vida é absolutamente desconhecida. O culto é antiquíssimo.

Em Lucânia, os santos Valentino e Leôncio, mártires.

Em Vicência, Itália, os santos mártires Leôncio e Carpóforo, mortos em 303, sob Diocleciano. A história dêstes dois santos é um tanto obscura.

Festa de São Paulo, o Jovem, arcebispo de Constantinopla.

Em Worms, o bem-aventurado Burchard, bispo, falecido em 1025. De nobre família, nasceu em 965, tendo estudado em Lobbes. Nomeado bispo, foi reformador e administrador. Reuniu, num só livro, os cânones — o *Decreto*, que teve excepcional acolhida e sucesso invulgar.

---

(1) Cristobal.

Em Rocamador, Santo Amador. A história dêste Santo é bastante controvertida. Seria êle um judeu da Palestina, o servidor de Nossa Senhora ou o espôso de Verônica. O mais acertado, porém, é que era um auxiliar de São Marcial no apostolado. A partir do século XV, identificaram-no com Zaqueu o publicano do Evangelho, que teria desposado Verônica e teria ido, uma vez viúvo, fundar um santuário em honra da Virgem, acabando os dias na solidão da ermida. Os habitantes do Quercy, admirando-se do amor que votava pelo lugar em que se recolhera, pedregoso, árido e estéril, denominaram-no de *Rupis Amator,* donde surgiria Rocamador, ou *Amante das Rochas.*

Na Extremadura, Espanha, São Bernardo, monge, no século XII, cujo corpo repousa em Candeleda.

Em Conza, na Itália meridional, Santo Herberto, arcebispo, falecido em 1180.

São Lúcio, senador, que, encontrando no martírio São Teodoro, bispo de Cirene, ficou tão impressionado com sua constância, que se converteu à fé de Jesus Cristo; a ela atraiu também o governador Digniano, com o qual, tendo ido a Chipre, e vendo que aí faziam morrer outros cristãos, pela confissão do nome do Senhor, se apresentou, e, tendo sido decapitado, mereceu receber a coroa do martírio. — Na Trácia, trinta e sete bem-aventurados mártires, que o governador Apeliano mandou atirar a uma fornalha ardente, depois que lhes haviam cortado os pés e as mãos pela fé de Jesus Cristo. — Mais, os santos mártires Severo e Menon, centurião, que, ten-



S. Bernardo toma posse, com os monges de Cister, da abadia de Claraval (segundo uma miniatura de um missal do século XV).

do sofrido o mesmo suplício, entraram vitoriosos no céu. — Em Roma, São Porfírio, homem de Deus, que tinha ensinado a Santo Agapito, mártir, os princípios da fé e da doutrina de Jesus Cristo. — No monte Senário, na diocese de Florença, o bem-aventurado Maneto, um dos fundadores da ordem dos Servitas, que expirou rezando hinos em honra da Santa Virgem.

* * *

21.º DIA DE AGÔSTO

SANTA JOANA FRANCISCA DE CHANTAL

No ano de 1604, a pedido do parlamento de Borgonha, São Francisco de Sales pregava a quaresma em Dijon. No auditório estava seu amigo, o arcebispo de Bourges; êle notou, ainda, uma senhora que lhe tinha já sido mostrada numa visão, como devendo ajudá-lo na instalação de uma obra santa. Ao sair do púlpito, êle perguntou ao arcebispo se conhecia aquela pessoa. O amigo respondeu: É minha irmã, a baronesa de Chantal. Efetivamente era ela.

Era filha de Benigno Frémiot, presidente do parlamento de Borgonha e de Margarida de Berbizy. Sua irmã, Margarida, espôsa do conde de Effran; seu irmão, André, foi arcebispo de Bourges. Nasceu em Dijon a 28 de janeiro de 1572. Recebeu o nome de Joana no batismo e a êle acrescentou o de Francisca, na confirmação. Seu pai, enviuvando muito cedo, teve grande cuidado em sua educação: ninguém correspondeu melhor que Joana a tal cuidado; também o pai teve por ela uma ternura particular. Um herege permitiu-se diante dela falar contra a santa Eucaristia; Joana, que tinha então sòmente



Vista do castelo de Bourbilly.

cinco anos, censurou-o àsperamente. Mais tarde recusou desposar um fidalgo muito rico, ùnicamente porque era calvinista. Quando chegou aos vinte anos, seu pai casou-a com o barão de Chantal, o mais velho da família de Rabutin. Era um oficial de vinte e sete anos, que servia com distinção e que Henrique IV honrava com seu favor. Pouco depois do casamento, levou a espôsa ao castelo de Bourbilly, onde tinha sua residência ordinária e confiou-lhe o cuidado da casa. A primeira ordem que ela deu foi dizer todos os dias a missa e de a ela fazer todos os domésticos assistir e instruí-los com cuidado, ocupá-los com discrição e ajudá-los com caridade em suas necessidades. Ela pôs em seus afazeres tôda a ordem que exigia uma longa negligência, que antes se tivera. Nas festas e nos domingos ouvia a missa na paróquia. Ocupava-se em fazer panos e pequenas alfaias para os altares e em ler bons livros; mas a obra de piedade onde se mostrou mais atenta foi a caridade para com os pobres. Durante a ausência do marido, obrigado a passar uma parte do ano na guerra ou na côrte, não saía de casa; não se falava então nem de jogos, nem de prazeres, nem conversas. Quando êle voltava, a alegria de o rever, o amor que tinha por êle, a vontade de lhe falar e de se regozijar, atraíam outras pessoas à sua casa; tudo isso lhe fazia diminuir insensìvelmente as práticas de devoção, que retomava, na primeira ausência; enfim, no ano de 1601, seu marido foi à côrte, e ela resolveu firmemente jamais se dispensar de seus exercícios de piedade.

O barão de Chantal caiu doente em Paris e fêz-se levar ao castelo aonde chegou nas últimas. A virtuosa espôsa passava os dias à cabeceira de seu

leito, e as noites, na capela. Mas êle se restabeleceu milagrosamente e a alegria foi perfeita. Um parente e amigo da vizinhança veio visitá-los, nessa ocasião, e propôs uma caçada ao barão; para lhe ser agradável êle aceitou e vestiu um hábito marron. Seu amigo, vendo-o através de alguns arbustos, tomou-o por uma animal, disparou a arma e o feriu na coxa. — Estou morto! gritou o barão, caindo; meu amigo, meu primo, disparaste imprudentemente e eu te perdôo de todo meu coração! Depois mandou quatro criados a quatro paróquias diferentes para ter mais certamente um padre. Entretanto, levaram-no a uma casa da aldeia mais próxima, onde sua mulher veio, embora tivesse dado à luz há quinze dias. Quando a viu disse: Senhora, o decreto do céu é justo; devemos amar e morrer! — Não, senhor, devemos viver! — Ah, senhora, replicou êle, respeitemos a ordem da Providência! — Depois, com espírito tranqüilo, perguntou se o padre tinha chegado; e tendo sabido que havia um, mandou-o vir ao quarto e confessou-se. Um momento depois, vendo de longe aquêle que o tinha ferido, que lhe parecia desesperado, exclamou: Meu primo, meu amigo, êsse golpe me veio do céu; antes de partir dêste mundo, eu te rogo, não peques e roga a Deus por mim.

Morreu nove dias depois, tendo recebido todos os sacramentos, com singular piedade; rogou à espôsa, ordenou ao filho, que jamais pensassem em vingar-lhe a morte e disse-lhes que êle perdoava de novo àquele que o tinha matado, sem pensar, e fêz escrever êsse perdão nos registros da paróquia, com a ordem que dava à família, de conter os ressentimentos. Um

momento depois, expirou nos braços da espôsa, cuja desolação foi inenarrável.

Ficando viúva aos vinte e oito anos, com um filho e três filhas, sentiu ela a desgraça. Mas bem depressa conheceu os desígnios de Deus sôbre si e correspondeu-lhes com tanta fidelidade, que, em suas maiores amarguras dizia não poder compreender como se podia estar tão contente e sofrer tanto. Nesse estado de dor e de alegria fêz a Deus o sacrifício de si mesma, pelo voto de castidade e por uma resignação tão perfeita às ordens do céu, que não viveu mais vida humana; e para marcar pùblicamente o perdão que tinha concedido àquele que lhe matara o marido, quis ser madrinha de um de seus filhos. Viveu depois, para o futuro, segundo as regras que São Paulo e os padres traçaram para a santificação das viúvas. Passava uma parte das noites em oração, aumentou as esmolas, distribuiu aos pobres as roupas preciosas, fêz voto de usar sòmente vestes de lã. Despediu a maior parte dos criados, depois de os ter recompensado liberalmente. Seus jejuns eram freqüentes e rigorosos. Retirada do mundo, dividia o tempo entre a oração, o trabalho e a educação dos filhos. Faltava-lhe um diretor que a pudesse levar pelas vias em que devia caminhar. Não deixava de o pedir a Deus com muitas lágrimas. Um dia, durante o fervor de sua oração, ela viu um homem de batina preta com um roquete e uma murça.

Passado o ano de luto, dirigiu-se à casa do pai, em Dijon. Aí continuou o mesmo gênero de vida e não quis receber visita de algumas senhoras virtuosas e idosas. No ano seguinte, os negócios da família obrigaram-na a se retirar com seus filhos junto do

velho barão de Chantal, seu sogro, em Montelon, diocese de Autun. Teve que sofrer muito por causa do mau humor do velho, bem como de uma governante que o dominava, e que tinha adquirido tal ascendente sôbre seu espírito, que tôda a casa era forçada a lhe obedecer. A jovem baronesa suportou a provação com paciência: jamais a ouviram lamentar-se, não dava nem mesmo o menor sinal de descontentamento. Prestava-se com o maior prazer a tudo o que era agradável ao sogro e à governante. Consagrava à piedade a mór parte do tempo e dirigia-se, aos domingos, a Autun, para assistir às instruções dos pregadores.

Em 1604, foi a Dijon, à casa do pai, para ouvir São Francisco de Sales pregar. Desde a primeira vez que o viu no púlpito, julgou reconhecer nêle o homem que lhe tinha sido mostrado na oração, como seu pai espiritual. Convidou-o muitas vêzes a ir à casa de seu pai; e não ficava menos maravilhada com sua conversação familiar do que com seus sermões. Desejava ardentemente abrir-lhe a alma; o santo prelado inspirava-lhe tôda confiança, mas ela não o ousava, porque um religioso que a dirigia lhe tinha feito prometer, por voto, reservar a êle ùnicamente a sua direção espiritual. De outro lado, os discursos do bispo de Genebra tocavam-na vivamente; conformava-se com seus conselhos mesmo nas coisas mínimas; e sua docilidade era sempre seguida de extraordinárias consolações.

Finalmente, revelou-lhe a causa de sua perplexidade; ficou determinado que o voto que a tinham feito fazer era indiscreto e que ela podia ser dispensada. Então, confessou-se com o santo bispo de

Genebra e fêz-lhe uma confissão geral de tôda a vida. Mas, logo a paz de alma foi perturbada por desolações interiores; teve inquietações alarmantes sôbre seu proceder. Francisco de Sales disse-lhe que aproveitasse aquela provação, de sorte que a luz tomou o lugar das trevas e a calma sucedeu à tempestade. Disse-lhe, ainda, que regulasse de tal modo seus exercícios de piedade, que seu exterior parecesse depender da vontade dos outros, sobretudo quando estava em casa do pai ou do sogro. Seu proceder reunia todos os sufrágios e os que viviam com ela tinham o costume de dizer: A Senhora reza em tôdas as horas do dia, mas isso não incomoda a ninguém.

Levantava-se às cinco horas, vestia-se sòzinha e sem aquecimento, em tôda a estação e fazia uma hora de oração mental. Depois, fazia levantarem-se os filhos, bem como os domésticos; cumpriam os exercícios da manhã e iam dar bom dia ao sogro; levava-o à missa e nos sábados mandava celebrar uma que tinha, por voto, feito à Santa Virgem. Lia depois do almôço todos os dias, por meia hora, a Escritura Sagrada; dava lições de catecismo a seus filhos, aos empregados e aos da aldeia que queriam também instruir-se. Antes da ceia, fazia um pequeno retiro espiritual de um quarto de hora e dizia o têrço. À noite, retirava-se às nove horas e fazia o exame de consciência e a oração, com os filhos e os criados; dava a todos água benta e a bênção e ficava ainda uma meia hora rezando sòzinha; por fim terminava o dia, com a leitura da meditação para o dia seguinte.

Tinha adquirido um hábito tão grande da presença de Deus, que nada a afastava dêle e conser-

vava-se sempre tranqüila na diversidade das criaturas e dos fatos. Depois de ter regulado o interior, pensou em reformar o que lhe parecia ainda muito vão em sua pessoa. Cortou o cabelo; vestia-se sòmente de um pano fino e unido. Tinha grande cuidado de mortificar o gôsto e fazia de modo que as iguarias que deixava no prato fôssem dadas aos pobres. Jejuava tôdas as sextas-feiras, usava cilício nos outros dias e muitas vêzes disciplinava-se; adquiriu pela prática dessa vida santa, tão grande ascendente sôbre suas paixões que não parecia mais uma criatura mortal.

Todos os domingos e festas ia aos lugares da paróquia onde sabia que havia doentes; arrumava-lhes a cama e nada lhes deixava faltar de alimento nem de remédios.

Tinha sempre em casa um pobre, coberto de feridas, que ela cuidava muitas vêzes, de joelhos, com respeito, considerando com fé viva a Jesus Cristo, na sua pessoa. Velava em seus extremos, assistia-lhes à morte e os sepultava, ela mesma, com uma coragem que causava pasmo a todos os que não eram animados de uma perfeita caridade.

Em 1606 ela foi obrigada, pelo interêsse de seus filhos, a fazer uma viagem a Bourbilly. Mas seus negócios não lhe impediram, pondo-lhes tôda a ordem possível, de socorrer aos enfermos de sua terra, que eram em tão grande número, que sepultava muitas vêzes quatro num dia, depois de os ter assistido em sua doença, com todo o cuidado, ajudando-os com dinheiro, com orações e instruções. Mas, não podendo resistir a tantas fadigas, caiu doente com disenteria que a levou aos extremos. Nesse estado, escre-

veu ao pai e ao sogro, para lhes pedir a bênção e para lhes recomendar os filhos. O presidente estava inconsolável, o barão de Chantal mesmo ficou muito aflito, pois, apesar das penas que lhe tinha causado e dos maus tratos que tinha sofrido e recebido dêle, ela era considerada como santa que lhes trazia tôda espécie de bênçãos. Depois que ficou curada, voltou a Montelon, onde foi recebida pelo sogro e pelos filhos, com uma alegria proporcionada ao temor que tinham de a perder.

À medida que se desapegava das criaturas, o desejo de ser tôda de Deus aumentava em sua alma. Mas como seu santo diretor lhe tinha ordenado viver santamente em seu estado, sem pensar na vida religiosa, ela teve escrúpulo de o ter desejado e escreveu ao santo Bispo. Êle respondeu-lhe nestes têrmos: "Oh! Não, minha filha! Eu não vos tinha dito que não tivésseis nenhuma esperança de ser religiosa, mas, que com isso não vos preocupásseis, nada havendo que nos impeça tanto de nos aperfeiçoarmos em nosso estado do que aspirar a outro. Os filhos de Israel não puderam cantar em Babilônia, porque pensavam em seu país; mas eu quisera que cantássemos por tôda parte. Eu vejo vosso desejo de ser religiosa. Oh! Doce Jesus! Que vos direi, minha mui querida filha? Sua bondade sabe que eu muitas vêzes implorei sua graça no santo sacrifício; não sòmente isso, mas empreguei a devoção e as orações de outros melhores que eu. E que vim a saber, minha filha! Que um dia deveis deixar tudo, mas que seja para entrar na religião, não me aconteceu ainda ser dessa opinião; o sim não se deteve ainda no meu coração e

o não aí se encontra com muita firmeza, mas dai-me um pouco a ocasião para rezar e fazer rezar."

No dia de Pentecostes, quando tinha vindo a Annecy, para tratar com êle de sua vocação, o santo prelado, para experimentar sua submissão propôs-lhe ser religiosa de Santa Clara, depois irmã do Hospital de Beaune e depois Carmelita. Ela consentia a cada proposta com uma docilidade que o santo bispo admirou; por fim, deu-lhe conta do projeto que tinha de fundar uma nova Congregação sob o nome da Visitação de Santa Maria. Ela ficou radiante de alegria a essa notícia e sentiu uma atração de Deus, tão poderosa para êsse empreendimento que não duvidou de que era essa a vontade de Deus. Previam ambos grandes obstáculos a êsse intento; o pai, o sogro e os filhos da santa viúva, uns muito velhos, outros muito jovens; como deixar tudo isso para se estabelecer fora do reino? O santo Bispo dizia: Vejo um caos em tudo isso, mas a Providência saberá deslindar tudo, quando chegar o tempo. E isso não tardou. A principal dificuldade era a educação das crianças, para o que parecia necessário que a mãe ficasse no mundo. O santo fêz ver que lhe seria possível velar por êles num claustro e que ela o faria mesmo de maneira mais útil para elas. Essa dificuldade foi superada e seu pai e seu sogro consentiram que ela se retirasse, não sem derramar muitas lágrimas. Como ela tinha o coração muito sensível teve rudes combates a sustentar: mas o amor divino elevou-a acima dos sentimentos da natureza. Seus outros parentes e amigos deixaram ao mesmo tempo de se opor à sua resolução.

Antes de deixar o mundo a baronesa de Chantal casou a mais velha de suas filhas com o barão de Thorens, sobrinho do Bispo de Genebra e êsse casamento teve a aprovação das suas duas filhas. Uma morreu pouco tempo depois, a outra desposou o conde de Toulonjon, que unia ao nascimento, muita sabedoria e virtude. A mãe mesma tinha recusado um partido importante de Bourgogne e para selar com o sangue sua promessa que ela renovou de ser de Deus ùnicamente, ela tinha gravado em seu coração o nome de Jesus. Quanto ao jovem barão de Chantal, então com quinze anos de idade, o presidente Fremiot, seu avô, encarregou-se de terminar sua educação e a administração de seus bens, foi confiada a tutores inteligentes e de reconhecida probidade. Assim a presença da mãe não lhes era mais necessária.

O dia da partida chegou e a santa viúva despediu-se do barão de Chantal, seu sogro, pôs-se de joelhos, pediu-lhe perdão, se lhe tivesse desagradado em alguma coisa e rogou-lhe que lhe desse sua bênção e recomendou-lhe ainda o filho. O bom velho, com oitenta e seis anos, parecia inconsolável, abraçou ternamente a nora e desejou-lhe tôda sorte de felicidade. Os habitantes da terra de Montelon, sobretudo os pobres, julgando tudo perder, perdendo-a, demonstraram-lhe a dor com lágrimas e gritos. Em Dijon ela fortificou-se com a santa Comunhão, contra a fraqueza, que previa na separação de tudo o que tinha de mais caro. Enfim, chegou também aquêle momento, e ela disse adeus aos parentes, com firmeza; depois, atirando-se aos pés do pai, suplicou-lhe que a abençoasse e tivesse cuidado do filho que ela lhe

deixava. O presidente sentiu o coração partido; parecia-lhe morrer de dor; banhado em lágrimas, abraçou a filha e disse: Oh! meu Deus! Não posso desdizer o que ordenastes, cortar-me à vida; no entretanto, Senhor, eu vô-la ofereço, essa querida filha, recebei-a e consolai-me! Depois abençoou-a e a ergueu. O jovem Chantal, seu filho, de quinze anos, correu para ela, atirou-se-lhe aos braços e não a queria deixar, esperando enternecer-lhe o coração e detê-la com tudo o que de comovente lhe poderia dizer. Não conseguindo o que desejava, deitou-se no limiar da porta, por onde ela devia sair e disse-lhe: Sou muito fraco, Senhora, para vos deter, mas pelo menos dirão que passastes por cima do corpo de vosso filho único para o abandonar! A santa viúva ficou comovida e chorou amargamente, passando por cima do corpo daquela querida criança, mas, um momento depois, tendo receio de que se lhe atribuísse o pesar arrependimento de sua decisão, ela voltou-se disse-lhes com rosto sereno: Perdoai-me a fraqueza, deixo meu pai e meu filho para sempre; mas encontrarei Deus por tôda parte.

A 6 de junho de 1610 dia de São Cláudio, que era da Santíssima Trindade, a senhora de Chantal, com a senhorita Jaqueline Fabre, filha do presidente da Sabóia e a senhorita de Bréchard, sob a direção do santo bispo de Genebra, começou em Annecy, a fundação da ordem da Visitação, tão útil ao povo porque aí se recebem as viúvas e os enfermos e tão honrosa para a Igreja pelo fervor com o qual se mantém a regularidade com que essas santas filhas edificam ainda hoje todo o mundo. Dez outras mulheres vieram logo aumentar a comunidade nascente. O

santo bispo pensava fazer apenas uma simples congregação, onde não se fôsse obrigado à clausura, a não ser durante o ano de noviciado, depois do que se podia sair para o serviço dos enfermos. Mas o cardeal de Marquemont, arcebispo de Lião, tinha estabelecido uma de suas casas em sua cidade e escreveu ao santo bispo de Genebra e à mãe de Chantal, para lhes propor erigir o instituto em título de religião e pôr a clausura e fazerem as jovens os votos solenes. Sua grande humildade fê-las rejeitar tudo isso, a princípio; mas depois de instantes preces a Deus, para que as iluminasse, consentiram-no e o santo prelado escreveu à madre Favre, superiora da comunidade de Lião: "Se S. Excia. o arcebispo, minha querida filha, vos diz que me escreveu sôbre o assunto de vossa clausura e de vossos votos; dir-lhe-eis que eu teria tido grande suavidade para o título simples de congregação, sob o qual lhe parece que nossas filhas teriam tido menos motivo de amor próprio do que sob outro, onde sòmente o temor e o amor do espôso sagrado lhes teria servido de clausura e de votos; entretanto, não sòmente minha vontade, mas ainda meu juízo, bem fàcilmente prestam homenagem que devem ao sentimento dêsse grande e digno prelado. Consinto, pois, de todo o coração que façamos uma religião formal pois não pretendo outra coisa, minha filha, se não que Deus seja glorificado. Seja isso por outras luzes que não, pelas minhas, tanto melhor; estarei mais a salvo dêsse espírito de orgulho que tudo estraga: nossa boa mãe é do mesmo sentir. Viva Jesus! Minha filha, sou nêle todo vosso!"

Essa carta respira todo o espírito da Visitação, espírito de profunda humildade para com Deus e de grande doçura para com o próximo. A isso tendem as regras, as constituições e as conferências espirituais que o santo bispo fêz a suas piedosas filhas. Na última dessas conferências êle inculca esta máxima: Nada pedir e nada recusar entende-se para as coisas da terra. Termina com êste resumo: Perguntais o que eu desejo que vos fique mais gravado no espírito, a fim de o pordes em prática? Que vos direi, minhas queridas filhas, senão estas duas queridas palavras que já vos tenho tanto recomendado: Nada desejeis, nada recuseis? Nessas duas palavras digo tudo, pois essa máxima inclui a prática da perfeita indiferença. Vêdes o pobre e pequeno Jesus na manjedoura; recebe a pobreza, a nudez, a companhia dos animais, tôdas as injúrias do tempo, o frio, e tudo o que seu Pai lhe permite acontecer. Não está escrito que jamais estendeu as mãos para ter os seios de sua mãe; deixava-se de todo aos seus cuidados e à sua previdência. Também não recusava todos os pequenos cuidados que ela dispensava. Recebia todos os préstimos de São José, as adorações dos reis e dos pastôres, tudo com a mesma indiferença. Assim também nós nada devemos desejar nem recusar, mas suportar e receber igualmente tudo o que a Providência de Deus permitir que nos suceda. Deus nos conceda essa graça. (1)

Alguns anos depois de sua profissão religiosa, a madre Chantal quis ligar-se por votos a fazer sempre o que julgasse mais perfeito. São Francisco,

---

(1) **Entretien**, 21 e 22.

que ela consultou, permitiu-lho, porque lhe conhecia o fervor e não duvidava de que não cumprisse com fidelidade o compromisso que tinha contraído. Muitas vêzes ela foi atormentada por doenças dolorosas. Os médicos nelas não viam uma causa natural: um dêles, tendo-a observado vários dias, disse: está doente de amor de Deus; não sei curar êsses males. Ela falava assim numa de suas cartas a S. Francisco de Sales: O mundo inteiro morreria de amor por um Deus tão amável, se conhecesse a doçura que goza uma alma em o amar. Ela experimentou também por algum tempo, grandes penas interiores, causadas por um temor excessivo de ofender a Deus. Mas ela mesma nos diz que no meio das provações, recebia freqüentemente consolações extraordinárias.

Depois da morte do pai, fêz uma viagem a Dijon. Passou alguns meses naquela cidade para ajustar os negócios do filho, antes de o colocar na academia. Casou-o depois com Maria de Coulanges, que reunia grande virtude à origem, riquezas e beleza; dêsse casamento veio uma única filha, a célebre marquesa de Sevigné. A madre Chantal foi ainda obrigada a deixar Annecy, muitas vêzes, para ir fundar casas de sua ordem em diversas cidades, especialmente em Grenoble, Bourges, Dijon, Moulins, em Nevers, em Orleãs e em Paris. Excitou-se contra ela violenta perseguição, nesta última cidade; ela, porém, venceu, por sua confiança em Deus. Ademais, sua doçura e paciência atraíram-lhe a admiração daqueles que tinham sido seus maiores inimigos. Governou a casa que tinha fundado em Paris, no subúrbio de Santo Antônio, desde o ano de 1619 até o ano de 1622.

Deus afligiu-a de maneira sensível naqueles que mais amava. Em 1617, perdeu o genro, o barão Thorens, coronel de cavalaria, a quem amava ternamente. A jovem viúva, que então junto de sua santa mãe, ficou inconsolável; ela fêz tanto esfôrço para suportar a perda com resignação, que depois de cinco meses, que tinha passado junto de sua mãe, foi tomada de parto prematuro e com tal violência que a tiveram de levar para fora do mosteiro. O mal durou vinte e quatro horas; nas seis últimas, no excesso da dor, ela se confessou, comungou, tomou o hábito de noviça, recebeu a extrema-unção e fêz profissão; cada uma destas ações com uma piedade tão perfeita, atos de amor de Deus, paciência e resignação, tão vivos e comoventes, que o santo prelado de Genebra, o qual assistiu à sua morte, ficou tomado de dor e de admiração. Morreu nos braços de sua santa mãe, na idade de dezenove anos, depois de ter pronunciado por três vêzes o nome de Jesus.

Em 1622, outra aflição veio surpreender a madre Chantal: Deus levou-lhe o bem-aventurado pai, o bispo de Genebra. Essa perda foi seguida de outra. Em 1627, o barão de Chantal, foi morto combatendo contra os huguenotes, na ilha de Rhé; mas, tinha-se preparado para a batalha, recebendo os sacramentos. Contava trinta e um anos e deixava uma filha que ainda não tinha um ano. Quatro anos depois, a santa viu ir-se também a baronesa de Chantal, sua nora. Mal tinha sabido dessa notícia, anunciaram-lhe a morte do conde de Toulonjon, seu genro, que ela amava ternamente e que era governador de Pignerol. Esqueceu sua pena para só pensar na da condêssa, sua filha, e tudo fêz para a consolar.

Assim Deus provava essas grandes almas, para as tornar mais semelhantes ao modêlo de seu Filho. (2)

Em 1638, a duquesa de Sabóia, Cristina de França, rogou insistentemente à madre de Chantal que viesse a Turim fundar um convento da Visitação. Ela o fêz e conseguiu ainda mais, trazendo também os missionários de Vicente de Paulo, na diocese de Genebra. Perdeu, depois, de repente, os dois amigos íntimos, seu irmão o arcebispo de Bourges e o virtuoso governador de Sillery, que se tinha feito sacerdote. Obrigada a ir a Moulins para os assuntos de sua ordem aí contraiu estreita amizade, com a duquesa de Montmorency, princesa dos Ursinos, viúva do duque Henrique de Montmorency, decapitado sob Luís XIII, por ter seguido o partido do duque de Orleãs, irmão do rei. A princesa, inteiramente dedicada às boas obras, acabou por entrar na Ordem da Visitação; recusou aí ser superiora e viveu como a mais humilde das religiosas. De Moulins, Santa Chantal foi chamada a Paris, pela rainha Ana da Áustria, que a honrou com sua confiança. Chegando a 4 de outubro, a santa partiu a 11 de novembro, atônita com a estima e os aplausos de que se via objeto. Voltando a Moulins, foi tomada de febre, e morreu santamente a 13 de dezembro de 1641, depois de rude agonia, pronunciando o nome de Jesus. Antes de receber o viático, rogou ao confessor que escrevesse, como sua última vontade, as recomendações seguintes, às suas religiosas:" Rogo a nossas irmãs que observem suas regras, porque são suas regras, e não porque poderiam ser segundo seus

(2) Veja a **Vie de Sainte Chantal**, pela marquesa de Colligny, sua bisneta e Godescard, 24 de agôsto.



Santa Joana de Chantal, (de acôrdo com Restout, século XVII).

gostos. — Que vivam em grande união entre si, com simplicidade, retidão e humildade; que nenhum desejo de cargos lhes perturbe o espírito; que tenham grande respeito por seus superiores e uma perfeita submissão e obediência. — Que a confiança em Deus não lhes deixe outro desejo que o de lhe agradar; e, enfim, que as superioras governem segundo o espírito da regra, que é todo doçura e caridade."

Santa Chantal foi assistida em seus últimos momentos pelo Padre Cláudio de Lingendes, jesuíta célebre por suas pregações, publicadas em três volumes. Muitos milagres operados por sua intercessão foram constatados juridicamente e ela beatificada por Bento XIV em 1751 e canonizada em 1767 por Clemente XIII, que fixou a festa para o dia 21 de agôsto. (3)

* * *

(3) Godescard, 21 de agôsto. E diversas vidas da santa.

BEM-AVENTURADO BERNARDO TOLOMEU (*)

Fundador do Mosteiro do Monte Oliveto

Bernardo nasceu em Siena, na Itália, a 10 de maio de 1272, na ilustre família dos Tolomeu. Foi predestinado: a mãe, pouco antes do nascimento do filho, sonhou que dera à luz um cisne de brancura extraordinária, que voou colhêr um ramo de oliveira, e depois desapareceu no céu, onde se encontrou com um bando doutros cisnes.

João foi o nome que recebeu na pia batismal. A primeira educação, recebeu-a êle no convento dos dominicanos. Os estudos superiores, completou-os na universidade da terra natal.

Doutor em direito aos dezesseis anos, em Siena encontrou-se com dois colegas de turma, Patrício Patrizzi e Ambrósio Piccolomini: com êles, depois de pesarem as coisas do século, Bernardo deixou a azáfama do mundo, indo gozar da solidão e das coisas de Deus, na escarpada Acona, que ficava entre Asciano e Buonconvento, nos Apeninos, na aspereza onde, mais tarde, iria morrer, depois duma infeliz expedição, o imperador Henrique VII.

Levavam os três, ali, vida eremítica. Bem cedo, a reputação dos jovens principiou a atrair outros

moços, e uma comunidade foi surgindo naquelas brenhas.

Como não se concedia mais autorização para a instituição de novas ordens, Bernardo, que em Avinhão se entrevistara com o papa e fôra encaminhado ao Ordinário, o bispo de Arezzo, êste encarregou o monge camaldulo, João, para que aos novos religiosos revestisse com o hábito monástico e lhes desse a Regra de São Bento.

De hábito branco, sinal da pureza, e em honra de Maria, que, um dia, aparecera a Bernardo, acoroçoando-o, entraram todos a levar vida nova no mosteiro que recebera o nome de Nossa Senhora do Monte Oliveto — vida austera, de oração, de jejuns, de trabalho, de silêncio, o qual silêncio, quebrado por insignificâncias, acarretava castigos, privava o monge, dentre outras coisas, de vinho, ou melhor, de aguapé, que o que bebiam não era vinho forte, puro e rubro.

"Seguindo a Regra ao pé da letra, diz-nos um cronista (1), não tomavam alimentos gordurosos, a não ser que uma doença grave assim o exigisse. O mosteiro estava bastante longe do mar ou de rios, de modo que nunca, ou quase nunca, tinham peixes à mesa. Decretaram, então, que às quintas-feiras e aos domingos cada irmão receberia ovos, o mesmo acontecendo pelas festas ordenadas pela Igreja. Às solenidades, cada um recebia, para a última refeição, dois ovos, contanto que não fôsse tempo de jejum. Às vigílias dos Santos, ordenadas pela Igreja, ninguém

---

(1) **Chronicon Montis Oliveti (1314-1450).**

tomava alimento cozido. Durante o verão, ao jantar, comiam, simplesmente, pão com um pouco de queijo, de mistura a algum condimento".

João XXII, em 1324, foi o papa que aprovou a nova instituição, a qual, malgrado a pobreza, crescia grandemente.

Em 1344, Clemente VI outorgava aos monges do bem-aventurado Bernardo Tolomei a definitiva aprovação.

Nos dias em que Bernardo ainda vivia, nove fundações surgiram, sendo a primeira em Siena, sua terra natal.

Morto em 1348, quando da peste negra que varreu a Europa, foi o bem-aventurado enterrado em Siena. Em 1554, durante a guerra de Carlos V e a França, o mosteiro foi arrazado e o corpo, desde então, desapareceu.

São Bernardo de Claraval foi o padroeiro do bem-aventurado Bernardo Tolomeu.

* * *

BEM-AVENTURADA HUMBELINA (*)

Priora de Jully

São Bernardo tinha seis irmãos e uma irmã, que se chamava Humbelina. Quatro dos jovens, conquistados por Bernardo, retiraram-se para Citeaux, menos um, que se casou.

Quando Nivardo acompanhou os demais, o velho pai de família, viúvo, casou a bela Humbelina com um gentil-homem da Borgonha, de grandes posses, também deixou o século e foi juntar-se aos bons filhos.

Humbelina, esquecida das admiráveis lições da mãe, tornou-se, num instante, tôda mundana.

Um dia, saudosa dos irmãos e do pai, empreendeu a viagem e foi vê-los, acompanhada de grande comitiva, muito adornada, muito enfeitada.

Bernardo, doridamente, ordenou ao irmão André que fôsse esperá-la, mas que lhe dissesse que não a receberia.

O jovem, junto da irmã, rudemente, diretamente, disse:

— A que vem êsse luxo, essa futilidade? É para cobrir a sujeira?

Humbelina abaixou os olhos, abaixou a cabeça, caiu em si, compreendeu. E, em lágrimas, prorrompeu:

— É verdade! Eu tenho pecado! Mas foi por causa do pecado que Jesus morreu! É precisamente porque sou pecadora que tenho necessidade de bons conselhos. Se meu irmão me despreza o corpo, que o servidor de Deus tenha piedade de minha alma! Que venha, que ordene, estou pronta para tudo!

Bernardo, avisado da disposição de Humbelina, chamou os irmãos, e todos, num bando alegre, alegremente apareceram e saudaram a boa ovelha.

É claro que ali, naquele grande momento, falaram da mãe, aquela Isabel admirável.

Quando Humbelina retornou, foi outra a Humbelina, que cruzou o umbral da porta da luxuosa casa. Completamente transformada, desde então só se deu à oração, às obras de caridade, ao que era bom, às coisas de Deus.

Pouco depois, com permissão do espôso, buscou Jully, onde Isabel, sua cunhada, era priora.

Morta Isabel, Humbelina foi a sua sucessora.

Priora de Jully, faleceu a bem-aventurada Humbelina em 1135, assistida pelos irmãos e por São Pedro, prior da fundação.

O culto da bem-aventurada irmã de São Bernardo foi aprovado em 1703.

No mesmo dia, São Privado, bispo e mártir, que sofreu durante a perseguição de Valeriano e de Galiano, em 275.

São Quadrato, século III ou IV. Bispo de Utica e mártir, "foi êle, diz-nos Santo Agostinho, que levou todo o seu povo, clérigos e laicos, a confessar Jesus Cristo". Morreu massacrado.

Em Bordéus, São Leôncio I, bispo e confessor. Segundo o *Gallia christiana*, atribue-se ao santo bispo o aumento da igreja de São Dionísio, construída pelo predecessor, Amélio, igreja que se tornara assaz pequena para conter a multidão de fiéis. Faleceu em 541, no mosteiro de São Leão, perto de Millau.

Em Casal, no Piemonte, São Noel, confessor.

Em Utrecht, Santo Alberico, bispo, falecido em 784. Pertenceu à família dos antigos reis merovíngios: servia sob Carlos Magno quando foi elevado ao episcopado. Evangelizou o país.

Festa de Santa Teokletó, taumaturga, século IX. Viveu sob o reinado de Teófilo, apelidado o *Inimigo de Cristo*, iconoclasta (829-842). Filha de Constantino e de Anastácia, Santa Teokletó era boníssima para com os pobres e grande ledora da Santa Escritura, cujos ensinamentos procurava pôr em prática. Foi casada com piedosíssimo homem: Zacarias. O corpo da Santa, depois de morta, permanecia intato à medida que os anos passavam.

Na abadia de São Pastor, na diocese de Rieti, na Itália, São Balduíno, ao qual São Bernardo confiou aquela nova fundação. Faleceu em 1140.

Em Alzira, perto de Valença, São Bernardo, cisterciense, e duas irmãs, Maria e Graça, mártires. Segundo a lenda, São Bernardo de Alzira foi um espanhol martirizado em 1180. Chamava-se Ahmed e era filho dum emir. Educado em Valença, o prín-

cipe enviou-o, para negociações, à Catalunha. De volta, passando pelo mosteiro de Pobleto, conquistado para Deus, fêz-se monge. Convertendo as irmãs, Zoraida e Zaide, Maria e Graça, respectivamente, todos foram levados a apostatar. Firmes na fé, pereceram: Bernardo, fixo a uma árvore por um longo cravo que lhe atravessou o crânio, da testa à nuca, e as irmãs pela espada. Os milagres valeram-lhes um ofício.

No *Forum Iulium*, os santos Donato, Rômulo, Silvano, Venusto e Hermógenes, mártires, em 303.

Em Roma, no campo Verano, Santa Ciríaca, viúva, que durante a perseguição de Valeriano, tendo se empregado ela, e tudo o que possuía, no serviço dos santos, deu também de bom coração a própria vida, sofrendo o martírio por Jesus Cristo. — Em Salona, Santo Anastácio, escrivão-chefe, a quem, a constância de Santo Agapito nos tormentos, tanto comoveu, que êle se converteu à fé; tendo em seguida confessado o nome de Jesus Cristo foi morto por ordem do imperador Aureliano, indo apresentar-se a Nosso Senhor, na qualidade de mártir. — Na Sardenha, festa dos santos Luxório, Ciselo e Camerino, mártires, que durante a perseguição de Diocleciano pereceram pela espada, sob o governador Délfio. — No mesmo dia os santos mártires Bonoso e Maximiano. — Em Fondi, São Paterno, mártir, que tendo vindo de Alexandria a Roma, para visitar o túmulo dos santos apóstolos, retirou-se ao território de Fondi, onde o tribuno, tendo-o feito prender quando êle enterrava os corpos de santos mártires, morreu nos ferros. — Em Edessa, na Síria, Santa Bassa, mártir

e os santos Teogônio, Agápio e Fidélis, seus filhos, que essa piedosa mãe, por suas exortações, fêz chegar à glória do martírio; ela teve em seguida também a felicidade de participar de sua vitória, pois foi decapitada durante a perseguição de Maximiano. — Em Verona, Santo Euprébio, bispo e confessor.

* * *

22.º DIA DE AGÔSTO

SANTO HIPÓLITO

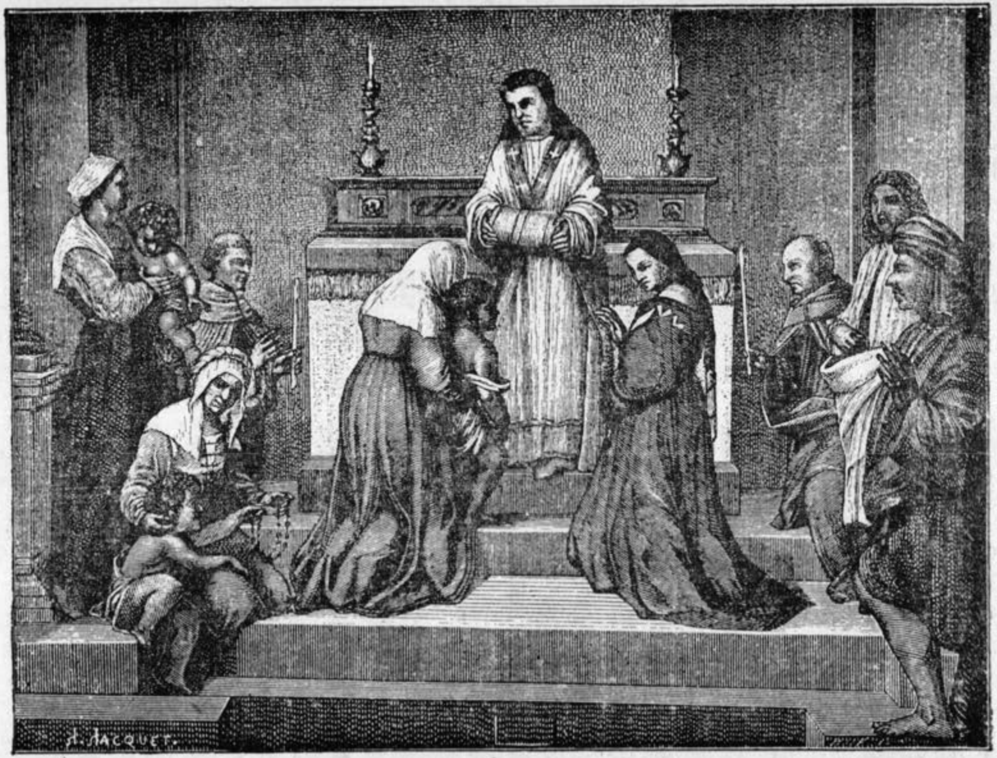
Bispo de Pôrto e seus companheiros, mártires.

Discípulo de São Policarpo, que também o foi do apóstolo São João, Santo Ireneu, teve por discípulo a Santo Hipólito, bispo, doutor da Igreja e mártir. Por muito tempo, ignoraram-se os detalhes de sua vida. Um douto crítico de Roma pôs fim a essa incerteza por sábias dissertações impressas em 1795, no Colégio da Propaganda. Santo Hipólito nasceu, segundo tôda a probabilidade em Alexandria, pelo ano 173, aí foi instruído nas letras, e aplicou-se especialmente à matemática. No ano 188 fêz uma peregrinação a Roma e, atraído pela fama de Santo Ireneu, foi a Lião para o ouvir. Voltando a Roma, incorporado ao clero daquela igreja principal, aí recebeu no ano 190 os três primeiros livros de Santo Ireneu contra as heresias e no ano seguinte os dois outros. No ano 235, por ordem do imperador Maximino, foi exilado para a Sardenha com o Papa Ponciano, que aí morreu. Em 247, fêz uma viagem a Alexandria, onde converteu, como no resto do Egito, grande número de infiéis, mesmo entre os sarracenos. De volta a Roma, em 251, foi feito primeiro bispo

de Pôrto, pelo Papa São Cornélio. Enfim, no ano 269, sofreu o martírio, com vários outros.

Padre da igreja romana, no mesmo tempo que Tertuliano, escreveu também grande número de obras contra os erros da época. Uma dessas obras, com o título dos outros, foi encontrada de maneira muito significativa. Em 1551, quando se cavava perto da igreja de São Lourenço, fora de Roma, no caminho de Tivoli, encontrou-se, nas ruínas de uma antiga igreja de Santo Hipólito, uma estátua de mármore, representando um homem sentado num trono, aos dois lados do qual estão gravados, em caracteres gregos, dois ciclos, cada um de dezesseis anos e que, repetidos sete vêzes, determinam por cento e doze anos, um as décimas-quartas luas de março e o outro os domingos da Páscoa. Ao lado de um dêstes ciclos, via-se uma lista de várias obras. Essa estátua está na Biblioteca do Vaticano. Todos os sábios nela reconhecem o bispo Santo Hipólito, que os antigos nos dizem, de fato, ter composto um ciclo pascal de dezesseis anos, bem como grande número de obras, entre aquelas cujos nomes se lêem nesse mármore. O santo notou que seu ciclo começa no primeiro ano do imperador Alexandre Severo, e que nesse ano, o têrmo pascal caiu a 13 de abril, um sábado, e que a Páscoa foi celebrada no dia 21, o que vem a indicar o ano 222. (1) Entre os escritos há uma carta, ou exortação, à imperatriz Severa, que se julga com razão, mulher de Filipe. Como essa carta, segundo um fragmento que Teodureto nos conservou, tratava do mistério da Encarnação e da ressurreição dos

(1) Pagi, ad an. 222.



Toque das relíquias de São Filipe Benito, segundo um afrêsco de Andrea del Sarto. (Século XVI).

mortos, confirma o que os antigos nos afirmam, que o imperador Filipe, com sua família, era cristão.

Encontrou-se, em parte, uma demonstração ou refutação de Santo Hipólito contra os judeus. Êle mostra-lhes que nada tinham de que se gloriar, como o faziam, por terem crucificado a Jesus Cristo, o Nazareno e de lhe terem dado a beber fel e vinagre, pois os castigos terríveis que os oprimiam desde aquêle tempo faziam ver bem que aquêle Jesus, que tinham feito morrer, era o Cristo anunciado pelos profetas, como Deus verdadeiro e coeterno ao Pai. (2)

Encontrou-se ainda, todo inteiro, no ano de 1661, seu livro do Anticristo, do qual vários padres fazem menção. A interpretação comparada que êle faz de Daniel e do Apocalipse sôbre a sucessão dos quatro grandes impérios, dos quais o último deve terminar por dez reinos, um dos quais abaterá três dêles e será o império do Anticristo, não causa menos admiração por sua justeza, do que por sua simplicidade. Só lhe faltava ter visto o império Anticristão de Maomé, para esclarecer completamente todo o conjunto. Notava ainda que o Anticristo devia vir como poder, quando o império romano fôsse dividido em dez reinos. Veio de fato dêsse modo, no ano 622, não ainda em pessoa, mas em Maomé, seu precursor. Santo Hipólito compôs seu livro depois de uma conversa sôbre essa matéria com um cristão chamado Teófilo. Emite suas opiniões com uma extrema desconfiança e insiste com o amigo que una suas orações às dêle, para obter de Deus que nada diga de si

(2) Op. S. Hipp., edit. Fabricii.

mesmo. Convida-o assim a comunicar seu livro a cristãos e a cristãos verdadeiramente piedosos. (3)

Numa homília sôbre o batismo do Salvador, Santo Hipólito conclui: "Vinde então, exclamarei para mim, vinde, tôdas as famílias das nações, vinde à imortalidade do batismo. Eu vos anuncio a vida, a vós, que estais ainda nas trevas da ignorância. Vinde da servidão à liberdade, da tirania à realeza, da corrupção à incorruptibilidade. E como iremos? Como? Pela água e pelo Espírito Santo. Essa água que comunicando com o Espírito desde a origem, rega o Paraíso, fecunda a terra, faz crescer as plantas e multiplicar-se os animais; essa água, enfim, na qual o homem regenerado toma uma nova vida, em que foi batizado Cristo e sôbre a qual o Espírito desceu em forma de pomba. Êsse Espírito que, desde a origem, era levado sôbre as águas, que move o mundo, que sustenta a criatura e vivifica tôdas as coisas, que operou nos profetas repousou sôbre Cristo. Êsse Espírito que foi dado aos apóstolos sob a forma de línguas de fogo. Procurava a Davi quando disse: Oh! Deus, criai em mim um coração puro e renovai em minhas entranhas o Espírito de retidão. Dêle Gabriel disse à Virgem: O Espírito Santo descerá sôbre vós e a virtude do Altíssimo vos cobrirá com sua sombra. Por êsse Espírito, Pedro pronunciou estas bem-aventuradas palavras: Vós sois Cristo, Filho de Deus vivo. Por êsse Espírito foi consolidada a pedra da Igreja. Êsse Espírito consolador foi mandado por tua causa, a fim de mostrar que tu és Filho de Deus. Aproxima-te então ó homem e regenera-te na adoção divina, pois aquêle que desce com

(3) **Ibid.**, t. I, p. 4-33.

fé ao banho da regeneração renuncia ao mal e se consagra a Cristo; abjura o inimigo e confessa que o Cristo é Deus; despoja-se da servidão e se reveste da adoção. Sai do batismo, resplandecente como o sol, com raios da justiça. Mas o que é ainda maior, sai filho de Deus e co-herdeiro do Cristo. A êle a glória e o poder com seu Espírito muito santo, muito bom e vivificante, agora e sempre e por todos os séculos dos séculos, Amém." (4)

Temos ainda, de Santo Hipólito, uma notícia sôbre os lugares onde pregaram os doze apóstolos e onde terminaram a vida. Êle diz, formalmente, que São Pedro foi crucificado em Roma, por Nero, de cabeça para baixo, como tinha pedido. O que diz de São Tomás é particularmente notável. Eis suas palavras: "Depois de ter pregado aos partos, aos medas, aos persas, aos nircânios, aos batrianos, aos margos, foi atravessado por uma lança de pinho, em quatro partes do corpo, em Calamina, que é uma cidade da Índia e aí está sepultado. (5)

Quanto ao martírio do santo Bispo de Pôrto e de seus companheiros eis de que maneira teve lugar, segundo as notas que se encontram pelos fins do século décimo-oitavo:

Nos tempos de Cláudio, sob o govêrno do vigário Úlpio Rômulo, uma grande perseguição irrompeu contra os cristãos. Ora, havia na côrte do imperador o mestre dos ofícios, Censorino, cristão secretamente, que se entregava todos os dias à oração, ao jejum e à esmola. Acompanhava o imperador todos

---

(4) **Op. S. Hipp. edit. Fabricii**, t. I, p. 261-264.

(5) **Ibid., Appendic.** t. I, p. 30 e **Act. MM. ad Ost. Tiber.** p. 246.

os dias; mas quando via os cristãos arrastados à morte ou à prisão, encorajava-os sem que se percebesse, dando-lhes o com que viver e servindo-os na prisão e no cárcere. Cláudio veio a sabê-lo e o mandou prender, dizendo-lhe, encolerizado: Como! Eis o que fazeis, fiel adorador dos deuses, que tendes a honra de falar sempre à nossa majestade? Censorino respondeu: confesso que o Senhor Jesus Cristo é verdadeiro Deus, que foi crucificado e sepultado; que ressuscitou à vista dos soldados que o tinham crucificado e que subiu ao céu à vista dos discípulos. Nos nossos dias dignou-se descer do Pai ao seio de uma Virgem, sem deixar o céu. — Mas tu és louco, respondeu Flávio, encolerizado; e, imediatamente, o mandou levar à prisão de Óstia.

Na mesma cidade estava exilada uma virgem de família senatorial e mesmo imperial: Crísia era seu nome. Depois de ter sofrido muitas perseguições, morava numa pequena propriedade com homens religiosos e virgens. Dia e noite vinha à prisão, levava a Censorino alimento, lavava-lhe com suas mãos as cadeias, os olhos e o rosto. O padre Máximo e o diácono Arquelau ofereciam todos os dias sacrifícios a Deus, com hinos e cânticos. Máximo operava tão grandes maravilhas, em nome de Jesus Cristo, que quando chegava perto do bem-aventurado Censorino, os ferros lhe caíam das mãos e dos pés. Máximo então disse aos guardas: Meus irmãos, deixai os demônios e os prazeres que passam e aprendei a conhecer nosso Senhor Jesus Cristo, o rei eterno que foi e que é antes de todos os séculos, que virá julgar os vivos e os mortos e o mundo inteiro pelo fogo. Pois êsse mundo passará, assim como o céu e a terra,

mas Nosso Senhor Jesus Cristo permanecerá sempre o mesmo. Os guardas responderam: E que faremos por aquêle a quem pregais, que conhecemos por vossas palavras e pelos milagres que fazeis em seu nome, quando as cadeias se quebram às vossas preces? Máximo disse-lhes: Recebei o batismo, crêde no Filho de Deus, abandonai os ídolos vãos e arrependei-vos de ter blasfemado seu nome e atormentado seus santos. Êles atiraram-se aos seus pés em número de dezesseis com o tribuno Teodoro e pediram o batismo. Depois da conveniente preparação Máximo batizou-os todos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e os revestiu das vestes brancas confeccionadas por Santa Crísia ou Áurea. O bispo Ciríaco chegou e deu-lhes a confirmação.

Não longe, um sapateiro lamentava-se de ter perdido o filho. O padre Máximo acompanhado pelo bispo e pelos dezessete soldados, disse-lhe: Crede no Senhor Jesus Cristo, na presença de todos nós, e vivereis, e reconquistareis vosso filho. — Mas em quem acreditarei, exclamou o sapateiro, com lágrimas, se não naquele que blasfemei desde minha infância até agora? — Deveis arrepender-vos do que fizestes, disse-lhe Máximo: pois nosso Deus é o Deus dos arrependidos; não nos paga segundo nossos pecados, mas segundo sua misericórdia. — O sapateiro recebeu o batismo, e todos os santos puseram-se em oração; o menino ressuscitou, dizendo: Vi o Senhor Jesus Cristo trazendo-me das trevas para a luz. Foi batizado, teve por madrinha Santa Áurea que lhe deu o nome de Faustino: tinha, mais ou menos, doze anos.

O imperador Cláudio, tendo sabido o que se passara, ficou tomado de estranha cólera e deu ordem

a Úlpio Rômulo, vigário do prefeito de Roma, que fôsse a Óstia e obrigasse Crísia, pelos tormentos, a voltar ao culto dos deuses. Sofreu ela corajosamente o cavalete, os azorragues e os fachos acesos, aplicados nas partes mais sensíveis do corpo. Foi levada de novo à prisão, semiqueimada. Os outros santos confessaram a Jesus Cristo com a mesma constância. O diácono Arquelau, por primeiro, teve a cabeça cortada; depois, os dezessete soldados e também o tribuno Teodoro; por fim o padre Máximo e o bispo Ciríaco: seus corpos foram atirados ao mar, mas o padre Eusébio os recolheu e enterrou nas vizinhanças: o do padre e o do bispo, a oito de agôsto.

Alguns dias depois, Santa Crísia sofreu novo interrogatório, foi batida com chicotes, com chumbo na ponta, e por fim, atirada ao mar com uma grande pedra no pescoço. Seu corpo foi levado à praia e Santo Hipólito, cognominado o Nono ou Nonagenário, pela extrema velhice, enterrou-a, a 14 de agôsto, no lugar onde ela morava, quando vivia.

Sabiniano, intendente da santa mártir, intimado por Úlpio a entregar os tesouros da santa senhora e a adorar os ídolos, respondeu que os tesouros de sua senhora tinham sido distribuídos aos pobres e, quanto aos ídolos, jamais dobraria os joelhos diante dêles. Úlpio mandou dar-lhe pancadas na cabeça com lâminas de chumbo. O velho Hipólito chegou e disse em voz alta: Infeliz! Se reconhecêsseis Cristo, Filho de Deus, não atormentaríeis assim a cabeça dêsses santos, para os submeter a vossos ídolos vãos; mas, vos submeteríeis também ao criador do universo e a seus servos, e não adoraríeis pedras mudas e inanimadas. Úlpio ficou tão irritado com tais palavras, que orde-

nou que arrancassem os pés e as mãos do santo velho e o atirassem num abismo profundo, onde morreu no Senhor, a 22 de agôsto. Sabiniano teve seu martírio a 22 do mesmo mês.

Essas são, em resumo, as atas dos mártires de Óstia, sob o imperador Cláudio II, atas cujo texto grego foi encontrado na biblioteca de Turim e publicado com sábias dissertações em Roma, em 1795, na tipografia da Propaganda. (6)

* * *

(6) **Acta MM. ad Ost. Tiber.** Romae, 1795.

SÃO SINFORIANO (*)

Mártir

Século II ou III

Nos tempos da perseguição de Aureliano, vivia em Autun um jovem chamado Sinforiano. Era filho de Fausto, um nobre, que lhe deu cuidadosa educação.

Autun, naquela época, era quase que totalmente pagã, e Cibele era a deusa mais honrada, a qual davam o nome de Berecinta.



Estátua de Cibele, de acôrdo com um bronze romano.

Um dia, Sinforiano, que era cristão, encontrou-se com uma multidão que levava, em processão, a estátua daquela deusa. Rindo de tamanha estultícia — levar

tão solenemente um ídolo com tamanha circunspecção — foi prêso e encaminhado imediatamente ao cônsul Heráclio.

No tribunal, Heráclio perguntou-lhe o nome e a condição.

Sinforiano respondeu:

— Eu sou cristão e me chamo Sinforiano.

— Tu és cristão? Então andavas escondido, porque por aqui não se vê quase ninguém dessa religião. Por que não queres adorar a mãe dos deuses?

Sinforiano respondeu:

— Porque sou cristão, já te disse. Adoro o verdadeiro Deus que reina nos céus. E não sòmente não adoro a estátua do demônio, mas, se tu o permitires, quebrá-la-ei a marteladas.

— Êste homem, voltou Heráclio a usar da palavra, êste homem não só é sacrílego, mas rebelde. É desta cidade?

Um oficial, solìcitamente, elucidou o cônsul:

— Sim, é daqui, e de nobre família.

Heráclio, de novo, para Sinforiano:

— Tu ignoras, porventura, as ordens dos nossos príncipes? Leiamo-las.

Um oficial leu os decretos contra os cristãos. Finda a leitura, Heráclio perguntou:

— Que me dizes sôbre isto, Sinforiano? Podemos nós repelir tais decretos? Tu não podes negar que és culpado de dois crimes: o de sacrilégio para com os deuses e o desprêzo pelas leis. E, se não te submeteres, é a morte.

Sinforiano, em tôda a sua pujante juventude, calma e pausadamente, respondeu:

— Sempre considerei aquela imagem como parte do demônio...

Sem esperança de persuadir o moço filho de Fausto, Heráclio ordenou que o surrassem, depois do que atirassem com êle no cárcere.

Tempos depois, houve novo interrogatório. E Heráclio encontrou em Sinforiano a mesma disposição, firme e inquebrantável.

— Eu temo a Deus todo-poderoso que me criou, disse o jovem. Não sirvo senão a Êle. Por enquanto, tu tens poder sôbre o meu corpo, mas sôbre minha alma jamais o terás.

Condenado a morrer pela espada, foi conduzido para fora dos limites da cidade.

Do alto dos muros, bradando para o filho, a mãe dizia:

— Meu filho, meu filho Sinforiano, lembra-te do Deus vivo. Renova tua constância. Não podemos temer a morte, a morte que nos leva para a vida. Alevanta o teu coração, meu filho, e olha para Aquêle que reina nos céus. Hoje, a vida não te será levada, apenas será transformada noutra melhor. Hoje, meu filho, por feliz metamorfose, tu passarás desta para a vida celeste.

Decapitado, alguns cristãos tomaram-lhe o corpo e sepultaram, não muito longe do lugar do martírio, ao pé duma fonte cantarolante.

No mesmo dia, em Wearmouth, São Sigfrido, abade, falecido em 690. São Bento Biscop, falecido também em 690, fundou dois mosteiros na Inglaterra,

ambos célebres, o de São Pedro, em Wearmouth, e o de São Paulo, em Jarrow. São Sigfrido foi abade do primeiro dêles. Era muito versado nas Santas Escrituras, modêlo de tôdas as virtudes, "muito doce".

Em Bagnorea, na província de Roma, Santo Aldrovando, desaparecido em 869.

Em Fiesole, Santo André, o Escocês, arcediago, que restaurou, graças à caridade pública, a igreja de São Martinho, arrazada pelos húngaros. A irmã, transportada miraculosamente ao seu leito de morte, "adoçou-lhe os últimos momentos". Em 1285, apareceu diversas vêzes para protestar contra o sepultamento, junto de sua tumba, duma pecadora.

Na diocese de Belley, o bem-aventurado Lambert, abade cisterciense, falecido em 1157.

Em York, os bem-aventurados Guilherme Lacey e Ricardo Kirkman, mártires, em 1582.

Em Worcester, na Inglaterra, o bem-aventurado João Wall, franciscano, mártir, em 1679.

Em Hereford, Inglaterra, o bem-aventurado João Kemble, mártir, em 1679.

Festa do Coração Imaculado da Bem-aventurada Virgem Maria, o qual Coração é símbolo de santidade, de amor de Deus e Jesus Cristo, de bondade para com os homens salvos pelo divino Sacrifício. Pio VII, em 1805 instituiu uma festa do Coração puríssimo de Maria, para as dioceses e os institutos religiosos que a desejavam celebrar, no domingo depois da oitava da Assunção. Pio IX conferiu-lhe ofício e missa próprios. Pio XII, em plena II Guerra Mundial, a 31 de outubro de 1942, consagrou o mundo inteiro ao Coração Imaculado de Maria. O mesmo

grande papa, a 4 de maio de 1944, estendeu à Igreja universal a festa do Coração Imaculado de Maria com ofício e missa próprios, a 22 de agôsto — dia da oitava Assunção — sob rito duplo de segunda classe.

A oitava da Assunção da bem-aventurada Virgem Maria. — Em Roma, no caminho de Óstia, festa de São Timóteo, mártir, que Tarqüínio, prefeito da cidade, mandou prender e que reteve por muito tempo no cárcere: êsse santo, recusando-se a sacrificar aos ídolos, foi rudemente chicoteado por três vêzes; depois de ter sofrido outros cruéis suplícios, teve por fim, a cabeça cortada. — Em Roma, Santo Antonino, mártir, que declarando-se cristão, foi condenado à morte pelo juiz Vitélio, e enterrado na via Aurélia. — Em Pôrto, ainda, os santos mártires Marçal, Saturnino, Epicteto, Maprílio, Félix e seus companheiros. — Em Nicomédia, os santos Agatonico, Zótico e vários outros, martirizados sob o imperador Maximiano e o governador Eutórmio. — Em Tarso, Santo Atanásio, bispo e mártir; Santa Antusa, mulher ilustre que êle tinha batizado e dois escravos seus, todos mortos sob o imperador Valeriano. — Em Roma, São Mauro e seus companheiros, mártires. — Na Espanha, os santos mártires Fabriciano e Felisberto. — Em Pavia, São Guniforte, mártir.

* * *

23.º DIA DE AGÔSTO

SÃO FILIPE BENÍCIO,

Da Ordem dos Servitas

Filipe Benício ou Benizi teve por pátria Florença e era oriundo da nobre família dos Benizi, estabelecida naquela cidade. Seus pais, de grande piedade, tiveram grande cuidado na educação de seu filho. A graça secundou-lhe a intenção e o jovem Filipe, depois de ter preservado sua alma da corrupção do mundo, estabeleceu-se sòlidamente no temor de Deus.

Depois de terminado o curso de humanidades em sua pátria, veio a Paris, estudar medicina; por um motivo de caridade, quis dedicar-se a essa ciência. Galieno, pagão como era, desvendando-lhe os efeitos maravilhosos da natureza, levava-o contìnuamente a se elevar a Deus, que lhes é o autor, a bendizê-lo e a adorá-lo. De Paris, seus pais fizeram-no ir a Pádua; aí êle continuou os mesmos estudos e obteve o grau de doutor. Voltando a Florença, tomou algum tempo para deliberar sôbre o gênero de vida que devia abraçar e rogou ao céu com fervor que lhe desse a conhecer o caminho que devia seguir para cumprir perfeitamente a vontade divina.

Havia quinze anos que a Ordem dos Servos de Maria, também chamada Servitas, tinha sido fundada. O superior, Bonfílio Monaldi, a rôgo de algumas pessoas piedosas, fundou perto de uma das portas de Florença um pequeno convento com uma capela dedicada a Nossa Senhora, sob o título de Anunciação. Filipe Benício entrou nessa capela para ouvir a Santa Missa, na quinta-feira da semana da Páscoa; ficou singularmente impressionado à leitura dessas palavras da epístola, dirigidas pelo Espírito Santo ao diácono Filipe: avançai e aproximai-vos dêsse carro. Como tinha o nome de Filipe, aplicou a si mesmo o texto da Escritura e julgou que era um convite que lhe fazia o Espírito Santo, de se pôr sob a proteção da Mãe de Deus na nova ordem. Na noite seguinte teve um sonho misterioso, onde imaginava estar num vasto deserto, cheio de precipícios, de rochedos, de espinhos, de emboscadas e de serpentes venenosas, de sorte que não via um meio de escapar a tantos perigos. Na dúvida, no temor e na consternação em que se encontrava, pareceu-lhe ver a Santa Virgem que o convidava a entrar na nova ordem, como num lugar de refúgio. No dia seguinte, pela manhã, refletiu sèriamente no que tinha acontecido. Reconheceu sem dificuldade que aquêle deserto era o mundo e que era preciso extrema vigilância e uma graça extraordinária para se lhe evitarem os escolhos. Persuadiu-se, então, de que Deus o chamava para a Ordem dos Servitas e lhe oferecia a proteção da Santa Virgem, como num asilo seguro.

Êle foi encontrar-se com o bem-aventurado padre Bonfílio que lhe deu o hábito na pequena capela onde tinha ouvido a missa. Pediu, por humildade, para ser

recebido como irmão leigo. Tendo feito a profissão a 8 de setembro de 1233, foi mandado por seu superior ao monte Senário, para aí se ocupar nos diversos trabalhos da lavoura. Ofereceu-os a Deus em espírito de penitência e conseguiu o recolhimento mais perfeito. Quando estava livre, encerrava-se numa pequena gruta, situada atrás da Igreja para ali passar as horas na oração. As delícias celestes que experimentava muitas vêzes faziam-no esquecer-se do cuidado do próprio corpo. Escondia com cuidado o saber e os talentos, que no entretanto, por fim, foram descobertos. Os que conversavam com êle admiravam-lhe a prudência, tôda celeste e a luz com a qual falava de coisas espirituais. Estando no convento que tinha sido há pouco fundado em Siena, teve de explicar certos pontos controvertidos, na presença de várias pessoas muito ilustres; fê-lo com tanta habilidade, que os que o escutaram ficaram surpresos de admiração. Induziram, então, os superiores a tirar aquela luz de debaixo do alqueire e a colocá-la no candelabro. Êstes obtiveram uma dispensa do papa para o fazer receber as ordens sagradas; mas êle só consentiu nessa mudança de estado, por obediência. Pouco tempo depois, fizeram-no definidor e assistente do geral e em 1267 êle tornou-se geral.

Depois da morte do papa Clemente IV os cardeais, reunidos em Viterbo, lançaram os olhos sôbre êle, para o elevar ao papado. Quando ficou inteirado de suas intenções, fugiu para as montanhas, com um religioso de sua ordem e lá ficou escondido, até à eleição de Gregório X. Seu retiro foi-lhe tanto mais agradável quanto lhe deu ocasião de duplicar suas austeridades e de se entregar inteiramente à

contemplação. Vivia sòmente de ervas sêcas e bebia sòmente água de uma fonte, que hoje é conhecida pelo nome de Banho de São Filipe e situada numa montanha chamada Montagnat.

Deixou o deserto cheio de novo zêlo para acender nos corações o fogo do amor divino. Tendo pregado em vários lugares da Itália, nomeou um vigário para governar a ordem no seu lugar; depois, partiu com dois religiosos, para pregar uma missão que devia ter grande resultado. Pregou com enorme sucesso em Avinhão, em Tolosa, em Paris, e em outras grandes cidades da França; Flandres, a Erísia, a Saxônia e a alta Alemanha, foram também teatro de seu zêlo. Depois de dois anos de ausência êle voltou, em 1274 a reunir em Borgo, o capítulo geral da Ordem. Quis demitir-se do cargo, mas não lhe concederam o que pedia; foi, ao contrário, confirmado no generalato, por tôda a vida. No mesmo ano foi ao segundo concílio geral de Lião, ao qual o papa São Gregório X presidia em pessoa, para ali solicitar a confirmação de sua Ordem, o que obteve. Anunciava a palavra de Deus em todos os lugares por onde passava. Tinha recebido do céu um talento extraordinário para a conversão dos pecadores, daqueles sobretudo que estavam separados pelo ódio.

A Itália era então perturbada por discórdias intestinas e principalmente pelos partidos políticos dos guelfos e dos gibelinos. Tinha-se muitas vêzes tentado, com êxito, remediar a êsses males; mas isso só se conseguira com relação a algumas pessoas. O fogo da discórdia tinha-se acendido na maior parte dos espíritos com mais violência que nunca. Filipe acalmou a animosidade das facções, prestes a se en-

galfinharem, em Pistóia, e em vários outros lugares. Restaurou também a paz em Forli, não, porém, sem grandes riscos. Os sediciosos insultaram-no e o agrediram nos diversos quarteirões da cidade. Seu furor, entretanto, deixou-se abater, no fim, pela doçura e pela paciência invencíveis do santo. (1)

Peregrino Laziozi, filho único de uma antiga e nobre família foi um dos mais ardentes: êle tinha mesmo maltratado Filipe dando-lhe até uma bofetada. Mas ficou tão comovido com sua doçura e paciência que veio lançar-se a seus pés banhado em lágrimas para lhe pedir perdão e solicitar o socorro de suas orações. Entrou na Ordem dos Servitas, em Siena e tornou-se um modêlo perfeito de penitência.

Quanto a São Filipe Benício, advertido pelo enfraquecimento da saúde de que a morte estava próxima, começou a visitar os conventos da ordem. Tendo chegado em Todi, a antiga Tudertum, foi prostrar-se ante o altar da Virgem onde rezou com grande fervor, dizendo: Aqui é o lugar do meu descanso para sempre. No dia seguinte, fêz um discurso muito comovente sôbre a glória dos bem-aventurados. Todos souberam do perigo iminente que sua vida corria, por uma febre ardente que o assaltou no dia da Assunção da Santa Virgem. Durante o tempo da enfermidade, mostrou os mais vivos sentimentos de compunção. No dia da oitava da festa, tendo entrado em agonia, mandou buscar seu — *livro*. Assim costumava chamar o Crucifixo. Êle morreu contem-

(1) **Acta SS.**, e Godescard, 23 agôst.

plando afetuosamente a imagem do Salvador, estendido na cruz. Clemente X canonizou-o em 1671; mas a bula de sua canonização foi publicada sòmente em 1724, por Bento XIII. Sua festa foi transferida para 23 de agôsto, porque 22, que foi o dia de sua morte, estava ocupado pela oitava da Assunção. (2)

* * *

(2) **Ibid.** e Godescard, 23 de agôsto.

SÃO SIDÔNIO APOLINÁRIO

Bispo de Clermont, na Alvérnia

No fim do século V o império do Ocidente sucumbia em tôda a parte. Na Espanha, os suevos e os visigodos faziam diminuir cada vez mais o poder romano, até que o afastaram de todo, no ano 477. Nas Gálias, os visigodos, senhores do sul, os borguinhões, do leste, os francos, do norte, observavam-se e faziam-se habitualmente a guerra. Entretanto, o país tinha grandes e santos bispos. Conquistou porém, mais um em 472. Foi Sidônio Apolinário, genro do imperador Avito, elevado à dignidade de conde, pelo imperador Majoriano nomeado prefeito de Roma, chefe do senado e patrício pelo imperador Antêmio e dos mais honrados de Roma, como poeta, com estátua coroada de louros. Tendo voltado, em 472, à Alvérnia, sua pátria, foi, embora leigo, eleito bispo de Clermont, no lugar de Santo Eparco, que acabava de morrer.

São Lupo, de Troie, vivia ainda em adiantada velhice e numa estima ainda maior. Sua idade, que lhe tornava a virtude mais venerável, nada tinha diminuído da vivacidade de seu zêlo, nem da beleza de seu espírito. A carta que escreveu a Sidônio, quando soube de sua eleição para o episcopado, é uma prova

disso. Está concebida nestes têrmos: Lupo, ao senhor papa Sidônio. Eu dou graças a Nosso Senhor Jesus Cristo pelo Espírito Santo, porque, para sustentar e consolar a Igreja, sua espôsa bem-amada, no meio das tribulações que a afligem de todos os lados, vos chamou ao episcopado, a fim de que sejais uma lâmpada em Israel e, como cumpristes com soberano louvor as dignidades ambiciosas da milícia mundana, percorrais com alegria, ajudando-o Cristo, as funções difíceis e os misteres da milícia celeste, e tendo pôsto a mão ao arado, não olheis para trás, como os agricultores preguiçosos. Por vossas gloriosas alianças, tocastes de perto os vértices imperiais, ocupastes com honras e aplausos, esplêndidas prefeituras e tudo o



Avitus, imperador romano.

que a série inquieta dos desejos pode imaginar de mais feliz no século. A ordem está mudada; alcançastes o vértice na casa do Senhor, a qual não reclama o brilho exuberante do fasto mundano, mas um profundo abaixamento do espírito e a humilde abjeção de um coração temerato. Outrora, ao brilho do nascimento procuráveis acrescentar honras mais brilhantes ainda; não pensáveis que basta ao homem ser igual aos outros, se não sobrepujar os semelhantes; chegastes a um estado em que, embora superior, não vos deveis julgar superior a ninguém; onde, pondo-vos abaixo do último de vossos inferiores, sereis tanto mias honrado quanto a humildade de Cristo servir-vos-

á de defesa e beijareis os pés daqueles sôbre cujas cabeças não vos dignáveis outrora colocar os vossos. O trabalho que agora vos incumbe é vos torneis servo de todos, vós que parecíeis de todos, o senhor, e vos curveis diante dos outros, vós que os calcáveis aos pés; não que fôsseis soberbo, mas pela majestade, para não dizer pela vaidade de vossas dignidades precedentes, estáveis obrigado a os sobrepujar tanto mais quanto sois obrigado agora a ficar atrás. Voltai, portanto, o espírito para as coisas divinas, vós que tanto poder tivestes nas coisas humanas. Que os povos recolham de vossa bôca os espinhos da coroa de Cristo, êles que recolhiam antes, as rosas de uma pompa mundana, que, de agora em diante, recebem do Pontífice as palavras da disciplina celeste êles que recebiam do comandante as regras da disciplina civil. Eu que tanto vos amei quando seguíeis a aridez do século, em que medida pensais que vos amo agora que seguis a abundância do céu? O tempo de minha decomposição está próximo, mas não me julgarei morrer, se, embora morto, viver em vós e vos deixar na Igreja. Eu me regozijo de ser despojado depois que revestistes a Igreja e a Igreja vos revestiu como seu ornamento. Coragem, velho amigo, mas jovem irmão. O último título suprime os antigos; não me quero mais lembrar da amizade passada, quando a dignidade nova torna a caridade mais firme e mais íntima. Oh! Se Deus quisesse poder-vos eu abraçar! Mas o que não posso corporalmente, faço-o em espírito e na presença de Cristo; não mais venero e beijo o prefeito da república, mas o da Igreja, meu filho pela idade, meu irmão pela dignidade, meu pai por seus méritos. Rogai por mim, a fim de que, consu-

mido no Senhor, eu consume a obra que êle me impôs e cumpra enfim nêle os tempos que restam, eu, ai, que o tenho cumulado tanto, com o que não devia. Mas há misericórdia no Senhor. Lembrai-vos de mim. (1)

Sidônio respondeu a São Lupo em têrmos que indicam o respeito de que estava penetrado por seus méritos: Benditos sejam, diz êle, o Espírito Santo e o Pai do Cristo, Deus onipotente, de que vós, que sois o pai dos pais, o bispo dos bispos, dignais-vos lançar os olhos sôbre todos os membros da Igreja, de que vossa caridade vos faz a sentinela. Sois capaz de consolar todos os enfermos e mereceis que todos vos consultem. Sidônio acrescenta que São Lupo é, sem contestação, o primeiro de todos os bispos do mundo: que é a regra dos costumes e a coluna das virtudes; que todos seus colegas no episcopado respeitam e temem sua censura; que os mais velhos são como crianças em comparação a êle, que já tinha passado nove lustros, isto é, quarenta e cinco anos na Cátedra dos Apóstolos.

O retrato que a humildade de Sidônio fá-lo traçar de si mesmo, revela o que acaba de fazer de São Lupo. Eu sou, diz-lhe êle, o mais indigno dos mortais; pois me vejo obrigado a pregar aos outros o que não tenho a coragem de praticar. Condeno-me por minhas próprias palavras e não fazendo o que peço, dito todos os dias contra mim minha sentença. Mas intercedei por mim a Jesus Cristo, como outro Moisés; menos idoso que êle, não sois menos grande. Rogai ao Senhor que me apague no coração o ardor das paixões, a fim de que não leve mais ao altar um fogo estranho e profano. Sidônio não se esgotava

(1) Apud d'Acheri Spicileg. t. V.

nos louvores de São Lupo. Repete ainda, em outra carta, que sem contestação, êle é o maior bispo das Gálias. (2)

São Lupo merecia êsse elogio, tanto por seus talentos e suas virtudes, como por sua antiguidade no episcopado. Tinha um gôsto certo pelas obras do espírito e os outros não temiam menos sua censura que os pecadores. Era, sobretudo, versado nas letras sagradas. O conde Arbogasto, depois bispo de Chartres, que sabia tão bem manejar a pena como a espada, tendo-se dirigido a Sidônio para algumas explicações da Sagrada Escritura, encaminhou-o o sábio bispo a São Lupo, de Troyes e a Santo Auspício, de Toul.

São Lupo teve a consolação de ver, antes da morte, que aconteceu no ano 479, que Sidônio realizava perfeitamente as grandes esperanças concebidas de seu episcopado. Sidônio tinha, de fato, tôdas as qualidades que fazem um homem grande, com todos os talentos e tôdas as virtudes que fazem um grande santo e um santo bispo. Admirava-se-lhe a erudição e o espírito, amava-se-lhe a bondade, tinha-se confiança em sua prudência, respeitava-se-lhe a origem ilustre, que, unida à dignidade, lhe dava maior autoridade; mas era raramente obrigado a mandar: sua eloqüência persuadia assaz. Uma insigne piedade realçava todos êsses talentos pelo santo uso que dêles fazia. Sidônio distinguiu-se, sobretudo, por uma terna compaixão pelos pobres. Ainda leigo dava muitas vêzes aos pobres vasos de prata de sua baixela, a fim de que sua mulher, vindo a sabê-lo, os resgatasse e lhes pagasse o preço. Êle fêz particularmente brilhar sua

(2) Sid., l. VI, Epist, 1.

liberalidade numa carestia que afligiu o reino dos borguinhões, devastado pelos visigodos.

A caridade pelos infelizes era como hereditária nessa ilustre família. Ecdício, um dos mais valentes generais de seu tempo e genro de Sidônio, por ter desposado, como êle, uma filha do imperador Avito, levou ainda além, o heroísmo dessa virtude, na mesma calamidade. Não contente de receber e alimentar todos os mendigos que se apresentavam, mandou seus servos com cavalos e carros pelas cidades e aldeias, com ordem de trazer todos os pobres que pudessem encontrar. Reuniu, assim, mais de quatro mil, que alimentou durante todo o tempo da carestia e, quando a abundância voltou, mandou-os levar aos lugares de onde os tinha trazido. O Senhor não se deixou vencer em liberalidade e o que Ecdício lhe tinha dado na pessoa dos pobres, lhe restituiu cem por um, cumulando-o, a êle e à família, das bênçãos mais abundantes. Dar aos pobres é emprestar, com juros, a Deus. (3)

São Paciente, então bispo de Lião, não se distinguiu menos por sua generosa caridade em aliviar os indigentes naqueles tempos de miséria. Estendeu as esmolas às províncias mais afastadas e mandou levar grande quantidade de trigo, pelo Saône e pelo Ródano, para a subsistência dos pobres. Mandou a Arles, a Riez, a Avinhão, a Orange, a Viviers, a Valência e a Trois Chateaux. Fêz mesmo passar à Alvérnia, e São Sidônio testemunhou-lhe o reconhecimento com uma carta que lhe escreveu a respeito. Outros, diz êle, farão consistir a felicidade

(3) Longueval, **Hist. de l'Église gal.**, l. IV Greg de Tours l. II, c. XXIV.

em outras coisas; quanto a mim, julgo que o homem mais feliz é aquêle que vive para a felicidade de outrem e que, tendo compaixão das calamidades dos fiéis, faz sôbre a terra obras do céu. É de vós que falo, mui feliz pontífice. Não vos contentais de aliviar as misérias que conheceis; vossa caridade engenhosa os vai procurar nos extremos da Gália. Enxugais muitas vêzes as lágrimas daqueles cujos olhos não vistes. Diz, depois, que passa em silêncio a sobriedade de São Paciente, seu zêlo pela conversão dos Borguinhões arianos e sua magnificência em construir igrejas, porque tais virtudes podem ser-lhe comuns, com os outros bispos; que, o que lhe é próprio é ter mandado a tôda a Gália e mesmo à Itália, socorros para aliviar a miséria pública. Atribui essa carestia às devastações dos visigodos, que tinham queimado as messes. (4)

De fato, a causa principal de tais calamidades foi a ambição de Eurico ou Evarico, rei dos visigodos de Tolosa, que o levou a tentar a conquista do resto das Gálias, a que a decadência do império romano parecia convidar. Evarico tinha matado seu irmão Teodorico para reinar em seu lugar, como, com o mesmo fim, Teodorico tinha matado seu irmão Torismundo. Já havia acrescentado a seus antigos Estados Narbona e uma grande parte da Provença e de Touraine. Quis acrescentar-lhes ainda a Alvérnia, e levou a guerra até lá. Mas Ecdício, animado por seu genro Sidônio, defendeu generosamente a pátria. Tendo reunidos tropas às suas custas, bateu várias vêzes os bárbaros e, num combate, derrotou vários milhares dêles, com apenas dezoito de seus mais bra-

(4) Sid., 1. VI, Epist. 12.

vos cavaleiros. Os habitantes da cidade da Alvérnia animados pelo bispo e pelo general, lutaram com tanta coragem contra os assaltantes detendo os seus assaltos e os rigores de um cêrco, durante o inverno, que obrigaram Evarico a levantá-lo. (5)

Êsse príncipe ariano fazia ainda as maiores devastações na Igreja. Apaixonado por sua seita, atribuía a prosperidade de suas armas a êsse pretenso zêlo e fazia um ponto de religião, perseguir os católicos dos seus Estados. Para fazer os povos perder a fé, mais fàcilmente, começou por os privar de seus pastôres. Exilava os bispos ou os fazia cruelmente morrer por qualquer pretexto e proibia que se sagrassem outros, no lugar dos que tinham morrido. Bordéus, Perigueux, Rodez, Limoges, Mende, Eauze, Bazas, Comminges, Auch e várias outras cidades estavam sem bispos. As igrejas caíam em ruínas; tinham-lhes até mesmo arrancado as portas e obstruído com espinheiros as portas de outras. Os animais dormiam nos vestíbulos dos lugares santos e iam às vêzes pastar na erva que crescia nos altares abandonados. Não era sòmente nas igrejas do campo que se via essa solidão; as das cidades também não eram mais freqüentadas. Assim a fé enfraquecia-se cada vez mais e o arianismo estabelecia-se no meio das Gálias, sôbre as ruínas da catolicidade.

Sidônio faz-nos a triste descrição dêsses males dos quais êle mesmo foi testemunha. Gregório de Tours acrescenta que Evarico fêz morrer nos tormentos vários dos que recusaram abraçar sua impiedade. Põem-se no número dêsses mártires, os santos bispos,

---

(5) Ibid., 1. III, Epist. 3; 1. VII, Epist. 7.

Valério de Antibes, Graciano de Toulon, Deuterio de Nice e Leôncio de Fréjus. (6)

Durante a perseguição de Evarico, Euládio, Bispo de Bourges, veio a morrer antes que aquela cidade fôsse dominada pelos visigodos. Depois de sua morte, houve grandes litígios e fortes partidos para a eleição do sucessor. Os cidadãos, divididos, chamaram Sidônio, primeiro sufragâneo dessa metrópole; e como não se podiam pôr de acôrdo, entre si, combinaram fazê-lo único árbitro da eleição, e fizeram por escrito um compromisso de aceitar sua escolha.

Os outros bispos da província não se puderam dirigir a Bourges ou porque estavam sob a dominação de Evarico ou porque de fato a maior parte das cidades estava sem bispos. São Sidônio, para suprir a isso, convidou os bispos das outras províncias a se dirigirem a Bourges, para assistir à eleição. Escreveu a êsse respeito a Agrécio, de Sens e a Santo Eufrônio, de Autun.

Comunica a Agrécio que encontrara a cidade cheia de brigas; que vários se apresentaram ousadamente para serem eleitos; que tudo era falso e dissimulado, exceto a impudência a qual se mostrava abertamente, que vários pretendentes levavam a ousadia até oferecer dinheiro para obter aquela santa dignidade. Há muito tempo, diz êle, ter-se-ia pôsto o episcopado em leilão, se se achassem vendedores tão fàcilmente, como fàcilmente se encontravam compradores. Por isso roga-lhes que o venham ajudar com sua autoridade e não se desculpem com a diversidade das províncias porque não pode ser auxi-

(6) Sid., 1. VII, **Epist.** 6. Greg. Tur., 1. II, c. XXV.

liado por seus coprovincianos, que estão sujeitos aos gôdos, exceto a Alvérnia, que ainda obedece aos romanos. Se vierdes, diz, fareis ver, que se pode pôr limites à vossa província não porém, à vossa caridade. (7)

Sidônio roga a Santo Eufrônio, no caso de que não possa dirigir-se a Bourges, que lhe mande seu parecer com relação a Simplício, que o povo daquela cidade pedia para ser seu bispo. "Sabei, diz-lhe, que várias pessoas virtuosas, falaram muito bem dêle. Êsses testemunhos foram-me a princípio suspeitos, porque pareciam dados por favor; mas quando vi que uns invejosos, na maior parte arianos, foram obrigados ao silêncio, concluí que era preciso que êle fôsse um homem de bem, pois os maus não podiam falar dêle, nem os homens de bem calar-se."

Agrécio foi a Bourges, com outros bispos. Sidônio, tendo tomado seu parecer, convocou o povo na igreja e pronunciou um discurso para declarar quem êle tinha escolhido para bispo, segundo o compromisso. Primeiro, queixa-se de que o encarregaram de uma missão tão delicada no comêço de seu episcopado e faz sentir que é impossível uma escolha agradável a todos. "Se eu nomear um monge, diz, fôsse ainda comparável aos Paulos, aos Antênios, aos Hilariões e aos Macários, ouvirei imediatamente murmurações ardentes de uma multidão ignóbil de pigmeus que se queixarão dizendo: aquêle que se elegeu é mais próprio para desempenhar o ofício de abade, do que o de bispo; a interceder perante Deus pela salvação de nossas almas, do que a solicitar pela vida de nossos corpos, perante os juízes da terra.

(7) L. VII, Epist., 5.

Quem não ficaria profundamente irritado vendo as mais sinceras virtudes representadas como vícios? Se aquêle que escolhermos é homem humilde, dir-se-á que lhe falta a coragem; se fôr corajoso, julgá-lo-ão soberbo; se tiver pouco conhecimento das letras, desprezá-lo-ão por sua ignorância; se foi sábio dirão que está inflado pela ciência; se fôr severo, tratá-lo-ão de cruel; se fôr fácil, julgar-lhe-ão um crime a bondade. Ademais, a obstinação dos leigos e a licença dos clérigos não podem tolerar se lhes submeta à disciplina dos mosteiros."

"Se nomear um clérigo, os que o seguem no clero, sentir-se-ão invejosos; os que o precedem, recusar-se-ão a obedecer-lhe. Haverá mesmo alguns entre êles (o que seja dito sem ofender a ninguém), que imaginam que apenas a duração da clericatura é a medida do mérito e querem em conseqüência que, na escolha de um bispo, só se tenha em consideração a idade, como se, ter vivido muito tempo, antes que, ter vivido bem, seja um título o qual, tem o lugar de tôdas as qualidades necessárias para merecer o episcopado. Querer-se-ia governar a Igreja numa idade em que se tem necessidade mesmo de ser governado pelos outros. Se nomear um homem que tenha servido na profissão das armas, exclamarão logo: Sidônio age assim, porque também foi tirado de entre os leigos para ser elevado ao bispado. Está inflado de suas dignidades, despreza os pobres de Jesus Cristo."

Depois, tendo tomado o Espírito Santo por testemunha na escolha que vai fazer, não tem em vista nem o dinheiro, nem o favor, declara que Simplício lhe parece o mais próprio para ocupar dignamente a

sé metropolitana de Bourges. Faz um belo elogio de sua nobreza, talentos e piedade. O espírito, diz, disputa nêle com a erudição; tem ao mesmo tempo o vigor da juventude e a prudência da velhice. Acrescenta que Simplício foi libertado milagrosamente da prisão onde os bárbaros o conservavam; que por diversas vêzes fôra deputado para os interêsses da pátria aos imperadores e aos reis gôdos; que, sendo ainda jovem, tinha construído uma igreja em Bourges e que o povo dessa cidade o tinha pedido outrora para seu bispo preferìvelmente a seu pai e ao genro, mas que preferiu ser honrado pela dignidade de seus parentes, o que mostra que o pai e o genro de Simplício tinham sido bispos de Bourges. Paládio era seu genro e Euládio seu pai, e predecessor. Enfim, Sidônio faz também o elogio dos filhos e da mulher de Simplício. Depois, termina dizendo: "Como jurastes ratificar nessa eleição a sentença de minha pequenez... Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, declaro Simplício digno de ser o metropolita de nossa província e o soberano sacerdote de nossa cidade. (8)"

Simplício justificou plenamente por seu proceder a escolha de Sidônio; é honrado como santo a 1 de março e dá-se a mesma qualidade a Paládio, seu genro.

Santa Perpétua de Tours rogou a Sidônio lhe enviasse o discurso que tinha pronunciado nessa ocasião, a fim de enriquecer sua biblioteca. Sidônio fê-lo por uma carta em que ainda fala das divergências de que tivera de defender-se. "Dois bancos, disse,

(8) Sid., l. VII. Epist. 9.

não podiam conter todos os pretendentes a êsse cêrco. Todos agradavam a si mesmos e ninguém agradava a todos."

Sidônio nos diz que houve grandes divergências em Châlons-sur-Saone, para a eleição de um sucessor ao bispo Paulo, cognominado o Jovem. São Paciente de Lião, tendo-se dirigido para lá com os bispos de sua província, encontrou a cidade dividida em três facções, em favor de três competidores. O primeiro gabava sua nobreza e pretendia que esta devesse ocupar o lugar de uma vida santa e das outras qualidades que lhe faltavam. O segundo tinha sempre uma mesa bem servida e havia granjeado grande número de amigos, por sua boa acolhida. O terceiro tinha comprado os sufrágios, prometendo ceder parte dos bens da Igreja àqueles que lhe dessem seus votos.

São Paciente e Santo Eufrônio que se tinham dirigido a Châlons, vendo homens tão indignos em suas fileiras, comunicaram secretamente seu desígnio aos outros bispos e, sem temer as murmurações de uma população cega, tomaram o padre João que tinha sido arquidiácono por muito tempo, impuseram-lhe as mãos e o sagraram bispo ante as aclamações das pessoas de bem e sem que os maus os ousassem recriminar. (9) Vê-se, por tal exemplo, que os borguinhões, sob cuja dominação estava Châlons, deixavam aos bispos a liberdade de se reunir.

Tinha, entretanto, acontecido nesse reino, uma revolução pouco favorável à religião. Gonderico, que parece ter sido católico, morrera em 473; seus quatro filhos Gondebaudo, Godegisila, Quilderico e Godo-

(9) L. IV, Epist. 25.

mare, dividiram-lhe o reino; mas logo depois, Gondebaudo, que era ariano, tendo feito morrer Quilderico e Godomaro, reinou sòzinho com Godegisila, e estabeleceu a sede do reino em Lião. São Paciente, bispo dessa cidade, ganhou por suas virtudes a estima e amizade do príncipe borguinhão, que lhe dava às vêzes a honra de o ter à sua mesa; e o santo bispo, tratando-o esplêndidamente, sabia tão bem guardar as regras da sobriedade, que, enquanto o rei louvava a magnificência de sua mesa, a rainha admirava o rigor de sua abstinência. (10)

O imperador Nepos via o império cada vez mais diminuído. Tinha mais ou menos sòmente a Itália, ainda mesmo falta de homens e de dinheiro, pelas guerras contínuas, e via entre suas tropas pelo menos tanto bárbaros quanto italianos. Os vândalos tinham a África. Evarico, rei dos visigodos era senhor da maior parte da Espanha, de grande parte das Gálias e esforçava-se por conquistar o resto. Queria sobretudo a Alvérnia que se tinha tão valentemente defendido sob o comando de São Sidônio e de seu genro, Ecdício. Nepos não se sentia bastante forte para sustentar a guerra contra o rei dos visigodos que se preparavam para tal. Mandou-lhe o questor Liciniano para negociar a paz. O embaixador era, ao mesmo tempo, encarregado de levar a Ecdício o diploma de patrício, dignidade que Antêmio lhe tinha prometido outrora. Liciniano tinha tôdas as qualidades de um hábil negociador; entretanto, não conseguiu feliz resultado. Em vão, vários bispos da Gália uniram-se a êle para o secundar. Eurico não quis ouvir nenhuma proposta, se não lhe cedessem

(10) Ibid., l. VI, Epist. 12.

a Alvérnia; ameaçava até passar o Ródano e levar as conquistas até os pés dos Alpes. Os alvernenses nada temiam tanto como cair sob o poder dêsse príncipe cruel e sangüinário; queriam sofrer ainda tôdas as incertezas e todos os males de um cêrco; estavam resolvidos a morrer sob as muralhas da pátria, e, se se determinasse entregar a Alvérnia aos visigodos, êles pediam como graça se lhes permitisse exilar-se, e estabelecer-se em qualquer outra região do império. O bispo de Sidônia mantinha o povo nesses sentimentos; tinha sobretudo horror ao arianismo, que não tardaria a entrar em sua diocese, com os visigodos. (11)

Nepos, tocado pelo desespêro dos povos da Alvérnia, via-se, entretanto, impossibilitado de os conservar. Era preciso, a qualquer preço, satisfazer Eurico, para salvar ao império o que lhe restava ainda entre o Ródano e os Alpes. Como último recurso, mandou ao rei dos visigodos Santo Epifânio de Pavia. A paz foi concluída, mas a Alvérnia cedeu. Eurico encerrou São Sidônio num castelo perto de Carcassona; depois, ante a solicitação de Leão, seu ministro, que era católico, deu-lhe a liberdade, mas o reteve por muito tempo como em exílio, em sua côrte, então em Bordéus. Deu o govêrno da nova conquista a Vitório que o conservou por seis anos. Vitório comportou-se, primeiro, com eqüidade, e mereceu de Sidônio os maiores elogios; depois, tendo-se entregado à devassidão, tornou-se cruel e odioso à província. Temendo mesmo por sua vida e não ousando voltar à côrte de Eurico, que sabia de suas maldades, fugiu

(11) Sid., 1. III, **Epist.** 7; L. VI, **Epist.** 15; L. VII, **Epist.** 67.

para Roma, onde os excessos excitaram tanto horror, que êle foi morto pelo povo, a pedradas.

Vê-se como os tempos estavam difíceis e no meio de que calamidades os santos bispos deveram formar o reino e o povo da França. São Sidônio morreu no meio de seu rebanho, em 482.

* * *

SÃO CALÍNICO I (*)

Patriarca de Constantinopla

Originário de Constantinopla, êste santo patriarca era padre sacristão da igreja dos Blakhernos, quando sucedeu ao patriarca Paulo III.

Era em 693, e Calínico tomou posição contrária a Justiniano II.

Conta-se que, um dia, aquêle imperador pediu-lhe ordenasse a demolição duma igreja, cujo local que ocupava era necessário para ser erigido uma fonte e um salão de reuniões. Respondeu-lhe o patriarca que êle, servo de Deus, fôra feito para levantar templos, não para os demolir.

Deitada abaixo a igreja, tempos mais tarde, Justiniano foi mutilado e banido.

Em 705, quando reconquistou o poder, vasou os olhos do santo patriarca e o enviou para Roma.

São Calínico I faleceu naquele ano mesmo de 705.

* * *

SANTA ASCELINA (*)

Virgem

Santa Ascelina, nascida na Champagne, no ano de 1121, prima-irmã do grande São Bernardo, pertenceu à ordem cisterciense.

Muito jovem, viu-se órfã de pai. A mãe, retirando-se do século, ao ingressar na fundação de Boulancourt, para levar vida religiosa entre as cônegas, carregou a filha consigo.

Pouco mais tarde, dali, aconselhadas pelo santo parente, transferiram-se para Poulangy, que se tornara cisterciense e era dirigido pela abadêssa Adelina, filha de Güido, o irmão mais velho de Bernardo.

Quatro anos depois, como as cônegas de Boulancourt se tornasse, por sua vez, cistercienses austeras, para lá voltaram mãe e filha.

Em Boulancourt, em 1195, faleceu Santa Ascelina, com setenta e quatro anos de idade, depois de ter levado vida piedosíssima, mortificada e mística.

Os milagres que operou, póstumos, valeram-lhe o culto público, que foi aprovado no século XVII.

* * *

BEM-AVENTURADO ANJO DEL PAS (*)

Franciscano

Anjo del Pas nasceu em Perpignan em 1540. Era filho de João e de Ana Pincarda, senhores de São Martinho.

João Carlos (nome de batismo do bem-aventurado) foi recebido pelos menores observantes quando contava quinze anos.

Professo, estudou em Alcalá. Foi leitor e pregador na província da Catalunha e muitas vêzes superior.

Severo consigo mesmo, procurou, sempre, os mais austeros conventos.

Anjo escreveu vários trabalhos:

1. *Discursos Espirituais sôbre a Regra de São Francisco.*
2. *Enchiridion divinae scholasticae theologiae.*
3. *Breve trattato del conoscere e amare Iddio.*
4. *Tractatus de restituenda disciplina vetusta religionis S. Francisci.*
5. *Della cena eucaristica, Dell'oracion jaculatoria.*

6. *Comment. in symbolum Apostol.*
7. *Comment. in Marcum.*
8. *Comment. in Lucam.*
9. *Comment. super Missus est et super Magnificat*, e outras obras manuscritas.

Faleceu o bem-aventurado Anjo del Pas em Roma a 23 de agôsto de 1596, sendo sepultado em São Pedro *in Montorio.* O coração foi doado ao convento de São Francisco de Ripa.

No mesmo dia, na Provença, São Sidônio, bispo de Aix. Venerado em São Maximino como o cego de nascença do Evangelho, tornou-se o segundo bispo de Aix. Êste São Sidônio não é outro senão o ilustre Sidônio Apolinário.

Na Ilha de Ramsey, São Justiniano, mártir, em 530. Ramsey encontra-se a sudoeste do País de Gales. Ali foi massacrado por piratas, em 530 ou 540.

Em Ruão, São Flávio, bispo e confessor. São Flávio foi bispo de Ruão de 529 a 544. Assistiu aos concílios de Orléans de 538 e 541. Crê-se que as relíquias estejam em Jumieges.

Em Ard Sratha, na Irlanda, Santo Eugênio, confessor, no século VI. Eogan, Eogham, Eunio, Euny ou Eugênio é particularmente venerado em Ard Sratha (Ardstraw), no condado de Tyrone, no Ulster, ao norte da Irlanda. Ali é considerado o primeiro bispo do lugar. Tôda a Irlanda, porém, festeja-o anualmente.

Em Alexandria, São Teonas (1), bispo e confessor, falecido em 300. Eusébio, na *História Eclesiástica,* volume VIII, capítulo XXX, diz: "Em Alexandria, Máximo tinha sido bispo durante dezoito anos, depois da morte de Dionísio, e Teonas foi o seguinte. Foi sob êle que, elevado ao sacerdócio ao mesmo tempo que Pierio, Achillas tornou-se célebre em Alexandria e foi encarregado do ensinamento da santa fé; escreveu uma obra filosófica raríssima e a nenhuma outra inferior; sua conduta era digna da disciplina evangélica. Depois de Teonas, que havia servido dezenove anos, Pedro recebeu a sucessão da sé de Alexandria.

Em Nivernais, São Gildardo, sacerdote, no século VII.

Em Languedoc, São Veredêmio, confessor (século VII?).

Em Verona, na Itália, São Moderato, bispo e confessor (século VII?). Êste bispo de Verona foi enterrado na igreja de Santo Estêvão. O culto público é atestado (*Acta sanct.*).

Em Saint-Seine, os santos Altigiano e Hilarino, mártires, em 731 ou 732. Honrados na abadia de Saint-Seine, onde foram enterrados, eram dois santos monges que os sarracenos infiéis massacraram.

Em Hohenwarth, na Alta Baviera, a bem-aventurada Richilda, virgem reclusa, falecida no ano de 1100. Viveu entre as beneditinas. O culto, muito antigo, é atestado.

Em Mevânia, na Úmbria, o bem-aventurado Tiago, dominicano, desaparecido em 1301. Nascido em 1220. Jovem ainda e já se encontrava entre os

(1) Taounâ.

dominicanos de Espoleto. Foi prior dum convento que fundou em Mevânia, hoje Bevagna. Lutou contra o êrro antinomista, ramo do maniqueísmo. Sôbre a sua salvação eterna, conta-se que um crucifixo sangrou à sua vista, como sinal de que ganharia a bem-aventurança.

Em Bréscia, Lombardia, o bem-aventurado Bartolomeu de Foresto, confessor, desaparecido em 1489. Filho de camponêses muito singelos, recebeu em Bérgamo, na Lombardia, o hábito de oblato dos servitas, a 24 de agôsto de 1456, servindo trinta e três anos na cozinha do convento de Bréscia, muito humildemente. Ali morreu e os restos foram levados para a capela daquele convento, chamada da *Madonnina*.

Vigília de São Bartolomeu, apóstolo. — Em Antioquia, festa dos santos Restituto, Donato, Valeriano, Frutuosa e doze outros, que, por terem confessado a fé receberam a coroa da glória. — Em Óstia, os santos Quiríaco, bispo, Máximo, padre, Aquelau, diácono, e seus companheiros que o prefeito Ulpiano mandou martirizar no tempo do imperador Alexandre. — Em Egéia, na Cilícia, os santos Cláudio, Astério, e Neão, irmãos, que, tendo sido acusados por sua sogra de serem cristãos, sofreram horríveis tormentos sob o imperador Diocleciano e o governador Lísias; tendo sido, por fim, crucificados, mereceram triunfar com Jesus Cristo. Depois dêles as santas Domvina e Teonila, sofreram também a morte. — Em Reims, os santos Timóteo e Apolinário que, tendo sofrido o martírio, foram receber a recompensa reservada no céu. — Em Lião, os santos mártires Minervo e Eleázaro, com seus oito filhos. Ainda:

São Lopo, que, tendo passado da condição de escravo à liberdade de Jesus Cristo, foi ainda honrado com a coroa do martírio. — Em Jerusalém, São Zaqueu, o quarto bispo dessa Igreja depois do apóstolo São Tiago. — Na Útica, na África, São Vítor, Bispo. — Em Autun, São Flaviano, Bispo.

* * *

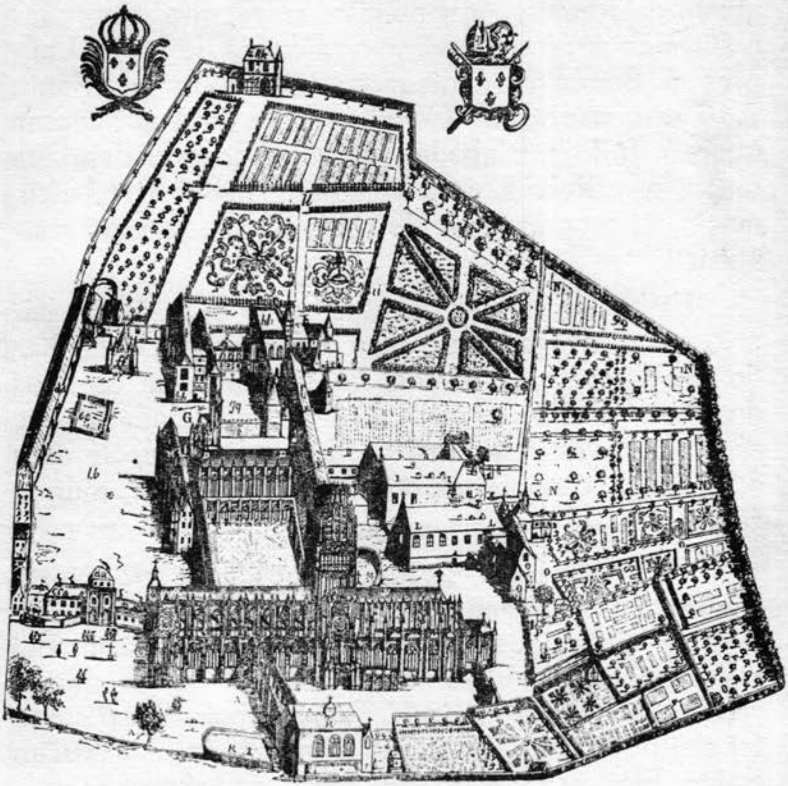
24.º DIA DE AGÔSTO

SANTO AUDOENO

Bispo de Ruão

Santo Audoeno, também chamado Dadon, e em latim Audoenus, era filho de Autário, senhor francês estabelecido na Bria e recomendável por suas virtudes. Tinha um irmão chamado Adon. Receberam ambos, ainda crianças, a bênção de São Colombano, que lhes tinha vindo visitar o pai. Quando chegaram à idade de aparecer no mundo, uniram-se ambos ao rei Clotário III. Encontraram na côrte dêsse príncipe Santo Eloi, com o qual travaram estreita amizade. Os exemplos e os discursos dêsse grande homem causaram-lhes o desprêzo do mundo e ambos resolveram consagrar-se ao serviço de Deus. Pouco tempo depois, Adon fundou numa terra que tinha perto do Marne o duplo mosteiro de Jouarre, que se tornou mais tarde abadia de religiosas beneditinas.

Santo Audoeno teve grande prestígio na côrte dos reis Clotário II e Dagoberto I. Êste fê-lo seu referendário ou chanceler, e, nessa qualidade, guardava-lhe o sêlo. Temos ainda atos originais que assinou naquele tempo. Obteve do rei um terreno situado na floresta de Bria, onde fundou, em 634, o



Vista da abadia de Santo Audoeno, de Ruão.

mosteiro de Rebais. São Faron, bispo de Meaux, aconselhou-o a dar a direção a Santo Agil, discípulo de São Colombano. Fêz então vir o santo, que um concílio reunido em Clichy, em 636, nomeou primeiro abade de Rebais. Foi preciso, entretanto, empregar a autoridade do rei, porque as cidades de Metz, Langres e Besançon pediam ao mesmo tempo Santo Agil para seu bispo. Os monges de Luxeuil queriam também tê-lo por abade. Santo Audoeno desejava retirar-se a Rebais, para lá tomar o hábito monástico, mas o rei e os grandes do reino não o queriam consentir.

Embora Santo Audoeno e Santo Eloi fôssem leigos, seu zêlo, piedade e ciência faziam-nos consultados pelos mesmos bispos, que se atinham às suas decisões. Também empregavam a autoridade de que estavam revestidos para a glória de Deus e para estender o conhecimento de seu nome por todo o reino.

Clóvis II, filho e sucessor de Dagoberto, morto em 638, teve por Santo Audoeno a mesma estima que o pai, e continuou a tê-lo como seu referendário. Foi com muita dificuldade que consentiu em o deixar receber a tonsura clerical. Logo depois nosso santo foi eleito para suceder a São Romano, na sé de Ruão. Santo Eloi, seu amigo, foi feito, ao mesmo tempo, bispo de Noyon e de Tournay. Os dois servos de Deus prepararam-se para a nova dignidade com o retiro, o jejum e a oração. Santo Audoeno fêz uma viagem além do Loire, e foi ordenado sacerdote por Deodato, bispo de Macon. Os dois amigos combinaram receber a sagração episcopal no mesmo dia: de fato, foram sagrados juntos em Ruão, no domingo

antes das Rogações, terceiro ano do reinado de Clóvis II, isto é, 24 de maio de 640.

Santo Audoeno, renunciou, desde então, a tôda pompa secular. Uniu a humildade à prática da mortificação e das esmolas abundantes. Seu zêlo era infatigável. Fazia-se tudo a todos, por sua paciência e afabilidade. Aplicava-se, com tôdas as fôrças, a extirpar a simonia e vários outros abusos. Procurava todos os meios para restaurar a disciplina, o que se revelou sobretudo no concílio reunido em Châlons, em 655. O rei Thierry II encarregou-o de vários assuntos importantes e o escolheu para terminar os litígios que podiam causar muitas perturbações. Tendo restabelecido a paz entre os franceses da Nêustria e os franceses da Austrásia, foi levar a notícia ao rei que estava em Clichy, perto de Paris. Chegou quando tinha reunido uma assembléia dos bispos e dos grandes do reino. Caiu enfêrmo no castelo de Clichy e foi tomado de uma febre que fêz temer pelos seus dias. Conhecendo os desejos do clero e do povo de Ruão, pediu por sucessor a Santo Ansberto, abade de Fontenelle, confessor do rei. Morreu a 24 de agôsto de 683, no 43.º ano do seu episcopado. Temos de Santo Audoeno a vida de Santo Eloi; sobrepujam-no de muito, pela ordem, pelo natural e pelo estilo, as biografias dos imperadores romanos, escritas por autores profanos, três ou quatro anos antes.

* * *

SÃO BARTOLOMEU (*)

Apóstolo

1.º Século

Bartolomeu (nome que significa *filho de Tholmai,* do aramaico) apóstolo, aparece em Mateus (X), Marcos (III), Lucas (VI) e Atos (I).

"Jesus retirou-se com os seus discípulos para a banda do mar; e seguiu-o uma grande multidão de povo da Galiléia, da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, da Transjordânia e das vizinhanças de Tiro e de Sidônia, tendo ouvido as coisas que fazia, foram também em grande multidão ter com êle. E mandou aos seus discípulos que lhe aprontassem uma barca, para que a multidão o não atropelasse. Porque, como curava muitos, todos os que padeciam algum mal arrojavam-se sôbre êle para o tocar. E os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dêle, e gritavam, dizendo:

"— Tu és o Filho de Deus".

"E êle lhes ordenava com severidade que o não manifestassem.

"Tendo subido a um monte, chamou a si os que quis; e aproximaram-se dêle. E destinou doze, para que andassem com êle, e para os enviar a pregar com



Cristo e os apóstolos (de um afrêsco das catacumbas).

poder de expelir os demônios. Escolheu, pois, doze: A Simão, a quem pôs o nome de Pedro, a Tiago, filho de Zebedeu, e a João, irmão de Tiago, aos quais pôs o nome de Boanerges, que quer dizer filhos do trovão. André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Cananeu e Judas Iscariotes, que o entregou". (1)

— — — —

Segundo os apócrifos e certos autores, Bartolomeu teria evangelizado a Licaônia e a Frígia. (2) Os países do Ponto e do Bósforo. (3) As Índias, onde teria levado o Evangelho aramaico de São Mateus. (4) A região vizinha da Etiópia. (5)

Outras legendas enviaram-no à Mesopotâmia, à Pérsia, à Armênia. O *Breviário dos Apóstolos* diz que São Bartolomeu foi esfolado vivo na Armênia Maior e, em seguida, decapitado por ordem do rei Astrágio.

— — — —

Tem-se perguntado se o santo apóstolo Bartolomeu não seria Natanael, aquêle discípulo originário de Caná, que se entregou a Nosso Senhor quando o Mestre lhe conheceu o pensamento:

"No dia seguinte, Jesus quis ir à Galiléia, e encontrou Filipe, e disse-lhe:

---

(1) Mc. 3, 7-19.

(2) **Atos de Filipe.**

(3) **Martírio de Bartolomeu.**

(4) Eusébio, **Hist. Ecle.**, V, 10.

(5) Rufino, **Hist. Ecl.** X, 9; Sócrates, **Hist. Ecle.**, I, 19.

"— Segue-me".

"Filipe era natural da cidade de Betsaida, pátria de André e de Pedro. Filipe encontrou Natanael, e disse-lhe:

"— Encontramos aquêle de quem escreveram Moisés na lei e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José".

"Natanael disse-lhe:

"— De Nazaré pode, porventura, sair coisa que seja boa?"

"Filipe disse-lhe:

"— Vem ver".

"Jesus viu Natanael, que ia ter com êle, e disse dêle:

"— Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo".

"Natanael disse-lhe:

"— Donde me conheces tu?"

"Jesus respondeu, e disse-lhe:

"— Antes que Filipe te chamasse, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira".

"Natanael respondeu-lhe, e disse:

"— Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel".

"Jesus respondeu, e disse-lhe:

"— Porque eu te disse que te vi debaixo da figueira, crês; verás coisas maiores que esta".

"E disse-lhe:

"— Em verdade, em verdade vos digo, vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sôbre o Filho do homem. (6)

---

(6) Jo. 1, 43-51.

Nada se opõe a que Bartolomeu tenha sido Natanael como nome pessoal. Está no Evangelho com os outros apóstolos e os sinóticos o colocam ao lado de Filipe, o que corrobora com o que vimos acima.

— — — —

Os gregos festejam São Bartolomeu com São Barnabé, a 11 de junho. O santo apóstolo é padroeiro dos açougueiros, dos curtidores e dos encadernadores.

Lê-se assim o resumo de São Bartolomeu, no martirológio:

"Festa de São Bartolomeu, apóstolo, que pregou o Evangelho de Jesus Cristo nas Índias; passou depois à Armênia Maior, onde, após ter operado inúmeras conversões, foi esfolado vivo pelos bárbaros; tendo sido decapitado por ordem do rei Astrágio, terminou o martírio. O santo corpo, primeiramente levado à ilha Lipari, e de lá a Benevento, foi transportado para Roma, à ilha de Tibre, onde é honrado pelo concurso e pela devoção dos fiéis".

* * *

BEM-AVENTURADA EMÍLIA DE VIALAR (*)

Fundadora das Irmãs de São José da Aparição

O campo de ação desta missionária foi a Argélia francêsa.

Nascida em Gaillac em 1797, era filha dum notável barão da cidade. Educada por uma preceptora que não falava nada sôbre Deus, que cultuava "a deusa Razão", os pais, em 1810, enviaram-na para Paris, a estudar na abadia de Bois, casa de educação para jovens da alta sociedade, que mantinha um pensionato.

Morta a baronesa Vialar, o pai mandou buscá-la de volta, depois de dois anos de permanência em Bois. No vasto casarão, sem a figura da mãe, casarão que agora era dirigido por despótica governanta, cuja palavra era lei, Emília viveu tristemente.

Humilhada, oferecia a Deus tudo aquilo que lhe fazia a impiedosa mulher. Começou, então, a jejuar, a fugir de todo o luxo, a assistir à santa missa todos os dias, a comungar, muito ardorosamente, três vêzes por semana.

Votando uma devoção tôda especial às cinco Chagas, recebeu a bem-aventurada Emília de Vialar graças sensíveis. Deu-se, de corpo e alma, aos doentes, aos pecadores, ao esclarecimento dos heréticos.

Sentiu-se, então, atraída pelas missões no estrangeiro.

Ora, o barão, homem um tanto sêco e ríspido, olhava, com maus olhos, aquelas *tendências* da filha. E um dia em que ela levava uma terrina de sopa a uma pobre família que vivia apertadamente, o pai, terrìvelmente irado, saiu-lhe ao encalço, agarrou-a brutalmente e atirou com ela ao chão, magoando-a muito, não de corpo, mas de espírito.

Emília de Vialar prometeu a Deus guardar a virgindade, naturalmente quando os pretendentes começaram a aparecer — que a jovem era bela, de olhos grandes e doces, de encantador sorriso, e rica, muito rica.

Um dia, deixou a casa do pai. Comprara uma em Gaillac e ali se instalou, reunindo algumas jovens consigo. São José era o seu patrono, ao qual o arcanjo Gabriel aparecera, daí São José da Aparição, como se chamaria as futuras irmãs.

Em 1835, ocorreram as primeiras profissões.

Naquele mesmo ano de 35, um irmão da bem-aventurada, que fôra viver na Argélia, chamou-a para reger um hospital. Emília não esperou por segundo convite: embarcou incontinenti, e aos 10 de agôsto chegava a Argélia. Ali, heròicamente, com três irmãs, lutou contra o cólera.

Madre Emília fundou quarenta e duas casas — na Tunísia, em Malta, Roma, Jerusalém, na Birmânia. Tôda a vida religiosa, até 1852, foi caracterizada

por intrigas dos invejosos, por perseguições, por mil e uma vicissitudes.

Faleceu a bem-aventurada Emília de Vialar em 1856.

Em 1842, o instituto já havia recebido um Breve Laudativo de Roma, e, em 1855, os estatutos foram aprovados por Napoleão III.

Pio XII, o grande papa da paz, em 1939, beatificou a Madre Emília de Vialar.

No mesmo dia, em Cervon, Santo Eptado, sacerdote (século VI?). Êste santo sacerdote teria nascido em Autun, perto de Lormes. Diz-se que Clóvis quis dar-lhe o episcopado de Auxerre, mas o Santo, humildemente, escondeu-se, porque o povo, a todo o custo, queria-o para aquêle pôsto. Sòmente deixou o retiro depois que o rei lhe jurou que não mais insistiria sôbre aquêle ponto.

No Maine, São Rigomer e Santa Tenestina, solitários, no século VI. Conta-se que Rigomer era, ao mesmo tempo, ermitão e pregador, no Maine, e foi quem converteu os habitantes da região de Mamers; é tido como o fundador da cidade. Viveu, com a filha, Tenestina, solitàriamente.

Na Escócia, Santo Irchard, bispo, que teria sido ordenado padre por São Ternan e feito bispo por São Gregório, o Grande.

Em Valença, na Espanha, Santa Maria Micaela, virgem, fundadora da congregação das Servidoras do Santo Sacramento e da Caridade, tôda inflamada do desejo de sofrer por Deus e de lhe conquistar

almas. Pio XI colocou-a no número das santas virgens. Faleceu em 1865.

Festa de São Bartolomeu, apóstolo, que pregou o Evangelho de Jesus Cristo, nas Índias; passou depois à Grande Armênia, onde, após ter operado inúmeras conversões, foi esfolado vivo, pelos bárbaros; e tendo sido decapitado por ordem do rei Astiages, terminou o martírio. Seu santo corpo, primeiro levado à ilha de Lípari, e de lá a Benevento, foi transportado a Roma, à ilha do Tibre, onde é honrado pelo concurso e pela devoção dos fiéis. — Em Cartago, trezentos mártires do tempo de Valeriano e de Galieno. Entre outros suplícios, que o juiz inventou contra êles, pôs fogo num fôrno de cal; depois mandou trazer carvões acesos com incenso, e lhes disse: Escolhei, um dos dois, ou oferecer incenso a Júpiter sôbre êsses carvões ou serdes atirados à cal. Os generosos atletas, fortes na sua fé e confessando que Jesus Cristo era verdadeiramente Filho de Deus, atiraram-se ao fogo e, no mesmo instante, foram reduzidos a pó, entre os vapores da cal: por semelhante gênero de morte, mereceu êsse grupo de bem-aventurados, o nome de Massa Branca. — Em Nepi, São Tolomeu, bispo, discípulo de São Pedro; êsse apóstolo, tendo-o enviado à Toscana para lá pregar o Evangelho, confirmou as verdades nessa cidade pela efusão de seu sangue. — Em Nepi ainda, São Romano, bispo da mesma cidade que, tendo sido discípulo de São Tolomeu, foi também companheiro nos sofrimentos e na morte. — Em Óstia, Santa Áurea, virgem e mártir, precipitada ao mar com uma pedra no pescoço; Santa Nona enterrou-lhe o corpo, que as ondas tinham atirado à praia. Na Isáuria, São

Tacião que, perecendo pela espada, sob o governador Urbano, durante a perseguição de Diocleciano, recebeu a coroa do martírio. — No mesmo dia, Santo Eutíquio, discípulo de São João Evangelista, que, depois de ter sofrido a prisão, as chicotadas e o fogo em várias províncias, pela pregação do Evangelho, morreu em paz. — Faz-se também nesse dia a memória de São Jorge Limniota, monge, que, tendo repreendido o imperador Leão, porque quebrava as imagens e queimava as relíquias dos santos, teve, por sua ordem, as mãos cortadas e a cabeça queimada e foi triunfante ao céu, com a honra do martírio. — Em Nevers, São Patrício, abade.

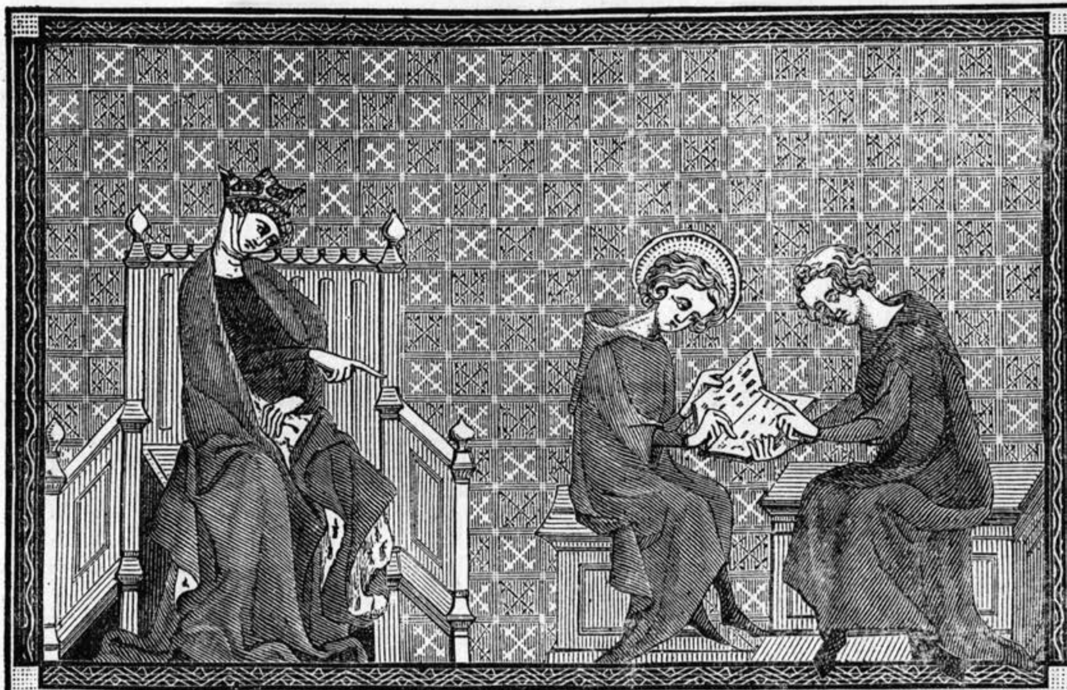
* * *

25.º DIA DE AGÔSTO

SÃO LUÍS

Rei da França

O mesmo espírito que animava São Domingos e São Francisco de Assis, animava também seu contemporâneo, São Luís: o amor de Deus e do próximo, o zêlo pela glória de um e pela salvação do outro, a humildade, a paciência, o desapêgo de tôdas as coisas da terra. A mãe dizia-lhe muitas vêzes, em sua infância: Eu vos amo, certamente, meu filho: amo-vos com tôda a ternura de que uma mãe é capaz; mas preferiria infinitamente ver-vos cair morto a meus pés, a jamais ver-vos cometer um pecado mortal. Também cumpria seus deveres de rei, como os religiosos de São Francisco e de São Domingos, dos quais sempre tinha alguns em sua companhia, cumpria as obrigações de suas regras, em vista de Deus e com um ardor infatigável. De resto, quanto lhe permitia o estado, levava a vida de um religioso dando muito tempo à oração, usando cilício, visitando os enfermos nos hospitais: todos os dias dava alimento a cento e vinte pobres, que muitas vêzes êle mesmo servia. Tôdas as vêzes que jantava ou ceava tinha junto de si certo número de velhos estropiados, aos quais dava



Educação de São Luís (segundo uma miniatura de um mosteiro do século XIV).

de comer iguarias de sua mesa. Era doce e afável para com todos de sorte que mesmo os estrangeiros o amavam.

2.º Como todos os santos, foi pôsto em rudes provações. Para socorrer os cristãos do Oriente, empreendeu duas cruzadas. Mostrou-se nelas tão valente quão piedoso. Mas Deus permitiu que sofresse reveses, que a doença penetrasse em seu exército e que êle mesmo dela fôsse vítima, e nesse estado fôsse feito prisioneiro pelos sarracenos, com a maior parte dos que o tinham acompanhado. Muitas vêzes estêve a ponto de morrer pela enfermidade, muitas vêzes os sarracenos estiveram a ponto de o matar, porque não queria acrescentar a seu juramento pela paz palavras que lhe pareciam injuriosas a Deus e aos santos. Jamais se lhe desmentiu a virtude, a piedade. Sensível aos males que os outros sofriam com êle, consolava-os e aliviava segundo seu poder. Sua consolação estava em Deus, cuja mão paterna êle adorava. Mesmo no cativeiro e na enfermidade, nunca deixou de rezar, todos os dias, ou de fazer os religiosos recitar com êle as horas canônicas, isto é, o breviário. Na segunda cruzada, diante de Túnis e de novo enfêrmo, quando percebeu que a morte se aproximava, fêz-se colocar sôbre um leito de cinzas e, de braços cruzados sôbre o peito, olhos erguidos para o céu, expirou a 25 de agôsto do ano de 1270, com o fervor de um anacoreta.

3.º Roguemos a Deus que dê muitas vêzes semelhantes reis à cristandade e à França; roguemos a Deus que os descendentes do santo rei lhe imitem as virtudes. Sobretudo, imitemo-lo nós mesmos. Não fomos chamados para reinar como êle sôbre a terra;



São Luís servindo aos pobres. (Segundo uma miniatura de um mosteiro do século XIV).

fomos chamados a reinar com êle no céu. O amor de Deus e do próximo, a piedade, a caridade, a humildade, a paciência, o espírito de penitência e de abnegação, fizeram-no merecer o reino dos céus.

Eis, de resto, quem era Luís, em sua vida particular, onde o pode imitar quem quiser.

Nada era mais modesto, mais frugal que sua mesa particular e, ao mesmo tempo, nada mais austero nos dias de mortificação: longe de falar de iguarias e de comidas, como fazem muitos homens ricos, comia, sem nada dizer, os pratos colocados diante de si pelos copeiros.

Tomava ordinàriamente a refeição principal entre a sexta e nona: nos dias de jejum simples, era engenhoso em se mortificar, quer não se entregando ao apetite, quer comendo e bebendo coisas pelas quais sentia grande repugnância; depois, quando lhe traziam assados ou carnes e molhos delicados, punha-lhes água, dizendo: gosto assim! E apesar da espécie de preferência que dava aos grandes peixes do mar, rejeitava-os por mortificação para pedir outros, pequenos e comuns.

Um dos capelães, pelo menos, ficava presente às suas refeições, para rezar a ação de graças, enquanto outro cuidava em fazer levar a sobremesa aos pobres; Luís informava-se quase todos os dias da fiel execução da ordem.

Seguindo um costume talvez contraído no Oriente, o santo rei, quase todos os dias depois do jantar, fazia a sesta no quarto; mas só despedia o leitor depois de ter recitado com êle uma oração pelos mortos. Despertando, dizia de novo o ofício dos



São Luís lendo a Bíblia (segundo uma miniatura existente em um mosteiro do século XIV).

mortos; depois, fazia recomeçar as leituras interrompidas.

Ouviam com boa vontade, quer antes, quer depois da refeição, a leitura tirada na maior parte das Sagradas Escrituras da Bíblia, glosadas por Santo Agostinho, ou por outros Padres da Igreja. Depois, à noite, voltando ao seu aposento, mandava acender uma vela de mais ou menos três pés de altura, (maneira de calcular as horas, por falta de relógio) e, todo o tempo em que ela ficava acesa, continuava a ler a Bíblia ou outro livro de piedade. Quando a vela chegava ao fim, um dos capelães vinha terminar as completas, com o príncipe.

Os filhos do monarca iam então para junto dêle, e Luís, numa conversa grave, instrutiva, paterna, contava-lhes as ações dos bons reis e imperadores, recomendando-lhes que dêles haurissem os mais sábios exemplos. Êle não esquecia de tornar êsse quadro mais moral, mais sensível, pelo contraste dos maus soberanos, que, por suas desordens, rapina e avareza, tinham perdido o reino ou o afeto dos povos.

Ocupava-se, depois, em ensinar aos jovens príncipes ou princesas a maneira de rezar convenientemente as horas de Nossa Senhora e exigia ainda dêles a leitura do ofício do dia, suplicando-lhes jamais se descuidassem do piedoso costume.

Depois de os ter abraçado e despedido, retirava-se ao seu quarto de dormir, precedido por um capelão que fazia a aspersão da água benta nas paredes e sôbre o leito. Liam-se ainda ao rei algumas passagens dos livros santos. Todavia, antes de se

deitar, ajoelhava-se, desejando maravilhosamente, dizia êle, graças de lágrimas, a fim de banhar a secura do coração.

O sono, ao qual se entregava enfim sôbre um leito de pranchas, com um simples colchão, sem palha, jamais era longo e raramente pacífico. Persuadido de que não há amanhã para o cristão verdadeiro, acontecia-lhe, diz-se, levantar-se até cinqüenta vêzes numa mesma noite, para se pôr de joelhos e rezar. Ademais, assistia sempre às matinas na capela.

As matinas, depois de um curto intervalo, sucediam-se prima e missas; ouvia ordinàriamente uma dos mortos, dita sem canto, exceto nos dias em que se celebrava o aniversário fúnebre de um membro da família real. Na segunda-feira, pedia mais uma cantada, chamada dos Anjos; na têrça, assistia à do Espírito Santo; na quinta-feira, a da Cruz; na sexta-feira e no sábado, a da Santíssima Virgem, igualmente cantada; e nestes últimos dias uma terceira chamada do Dia, também com música. Rezavam-se depois diante do santo rei, segundo o ritual, as outras orações e as horas canônicas. Luís escutava-as num profundo recolhimento; às vêzes salmodiava o ofício em voz baixa, assistido por um dos capelães. Todos os dias, mesmo durante o inverno, ouvia as vésperas ajoelhado no chão, como durante a missa e, se estava doente, rezavam-se os ofícios e os salmos perto de seu leito.

Tôdas as sextas-feiras, e mais freqüentemente mesmo, se não estava impedido, apresentava-se ao tribunal da penitência, sentando-se, segundo o uso de então, para confessar as faltas. Mas seu confes-

sor inspirava-lhe tal respeito que, se por acaso, uma porta ou janela se abria, corria a fechá-la, dizendo ao capelão: ficai aqui; sois o pai, eu o filho; devo servir-vos!

Depois da absolvição, apresentava humildemente as costas ao padre, exigindo lhe desse golpes de disciplina, com cinco cordões de ferro que por vêzes lhe rasgavam a pele. O monarca levava muitas vêzes êsse chicote num cofrezinho de marfim, suspenso à cintura. Parecia descontente, diz-se, se o confessor usava de bondade e fazia-lhe sinais de que recomeçasse, com mais fôrça.

Prêso a êsse costume em recordação da Paixão, o santo rei recomendava-o aos familiares e aos filhos; mandou mesmo por João de Mons, um de seus capelães, à filha Isabel, rainha da Navarra, um cofrezinho de marfim, bem trabalhado, contendo pequenas cadeias de ferro, do comprimento de um côvado, com uma carta escrita de próprio punho, onde dizia: Querida filha, eu vos exorto a vos disciplinar bem e muitas vêzes, tanto por vossos próprios pecados, como pelos pecados de vosso mesquinho pai.

Duplicando a austeridade, fervor e orações na Sexta-feira Santa, Luís assistia às matinas durante a noite; depois, com um dos clérigos, rezava no quarto todo o saltério, esperando, sem se deitar nem dormir, os primeiros clarões do dia. Então, descalço, vestido com simplicidade, fizesse o tempo que fizesse, ia com um pequeno número de servos, visitar tôdas as igrejas da cidade de Paris ou da cidade na qual êle se encontrava. Absorto em suas piedosas meditações, caminhava sôbre pedras, no meio da lama,

por regatos, só pensando na santidade do dia ou em distribuir com suas mãos, abundantes esmolas aos indigentes que acorriam à sua passagem.

Depois daquelas longas estações, voltava ao palácio muitas vêzes esgotado de cansaço e sempre em jejum; mas, sem tomar nenhum descanso nem alimento, dirigia-se ao sermão da Paixão, depois ao ofício. No momento da adoração êle e os filhos, descalços, vestidos pobremente, deixando os assentos, caminhavam de joelhos até os degraus do altar e aí o santo rei adorava a cruz tão humildemente que não havia coração que não se comovesse.

No mesmo dia, em comemoração à coroa de espinhos, ia à Santa Capela revestido de seus ornamentos reais, com a cabeça cingida por uma coroa resplandescente de pedrarias, manto de flor-de-lis sôbre as costas; e seus filhos, magnìficamente vestidos, levavam corcas de flôres. Mandava então abrir o tesouro e expunha à veneração dos fiéis o fragmento da verdadeira coroa, vindo do Oriente.

Suas viagens, suas expedições guerreiras, suas enfermidades mesmo, não traziam nenhuma mudança à regularidade das piedosas práticas. Quatro vêzes por semana proibia-se o uso de carnes e nas sextas-feiras do Advento e da Quaresma, abstinha-se de peixe e mesmo de frutas. Depois, durante o Advento e a Quaresma inteira, bem como nas vigílias das festas principais, não sòmente jejuava com o máximo rigor, mas ainda usava constantemente um cilício sôbre a pele; com isso ficou enfêrmo e foram necessárias as admoestações constantes do confessor, para deixar tanta penitência; substituía, então, por um



Retrato de São Luís, pintado em 1316 em um registro da chancelaria real.

cinto de crina o cilício, por jejuns mais freqüentes a pão e água, e por novas esmolas. (1)

Tinha por hábito lavar todos os sábados os pés a um grande número de pobres e, se seus afazeres não o impediam, encarregava dêsse mister o capelão de serviço. Preferia muitas vêzes os cegos. Muitas vêzes, como testemunha dêsse ato de humildade cristã o senescal de Champanha, ficava grandemente admirado. Um dia, quando manifestava mais vivamente a admiração, perguntou-lhe o rei: Lavais os pés aos pobres na Quinta-Feira Santa? Joinville respondeu com franqueza que não, acrescentando mesmo que jamais lavaria os pés dessa gente. Verdadeiramente, retorquiu o rei, santo rei, não está muito certo; pois não deveis ter como desprezível o que Deus fêz para nosso ensinamento. Rogo-vos por amor de Deus e de mim, que vos acostumeis a os lavar.

Outra vez, tendo consigo dois religiosos, chamou Joinville e disse-lhe: Não ouso falar-vos de coisas que se referem a Deus, pelo espírito sutil que tendes. Por isso, chamei êstes dois irmãos, porque eu vos vou fazer uma pergunta. A pergunta é esta: Senescal, que é Deus? — E eu lhe digo: Majestade, é coisa tão boa que melhor não pode haver. — Verdadeiramente, respondeu êle, bem respondido; de modo que a resposta que destes está escrita neste livro, que tenho na mão. Ora, eu vos pergunto, acrescentou, preferiríeis: ser leproso ou cometer um pecado mortal? E eu, que nunca lhe menti, respondi que preferiria ter cometido trinta pecados, a ser leproso.

---

(1) Villeneuve-Trans, **Hist. de St. Louis**, 1. III. — **Vie de St. Louis** — pelo confessor da rainha Margarida. — **Hist. de St. Louis,** por Joinville, etc.

Quando os frades partiram, êle me chamou sòzinho, fêz-me sentar a seus pés e disse-me: Como me dissestes isso, ontem? Respondi que o diria ainda. Então, êle me disse: Falastes como jovem estouvado; pois não há lepra mais horrível do que estar em pecado mortal, porque a alma que está em pecado mortal é semelhante ao diabo; não pode portanto haver nenhuma lepra mais horrível. É verdade que quando o homem morre é curado da lepra do corpo, mas quando o homem que cometeu um pecado mortal morre, não sabe nem está certo se teve tal arrependimento que Deus o tenha perdoado; por isso, deve ter muito mêdo de que essa lepra lhe dure tanto tempo, quando Deus estiver no Paraíso. Eu vos rogo, então, quanto posso, que, pelo amor de Deus e de mim, ponhais em vosso coração preferir tôda desgraça corporal da lepra, ou de qualquer outra doença a um pecado mortal em vossa alma.

Joinville observa que, quando o santo recebia homens ricos à mesa, lhes fazia boa companhia; não se recusava ouvir os menestréis no fim da refeição; mas então esperava, para dar graças, que o menestrel tivesse terminado a canção; aí, levantava-se os padres que estavam diante dêle, rezavam o agradecimento. Quando estávamos reunidos privadamente, acrescenta, quando os Pregadores e os Franciscanos que lá estavam lembravam-lhe algum livro para êle escutar de boa mente, dizia-lhes: Vós não me lereis, pois não há melhor livro depois do jantar do que os quolibets, isto é, que cada qual diga o que quiser. (2)

Joinville, que escreveu a vida do santo rei, acrescenta falando da canonização pelo papa Bonifácio

(2) Joinville, p. 290, t. XX. Recueil des histoires de France.

VIII: "Houve grande alegria e deve haver em todo o reino da França e grande honra em tôda a sua descendência que quererá assemelhar-se a êle no fazer o bem; grande desonrara todos os de sua linhagem que quererão fazer o mal pois serão mostrados a dedo e dir-se-lhes-ão que o santo rei, de que são oriundos, torna mais odiosa tal malignidade."

* * *

BEM-AVENTURADO TOMÁS DE KEMPIS (*)

Confessor

Tomás de Kempis é, ao que se presume, o autoı da *Imitação*.

Nascido em 1379, ou em 1380, em Kempen, foi atraído para a vida religiosa quando contava treze anos: admitido entre os Irmãos da Vida comum, em Deventer, onde um irmão bem mais velho do que êle já vivia, Tomás foi menino circunspecto e sossegado.

Inicialmente, freqüentou a escola de gramática. Mais tarde, transferindo-se para uma nova fundação, a de Monte Santa Inês, perto de Zwolle, onde o irmão foi o primeiro prior, ali estêve por muito pouco tempo, uma vez que a Regra não permitia a permanência de dois irmãos na mesma comunidade.

Contudo, a maior parte da existência, levou-a o bem-aventurado em Santa Inês mesmo, em virtude duma dispensa que lhe foi concedida depois de quase seis anos de espera.

Talentosíssimo, Tomás viveu quietamente, levando o seu cargo de sub-prior e mestre de noviços, a estudar e a escrever. É esta existência recolhida de monge na cela que perpassa pela *Imitação*.

Falecido em 1471, morreu como viveu — em grande paz.

No mesmo dia, em Roma, a morte do bem-aventurado Nemésio, diácono, e de Lucila, virgem, sua filha: permanecendo firmes na fé de Jesus Cristo sem se deixar quebrantar, foram decapitados por ordem do imperador Valeriano. Os corpos, que o papa Santo Estêvão fizera inumar e aos quais o bem-aventurado Sixto II havia, na véspera das calendas de outubro (1), dado uma sepultura mais honrosa na via Ápia, foram transferidos por Gregório IV do diaconato de Santa-Maria-a-Nova, com os santos Sinfrônio, Olímpio, tribuno, Exupéria, espôsa dêste último, e Teodulo, seu filho: todos, convertidos pelos cuidados de Sinfrônio e batizados por Santo Estêvão, receberam a corca do martírio. Os corpos dêstes mesmos santos, reencontrados neste lugar, sob o pontificado de Gregório XIII, foram recolocados, com mais honra ainda, sob o altar da mesma igreja, a 6 dos idos de dezembro. (2) Segundo as Atas do papa Santo Estêvão I, Nemésio era um tribuno cuja filha era cega de nascença. Foi ao papa para pedir que lhe batizasse Lucila. Batizada, a jovem entrou a ver. O pai, profundamente emocionado, foi ordenado diácono pelo papa. Pouco depois, pai e filha eram decapitados entre a via Ápia e a via Latina. Adon introduziu-os no martirológio romano no dia 31 de outubro, arbitràriamente, invocando uma pre-

(1) 31 de outubro. Ver êste dia.

(2) 8 de dezembro.

tendida translação feita pelo papa Sixto II. Agora, o que resta, é saber se a 25 de agôsto estão perfeitamente colocados, já que esta data é bem atestada por certos manuscritos das *Atas*.

Em Roma, São Genésio, mártir. No paganismo, onde fôra nascido, era comediante. Um dia que, em presença do imperador Diocleciano, representava no teatro os mistérios dos cristãos, tocado por divina inspiração, converteu-se imediatamente à fé e se fêz batizar. Pouco depois, por ordem do imperador, foi cruelmente malhado a bastão, estendido no cavalete, rasgado lentamente com unhas de ferro e, afinal, queimado com tochas. Apesar de tudo, firme na fé, gritava: "Não há outro rei senão Cristo, e mesmo que eu pudesse morrer mil vêzes por êle, vós não poderíeis jamais arrancá-lo de mim, nem da bôca, nem do coração." Tendo a cabeça cortada, obteve a coroa dos mártires. Seria uma variante, a história dêsse São Genésio, da de São Gelásio? (3)

Em Arles, outro São Genésio, mártir. Escrivão de profissão, recusou registrar decretos ímpios, os quais ordenavam duras punições para os cristãos. Morto na mesma hora, pela recusa, decapitado, foi batizado no próprio sangue, assim recebendo a glória do martírio, em 303.

Na Síria, São Julião, mártir, no século IV.

Em Tarragona, na Espanha, São Magino, mártir (século III?).

Em Itálica, também na Espanha, São Gerôncio, bispo: no tempo dos apóstolos, pregou o Evangelho naquela província, e, depois de muitos trabalhos,

(3) Ver 27 de fevereiro.

morreu na prisão. Tornou-se conhecido através dum hino composto por um contemporâneo dos apóstolos.

Em Constantinopla, São Mena, bispo, patriarca de Constantinopla, falecido em 552.

Em Utrecht, São Gregório, bispo, que foi, ao mesmo tempo, abade e administrador da diocese de Utrecht. Foi contemporâneo do grande São Bonifácio. Faleceu em 775.

Em Nápoles, Santa Patrícia, virgem. A *Vida* desta santa é puramente lendária: parenta do imperador de Constantinopla, deixou a capital para fugir do casamento que lhe queriam impor; chegada que foi a Nápoles, dali passou a Roma. Mais tarde, tornou a Constantinopla, para depois peregrinar a Jerusalém; de retôrno a Nápoles, ali morreu. Diz-se que, quando da primeira vez que estêve em Nápoles, escolhera o lugar em que desejava ser enterrada. Santa Patrícia é padroeira daquela cidade italiana desde 1625. Em 1846, Newman, que viajou pela Itália, escrevia: "Nós vimos o sangue de Santa Patrícia semilíquido, quero dizer, liquefazendo-se no dia em que se lhe celebrava a festa".

Em Touvers, na Provença, São Probácio, cujo culto é essencialmente local.

Em Agda, São Severo, abade, no século V. Uma *Vida* de São Severo, lendária, diz-nos que nasceu em Tiro, na Síria, onde distribuiu os bens todos aos pobres, retirando-se, em seguida, a uma ermida. Fundou, na cidade, um mosteiro que teria abrigado perto de trezentos monges. O corpo do Santo repousava numa igreja que lhe fôra dedicada.

Em Constantinopla, São Genádio, patriarca, falecido em 471. Teve episcopado calmo, se se com-

parar o seu com o dos predecessores e sucessores: entendia-se perfeitamente com o papa e com o imperador. Compôs várias homilias.

Em Apt, São Marciano, abade, fundador da abadia de Santo Eusébio, perto de Saignon. Faleceu em 485.

Em Constantinopla, Santo Epifânio, patriarca, desaparecido em 535. À morte do patriarca de Constantinopla, João da Capadócia, em 519, Epifânio sucedeu ao falecido. Em 525, recebeu o papa João I, enviado por Teodorico.

No mosteiro chamado de *Attanum*, na diocese de Limoges, Santo Yrieix, abade. Nascido em Limoges, de pais nobres, era filho de Santa Pelágia (festejada neste mesmo mês). Conhecido também como Arédio (São Gregório de Tours). Faleceu em 591.

Em Coldingham, na Escócia, Santa Ebba, abadêssa. Santa Ebba, cognominada a *Jovem*, foi abadêssa de Coldingham e morreu mártir em 870. Esta de hoje, apelidada a *Velha*, foi a fundadora daquele mosteiro. Era irmã do rei Santo Oswaldo. As relíquias jazem em Durham, repousando ao lado das de São Cutberto, de quem foi grande amiga. Faleceu em 683.

Em Homblières, Vermandois, Santa Hunegunda, virgem, que se supõe faleceu no ano 690.

Em Roselli, Abbruzzos, São João, ermitão.

Em Quimperle, Bretanha, São Gurlo, abade, cujo nome latino Gurloesius, propicia várias formas: Gurloé, Gurlé, Urlo e outros. Faleceu em 1057.

Na abadia de Santo Huberto, na diocese de Liège, o bem-aventurado Thierry I, abade. Foi o mais ilustre abade de Santo Huberto. Thierry (*Theode-*

ricus), nasceu em Leernes, a 11 de novembro de 1007. Excelente administrador, dado a grandes mortificações, foi sempre amável e dócil. Faleceu em 1087.

No Japão, os bem-aventurados Pedro Vasquez, Luís Sotello, com dois companheiros e Miguel Carvalho, mártires. A 25 de agôsto de 1624, foram queimados vivos, em Ximbura, um dominicano, o padre Pedro Vasquez, três franciscanos, notadamente o padre Luís Sotello, e um jesuíta, o padre Miguel Carvalho, de Portugal. Vasquez era da Galícia e Sotello de Sevilha. Foram beatificados, com duzentos mártires do Japão, por Pio XI.

Em Roma, os santos mártires Eusébio, Ponciano, Vicente e Peregrino que, sob o imperador Cômodo, sofreram sucessivamente tormentos no cavalete, golpes de lâminas de latão, depois, tendo as costas queimadas, como não deixavam de louvar a Jesus Cristo, exalaram o último respiro.

* * *

26.º DIA DE AGÔSTO

SANTA ROSA DE LIMA

No Peru

Era de descendência espanhola, mas nasceu em Lima, no ano de 1586. Recebeu no batismo o nome de Isabel, mas as côres delicadas do rosto fizeram-lhe dar o de Rosa. Mostrou, desde os primeiros anos, grande paciência nos sofrimentos e um amor extraordinário pela mortificação. Ainda menina, jejuava três dias por semana a pão e água; nos outros dias passava a ervas e raízes mal temperadas. Santa Catarina de Siena foi o modêlo que ela tomou em seus exercícios. Tinha horror a tudo o que poderia levá-la ao orgulho e à sensualidade, e fazia como instrumento de penitência tôdas as coisas que teriam podido comunicar à sua alma, o veneno dos vícios. Os elogios continuamente dirigidos à sua beleza faziam-na temer tornar-se para os outros, uma ocasião de pecado; também, quando devia comparecer em público, sujava o rosto e as mãos com casca de pimenta da Índia, que, pela sua qualidade corrosiva, lhe alterava a frescura da pele. Venceu o amor-próprio pela humildade profunda e por uma renúncia perfeita à própria vontade. Obedecia aos pais nas coisas mínimas, e todos ficavam

admirados da docilidade e da paciência que mostrava em tudo o que lhe acontecia.

Seus pais tinham caído de um estado de opulência em grande miséria e ela empregou-se na casa do tesoureiro Gonsalvo, provendo assim às suas necessidades, trabalhando quase dia e noite. Mas, apesar da continuidade de seu trabalho, jamais se interrompeu o comércio íntimo que mantinha com Deus. Talvez jamais teria pensado em mudar de estado se os amigos não insistissem com ela que se casasse. Para se livrar de suas solicitações e para cumprir mais fàcilmente o voto que tinha feito de ficar virgem, fêz-se religiosa da ordem terceira de São Domingos. O amor pela solidão levou-a a escolher uma pequena cela isolada. Aí praticava tudo o que a penitência tem de mais rigoroso. Tinha na cabeça uma grande coroa de espinhos pontiagudos, à imitação da coroa de Nosso Senhor. Êsse instrumento de penitência lembrava-lhe os mistérios da Paixão que ela não queria perder de vista. Ao ouvi-la falar de si mesma, parecia que era nada mais que uma pecadora que não merecia sequer respirar o ar, ver a luz do dia e andar sôbre a terra; daí, aquêle zêlo em louvar a divina misericórdia, cujos efeitos experimentava em si, tão particularmente. Quando falava de Deus, parecia ficar fora de si e o fogo que a queimava interiormente se lhe refletia no rosto, o que se notava sobretudo quando estava diante do Santíssimo Sacramento e tinha a felicidade de comungar. Tão grande fervor, e tão constante mereceu-lhe muitas graças extraordinárias.

Foi provada durante quinze anos, por violentas perseguições da parte de pessoas externas, bem como por aridez e muitas outras penas interiores. Mas

Deus, que só permitia essas provas para lhe aperfeiçoar as virtudes, sustentava-a e consolava-a pela unção de sua graça. Uma doença longa e dolorosa lhe deu nova ocasião de praticar a paciência. "Senhor, dizia ela muitas vêzes então: aumentai meus sofrimentos, contanto que, ao mesmo tempo, aumenteis vosso amor em meu coração." Enfim, entrou na bem-aventurada eternidade a 24 de agôsto de 1617, na idade de trinta e um anos. O arcebispo de Lima assistiu a seus funerais: o capítulo, o senado e as companhias da cidade quiseram ter a honra de lhe levar o ataúde ao cemitério. Vários milagres operados por sua intercessão foram examinados jurìdicamente pelos comissários apostólicos e atestados por mais de cem testemunhas. Clemente X canonizou-a no ano de 1671 e fixou-lhe a festa para o dia 30 de agôsto. (1)

* * *

(1) Godescard, 30 Agôst.

SÃO VÍTOR (*)

Mártir

Primeiros Séculos

São Vítor foi martirizado em Cesaréia da Mauritânia, hoje Cherchell, na Argélia.

Cristão, foi condenado à morte. Entregue às torturas, aproximaram-se dêle dois funcionários que retornavam duma missão que os levara além-fronteiras.

Um dêles, insensível aos tormentos que infligiam a Vítor, rindo, pôs-se a insultá-lo, enquanto acoroçoava os carrascos. E dizia:

— Que bandido, êste que encontramos!

O outro, todavia, tomado de piedade, como se se colocasse no lugar do pobre sofredor, recriminando o colega, entrou, docemente, a defender o mártir.

Vítor olhou com gratidão o bom homem, e, depois de predizer a desgraça do que ria e a felicidade daquele que o defendia, disse a êste último:

— Dize ao presidente que me condene à cruz e será curado da gôta.

Os dois homens que acabavam de chegar dalém-fronteiras buscaram o presidente e lhe entregaram um relatório escrito a respeito da missão que lhes

fôra dada. E, realizando-se a predição de São Vítor, enquanto um era atirado à prisão, o outro era feito, em meio aos elogios, decurião.

Quanto ao Santo, foi crucificado, e o presidente, que devia ir assistir à morte carregado, fê-lo a pé, por si mesmo, desembaraçadamente.

Conta-se que o mártir foi duma coragem inaudita: quando lhe pregavam os pés ao madeiro, com um longo cravo, êste ia entrando torto e não iria firmá-los perfeitamente; então, fêz aos carrascos, docemente, esta observação:

— Endireitai o cravo, que assim não poderá penetrar os ossos.

Foi assim que, sofrendo com infinita paciência, com Nosso Senhor no coração, por isso que a tudo suportava, São Vítor mereceu a gloriosa coroa do martírio.

* * *

SANTA PELÁGIA (*)

Viúva

Santa Pelágia era mãe de Santo Yrieix. (1)

Diz-nos São Gregório de Tours, no seu *In Gloria Confessorum*: "Pelágia, mãe do bem-aventurado Arédio, extremamente religiosa, chamou o filho quando se sentia perto da morte e lhe disse:

"— Eu te rogo, meu dulcíssimo menino, não me sepultes senão quatro dias depois do falecimento, a fim de que todos os servidores me possam ver e nenhum daqueles que eu alimentei com tanto cuidado deixem de assistir ao meu enterramento".

"Acabara de falar e morrera".

"Depois dos arranjos que se usava naquele tempo, colocaram-na no esquife e levaram-lhe o corpo para a igreja. No quarto dia, antes de entregá-la à terra, tal perfume lhe emanou do corpo, que a todos extasiou, e uma bola de fogo, aparecendo no céu, à noite, levantada do Oriente, correu pelo espaço e pairou sôbre a igreja onde jazia o corpo da defunta. E tanta luz despendia que se julgava fôra dia".

"Muitas curas foram realizadas à tumba desta mulher religiosa".

---

(1) 25 de agôsto.

Santa Pelágia, ao que parece, faleceu em 584. O culto é bastante antigo.

No mesmo dia, São Zeferino, papa e mártir, cuja morte é mencionada a 13 das calendas de janeiro — 20 de dezembro. Faleceu em 217.

Em Cordona, na Espanha, a morte de São Raimundo Nonato, cardeal e confessor, da ordem de Santa Maria da Mercê para a redenção dos cativos: foi célebre pela santidade de vida e pelos milagres (31 de agôsto).

Em Roma, os santos Irineu e Abúndio: durante a perseguição de Valeriano, por terem retirado o corpo da bem-aventurada Concórdia duma cloaca, onde a haviam atirado, foram nela precipitados e mortos. O padre Justino retirou-lhes os corpos para sepultá-los numa cripta, perto da do bem-aventurado Lourenço.

Perto de Vintimiglia, na Ligúria, São Segundo, mártir, personagem considerável, um dos chefes da legião tebana.

Em Bérgamo, Santo Alexandre, mártir, soldado da mesma legião: confessando com grande constância o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, foi decapitado, assim cumprindo o martírio. Padroeiro de Bérgamo, a leste de Milão, ignora-se-lhe a história. Ergueram-lhe uma basílica sôbre a tumba. Segundo alguns autores, Santo Alexandre teria sido supliciado em Milão e depois levado para Bérgamo.

Festa de São Simplício, com Constâncio e Vitoriano, seus filhos: sob o imperador Aureliano, sofreram, primeiramente, rigorosas torturas; depois,

acabados a golpes de acha, conquistaram a coroa do martírio.

Na Nicomédia, a *Paixão* de Santo Adriano, filho do imperador Probo: por ter censurado a Licínio a perseguição desencadeada contra os cristãos, foi morto por ordem daquele imperador. Domício, tio do mártir, bispo de Bizâncio, foi quem lhe sepultou o corpo na cidade chamada Argirópolis (304-312?). Trata-se, talvez do Santo Adriano que sofreu sob Diocleciano. Os documentos latinos não falam de nenhum mártir com êste nome sob Licínio.

Na Espanha, São Vítor, mártir, massacrado pelos mouros pela fé de Nosso Senhor, e assim honrado com a coroa do martírio.

Em Cápua, São Rufino, bispo e confessor.

Em Pistóia, na Toscana, São Félix, padre e confessor.

Em La Puye, diocese de Poitiers, Santa Joana Isabel Bichier des Âges, virgem, fundadora das Filhas da Cruz com Santo André Humberto Fournet, célebre pela mortificação contínua e a inocência de vida, que o papa Pio XII colocou nos fastos das santas virgens. Nascida em 1773, nas fronteiras do Berry e do Poitou, faleceu em 1838.

Em Bréscia, Santo Alexandre, mártir (I século?). Diz o padre Van de Vorst: "A cidade de Bérgamo celebra a 26 de agôsto a festa de Santo Alexandre, mártir da legião tebana: no mesmo dia, é venerado em Bréscia um santo com o mesmo nome. Nos trabalhos sôbre os santos de Bréscia, Brunati e Onofre (1) concluiram que o mártir honrado desde tempos imemoriais naquela cidade era Santo Alexandre de

(1) Dois estudiosos da vida dos santos.

Bérgamo. Para apoiar esta tese, aquêles estudiosos salientavam que nem nas legendas, nem nos martirológios antigos se achavam qualquer traço dum mártir, com aquêle nome, em Bréscia." Será, verdadeiramente, um só Santo? A questão continua de pé.

Em Lecce, Itália, os santos Justo, Orôncio e Fortunato, mártires (I século?).

Em Calagurris ou Calagorgis, Comminges, São Martório ou Martírio.

Em Poitiers, São Gelásio, bispo.

Na Tebaida, São Tituiê, monge, no século V.

Em Nevers, Santo Euládio, bispo, no século VI.

Em Siracusa, Santo Elias, bispo, falecido em 664.

Em Cantorbéry, São Breogwine, bispo, desaparecido em 765. Nascido na Saxônia, estudou na Inglaterra. Sucedeu a Cutberto, eleito que foi por Etelberto, rei de Kent. Foi sagrado a 29 de setembro de 761. Morto, teve o corpo acirradamente disputado pelos monges de Santo Agostinho, fora dos Muros e a catedral do Cristo.

Na abadia de Bec-Hellouin, o bem-aventurado Herluíno, abade, falecido em 1078. Descendente de normandos, foi o fundador daquela abadia.

Em Florença, na Itália, a bem-aventurada Margarida de Faenza, abadêssa da ordem de Valumbrosa, falecida em 1330.

Na Itália do Sul, o bem-aventurado João de Caramola, cisterciense, que, quando faleceu (1339), soprou tão terrível ventania que se julgava iria o mosteiro pelos ares, como se fôra uma "simples fôlha sêca."

Na Itália, o bem-aventurado Timóteo de Montecchio, franciscano, desaparecido em 1504. Nascido

em 1444, em Montecchio, perto de Aquila, professou entre os franciscanos da Observância. Austeríssimo, seguia a Regra ao pé da letra. Diz-se dêle que recebeu a visita de Maria Santíssima, a qual São Francisco acompanhava, e que ouviu Nosso Senhor falar-lhe no sacramento do altar. Faleceu no convento de Santo Ângelo de Ocra, onde as relíquias são veneradas. Pio IX confirmou-lhe o culto em 1870.

Nos Abruzzos, na Itália, o bem-aventurado João Bassand, monge celestino, falecido em 1445.

Em York, na Inglaterra, o bem-aventurado Tomás Perci, mártir, em 1572. Conde, morreu por Nosso Senhor. Uma filha, que não chegou a conhecer, Maria, fundou em Bruxelas um mosteiro de beneditinas, em 1598. Beatificado em 1896.

* * *

27.º DIA DE AGÔSTO

SÃO JOSÉ DE CALAZANS

Fundador da Congregação das Escolas Pias

Nascido a 11 de setembro de 1556, em Petralta, no reino de Aragão, José era de família nobre e rica. Desde os mais tenros anos, deu sinais de sua caridade futura, pelas crianças e do cuidado que um dia havia de ter de sua educação; pois, sendo ainda pequenino, os reunia em redor de si, ensinava-lhes os mistérios da fé, bem como as orações. Tornando-se sacerdote, depois de longos e difíceis estudos, evangelizou durante oito anos, com zêlo e êxito de apóstolo, várias províncias da Espanha. Mas, seguindo uma inspiração particular, dirigiu-se a Roma, em 1592. Lá, não contente com macerar o corpo com jejuns, vigílias e outras austeridades, ocupava-se em instruir as crianças, em visitar e consolar os doentes, em aliviar os pobres mais abandonados, associando-se a São Camilo de Lelis, para o serviço dos empestados. Assim por vinte anos, estudou a vontade de Deus e para tal se preparou.

Deus fê-lo conhecer que era chamado para a educação das crianças, sobretudo das crianças pobres e êle fundou, sob a proteção especial da Santa Vir-

gem, uma congregação de religiosos, chamada das Escolas Pias ou piedosas. O objeto dessa congregação é ensinar as crianças a ler, a escrever, a contar, a escriturar os livros dos comerciantes e nos escritórios, a ensinar humanidades, línguas vivas, filosofia, matemática e teologia. Espalhou-se depressa até na Espanha, na Áustria e na Polônia. Mas, para a fundar e propagar, o santo institutor suportou tantos trabalhos e sofreu tantas contradições e com uma invencível paciência que o chamavam de Jó. Embora superior geral, não deixava de instruir as crianças, sobretudo as mais pobres a ponto de varrer êle mesmo as salas e de as acompanhar pelas ruas. Apesar de sua frágil saúde, perseverou cinqüenta anos nesse humilde mister. Também Deus o favoreceu com o dom das profecias e dos milagres. Na idade de mais de oitenta anos, foi horrìvelmente perseguido por três membros de sua congregação. Caluniado perante as autoridades, foi levado com estardalhaço a um tribunal de Roma. Caluniado de novo, foi depôsto do cargo de superior geral, e obrigado a se sujeitar ao jugo do principal perseguidor. A 25 de agôsto de 1648, morreu em Roma, abandonado, na idade de noventa e dois anos, depois de ter predito a restauração e o aumento de sua Ordem, naquele momento quase aniquilada. A festa de São José de Calazans foi fixada para o dia 27 de agôsto e há no breviário romano um ofício que foi aprovado, em 1769. (1)

* * *

(1) Veja-se êsse ofício, a vida do Santo, por Aleixo de La Concepcion; o Padre Heliot, **Hist. des Ordres monast.** t. IV p. 281; Godescard, 27, agôsto.

SÃO CESÁRIO

Bispo de Arles

Tinha nascido no ano 470, no território de Châlons-sur-Saone, de pais igualmente distintos, pela piedade e pela nobreza. O filho não degenerou. Viram-se quase ao mesmo tempo nêle as sementes e os frutos das mais belas virtudes. Não tinha ainda sete anos e despojava-se mui freqüentemente de seus hábitos, para com êles vestir os pobres, voltando para casa quase nu. Quando lhe perguntavam o que tinha feito de suas roupas, contentava-se com responder que alguns viandantes dela o tinham despojado. Na idade de mais ou menos dezoito anos, fugiu da casa paterna e foi lançar-se aos pés de São Silvestre, Bispo de Châlons, rogando-lhe que lhe desse a tonsura clerical e o anexasse ao serviço da Igreja. O santo bispo não pôde resistir a desejos tão ardentes e Cesário ficou dois ou três anos junto dêle. Depois disso o desejo de uma perfeição maior o levou a se retirar ao mosteiro de Lerins.

São Porcário, que lhe era então o abade, recebeu-o com alegria e viu depressa que o jovem noviço já tinha tôdas as virtudes dos religiosos mais antigos e dos mais fervorosos. Deu-lhe o cargo de mordomo do convento. A caridade e o amor da pobreza foram

as regras que Cesário seguiu nas funções do seu cargo. Encarregado de prover às necessidades de seus irmãos, prevenia as daqueles cuja necessidade conhecia e que, por mortificação, nada pediam; mas recusava tudo à sensualidade, por mais instâncias lhe fizessem. Os monges, descontentes, murmuravam freqüentemente e o abade viu-se obrigado a lhe tirar o cargo, que desempenhava tão bem.

Cesário, voltando por assim dizer a si mesmo, aplicou-se com mais cuidado à sua perfeição; mas levou tão longe as austeridades e abstinências que caiu doente. Como já não se esperava mais sua convalescença, estando êle no mosteiro, seu santo abade, que ternamente o amava, obrigou-o a ir passar algum tempo em Arles, para recobrar a saúde. Um homem de qualidade chamado Firmino e uma senhora chamada Gregória, muito caridosos para com os pobres, receberam-no em sua casa. O reitor Pomério freqüentava aquela casa: Firmino o induziu a dar lições de sua arte ao jovem monge, que primeiro consentiu; depois, um sonho milagroso fê-lo conhecer que Deus não aprovava sua aplicação àqueles estudos profanos. Os hospedeiros ficaram edificados com suas virtudes e falaram a Santo Eônio de Arles, em têrmos tão elogiosos que lhe fizeram nascer o desejo de o conhecer pessoalmente. O santo bispo mandou chamá-lo alguns dias depois e, informando-se de seu nome e de sua família, ficou surprêzo ao saber que era seu parente. Tomou-lhe muito afeto e tendo obtido com dificuldade de seu abade que o cedesse, ordenou-o diácono e depois, sacerdote. Cesário observou no clero tôdas as práticas da vida monás-

tica, segundo a regra de Lerins e em nada se dispensou da salmodia que então estava em uso.

O abade do mosteiro situado numa ilha vizinha de Arles, morrera e Eônio pôs Cesário em seu lugar. Desempenhou aquêle cargo com tanta edificação, restaurando a regularidade entre os monges, que o governou por três anos. Durante êsse tempo, Santo Eônio, muito doente, dizia muitas vêzes ao clero, aos principais cidadãos, que não lhe deviam procurar outro sucessor senão Cesário; que sòmente êle era capaz de restaurar a disciplina ao antigo vigor para cuja conservação suas enfermidades já não permitiam mais velar. Assim, depois de sua morte, deliberaram pouco na escolha do sucessor. Cesário, que tinha sabido de sua eleição, foi esconder-se entre os túmulos; mas tiraram-no do sepulcro onde sua humildade o tinha sepultado, para o colocar no candelabro, como luz que devia iluminar a casa do Senhor. Era no ano 502, aos 33 de sua idade.

Cesário assinalou os princípios de seu episcopado com diversas instaurações santas. Ordenou que os clérigos recitassem todos os dias, na Basílica de Santo Estêvão, o ofício de Têrça, Sexta e Nona, com os hinos convenientes, a fim de que os penitentes e os outros leigos que quisessem assistir, pudessem fazê-lo cômodamente. E para tirar aos leigos a ocasião de conversar na Igreja, quis que cantassem também os salmos com os clérigos, uns em latim, outros em grego, pois essa língua estava muito em uso naquela província da qual a maior parte das cidades eram colônias gregas. Deixou aos diáconos todo o cuidado temporal da Igreja, a fim de se aplicar inteiramente ao espiritual e, particularmente, à pre-

gação da palavra de Deus, para o que tinha talento, embora sua eloqüência não tivesse sido cultivada pela arte. A piedade e o zêlo a isso supriam. Pregava em todos os domingos e em tôdas as festas; dava seus sermões aos que o vinham ver; mandava-os aos bispos distantes não sòmente nas Gálias, mas na Itália e na Espanha. Quando êle mesmo não podia pregar, mandava os padres ou os diáconos lerem, seus sermões ou de Santo Agostinho. E como alguns bispos se queixavam de que confiar a pregação a outrem era contra o uso daqueles tempos, dizia: "Se podem ler as palavras dos profetas, dos apóstolos e de Nosso Senhor, também podem ler as nossas". Muitas vêzes fazia ler as homilias nas Matinas e nas Vésperas, a fim de que ninguém ficasse privado de instrução. Seu estilo era simples e ao alcance dos ouvintes. Entrava em grande particular e pregava contra os vícios que mais reinavam, sobretudo repreendia aquêles que observavam os augúrios, honravam as árvores e as fontes ou guardavam restos do paganismo.

Como nada é mais digno de compaixão que a indigência unida à enfermidade, Cesário foi sobretudo sensível à miséria dos pobres doentes. Fundou para êles um hospital, onde eram servidos com o maior cuidado. Recitavam-se todos os ofícios divinos, como na igreja catedral, mas em voz baixa, para não incomodar os enfermos. Ocupava-se, ao mesmo tempo, de obter a liberdade dos escravos. Sempre dizia ao servo: "Ide ver se há algum pobre diante da porta que tema interromper-nos e cujo sofrimento nos seria imputado como pecado."

Embora São Cesário rezasse dia e noite pela paz e tranqüilidade dos povos, foi acusado por um de seus secretários de querer entregar a cidade de Arles aos Borguinhões, dos quais tinha nascido súdito. Não foi preciso muito mais para as suspeitas de Alarico. Cesário foi desterrado para Bordéus, mas teve logo uma ocasião de fazer brilhar a inocência. Dias depois de sua chegada, a cidade incendiou-se, e os habitantes alarmados correram à sua casa, rogando-lhe que detivesse o incêndio. Imediatamente o santo bispo, cheio de viva fé, caminhou na direção das chamas, prostrou-se em oração e o fogo apagou-se imediatamente. O milagre aumentou-lhe a veneração que já se tinha concebido por sua virtude, e tornou-lhe o zêlo mais útil. Êle não ficou ocioso no exílio. Pregava muitas vêzes e em seus discursos recomendava aos ouvintes obedecessem ao príncipe nas coisas justas, mas exortava-os com uma santa liberdade a que resistissem à heresia que professava. O rei Alarico, tendo reconhecido sua inocência ordenou que voltasse à igreja e condenou o delator a ser apedrejado. O povo acudia já com pedras, mas São Cesário veio a sabê-lo, correu prontamente a falar com o rei e obteve graça, para lhe dar um meio de fazer penitência. Ao seu regresso, todo o povo o recebeu precedendo-o com círios e cruzes, cantando salmos, julgando ser-lhe devedor de uma grande chuva que caiu então, depois de longa sêca. (1)

Vários bispos das Gálias foram expulsos de suas sedes, por semelhantes suspeitas, de favorecer uma dominação estrangeira. Assim Aprúnculo, bispo de

(1) **Vita S. Caesar., Acta SS. 27 Aug.**



O exorcista, ordem menor (de acôrdo com uma miniatura de um mosteiro do século XIV).

Langres, tornou-se suspeito aos borguinhões, porque o terror dos francos, se havia espalhado no país e todos os habitantes desejavam tê-los por senhores. O ódio dos borguinhões pelo santo bispo chegou tão longe, que determinaram matá-lo, secretamente. Tendo sabido disso em Dijon, sua pátria, desceu de noite por cima da muralha e fugiu para a Alvérnia, onde sucedeu a São Sidônio e foi o décimo-primeiro bispo de Clermont. Seu sucessor, Eufrásio, recebeu São Quinciano, bispo de Rodes, expulso também pelo mesmo pretexto. Depois da conversão de Clóvis, os francos eram ainda mais desejados. Assim, os cidadãos de Rodes, tendo tido uma questão com o bispo reprovaram-lhe querer submeter-se aos francos. Os gôdos que moravam na cidade combinaram e resolveram matá-lo. Mas disso êle foi avisado e partiu de noite com os mais fiéis de seus servos, para se retirar para a Alvérnia, onde o bispo Eufrásio o recebeu com muita caridade e lhe deu casas, terras e vinhas, dizendo que os bens daquela igreja eram suficientes para manter a ambos. O bispo de Lião deu-lhe também alguns bens que sua igreja tinha na Alvérnia. São Quinciano foi depois bispo de Clermont e viveu até a mais provecta velhice. (2)

Entretanto, a guerra continuava na Gália Narbonense. Os francos e os borguinhões aliados sitiavam a cidade de Arles, sujeita aos visigodos. Durante o cêrco, que foi longo, um jovem clérigo que temia ser vencido com a cidade, desceu de noite o muro por meio de cordas e se entregou aos sitiantes. O jovem era parente de São Cesário e, como êle, originário da Borgonha. Não foi preciso mais aos

(2) Greg. Tur., 1. II, c. XXIII.

visigodos, que estavam na cidade para fazer o processo contra o santo bispo. Publicaram que tinha mandado seu clérigo aos inimigos para combinar alguma traição; sublevaram o povo contra êle, e, sem lhe dar o tempo de se justificar levaram-no da casa da igreja, que foi saqueada e o meteram numa prisão, com intenção de o atirar ao Ródano, na noite seguinte, ou pelo menos de o encerrar num castelo até que se pudesse, depois do cêrco, determinar o que se faria com êle. Os judeus que estavam na cidade, para insultar os católicos, falavam mais de traição; mas Deus os cobriu de confusão. Um dêles atirou aos sitiantes, do alto da muralha, uma carta prêsa a uma pedra, para os avisar de que, durante a noite, encostassem escadas no lugar onde estavam de guarda, prometendo-lhes entregar a cidade, com a condição de conservarem a vida e os bens dos judeus. Mas os sitiantes, afastaram-se um pouco da muralha e a carta foi encontrada no dia seguinte pelos sitiados: a traição foi descoberta naqueles que acusavam o santo bispo; foi essa a sua justificação.

Um exército de Teodorico, rei dos ostrogodos da Itália e avô de Amalarico, o novo rei da maior parte dos visigodos, mandou socorro a Arles, obrigou os francos e os borguinhões a levantar o cêrco. Os gôdos, que os bateram em sua retirada, levaram a Arles tão grande número de prisioneiros, que as igrejas se encheram. Êsses cativos estavam reduzidos a extrema miséria pela dureza dos gôdos; a caridade de São Cesário, que fôra pôsto em liberdade, foi a salvação de tantos infelizes. Forneceu-lhes, primeiro, grande quantidade de víveres e de roupas. Depois empregou em resgatá-los todo o di-

nheiro que Santo Eônio seu predecessor tinha deixado no tesouro da Igreja. E como o dinheiro não fôsse suficiente, vendeu turíbulos, cálices, patenas e ornamentos de prata, que estavam nas colunas da igreja. Dizia que agia assim, para que uma escravidão tão dura não obrigasse homens, resgatados pelo sangue de Jesus Cristo a se fazerem arianos ou judeus. O que faz julgarmos que o grande número de prisioneiros eram católicos. Não creio, acrescentava, que possa ser coisa desagradável a Deus empregar os vasos de seu altar em resgatar homens que êle amou até dar a si mesmo, para os resgatar.

Eu bem quisera saber, se aquêles que acham mau se comprem êsses serviços de Jesus Cristo à custa de seus vasos, não quereriam ser resgatados a êsse preço, se a mesma desgraça lhes tivesse sucedido. (3)

São Cesário tinha começado, antes do cêrco de Arles, a construir um mosteiro de moças, para sua irmã Santa Cesária. O edifício estava adiantado e o santo bispo não se envergonhava de lá trabalhar também, com as próprias mãos. Mas teve a mágoa de o ver destruído pelos sitiantes, que lhe levaram todo o material para os trabalhos. Êsse contratempo não o abateu. Retomou o primitivo intento logo depois de levantado o cêrco e construiu para o mosteiro uma grande igreja com duas naves dos lados. O meio estava dedicado à Santa Virgem, um dos lados a São João e o outro a São Martinho. Logo que a construção terminou, chamou sua irmã Cesária, de Marselha, aonde tinha sido enviada, para praticar

---

(3) **Vita S. Caesar., Acta SS.** 27 de agôsto.

num mosteiro de moças o que devia ensinar às outras. Cesária entrou no novo mosteiro com outras duas ou três companheiras; bem depressa, teve uma grande comunidade.

A clausura era exata; é o primeiro artigo da regra que São Cesário deu àquela casa e que foi adotada depois, nas outras várias. Não sòmente essas religiosas jamais saíam, mas ninguém entrava no interior do mosteiro, nem homem, nem mulher, nem mesmo na Igreja, se não fôsse bispo, abade ou religioso, de virtude conhecida, para lá fazer suas orações; um padre, um diácono, um subdiácono, com um ou dois leitores para às vêzes celebrar a missa. Dentro podiam entrar, em caso de necessidade, os bispos, o provedor e os operários, para a reparação da construção. O provedor era como um intendente para os negócios fora. Havia um locutório para receber as visitas, mas a abadêssa só devia aparecer acompanhada por duas ou três irmãs, as outras, com uma antiga freira. Era proibido dar de comer a quem quer que fôsse, mesmo aos bispos; não havia exceção a não ser para as mães das religiosas, que, não sendo da cidade, vinham visitar as filhas.

Experimentavam-se as religiosas durante um ano, antes de lhes dar o hábito: recebiam-se viúvas e moças menores; o que mostra que o cânon do concílio de Agda, de só dar o véu aos quarenta anos, não se referia a religiosas enclausuradas. Podiam-se receber meninas de seis ou sete anos, mas não se recebiam pensionistas. Era sobretudo proibido ter algo de próprio e a abadêssa mesma não podia ter doméstica. Nada se podia receber de fora nem dar. Nenhuma religiosa tinha quarto, nem armário, nem

nada que ficasse fechado. Dormiam em leitos diferentes, mas no mesmo quarto. As velhas e as doentes tinham outro quarto comum. Os leitos eram simples, sem nenhum ornamento nas cobertas; os hábitos eram brancos; o toucado não podia exceder em altura a medida marcada na regra, que era de uma polegada e duas linhas. Faziam seus hábitos e ocupavam-se ordinàriamente em trabalhar a lã. Davam-lhes, cada dia, a tarefa que deviam realizar, mas não lhes era permitido trabalhar em bordados, nem tingir ou remendar hábitos para pessoas de fora. Os ornamentos de suas igrejas eram de lã e de pano comum, sem bordados nem flôres. Havia religiosas que se ocupavam em copiar os livros santos. Aprendiam tôdas a ler e faziam todos os dias duas horas de leitura, desde as seis horas da manhã até às oito: lia-se ainda durante uma parte do trabalho.

Jejuavam durante os meses de setembro e de outubro, na segunda-feira, na quarta-feira e na sexta-feira desde primeiro de novembro até o Natal, todos os dias, exceto nas festas e nos sábados; antes da Epifania, sete dias; desde a Epifania até à Quaresma, na segunda-feira, na quarta e na sexta-feira. Nos dias de jejum, serviam-lhes três pratos, e dois sòmente nos outros dias; jamais carne fina, mas aves aos enfermos. Só tomavam banho por ordem do médico. As correções eram reprimendas; a excomunhão, isto é, a separação da oração e da mesa comum e por fim, a disciplina, isto é, a flagelação. Os bispos usavam dessa espécie de correção não sòmente para os escravos, mas também para os homens livres, de sua dependência; e notamos, como prova singular da doçura de São Cesário, que jamais fazia dar

mais de trinta e nove chicotadas, segundo a lei de Moisés.

No meio dessas revoluções, São Cesário de Arles foi acusado, ou melhor, caluniado a Teodorico, rei da Itália, mas governante da Gália meridional, como tutor de Amalarico, sendo detido e levado para a Itália, sob escolta. Quando chegou a Ravena, entrou no palácio e saudou o rei. Teodorico, vendo homem tão intrépido e venerável levantou-se, descobriu-se e respondeu-lhe à saudação com muita deferência. Depois, perguntou-lhe com maneira afetuosa se estava cansado da viagem e como iam os habitantes de Arles, bem como os gôdos que estavam entre êles. Depois que o santo deixou a audiência, o rei disse aos seus: "Deus castigue os que obrigaram inùtilmente a tão longa viagem êsse santo homem! Estremeci à sua entrada; tem rosto de anjo; é um homem apostólico e não é permitido pensar-se mal de personagem tão venerável."

Mandou depois ao seu aposento uma bacia de prata, pesando sessenta libras, com trezentas peças de ouro, dizendo: "recebei êste presente, santo bispo. O rei, vosso filho, vos roga que reserveis êste vaso para vosso uso e como recordação dêle." Mas Cesário que, com exceção das colheres não se servia de prata à mesa, mandou vender o vaso pùblicamente, três dias depois, e com o dinheiro resgatou grande número de escravos. Informaram disso o rei, assim como da multidão de pobres que afluía à porta do santo bispo, e que mal deixavam meios e possibilidade de dela se aproximar. O rei louvou-o tanto que todos os senadores e grandes do palácio quiseram, à porfia, que suas esmolas fôssem distribuídas

pelas mãos do santo homem, dizendo pùblicamente que Deus lhes tinha concedido uma grande graça por verem tal pontífice, homem tão apostólico. Libertou ainda todos os que tinham sido escravizados além da Durance, principalmente os da cidade de Orange, da qual todos os habitantes tinham sido levados prisioneiros na última guerra; deu-lhes mesmo carros e o com que voltarem para suas terras.

Em Ravena, havia uma viúva cujo filho ainda jovem, servia sob o prefeito do pretório, e a sustentava com seu trabalho. Êle caiu, de repente enfêrmo e ficou sem vida. A mãe correu a lançar-se aos pés do santo bispo e disse-lhe, entre lágrimas e soluços: "creio, santo homem, que a misericórdia divina vos trouxe aqui, para que restituais o filho à mãe." Depois de ter feito alguma dificuldade, foi secretamente à cabana da viúva e após lá se ter prostrado por terra, deixando o Padre Messiano, seu secretário com ordem de o avisar logo que o jovem voltasse a si. Refez-se depois de uma hora, abriu os olhos e disse à mãe: "Ide agradecer ao servo de Deus, cujas orações me restituíram a vida." Ela correu explicando-se mais com lágrimas do que com palavras e rogou ao santo levasse o filho com êle para as Gálias, para o dedicar ao seu serviço. O milagre espalhou-se não sòmente por tôda a cidade, mas por tôda a província; e a fama de São Cesário estendeu-se até Roma, onde já era querido e desejado por todos, pelo Papa, pelo clero, pelos grandes e pelo povo.

Tendo de fato ido para lá, o Papa Símaco e os senadores romanos prestaram-lhes as maiores honras. O Papa concedeu-lhe o uso do pálio e quis que os diáconos da igreja de Arles usassem as dalmáticas

como os de Roma. São Cesário, por sua vez, consultou o Papa sôbre diversos pontos de disciplina expostos numa memória que lhe apresentou e que estava concebida nestes têrmos: "Como o episcopado começa na pessoa de São Pedro, é necessário que Vossa Santidade, por determinações convenientes, faça conhecer a tôdas as igrejas o que elas devem observar. Há pessoas nas Gálias que, sob diversos pretextos, alienam as terras da Igreja: de onde acontece que bens que só foram dados para as necessidades dos pobres são dissipados de modo inconvenientemente, menos que se trate de fazer alguma doação a um mosteiro.

Pedimos também que os leigos que exerceram cargos de judicatura e que tiveram parte no govêrno das províncias, só sejam recebidos no clero ou promovidos ao episcopado, depois de longas provas de uma conduta regular; e que as viúvas que usaram por muito tempo o hábito da viuvez ou as religiosas que ficaram muito tempo num mosteiro não se possam casar, mesmo que o queiram, e que ninguém possa obrigá-las a isso. Suplicamos-vos ainda, mui humildemente, que ninguém seja elevado ao episcopado por questão ou comprando a pêso de ouro o sufrágio de homens poderosos; e que, para obviar a êsse abuso, o clero e os cidadãos não possam subscrever o decreto de eleição, sem o saber, e sem o consentimento do metropolita."

O Papa Símaco respondeu a êsse memorial por um rescrito de 6 de novembro de 513. Declara, no primeiro artigo, que se podem alienar os bens da igreja em favor dos mosteiros e hospitais de peregrinos, ou em favor dos clérigos que o merecerem com

a condição, entretanto, de que tais bens voltem à Igreja depois da morte daqueles aos quais forem cedidos; e recomenda que não se concedam essas graças aos que aspiram ao sacerdócio, em vista dos bens da Igreja. Vemos ainda aqui a origem dos benefícios eclesiásticos, bem como as qualidades e os serviços que devem ter aquêles aos quais se conferem.

Sôbre os artigos seguintes, o Papa ordena não se promoverem fàcilmente os leigos ao sacerdócio, mas fazê-los passar pelos diversos graus da clericatura, onde devem permanecer o tempo prescrito. Excomunga os que tiram das viúvas ou das virgens, e sobretudo os que se casam com virgens consagradas. Enfim, para reprimir a ambição e as questões, ordena que o decreto de eleição seja assinado na presença do visitador e quer que essas determinações sejam comunicadas a todos os bispos. O visitador era um bispo nomeado pelo metropolitano para visitar a igreja vacante e presidir à eleição. (4)

Foi ainda nessa viagem a Roma que São Cesário fêz por fim terminar a contestação que durava havia tanto tempo, entre a Igreja de Arles e a de Viena, e que mantinha mais que tudo as revoluções políticas. Viena era então dos borguinhões e Arles dos gôdos. Santo Avito tinha obtido do Papa Anastácio para a Igreja de Viena, uma ordem mais favorável que a de São Leão. Mas Santo Eônio de Arles queixou-se disso a Símaco e êste ordenou às partes que lhe enviassem deputados para sustentar suas respectivas pretensões. Santo Avito não mandou ninguém e Símaco julgou por provisão a 29 de

(4) Labbe, t. IV, 1294-1296.

setembro de 500, que era preciso se ater ao que tinha sido antigamente determinado acima pela Santa Sé, por não ser conveniente que os decretos de um Papa fôssem anulados pelos que lhe sucediam. Que respeito, diz êle, se terá pelos sucessores de São Pedro, se o que regulamentaram, durante seu pontificado, perder a fôrça depois que morrerem? (5)

Santo Avito queixou-se de ter sido condenado sem ter sido ouvido.

O Papa respondeu-lhe a 13 de outubro de 501, que não se devia ofender, de êle ter mandado Eônio, que não queria de maneira alguma prejudicar-lhe os seus direitos e que era ainda livre de propor sua defesa. "Embora tenhamos mandado, diz, que nosso predecessor, Anastácio, de santa memória, tenha pôsto a confusão em vossa província, contra as antigas determinações dos outros soberanos pontífices que não se devia sofrer essa inovação, entretanto, se fizerdes conhecer que houve boas razões de assim agir, seremos bem felizes de constatar que nada se fêz nisso contra os cânones. Pois, embora seja preciso observar exatamente os antigos decretos, devemos também afrouxar o antigo rigor da lei, em vista de um bem, como a lei o teria marcado, se o tivesse previsto." (6)

Êsse negócio durou assim até à viagem de São Cesário a Roma. O Papa, tendo ouvido suas razões, confirmou de novo o juízo de São Leão, por uma carta de 13 de novembro de 513, dirigida a todos os bispos das Gálias. A Sé Apostólica compete manter a paz e a união da Igreja universal e o meio mais

(5) Ibid., 1291.

(6) Spicileg., t. V. p. 583.

eficaz para o fazer é ater-se às antigas determinações. Por isso o Papa declara que, a pedido de Cesário, ordena sejam observadas as regulamentações feitas por São Leão, isto é, que o bispo de Viena, tenha jurisdição sòmente sôbre as igrejas de Valência, de Tarentaise, de Genebra e de Grenoble, e que os direitos de que a Igreja de Arles está de posse, sôbre as outras igrejas, lhe sejam conservados.

São Cesário pediu ainda mais tarde que o bispo de Aix devesse estar à sua ordem, seja nas ordenações, seja nos concílios. O Papa respondeu-lhe por uma carta de 11 de junho de 514 que, sem atentar aos privilégios das outras igrejas, lhe ordena velar por todos os assuntos da religião que surgissem nas províncias da Gália e da Espanha, e, se fôsse necessário reunir um concílio, seria êle o encarregado de o convocar e de referir o assunto à Santa Sé, se o concílio não estivesse inteiramente terminado, isto é, que o Papa o estabelecia seu Vigário para a Gália e para a Espanha. Êle quer mesmo que nenhum eclesiástico dêsses países possa vir a Roma sem a licença de Cesário. (7)

O santo bispo tinha sido levado à Itália como criminoso de estado, e voltou coberto de honras e de presentes. Levou oito mil peças de ouro, sem contar as somas que já tinha empregado no resgate dos cativos. Foi recebido com cânticos e entrou depois na igreja para dar a bênção a seu povo. Sua principal solicitude era resgatar os prisioneiros. Mandava para isso a todos os lados abades, diáconos e outros clérigos. Êle mesmo fêz, com essa intenção uma viagem

(7) Labbe, t. IV, 1310.

a Carcassona. Um dia, quando não tinha dinheiro, um pobre lhe pediu esmola, e êle disse: "Que vos poderei fazer, meu pobre? Dar-vos-ei o que tenho." E entrando em seu quarto, deu-lhe a casula de que se servia nas procissões, com a alva que usava na Páscoa, dizendo: "Ide, vendei-o a um clérigo e com o dinheiro resgatai vosso escravo." (8)

Bonifácio ainda não era Papa quando recebeu uma carta de São Cesário de Arles, rogando-lhe intercedesse perante o Papa Félix IV, pela confirmação dos cânones do concílio de Orange, sôbre a graça. Já precedentemente, São Cesário tinha mandado a Félix as atas do quarto concílio de Arles e êsse Papa lhe tinha respondido por uma carta de 3 de fevereiro de 528, na qual lhe louvava o zêlo e o exortava particularmente a velar pela observância das determinações feitas contra as ordenações prematuras dos leigos. Sôbre isso, lembra-lhe o preceito de São Paulo a Timóteo: "Não imponhais prontamente as mãos a ninguém pois, acrescenta, que é um mestre que não conhece os primeiros elementos e um pilôto que nunca estêve entre navegantes? Aquêle que não aprendeu a obedecer não sabe mandar."

São Cesário escreveu ainda ao Papa Félix outras cartas, que não chegaram até nós, sôbre as contestações que continuavam nas Gálias com relação à graça e ao livre arbítrio. Eram os semipelagianos que, por não distinguirem o bem natural, do qual se encontra ainda alguma coisa no homem decaído, do bem sobrenatural, que só lhe pode vir da graça, atribuíam ao homem o começo da fé. O Papa Félix

(8) **Vita Caeser., n. 32, Acta SS. Aug. 27.**

mandou-lhe vários artigos para servir de regra sôbre os pontos contestados. Cesário propô-los e os fêz assinar, num concílio que reuniu em Orange, no comêço de julho de 529, por ocasião da consagração de uma igreja que o patrício Libério, prefeito do pretório nas Gálias, tinha mandado construir. Os bispos das cidades vizinhas, em número de quatorze e os senhores leigos mais ilustres, dirigiram-se a essa solenidade. São Cesário, amigo particular de Libério, que êle tinha milagrosamente curado de uma ferida mortal, não deixou de comparecer e aproveitou essa ocasião para condenar os erros do semipelagianismo. Hincmaro afirma mesmo que foi em qualidade de legado da Santa Sé, que presidiu ao concílio.

Os bispos dizem, no prefácio das atas, que, tendo-se reunido para a dedicação da igreja que Libério tinha mandado construir e tendo coversado entre êles sôbre a fé, souberam que há pessoas que, por simplicidade, não têm sôbre a graça e o livre arbítrio, sentimentos conformes à regra da fé católica. Por isso, acrescentam, de acôrdo e pela autoridade da Sé Apostólica, julgamos conveniente fazer observar e assinar por nossa mão alguns artigos, que a Sé Apostólica nos transmitiu, e que foram reunidos sôbre essa matéria pelos santos Padres e tirados das Sagradas Escrituras, para servir de instrução àqueles que não têm os sentimentos que devem ter.

Vem depois vinte e cinco artigos, dos quais os oito primeiros, são concebidos em forma de cânone, mas sem anátema e provados, cada um, por passagens da Escritura. Trazem, em substância, que o pecado de Adão não sòmente prejudicou o corpo, mas também a alma; que não prejudicou sòmente

a êle, mas que passou a todo o gênero humano; que a graça não é dada por invocação humana, mas faz que seja invocada; que a purificação do pecado e o comêço da fé não vem de nós, mas da graça; em suma, que, pelas fôrças da natureza, nada podemos nem pensar que tenda à salvação. Os outros dezessete artigos não são cânones, mas sentenças tiradas de Santo Agostinho e de São Próspero, tendendo a provar a necessidade da graça preveniente. Depois dêsses vinte e cinco artigos, o concílio de Orange continua: Devemos portanto ensinar e crer, que, pelo pecado do primeiro homem o livre arbítrio ficou de tal modo enfraquecido, que ninguém pôde amar a Deus como êle merece, crer nêle, ou fazer o bem por êle, se não fôr ajudado pela graça. Por isso, cremos que Abel, Noé, Abraão e os outros Padres, não tiveram, pela natureza, a fé que São Paulo louva nêles, mas pela graça.

Os Padres do concílio de Orange temiam que a heresia predestinativa prevalecesse, embora sem razão, sôbre os artigos contra os semipelagianos. Por isso, a fim de ferir, ao mesmo tempo, um êrro ainda mais perigoso, acrescentaram: "Cremos também, segundo a fé católica, que depois de ter recebido a graça do batismo, todos aquêles que foram batizados podem e devem com o auxílio de Jesus Cristo, se o quiserem, trabalhar fielmente em cumprir os deveres da salvação. E não sòmente não cremos que haja homens predestinados ao mal pelo poder divino, mas mesmo se houver quem esteja contaminado por êsse êrro, nós os anatematizamos. "São Cesário e treze outros bispos assinaram êsses artigos a treze de julho e os fizeram assinar pelos senhores leigos

que a solenidade e a dedicação tinham atraído a Orange. (9)

Depois dêsse concílio, São Cesário escreveu a Bonifácio antes que êle soubesse que tinha sido elevado ao pontificado, para lhe rogar agisse perante o Papa Félix e obtivesse os decretos que tinha solicitado para a consolidação da fé católica. Bonifácio não diferiu em os dar êle mesmo, confirmando o que tinha sido determinado em Orange, com relação à necessidade da graça preveniente para as boas obras e mesmo para o comêço da fé." Vós me afirmais, diz em sua resposta, que alguns bispos das Gálias reconhecem, na verdade, que todos os outros bens vêm da graça, mas que atribuem à natureza, e não à graça, a fé pela qual cremos em Jesus Cristo e desejais que, para eliminarmos todo motivo de dúvida, confirmemos, pela autoridade da Sé Apostólica, a confissão de fé que lhes opusestes e pela qual definis, segundo a fé católica, que a verdadeira fé em Jesus Cristo e o comêço da boa obra são inspirados pela graça preveniente de Deus. Vários Padres e sobretudo o bispo Agostinho de feliz memória, e nossos predecessores, os pontífices romanos, demonstraram bastante essa verdade. Por isso não cremos que fôsse necessário dar-vos uma resposta mais extensa. Temos muita alegria, continua o Papa, de que na conferência que tivestes com alguns bispos das Gálias se tenha seguido a fé católica, definindo como o notais, de comum acôrdo, que a fé pela qual cremos em Jesus Cristo nos é dada pela graça divina, que nos previne, e acrescentando que não há bem algum segundo Deus que

(9) Labbe, t. V, 1666.

se possa querer, começar, fazer ou terminar, sem a graça de Deus, segundo estas palavras do Salvador: Sem mim, nada podeis fazer. Por isso, recebendo vossa confissão de fé com o afeto conveniente, nós a aprovamos como sendo conforme às regras católicas dos Padres. (10) Essa aprovação da Santa Sé, conciliou tanta autoridade ao segundo concílio de Orange, que as decisões de quatorze bispos foram recebidas em tôda a Igreja e tornaram-se regras de fé, contra as quais não foi mais permitido insurgir-se, sem se declarar herege.

São Cesário morreu em 542, depois de ter governado essa igreja durante quarenta anos. Viveu mais de setenta e dois e suas enfermidades faziam-no muitas vêzes parecer semimorto. Vendo que seu fim estava próximo, no meio das grandes dores que sofria, perguntou quanto faltava para a festa de Santo Agostinho. Sabendo que não estava longe, disse: Espero em Nosso Senhor, que minha passagem não estará muito longe da sua; pois vós bem sabeis como sempre amei sua doutrina muito católica. Fêz-se então transportar numa cadeira ao mosteiro das religiosas, que tinha fundado havia trinta anos, sabendo que o temor de sua morte as fazia perder o apetite e o sono, que só gemiam em vez de cantar os salmos. Mas o que lhes disse para as consolar sòmente lhes veio aumentar a aflição, pois era fácil ver que ia morrer. Eram mais de duzentas e a superiora chamava-se Cesária, como a irmã de São Cesário a quem tinha sucedido. O santo as exortou a guardar fielmente as regras que lhes tinha dado; por seu testamento e

(10) Labbe, t. IV, 1687.

por suas cartas as recomendou aos bispos, seus sucessores, ao clero, aos governadores e aos cidadãos da cidade de Arles, a fim de que, no futuro, não fôssem inquietadas por ninguém. Tendo-lhes dado a bênção e o último adeus, voltou à igreja metropolitana e morreu nos braços dos bispos, dos padres e dos diáconos, a 27 de agôsto do ano 542, na véspera da festa de Santo Agostinho. O povo, em pranto, atirou-se sôbre suas vestes para as arrebatar por uma piedosa violência; mal puderam impedir os padres e os diáconos que as fizessem em pedaços. Suas relíquias curaram grande número de enfermos. Suas virtudes fizeram-no pranteado por todos, bons e maus cristãos, e mesmo pelos judeus. Sua vida foi logo depois escrita em dois livros, o primeiro dos quais, dirigido à abadêssa Cesária, a jovem, teve Cipriano por autor, Bispo de Toulon, com dois outros bispos, Firmino e Vivêncio. O padre Messiano e o diácono Estêvão escreveram o segundo. Tinham sido todos discípulos de São Cesário e testemunhas de suas virtudes e de seus milagres. (11)

* * *

(11) Acta. SS. 27 de agôsto.

O SANTO EUNUCO DA RAINHA DA ETIÓPIA (*)

Novo Testamento

Nós vimos, em junho, São Filipe, o Evangelista, o qual batizou o eunuco da Rainha da Etiópia. Hoje, festeja-se aquêle ilustre catecúmeno, que, em altas vozes, lia um texto de Isaías.

Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo:

"— Levanta-te, e vai para o lado do meio-dia em direção à estrada que vai de Jerusalém a Gaza: esta está deserta".

"Êle, levantando-se, partiu. E eis que um homem etíope, ministro de Candace, rainha da Etiópia, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, tinha ido a Jerusalém para adorar (*a Deus*); e voltava sentado sôbre o seu coche, e ia lendo o profeta Isaías. Então disse o Espírito a Filipe:

"— Avança, e aproxima-te dêsse coche".

"Correndo, Filipe ouviu que lia o profeta Isaías, e disse:

"— Compreendes o que lês?"

"Êle disse:

"— Como o poderei (*eu compreender*) se não houver alguém que mo explique?"

"E rogou a Filipe que subisse e se sentasse junto dêle. A passagem da Escritura, que ia lendo, era esta: *Como ovelha foi levado ao matadouro; e como cordeiro mudo diante daquele que o tosquia, assim êle não abriu a sua bôca. Na sua humilhação foi consumado o seu julgamento. Quem poderá contar a sua geração, pois que a sua vida foi arrancada da terra.* (1) O eunuco disse a Filipe:

"— Peço-te (*que me digas*) de quem disse isto o profeta? De si mesmo, ou de algum outro?"

"Abrindo Filipe a sua bôca, e principiando por esta (*passagem da*) Escritura, anunciou-lhe Jesus. E, continuando êles o seu caminho, encontraram água; e o eunuco disse:

"— Eis água; que motivo me impede de ser batizado?"

"Filipe disse:

"— Se crês de todo o coração, isso é possível".

"Êle, respondendo, disse:

"— Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus".

"Mandou parar o coche, e desceram os dois à água, Filipe e o eunuco, e o batizou. Tendo saído da água, o Espírito Santo arrebatou Filipe, e o eunuco não o viu mais. E continuava alegremente o seu caminho. Filipe encontrou-se em Azote". (2)

Segundo Santo Irineu, Eusébio e São Jerônimo, o eunuco — seria eunuco mesmo ou a palavra designa

(1) Is., 53, 7-8.

(2) Act. 8, 26-40.

um oficial de serviços internos do palácio? — o eunuco pregou o Evangelho aos seus, que o consideram seu primeiro apóstolo.

O Santo Eunuco da Rainha da Etiópia, segundo a legenda, levou o seu apostolado até a Arábia, mesmo à Taprobana, onde foi, crê-se, martirizado.

* * *

SÃO PASTOR (*)

Monge

Século IV-V

Pastor ou Pemen foi um dos mais famosos monges que viveu ao sul de Alexandria, no Egito, um dos principais *abbas* mestres da espiritualidade anacorética do século IV-V.

São Pastor deixou apotegmas célebres pela fina psicologia, pela simplicidade e pelo humor. Veremos, dentre os 187 que lhe são atribuídos, alguns dêles:

1. Se um monge dominar o ventre e a língua, e viver a peregrinar sôbre a terra, não morrerá jamais.

2. Dirige tua língua, de modo que sòmente digas o que te vai no coração.

3. Trabalha o quanto puderes, para que possas fazer a caridade: a fé é viver na humildade e fazer a caridade.

4. Para a vida em comum há que existir três coisas: humildade, obediência e atividade estimulada para suprir a necessidade de todos.

5. Qual a penitência do pecado? Não mais o cometer.

6. Tudo aquilo que ultrapassa a medida vem do demônio.

7. Odiar o mal é odiar as próprias faltas e reputar justo o próximo.

8. Eu me ponho em espírito ao lado da Santa Mãe de Deus, ao pé da cruz do Salvador, e choro: assim quero chorar sempre, sempre.

9. Age bem quem fala por Deus, do mesmo modo aquêle que por Deus se cala.

10. Como conseguir o temor de Deus, quando se tem belas fôrmas de queijo e jarras de conservas?

Conta-se que um monge se gabava, certa feita, e dizia aos irmãos:

— Eis que vivo já nem sei quantos anos aqui e jamais desci à aldeia. Vós outros, quase sempre, desceis e ides até lá.

Quando São Pastor soube o que dissera aquêle irmão, sussurrou ao que lhe contara o caso:

— Quanto a mim, costumo descer à noite e dar umas voltas pela aldeia: assim evito o orgulho de jamais ter descido.

Um padre de Pelusa recriminava alguns irmãos porque os achava muito mundanos. Um dia, foi confessar-se, e São Pastor perguntou-lhe:

— Tu tens alguma coisa do homem velho? Ou despojaste-as tôdas?

O padre respondeu:

— Eu ainda tenho coisas do homem velho.

— Eis aí que tu és como aquêles irmãos.

Certa vez, um monge acercou-se de São Pastor e disse:

— Pastor, cometi um grande pecado. Quero fazer penitência por três anos.

São Pastor respondeu:

— É muito.

Tornou o outro:

— Um ano?

— É muito.

— Quarenta dias?

— É muito.

E enquanto o monge, surprêso, procurava adivinhar quanto tempo seria necessário para penitenciar-se do grande pecado, São Pastor respondeu:

— Eu tenho para mim que se um homem se arrepender de todo o coração e se abstiver daquele pecado, Deus haverá de recebê-lo dentro de três dias.

* * *

SÃO LICÉRIO (*)

Bispo

São Licério foi bispo de Lérida. Nascido na Espanha, em boa e nobre família, depois dos estudos deixou o país natal para colocar-se sob a direção do bispo de Riez, Fausto, aquêle que, pouco mais tarde, seria exilado pelo rei Eurico.

Morto Fausto, Licério permaneceu-lhe fiel por tôda a vida. Tendo ficado ao pé de São Quintiniano, que era bispo de Rodez, foi por êste ordenado subdiácono, depois diácono e, finalmente, padre.

Em 506, ou antes, escolheram-no para bispo de Couserans, onde viveu por quarenta e quatro anos, passando pelas guerras incessantes que abalaram o país. Pelas orações, livrou a cidade da destruição, cumprindo milagres.

Falecido em 540, no dia 27 de agôsto, foi enterrado num pequeno oratório que se situava perto da cidade.

Em fins do século XI. encontraram-lhe o corpo. Construíram-lhe então uma nova igreja, consagrada em 1117 por São Raimundo, bispo de Barbastro, onde repousou para sempre. A igreja de São Licério conserva ainda as relíquias do seu santo titular.

* * *

BEM-AVENTURADO GABRIEL MARIA (*)

Franciscano

Gabriel Maria fundou, com Joana de Valois, a ordem da Anunciação, em honra de Nossa Senhora.

Nascido em 1462, perto de Riom, em Auvergne, chamou-se Gilberto. Mais tarde, o papa Leão X haveria de impor-lhe o nome de Gabriel Maria, em virtude do zêlo pelo mistério da Anunciação.

Com dezoito anos, deixou a família e foi viver entre os irmãos Menores de Meung — Loiret — depois em Nossa Senhora de Fond, perto de La Rochelle.

Professor de teologia, o bem-aventurado ensinou por vinte anos, e mereceu o título de doutor.

Gabriel Maria foi superior do convento de Amboise, e, em 1502, era feito provincial da Aquitânia. Em 1514, presidiu o capítulo geral de Anvers. Nomeado provincial da França, em 1516 visitou as províncias franciscanas da Espanha e reuniu os provinciais em Toledo.

A 11 de novembro de 1517, feito comissário geral para a cruzada contra os turcos, ia, em 1523, apresentar um plano para constituir um grande exército,

ao mesmo tempo que seria, na ordem, o inquisidor contra a heresia luterana.

Quando em Bourges, tratando duma filial da Anunciação, adoeceu, falecendo em Rodez a 27 de agôsto de 1532.

No mesmo dia, em Potenza, Lucânia, a *Paixão* dos santos Arôncio, Honorato, Fortunato e Sabiniano, filhos dos santos Bonifácio e Tecla: foram condenados à pena capital pelo juiz Valeriano, sob o imperador Maximiano. Esta festa e a dos outros doze irmãos mártires celebram-se nas calendas de setembro — 1 de setembro. Ver êste dia.

Em Bérgamo, São Narno, que foi batizado pelo bem-aventurado Barnabé, que o ordenou primeiro bispo da sobredita cidade.

Em Cápua, a morte de São Rufo, bispo e mártir: de família patrícia, foi batizado com todos os parentes pelo bem-aventurado Apolinário, discípulo de São Pedro. São Rufo é celebérrimo tanto em Cápua como em tôda a Itália meridional.

Ainda em Cápua, os santos mártires Rufo e Carpóforo, que sofreram sob Diocleciano e Maximiano. Num comentário, Barônio ensina-nos que o nome Carpone seria melhor que Carpóforo. É com aquêle nome que aparece na lenda de São Rufo. Carpone é completamente desconhecido. Quanto a Rufo, é o mártir de Cápua, que vimos na notícia precedente.

Em Tomi, no Ponto, os santos mártires Marcelino, tribuno, Manéia, sua espôsa, e os filhos João, Serapião e Pedro, que sofreram em 287 (?).

Perto de Lentini, na Sicília, Santa Eutália, virgem: porque cristã, foi degolada por Sermiliano, seu irmão, indo-se, assim, para o celeste Espôso (época desconhecida).

Neste mesmo dia, a *Paixão* de Santa Antusa, chamada a Jovem, que foi precipitada num poço, destarte recebendo a gloriosa coroa dos mártires.

Em Autun, São Siágrio, bispo e confessor. Foi um dos grandes bispos do século VI. Consagrado em 561, assistiu à cerimônia São Germano de Paris. Fundou naquela cidade a abadia de São Martinho e um hospital, que se transformou, no século VIII, num mosteiro de mulheres, sob a invocação de Santo Andoque. Quem subvencionou estas fundações foi a rainha Brunilda. O rei Gontran, em 591, convidou-o para assistir ao batismo de Clotário II em Nanterre. Querido do papa Gregório, o Grande, foi por êste Pontífice encarregado de várias missões. Faleceu em 599 ou 600.

Em Pavia, São João, bispo, no século IX.

Perto de *Septempeda*, no *Picenum*, Santa Margarida, viúva, falecida em 1395, provàvelmente. *Septempeda*, no caminho de Ancona a Espoleto, é São Severino, perto de Macerata, nas Marcas. Desde 1396 que Bonifácio IX concedeu indulgências aos visitantes da igreja de São Domingos, por ocasião da festa de Santa Margarida.

Na Inglaterra, São Decumano, ermitão e mártir. Ermitão no condado de Somerset, diz-se dêle que, pelas festas, uma vaca lhe fornecia o leite. Se-

gundo a lenda, foi morto por um celerado, que lhe cortou a cabeça, a qual o Santo, tomando entre as mãos, foi até um riacho próximo, onde a lavou do sangue.

Em Sens, Santo Ebbon, bispo, no século VIII. Filho do conde de Tonnerre, Ebbon entrou na clericatura, depois fêz-se monge de São Pedro, o Vivo, de Sens. À morte do abade Aigilene, sucedeu-o. Mais tarde, bispo de Sens, depois da morte de Gerico, seu tio, miraculosamente livrou a cidade da invasão árabe, em 725 (Borgonha). Falecido a 27 de agôsto, foi enterrado em São Pedro, o Vivo.

Festa de São Gebhard, bispo. São Gebhard foi bispo de Constance (Helvécia). Filho de Ulrico, conde de Bregens, foi formado por São Conrado. Fundou a abadia de Petershausen, em 983.

Na Escócia, São Malrúbio, ermitão.

Em Usk, no País de Gales, o bem-aventurado Davi Lewis, mártir, em 1679. Nascido no Monmouth, em 1616, era filho de Morgan, protestante, e de Margarida Prichard, católica. Morto como papista (*Complot* Titus Oates).

* * *

28.º DIA DE AGÔSTO

SANTO AGOSTINHO

Bispo de Hipona.

Nasceu a 13 de novembro de 354, na pequena cidade de Tagaste, perto de Madaura e de Hipona, na Numídia, a Argélia atual. Seus pais eram de condição honesta; o pai, membro do corpo municipal, chamava-se Patrício, a mãe Mônica. Tiveram grande cuidado em o fazer instruir nas letras humanas e todos notavam nêle um espírito excelente e disposições maravilhosas para as ciências. Tendo caído doente na infância, e em perigo de morte, pediu o batismo sendo logo catecúmeno, pelo sinal da cruz e pelo sal. Sua mãe, piedosa e fervorosa cristã, dispunha tudo para a cerimônia. Mas de repente êle melhorou e o batismo foi adiado. Estudou primeiro, em Madaura, gramática e retórica até à idade de dezesseis anos, quando o pai o fêz voltar a Tagaste e aí ficou um ano, enquanto se preparavam as coisas necessárias para que fôsse terminar os estudos em Cartago; a paixão de mandar êsse filho estudar obrigava o pai a esforços superiores à sua fortuna, que era medíocre. Durante a permanência em Tagaste, o jovem Agostinho, desprezando os sábios conselhos



Santo Agostinho, bispo de Hipona (de acôrdo com uma pintura da escola italiana, século XV).

de sua mãe, começou por se deixar levar a amôres desonestos, convidado pela ociosidade e pela complacência do pai, que ainda não era cristão. Mas o foi antes da morte, que aconteceu pouco tempo depois. Agostinho chegou a Cartago e afundou-se cada vez mais no amor das mulheres, que fomentava com espetáculos dos teatros. Não deixava de pedir a Deus a castidade, mas, acrescenta, que não seja agora. Entretanto caminhava com grande êxito nos estudos, que tinham por objetivo chegar aos cargos e à magistratura, pois a eloqüência lhes era então o caminho. Entre as obras de Cícero, que estudava, leu o *Hortensius* que não temos mais e que era uma exortação à filosofia. Êle ficou encantado e começou então, na idade de dezenove anos, a desprezar as vãs esperanças do mundo e a desejar a sabedoria e os bens imortais. Foi o primeiro movimento de sua conversão. (1)

A única coisa que o desgostava nos filósofos é que nêles não encontrava o nome de Jesus Cristo que tinha recebido com o leite de mãe e que tinha causado profunda impressão em seu coração. Quis então ler as Sagradas Escrituras, mas a simplicidade do estilo desagradou-lhe, habituado como estava à elegância de Cícero. Depois, caiu nas mãos dos maniqueus que, falando sòmente de Jesus Cristo, do Espírito Santo e da verdade, o seduziram com seus discursos pomposos, deram-lhe o gôsto por suas ilusões e aversão pelo Novo Testamento. Entretanto, sua mãe, mais aflita do que se o tivesse visto morto, não queria

(1) Veja a — **Vie de S. Augustin** — por seu amigo Possídio, Bispo de Calamo, c. I e suas — **Confessions,** — 1. I, c. XI; 1. II, c. III; 1. III, c. I; 1. VIII, c. VII; 1. III, c. IV.

mais comer com êle; veio consolá-la êste sonho: Ela estava num bosque e um jovem resplandecente vinha a ela, sorrindo, perguntando-lhe a causa de suas penas; ela respondeu-lhe que chorava a perda do filho. Vêde, disse êle, está convosco! De fato, viu-o junto de si, no mesmo lugar. Contou depois o sonho a Agostinho, que lhe disse: Vós sereis o que eu sou. Mas ela respondeu sem hesitar: Não! Porque não me disseram: Tu estarás onde êle está mas êle estará onde tu estás. Desde aquêle tempo, viveu e comeu com êle, como antes. (2)

Dirigiu-se a um santo bispo e rogou-lhe falasse ao filho. O bispo respondeu: ainda é muito indócil e está muito cheio daquela heresia, que lhe é nova. Deixai-o, e contentai-vos de rogar por êle; êle verá, lendo, qual é seu êrro. Eu que vos falo, na minha infância fui entregue aos maniqueus por minha mãe, que tinham seduzido; não sòmente li, mas transcrevi quase todos os seus livros e eu mesmo me enganei. A mãe não se contentou com as palavras do santo bispo; chorando abundantemente, continuou a insistir que falasse ao filho; o bispo respondeu com certo humor: Ide, é impossível que o filho de tantas lágrimas pereça! O que ela ouviu como um oráculo do céu. Seu filho, todavia, ficou nove anos maniqueu desde os dezenove anos até os vinte e oito. (3)

Tendo terminado os estudos, ensinou, na sua cidade de Tagaste, gramática e depois retórica. Um arúspice se ofereceu para fazê-lo ganhar o prêmio numa disputa de poesia, por meio de alguns sacrifícios de animais; mas êle rejeitou-o com horror não

(2) **Ibid.**, l. III, c. V, VI. XI.

(3) **Conf.**, l. XII e l. IV, c. I.

querendo ter relação alguma com demônios. Todavia, não fazia dificuldade em consultar os astrólogos e ler-lhes os livros. Mas disso foi dissuadido por um sábio ancião, chamado Vindiciano, médico famoso, que tinha reconhecido, por experiência, a vaidade dêsse estudo. Agostinho tinha então um amigo íntimo, que êle também fizera maniqueu, pois cuidava de seduzir os outros. O amigo caiu doente e ficou muito tempo fora de si: como se perdera a esperança de o salvar, deram-lhe o batismo. Quando voltou a si, Agostinho quis zombar do batismo que tinha recebido naquele estado: mas o doente repeliu as palavras com horror e disse-lhe, com inesperada liberdade, que, se queria ser seu amigo, não lhe devia nunca mais falar daquele modo. Morreu poucos dias depois, fiel à graça. Agostinho, que o amava como a si mesmo, ficou inconsolável com a morte. Tinha mais ou menos vinte e seis anos, quando escreveu dois ou três livros: — *Da Beleza e da Decência*, — que não chegaram até nós. (4)

Descobriu, nesse tempo, que sob a máscara de piedade os maniqueus, que se chamavam de santos e eleitos, ocultavam os costumes mais depravados. Cita vários escândalos públicos. Ao mesmo tempo começava a se aborrecer com as lendas que contavam, principalmente sôbre o sistema do mundo, a natureza dos corpos e dos elementos. Tais conhecimentos, dizia, não são necessários à religião; é preciso não mentir e não se vangloriar de saber o que não se sabe, principalmente quando se quer passar, como Manés, por ser guiado pelo Espírito Santo. Gostava muito mais das razões que os matemáticos e os filó-

(4) **Ibid.**, l. IV, c. III; l. VII, c. VI; l. IV, c. IV.

sofos davam dos eclipses, dos solstícios e do curso dos astros. (5)

Havia um bispo maniqueu chamado Fausto, elogiado pelos da seita como homem maravilhoso e perfeitamente instruído em tôdas as ciências. Depois de esperado por muito tempo, por fim chegou a Cartago, onde Agostinho ensinava retórica. Viu nêle um homem agradável e bem falante, mas que, no fundo só dizia o que os outros maniqueus diziam; explicava-o, todavia, com mais facilidade e graça. Agostinho procurava outra coisa e tinha o espírito muito sólido para se contentar com o exterior. Tôda a ciência de Fausto consistia em ter lido algumas orações de Cícero, muito pouco de Sêneca e o que havia dos livros dos maniqueus escritos em latim. Mas quando Agostinho quis aprofundar-se com êle sôbre o curso do sol, da lua e dos outros corpos celestes, Fausto confessou de boa-fé que não tinha estudado aquêles problemas. Agostinho, vendo a pouca satisfação que tivera com o mais famoso doutor dos maniqueus, ficou desgostoso desde aquela época, na idade de vinte e nove anos. (6)

Naquele tempo persuadiram-no a ensinar em Roma, onde os alunos eram mais razoáveis que em Cartago. Embarcou contra a vontade de sua mãe e a enganou sob o pretexto de acompanhar um amigo até o pôrto. Chegando a Roma, caiu doente de febre que o levou às últimas; mas não pediu o batismo. Morava em casa de um maniqueu e continuava a freqüentá-los, prêso pelos laços de amizade; não mais esperava encontrar a verdade entre êles e não se

(5) **Ibid.**, l. V, c. III.
(6) **Conf.**, l. V, c. VI.

decidia a procurá-la na igreja católica, tanto tinha prevenções contra tal doutrina. Começou, então, a pensar que os filósofos acadêmicos, que duvidavam de tudo, poderiam bem ser os mais sábios e repreendia o hospedeiro por sua excessiva fé nas fábulas dos maniqueus. Entretanto, a cidade de Milão mandou pedir a Símaco, prefeito de Roma, um professor de retórica e pelo prestígio dos maniqueus, Agostinho obteve o lugar, depois de ter feito prova de sua capacidade com um discurso. Assim, veio a Milão, no ano 384, tendo trinta anos de idade. (7)

Santo Ambrósio recebeu-o com tão paterna bondade, que começou por lhe ganhar o coração. Agostinho ouvia-lhe assìduamente os sermãos, sòmente pela beleza do estilo e para ver se sua eloqüência correspondia à fama. Estava encantado com a suavidade da linguagem, mais sábia que a de Fausto, mas com menos graça na recitação. Não prestava, a princípio, atenção às coisas que dizia Santo Ambrósio; mas insensìvelmente e sem que tomasse cuidado, as coisas entravam-lhe no espírito com as palavras e viu que a doutrina católica era pelo menos sustentável. Resolveu então, de repente, deixar os maniqueus e ficar na qualidade de catecúmeno, como era, na Igreja, que seus pais lhe tinham recomendado, isto é, na Igreja católica, até que a verdade lhe aparecesse mais claramente. (8)

Santa Mônica tinha vindo procurá-lo, com tal fé, que passando o mar consolava os marinheiros,

(7) **Ibid.**, l. V, c. VIII; IX, X, XIII.

(8) **Conf.**, l. V, c. XIV.

mesmo nos maiores perigos, pela certeza que Deus lhe tinha dado de que muito em breve estaria junto do filho. Quando êle lhe disse que não era mais maniqueu, mas que ainda não era católico, ela não ficou admirada; respondeu-lhe tranqüilamente que tinha certeza de o ver fiel católico antes de sair desta vida. Entretanto, continuava suas orações e ouvia os sermões de Santo Ambrósio que ela amava como um anjo de Deus, sabendo que tinha levado o filho àquele estado de dúvida, que devia ser a crise do mal. Como estava acostumada na África a trazer às igrejas dos mártires, pão, vinho e carne, queria fazer o mesmo em Milão; mas o porteiro da igreja não o permitiu e disse-lhe que o bispo o tinha proibido. Ela obedeceu imediatamente, sem nenhum apêgo ao antigo costume. Santo Ambrósio, de resto, tinha abolido aquelas refeições nas igrejas, porque, no lugar dos antigos ágapes, sóbrios e modestos, havia sòmente motivo de devassidão. Amava, por sua vez, Santa Mônica pela piedade e boas obras e muitas vêzes felicitava Agostinho por ter tal mãe, pois tôda sua vida tinha sido virtuosa. Ela tinha nascido numa família cristã, onde tivera boa educação. Tinha sido perfeitamente sujeita a seu marido, sofrendo mau proceder e maus tratos com paciência que servia de exemplo a outras mulheres e ela o ganhou a Deus, no fim da vida. Tinha um talento particular em reunir pessoas divididas. Depois que enviuvou, deu-se às obras de piedade; fazia grandes esmolas, servia aos pobres, jamais deixava de levar sua oferta ao altar, nem de ir duas vêzes à Igreja, pela manhã e à noite, para ouvir a palavra de Deus e fazer as orações, que eram tôda sua vida. Deus comunicava-se a ela por visões; sabia

distinguir sonhos e pensamentos naturais. Assim era Santa Mônica, com relação a Santo Agostinho. (9)

Êle julgava Santo Ambrósio feliz, segundo o mundo, vendo como era honrado por pessoas influentes; mas, não podia conversar com êle, à vontade, como desejaria, para lhe dar a conhecer as agitações da alma, por causa da multidão dos que o vinham procurar por diversos motivos, e não ousava interrompê-lo no resto do tempo que o santo bispo dedicava à leitura. Muitas vêzes, diz, quando estávamos em sua casa, pois não era costume impedir-se que alguém o pudesse ver e falar-lhe, nós o víamos lendo baixinho; e depois de termos lá ficado muito tempo, sentados em silêncio, retirávamo-nos, julgando que não queria ser interrompido no pouco tempo de que dispunha para descansar o espírito e a voz. Eu o ouvia pregar ao povo todos os domingos. Reconhecia ainda cada vez mais que se podiam dissipar tôdas as calúnias com que os impostores atacavam os livros divinos. Os maniqueus tinham-me prometido a ciência e só me tinham dado fábulas absurdas; não as podendo demonstrar queriam obrigar-me a crer nelas, êles, que zombavam da obrigação de crer, entre os católicos. Começava a sentir que a doutrina católica não cometia grande êrro em começar pela fé; vi que cria numa infinidade de coisas que jamais tinha visto, e que, quem nelas não cresse, jamais agiria; que em particular eu não sabia de que país tinha nascido, a não ser porque cria no que me diziam. Enfim, persuadi-me de que havia mal não em crer mas em não

(9) **Conf.**, l. VI, c. I; II; l. IX, c. VIII, IX, XIII; l. V e IX.

crer nos livros divinos, tão poderosamente autorizados em quase tôdas as nações. (10)

Tinha dois amigos íntimos, Alípio e Nebrídio. Alípio, como êle, nasceu em Tagaste, onde seus pais ocupavam uma das melhores posições. Era mais jovem que Agostinho, de quem fôra discípulo em Tagaste e em Cartago. Veio a Roma aprender direito e foi em seguida assistente do grande tesoureiro da Itália. Agostinho tinha vindo a Roma e Alípio seguiu-o a Milão, não o podendo deixar e continuou a exercer, com outros magistrados, o mesmo cargo de assessor ou conselheiro, com grande honestidade. Nebrídio era de perto de Cartago; tinha deixado o país, a mãe, uma bela terra que possuía, para vir a Milão viver com Agostinho e procurar a verdade. Era o maior desejo dêsses três amigos. Queriam mesmo viver em comum e eram uns dez, capazes de realizar o mesmo intento; alguns eram muito ricos, principalmente Romaniano, outro cidadão de Tagaste e parente de Alípio, cujos negócios tinham levado à côrte. Agostinho considerava-o seu protetor. Tinha-o ajudado em sua juventude a fazer frente às despesas de seus estudos, principalmente depois da morte do pai; tinha-o ainda ajudado com bens e conselhos em todos os negócios. Mas êsse intento de vida comum foi quebrado, porque alguns já eram casados, outros tencionavam fazê-lo. Agostinho, pondo certa decência mesmo em suas desordens, tinha tomado uma concubina e conservava-se fiel a ela, como a uma espôsa legítima. Mas, por fim, quis casar-se e sua mãe já tinha encontrado uma pessoa que lhe podia ser conveniente, mas tão jovem, que êle devia esperar ainda

(10) **Ibid.**, I. VI, c. V.

dois anos. Entretanto, sua concubina tinha-o deixado e voltado à África, fazendo voto de continência para o resto de seus dias e deixando-lhe um filho natural, que tivera dêle e que se chamava Adeodato, isto é, Dado a Deus. Êle não teve a coragem daquela pobre mulher, mas tomou outra concubina pelo tempo que lhe restava, até o casamento, tanto era escravo dessa paixão. (11)

Entretanto, a misericórdia divina curava-o pouco a pouco. Uma obra de Cícero tinha-lhe inspirado o amor à sabedoria: as obras de outro filósofo abriram-lhe por assim dizer as portas. Os maniqueus tinham-no acostumado a conceber a Deus sòmente sob imagens corporais: os livros de Platão e dos platônicos, que êle leu por acaso, deram-lhe idéias mais elevadas e dignas. Li, nêles, diz ainda, não em têrmos próprios, mas em eqüivalentes, que no princípio havia o Verbo e que o Verbo era Deus; que tudo foi feito por êle e que sem êle nada foi feito; que a alma do homem, embora preste testemunho da luz, não é a mesma luz; mas que Deus, o Verbo de Deus, que é a luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a êste mundo. Não li aí que êle veio ao seu domínio e que os seus não o receberam e que a todos os que o receberam e creram em seu nome, deu o poder de se tornarem filhos de Deus; não li que o Verbo se fêz carne e habitou entre nós; não li que aniquilou a si mesmo, tomando a forma de escravo e tornando-se obediente até à morte. (12) Numa palavra, não concebia ainda o mistério da Encarnação, considerando Jesus Cristo um homem

(11) **Conf.**, l. IV, c. VII, X, XIV, etc.

(12) **Conf.**, l. XIII, c. XIII.

incomparável, sòmente, nascido milagrosamente de uma virgem e a quem a Providência tinha concedido justamente grande autoridade, para nos ensinar a desprezar as coisas temporais, a fim de merecer a imortalidade. Desde então, entregou-se àvidamente à leitura da Escritura Sagrada, particularmente São Paulo. As contradições aparentes de outrora tinham desaparecido. Viu com alegria, e com uma espécie de temor, que os oráculos divinos formavam um todo harmônico. O que êle tinha lido alhures, encontrava-o ali, mas com a graça, com a humildade, com as lágrimas do arrependimento, com a confiança na misericórdia divina.

Nesse estado, dirigiu-se ao padre Simpliciano que, desde sua juventude até uma idade avançada, tinha vivido em grande piedade. Instruíra Santo Ambrósio que o amava como a um pai. Agostinho contou-lhe todo o curso de seus erros e disse-lhe que tinha lido alguns livros dos platônicos, que o reitor Vitorino havia traduzido para o latim. Simpliciano felicitou-o por não ter caído nos escritos de outros filósofos, cheios de decepções, ao passo que êstes insinuavam por tôda parte a Deus e seu Verbo. Contou-lhe a conversão do mesmo Vitorino, para a qual tanto trabalhara. Agostinho ficou muito sensibilizado e desejava ardentemente imitá-lo, não sòmente recebendo o batismo mas renunciando, como êle, à profissão da retórica.

Um dia, estando em seu aposento com Alípio, um de seus concidadãos de África, chamado Pontiniano, que tinha um cargo importante na côrte, veio visitá-los. Sentaram-se para conversar e Pontiniano viu sôbre a mesa de jôgo um livro; abriu-o num texto de São Paulo. Ficou surprêso de encontrar aquêle

livro, sòmente no lugar de livros de letras humanas; olhou para Agostinho com um sorriso misto de admiração e de alegria; pois era cristão e fazia freqüentemente longas preces, prostrado diante de Deus, na Igreja. Agostinho disse-lhe que se entregava muito àquela espécie de leitura e a conversa caiu sôbre Santo Antônio, de quem Pontiniano contou a vida como muito conhecido dos fiéis. Agostinho e Alípio jamais tinham ouvido falar disso; estavam surpresos de saber tão grandes maravilhas e tão recentes e Pontiniano não estava menos admirado de que o ignorassem, até então. Falou-lhe da multidão de mosteiros que enchiam os desertos e de que não tinham conhecimento algum. Não sabiam que mesmo em Milão onde estavam, havia um, fora dos muros da cidade, sob a direção de Santo Ambrósio. Enfim Pontiniano contou-lhe a conversão de dois oficiais do imperador que, passeando com êle em Trèves e tendo encontrado na casa dos monges a vida de Santo Antônio, ficaram de tal modo comovidos e impressionados, que imediatamente abraçaram a vida monástica.

Enquanto Pontiniano falava, um violento combate se travava na alma de Agostinho. Havia doze anos que a leitura do — *Hortensius* — de Cícero o tinha induzido ao estudo da sabedoria. Procurara a verdade e a encontrara; faltava-lhe sòmente determinar-se e êle não via mais desculpa alguma. Admirado e cheio de amor por tantos cristãos generosos que lhe acabavam de dar a conhecer, envergonhava-se de suas desordens e de sua covardia; sentia horror de si mesmo. Pontiniano, retirou-se e Agostinho levantou-se e dirigindo-se a Alípio, disse comovido, com o rosto transformado e com um tom de voz dife-

rente: Que é isto? Que fazemos? Ignorantes, arrebatam o céu e nós, com nossa ciência, insensatos, que somos, eis-nos imersos na carne e no sangue! Teremos vergonha de os seguir? Não é mais vergonhoso não poder mesmo segui-los? Alípio olhou-o sem nada dizer; admirado com essa mudança seguiu-o passo a passo a um jardim, aonde o levava o movimento que o agitava. Sentaram-se o mais longe possível de sua casa. Agostinho fremia de indignação e não se podia resolver ao que lhe parecia não depender de sua vontade. Êle arrancava os cabelos, batia na fronte, abraçava os joelhos com as mãos juntas. Alípio não o deixava, esperando em silêncio o fim daquela agitação extraordinária. Agostinho sentindo que aquela tempestade ia se resolver numa chuva de lágrimas, levantou-se de perto dêle, procurando um lugar solitário onde chorar à vontade. Deixando-o então, onde êles estavam sentados foi prostrar-se sob uma figueira, onde, não se contendo mais, derramou uma torrente de lágrimas e exclamou com voz lamentosa: Até quando, Senhor! Até quando estareis irritado contra mim? Esquecei minhas faltas passadas. Até quando, até quando direi: Amanhã, amanhã? Por que não será hoje? Porque, desde êste momento, não porei um fim à minha torpeza?

No meio dessas frases e dessas lágrimas, ouviu sair da casa vizinha uma voz, como de um rapaz ou de uma moça, que dizia e repetia muitas vêzes, cantando: Tomai e lêde! Tomai e lêde! De repente, êle mudou de rosto e se pôs a pensar consigo mesmo, se os filhos tinham o costume de cantar, em certos jogos, alguma coisa de semelhante e não se lembrou de o ter jamais notado. Reteve então o curso das lágrimas

e ergueu-se sem poder pensar noutra coisa que Deus lhe ordenava abrir o livro das Epístolas de São Paulo e ler o primeiro lugar que encontrasse; pois êle tinha sabido que Santo Antônio tinha sido convertido por uma palavra inesperada do Evangelho. Voltou, então, imediatamente para o lugar onde Alípio estava sentado, tomou o livro, abriu-o, e no primeiro lugar que encontrou leu baixinho estas palavras, sôbre as quais primeiro lhe cairam as vistas: Não passeis vossa vida nos festins e na embriaguez, nem na devassidão e na impureza, nem nas questões e nos ciúmes, mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis contentar a carne em suas concupiscências. (13) Não leu mais e logo tôdas as suas incertezas se dissiparam.

Fechou o livro e, depois de ter todavia marcado o lugar onde estava a passagem, voltou-se para Alípio com rosto tranqüilo e disse-lhe o que tinha acontecido. Alípio quis ver a passagem e a leu, bem como estas palavras que vêm depois: Recebei com caridade aquêle que ainda é fraco na fé e as aplicou a si mesmo. Voltaram ambos e foram contar a feliz notícia a Santa Mônica, que ficou fora de si de alegria. Agostinho resolveu, ao mesmo tempo, renunciar ao casamento e a tôdas as esperanças do século e primeiramente deixar sua escola de retórica. Mas quis fazê-lo sem rumor e como faltavam sòmente três semanas para as férias, que lhe eram dadas no tempo da vindima, deixou aquela ocasião, para se declarar. Tinha mesmo um pretexto plausível diante do mundo, porque seu peito se tinha resfriado, naquele verão, de sorte que

(13) Rom., c. XIII.

êle teria sido obrigado a deixar a profissão ou pelo menos interrompê-la por algum tempo. (14)

Depois que ficou livre, retirou-se para o campo a um lugar chamado Cassíaco, à casa de um amigo chamado Verecondo, cidadão de Milão e professor de gramática. Agostinho aí se estabeleceu com sua mãe, seu irmão Navígio, seu filho Adeodato, Alípio e Nebrídio e dois jovens discípulos, Trigécio e Licêncio, êste filho de Romaniano. Durante êsse retiro, êle compôs suas primeiras obras, que estão escritas mui polidamente; mas ressentem-se elas ainda êle o reconhece, do empolamento da escola. O primeiro é contra os acadêmicos, que afirmavam que tudo era obscuro e duvidoso e que o sábio nada devia declarar como certo e manifesto. Muitos, impressionados com seus argumentos, desesperavam-se de encontrar a verdade. Santo Agostinho mesmo fôra abalado também e êle escreveu êsse tratado principalmente para se fortalecer contra tal êrro. Nota que, em seu tempo, tôdas as várias seitas dos filósofos estavam reduzidas a uma, tendo um sistema composto de sentimentos de Platão e de Aristóteles, exceto alguns cínicos que o amor da libertinagem e a licença retinham ainda em suas antigas opiniões. A segunda obra é o — *Tratado da vida feliz,* — composto de uma conversa, cuja companhia êle apresentou como um festim espiritual, no dia do seu nascimento, treze de novembro e nos dois dias seguintes. O assunto é demonstrar que a vida feliz só se encontra no conhecimento perfeito de Deus. A terceira obra é o — *Tratado da ordem,* — onde examina a grande questão, se a ordem da Providência Divina compreende tôdas as coisas, boas e más; mas

(14) **Conf.**, l. c. VIII, VIII, etc.

vendo que a matéria era muito elevada para aquêles aos quais falava, resolveu falar-lhe da ordem dos estudos. A quarta obra são os — *Solilóquios* — onde Santo Agostinho fala com a razão, como se fôssem duas pessoas. No primeiro livro, êle procura qual deve ser aquêle que quer conseguir a sabedoria e prova por fim que, o que existe verdadeiramente, é imortal; no segundo, êle trata da imortalidade da alma. Mas essa obra ficou imperfeita. Êsses são os quatro tratados que Santo Agostinho compôs em Cassíaco, durante seu retiro, no fim do ano 386.

Os três primeiros são frutos das sábias conversas que mantinha com os amigos, que fazia ao mesmo tempo escrever em notas para lhes conservar em seguida o que julgava conveniente. Vemos aí um grande detalhe da maneira livre e alegre com que viviam juntos. Trigécio e Licêncio que eram os mais jovens, continuavam os estudos de humanidade e Santo Agostinho explicava-lhes todos os dias, antes da ceia, metade de um livro de Virgílio. Licêncio seguia a inclinação para a poesia e fazia versos sôbre a fábula de Píramo e Tisbé, e Santo Agostinho procurava afastá-lo dessas ninharias. Quando o tempo era belo, conversavam sentados num prado; quando o tempo era mau, fechavam-se na sala de banhos. Nessas conversas, não tinham pressa de responder; muitas vêzes ficavam muito tempo pensando o que deviam dizer; e quando julgavam ter avançado demais, voltavam atrás, de boa-fé, pois não eram discussões vãs, para mostrar espírito, mas um exame sólido da verdade. Uma vez, Trigécio, tendo-se enganado, queria que o que tinha afirmado não fôsse escrito. Licêncio insistia em que se escrevesse. Santo Agostinho repreendeu-o acerbamente, por essa emu-

lação pueril; e como Trigésio se ria, por sua vez da confusão do outro, fêz a ambos severa reprimenda, terminando por pedir que fôssem virtuosos como recompensa do cuidado que tinha em os instruir. Santa Mônica estava presente, à maior parte das conversas, entrando fàcilmente em tudo o que se relacionava com a moral e a religião, por mais elevado que fôsse. Santo Agostinho passava mais ou menos a metade da noite meditando nessas importantes verdades e de manhã fazia longas orações acompanhadas de lágrimas: a leitura dos salmos comovia-o sensìvelmente. As férias passaram-se e êle mandou dizer aos cidadãos de Milão que procurassem outro professor de eloqüência. Escreveu a Santo Ambrósio para lhe comunicar seus desvarios passados e suas disposições presentes, rogando-lhe que lhe indicasse o que êle devia ler das Sagradas Escrituras para se preparar para o batismo. Santo Ambrósio aconselhou-o o profeta Isaías; mas Santo Agostinho, não tendo entendido a primeira leitura, preferiu lê-lo quando estivesse mais prático no estilo da Escritura. O tempo chegara quando devia dar seu nome aos interessados, para ser preparado ao batismo; deixou o campo e voltou a Milão, isto é, na quaresma do ano 387. Foi então que escreveu o — *Tratado da imortalidade da alma* — que era uma memória para terminar os — *Solilóquios.* — Começou nesse mesmo tempo a escrever sôbre as artes liberais, isto é, a gramática, a dialética, a retórica, a geometria, a aritmética e a filosofia. Terminou o — *Tratado da Gramática* — e o perdeu depois; compôs seis livros — *Da Música,* — que terminou sòmente dois anos depois na África. Começou apenas o resto e só temos de todos êsses tratados o —

Da Música. — Seu objetivo nessas obras era elevar a Deus seus amigos, dedicados a essas espécies de estudos e fazê-los subir, por meio das coisas sensíveis às espirituais, como se vê no sexto livro de — *Da Música;* — depois de sua conversão consagrou todos os estudos ao serviço de Deus. Alípio preparava-se também para o batismo por uma sincera humildade e uma grande coragem em domar seu corpo, andando descalço durante o inverno naquela parte da Itália, país frio para os africanos. (15)

Por fim, Santo Agostinho foi batizado por Santo Ambrósio com seu amigo Alípio e seu filho Adeodato, de mais ou menos quinze anos. Foram batizados na Vigília da Páscoa que naquele ano, 387, foi o dia 25 de abril, como Santo Ambrósio tinha determinado, sendo consultado pelos bispos da Província da Emília. Foi, como se crê, nessa ocasião que Santo Ambrósio fêz aos recém-batizados a instrução que compõe seu livro — *Dos Mistérios,* — ou daqueles que foram iniciados. Explica-lhes a natureza e as cerimônias dos três sacramentos que acabava de receber: o batismo, a crisma e a eucaristia. O que não tinha podido fazer antes, porque, diz êle, teria sido trair o segrêdo dos mistérios, e não explicá-los.

Santo Agostinho, depois do batismo, tendo examinado em que lugar poderia servir a Deus mais ùtilmente, resolveu voltar à África com a mãe, o filho, o irmão e um jovem chamado Evódio. Êste era também de Tagaste; sendo agente do imperador, converteu-se, recebeu o batismo, antes de Santo Agostinho e deixou o emprêgo para servir a Deus. Quando chegaram a Óstia, descansaram da longa

(15) Aug., **Conf.** Tillemont, Fleury, Ceillier.

viagem que tinham feito desde Milão e prepararam-se para embarcar. Um dia, Santo Agostinho e sua mãe, apoiados a uma janela que dava para o jardim de sua casa, conversavam com extrema doçura, esquecendo todo o passado e levando os pensamentos para o futuro. Indagavam qual seria a vida eterna dos santos. Elevaram-se acima de todos os prazeres dos sentidos; percorreram por graus todos os corpos o céu mesmo e os astros. Chegaram até às almas e passando por tôdas as criaturas mesmo espirituais, chegaram à sabedoria eterna, pela qual existem e que existe sempre, sem diferença de tempo. Atingiram, por um momento, a ponta do espírito e sentiram ser obrigados a voltar ao rumor da voz, onde a palavra começa e termina. Então sua mãe disse: Meu filho! Quanto ao que me concerne, não tenho mais nenhum prazer nesta vida. Não sei o que ainda faço aqui agora, nem por que cá estou. A única coisa que me fazia desejar ficar aqui era ver-vos um cristão católico antes de morrer. Deus me concedeu mais do que isso, eu vos vejo consagrado a seu serviço, tendo desprezado a felicidade terrestre.

Mais ou menos cinco dias depois, caiu doente de febre. Durante a enfermidade desfaleceu, um dia; quando voltou a si, olhou Agostinho e seu irmão Navígio, e disse-lhes: Onde estava eu? Depois, vendo-os tomados de dor, acrescentou: Deixareis aqui vossa mãe. Navígio desejava que ela morresse em sua terra natal. Mas ela olhou para êle severamente, como para o repreender e disse a Agostinho. Vêdes o que diz! Enfim, dirigindo-se a ambos: Ponde êste corpo, disse ela, onde vos aprouver, não vos inquieteis. Rogo-vos sòmente que me lembreis no altar do Senhor, em qualquer parte onde estiverdes. Morreu

no nono dia da doença, na idade de cinqüenta e seis anos e aos trinta e três de Santo Agostinho, isto é, no mesmo ano de seu batismo, 387.

Logo que passou à eternidade, Agostinho fechou-lhe os olhos. O jovem Adeodato soltava gritos de dor; mas todos os assistentes o fizeram calar, não vendo motivo algum de lágrimas naquela morte e Agostinho reteve as suas, fazendo-se muita violência. Evódio tomou o saltério e começou a cantar o salmo 100: Cantarei em vosso louvor, ó Senhor, a misericórdia e a justiça: Todos respondiam e logo se reuniu grande quantidade de pessoas piedosas de um e outro sexo. Levaram o corpo; ofereceu-se pela falecida o sacrifício de nossa redenção; fizeram-se ainda orações junto do sepulcro, segundo o costume, na presença do corpo, antes de o enterrar. Santo Agostinho, não chorou durante tôda a cerimônia, mas por fim, de noite, deixou correrem as lágrimas para aliviar a dor. Rogou por sua mãe, como fazia muito tempo depois, escrevendo tôdas as circunstâncias daquela morte no livro de suas — *Confissões* — êle roga aos leitores lembrarem-se no santo altar, de Mônica, sua mãe e seu pai, Patrício. (16)

Depois da morte de sua mãe, Santo Agostinho voltou de Óstia para Roma, onde ficou o resto do ano 387 e todo o ano 388. Seus primeiros trabalhos, depois do batismo, foram para a conversão dos maniqueus, cujos erros acabava de deixar. Não podia tolerar a insolência com a qual aquêles impostores elogiavam a pretensa continência e abstinências supersticiosas, para enganar os ignorantes e caluniar a Igreja. Compôs então dois livros: — *Da Moral e dos*

---

(16) **Conf.**, l. IX, c. XIII.

Costumes, Da Igreja Católica, e *Da Moral e dos Costumes dos maniqueus*: Eis o resumo do primeiro:

A ordem natural para se aprender é que a autoridade precede à razão. Todavia, por condescendência para com seus adversários, êle seguirá o método inverso. Todos querem ser felizes. A felicidade consiste em conhecer, amar e possuir o soberano bem. O soberano bem do corpo é a alma. O soberano bem da alma, é o que a torna melhor, isto é, Deus. Mas como seguir a quem não se vê? Como seguir a Deus? Observando os preceitos dos sábios. A razão não chega até lá. Mas então apresenta-se esta grande rota, que Deus mesmo nos traçou pela vocação dos patriarcas, pela lei de Moisés, pelos oráculos dos profetas, pelo mistério do Filho de Deus, feito homem, pelo testemunho dos Apóstolos, pelo sangue dos mártires, pela conversão dos povos. A moral de um e de outro Testamentos resume-se em amar a Deus e ao próximo. A Igreja católica proporciona-a à idade, ao sexo e à condição. Ela submete as mulheres aos maridos por uma casta e fiel obediência, não para saciar a cobiça, mas para a propagação da humanidade e para formar a sociedade doméstica. Propõe os maridos às espôsas, não para insultar o sexo frágil, mas pelas leis de um amor sincero. Submete as crianças aos pais, por uma espécie de servidão livre, estabelece os pais sôbre os filhos, por um piedoso domínio. Une os irmãos aos irmãos pelo laço da religião mais forte e mais estreito que o do sangue. Aperfeiçoando o que a natureza ou a vontade já uniu, estreita, por uma caridade mútua, tôda espécie de parentesco e aliança. Ensina aos servos a obedecerem aos amos, menos pela necessidade da condição do que por amor do dever. Pela consideração de Deus Supremo, seu

senhor comum, ela torna os senhores humanos para os servos e mais levados a lhes fazer o bem, do que a os castigar. Lembrando-lhes nossos primeiros antepassados, une os cidadãos aos cidadãos, as nações às nações e geralmente todos os homens não sòmente pela sociedade, mas ainda por uma espécie de fraternidade. Ensina os soberanos a ser uma providência para os povos e os povos a se submeterem aos soberanos. Ensina com cuidado a quem é devida a honra, a quem o afeto, a quem o respeito, a quem o temor, a quem a consolação, a quem os avisos, a quem as reprimendas, a quem o suplício; mostrando que tudo não é devido a todos, mas a todos a caridade e a ninguém a injúria. Eis porque, em seu seio, há tantas pessoas hospitaleiras, serviçais, doutas, castas, santas; tantas pessoas de tal modo abrasadas do amor de Deus, que à continência perfeita e a um incrível desprêzo por êste mundo, unem o amor da solidão. Seu número é tão grande por todo o universo, principalmente no Oriente e no Egito, que é impossível desconhecer-se isso. Êsses são os anacoretas, os cenobitas, os religiosos, um grande número de bispos, de padres, de diáconos e de outros ministros da Igreja, cuja virtude parece tanto mais admirável quanto é mais difícil conservar-se no meio da multidão e numa vida agitada. Se na multidão das nações que contém a Igreja Católica, há ignorantes, supersticiosos, libertinos, isso devia causar admiração aos maniqueus, tanto menos que entre êles apesar de seu pequeno número, não podiam mostrar um só de seus pretensos sábios ou eleitos que observasse a moral mesma de Manés. (17)

(17) T. 1. — **De Morib eccl.**, — p. 687.

No segundo livro faz ver quanto essa moral de Manés era absurda e incoerente e que afinal, nenhum dêles a observava. Os maniqueus perguntavam: De onde vem o mal? Santo Agostinho responde-lhes por uma pergunta preliminar: Que é o mal? Em vez de responder, com os católicos, que é um defeito, uma defecção do bem, sustentavam que era uma substância e, por conseguinte, que havia dois princípios, um bom e outro mau; que como resultado do combate entre êles as almas racionais, parcelas da substância divina do bom princípio, eram aprisionadas no corpo dos animais e das plantas, particularmente em suas sementes; que para os maniqueus perfeitos ou eleitos, a virtude, o mérito, a santidade consistia em libertar essas partículas divinas pela digestão. A conseqüência natural era que êsses eleitos deviam comer de tudo sem cessar, a fim de libertar, pelo trabalho do estômago, um maior número de almas. Mas os maniqueus faziam a êsse respeito uma multidão de distinções absurdas e contraditórias. Assim o vinho, sendo o fel do mau princípio, não o bebiam em seu estado comum; mas bebiam o vinho cozido e comiam uvas. Era um crime colhêr mesmo um figo, uma maçã; mas era uma virtude comê-los, colhidos por outro. Permitiam o casamento a todos os ouvintes, com a condição de se evitar a geração dos filhos, para não lhes aprisionar as almas na carne, isto é, êles permitiam, não o casamento, mas a devassidão. Por êsse único ponto pode-se julgar de tôda a sua moral. Também Santo Agostinho afirma que, durante os nove anos que estêve entre êles e os observou de perto, não encontrou um só de seus eleitos, isento de crime ou de suspeita disso. Entre vários fatos que cita, há um que era conhecido em tôda Roma.



As duas cidades: a do paraíso e a do mundo, de **A Cidade de Jesus**, de Santo Agostinho (miniatura de um missal do século XV).

Um de seus ouvintes, chamado Constâncio, não podendo suportar as censuras que lhe faziam dos costumes corrompidos daqueles eleitos ou perfeitos, dispersos e alojados miseràvelmente em todos os quarteirões, ofereceu-se para os reunir em sua casa e manter às suas custas todos os que quisessem viver na abstinência de que se gloriavam de praticar; pois êle tinha muitos bens e um grande zêlo pela seita. Mas queixava-se de que seus bispos, longe de o ajudar, se opunham ao seu intento, apegados que estavam à sua vida relaxada. Um dêsses bispos, que parecia mais próprio para a vida austera, porque era rústico e grosseiro, tendo vindo a Roma, Constâncio que o esperava, havia muito tempo, explicou-lhe seu intento, o que o bispo aprovou. Êle hospedou-o primeiro, em casa de Constâncio; aí reuniu todos os eleitos que pôde encontrar em Roma. Propuseram-lhe uma regra de vida tirada da carta de Manés. Muitos acharam intolerável e retiraram-se; a vergonha reteve todavia alguns. Começaram então a viver segundo essa regra. Constâncio animava-os com grande ardor, praticando-a por primeiro.

Entretanto, surgiam questões freqüentes entre êsses eleitos; acusavam-se freqüentemente de crimes. Constâncio chorava ao os ouvir e fazia de sorte que, em suas discussões, se traíssem imprudentemente, e revelassem abominações inauditas. Conheceu-se então quem eram as pessoas que passavam pelas mais perfeitas. Enfim, como as queriam obrigar a guardar aquela regra, murmuravam e afirmavam que era insustentável; a coisa terminou em sedição aberta. Constâncio afirmava, em suma, que era preciso observar todos os seus preceitos, ou então, se eram impra-

ticáveis, julgar como superlouco aquêle que os tinha dado. O tumulto do maior número sobrepujou as razões; o bispo mesmo cedeu e fugiu vergonhosamente. Êle tinha levado, dizia-se, o dinheiro num saco bem escondido, para comprar secretamente carne e comer contra a regra. Enfim, todos se dispersaram. Constâncio converteu-se à religião católica. (18) Santo Agostinho compôs, ainda em Roma, um diálogo entre Evódio e êle, onde examina várias questões com relação à alma. De onde vem ela? Sua pátria é Deus; sua substância simples. Sua qualidade é ser semelhante a Deus. Sua extensão, sua grandeza não é corporal. A razão é os olhos da alma; o raciocínio é a indagação da razão. Há na alma sete graus: anima o corpo e o conserva. Sente pelos órgãos do corpo e distingue as diferentes qualidades das coisas; ajunta na memória uma infinidade de imagens e de idéias; para alcançar a virtude, eleva-se por muitos combates acima do corpo e de tôdas as coisas dêste mundo; depurada por êsses combates e vitoriosa de todos êsses obstáculos com o socorro da soberana justiça ela alegra-se em si mesma e nada mais tem a temer; tranqüila então, dedica-se com confiança à contemplação da verdade suprema e chega enfim a gozar do verdadeiro e soberano bem. (19)

Também em Roma começou os três livros — *Do Livre arbítrio* — contra os maniqueus, por ocasião da questão da origem do mal. Depois de ter bem examinado, achamos que êle vem de livre arbítrio da criatura. Essa obra está cheia de excelente metafísica e aí vemos a solução das dificuldades mais

(18) T. 1. — **De Mor. man.** — p. 715.

(19) De quantit. anim.

especiosas contra a Providência e a bondade do Criador. É muito digno, bem como o precedente, de ser lido e meditado no curso de filosofia. Santo Agostinho fêz sòmente o primeiro livro em Roma; terminou o segundo, e o terceiro na África, sendo já sacerdote. Ainda há um diálogo entre êle e Evódio. Depois de ter ficado mais de um ano em Roma, voltou à África pelo ano 389, com alguns de seus amigos e compatriotas, que serviam a Deus como êle.

Podemos ver na história da Igreja Católica imensos trabalhos de Santo Agostinho, como leigo, como padre e como bispo de Hipona. Retirado a Tagaste, termina aí seu livro — *De la Musique* — para mostrar, como da harmonia variável dos sons e dos números, o espírito pode-se elevar à harmonia imutável e eterna de Deus e de suas obras. Êle aí compôs seus dois livros — *Da Gênese* — para refutar as calúnias dos maniqueus contra o Antigo Testamento; seu livro — *Diálogo do Mestre* — que é Jesus Cristo; seu livro — *Da verdadeira religião* — que só se encontra na Igreja Católica e que existia desde a origem do gênero humano. Ordenado sacerdote em Hipona, fundou um mosteiro e compôs o livro — *Da Utilidade da Crença* — contra os maniqueus que se vangloriavam falsamente de só empregar a evidência da razão. Faz ver que a sociedade humana inteira repousa sôbre a crença no testemunho; quanto mais a sociedade divina. Sagrado bispo, escreveu contra a carta de Manés. Aí Santo Agostinho diz: Quanto a mim, não acreditaria no Evangelho se a autoridade da Igreja católica não mo persuadisse. As queixas dos pagãos sôbre a queda de Roma ocasionam a grande obra — *Da Cidade de Deus.* — Revelar a fundo o império satânico dos

erros e das trevas; fazer conhecer e amar o império divino da verdade e da luz; estudar um e outro na sua origem, seu desenvolvimento e seus fins últimos; iniciar assim os mistérios da providência divina e dar a chave da história humana, eis o objeto dessa obra. Santo Agostinho trabalha poderosamente para conquistar os Donatistas, cujo cisma dividia a África e a preparava para a ruína. Escreveu contra os pelagianos, que afirmavam que a natureza humana e a graça divina eram a mesma coisa e que Adão por seu pecado não tendo perdido sua natureza, não tinha perdido também a graça. Dois concílios, dos quais Santo Agostinho é a alma, o de Cartago e o de Mileve, enviam suas cartas sinodais ao papa Inocêncio. Ante a resposta aprovativa do papa, Santo Agostinho conclui: A causa está terminada, possa também terminar o êrro! O papa São Zózimo, sucessor de Inocêncio, reconhece Santo Agostinho como seu legado na Mauritânia.

Os últimos dias de Santo Agostinho foram cheios de imensa aflição, a ruína do império romano e da África. O império tinha dois valentes generais, Bonifácio na África e Aécio nas Gálias. Eram amigos. Um dia Aécio escreveu secretamente a Bonifácio que a imperatriz Placídia o devia chamar da África para o perder; ao mesmo tempo anunciou secretamente à imperatriz, que Bonifácio pensava em se tornar independente na África, e que, se ela lhe ordenasse voltar, êle não obedeceria. Enganada por tais palavras, a imperatriz mandou dar a ordem; enganado por sua vez, Bonifácio recusou-se a obedecer. Declarou-se rebelde. Mandaram contra êle três gene-

rais. Derrotou-os. Mandam um quarto, que obtêm algumas vantagens. Então Bonifácio trata com Genserico, rei dos vândalos, na Espanha e oferece-se a dividir a África com êle. Genserico aceita e deixa a Espanha no mês de maio de 428, à frente de oitenta mil homens, inclusive os velhos, as crianças e os escravos. Para aumentar o terror, fêz correr a notícia de que eram oitenta mil combatentes. (20)

Entretanto, Santo Agostinho escreveu a Bonifácio uma carta comovente, para fazê-lo cair em si mesmo. Por sua vez a imperatriz Placídia, não podendo compreender porque depois de lhe ter dado tantas provas de dedicação, tinha acabado por a trair, mandou-lhe um oficial de confiança para saber a causa de tudo. Bonifácio mostrou-lhe a carta pérfida de Aécio. A imperatriz ficou indignada com tão abominável intriga. Mas que fazer? Tinha necessidade de Aécio contra os bárbaros que invadiam as Gálias. Fêz Bonifácio jurar que lhe prestaria tôda a sua benevolência e que só lhe pedia seus bons ofícios para reparar os males que êle tinha atraído sôbre a África. Bonifácio, arrependido, empregou todo o seu crédito perante os vândalos, para os induzir a voltar à Espanha. E só pôde conseguir uma trégua de alguns meses.

Terminada esta, Genserico mandou dizer a Bonifácio que o tratado feito entre êles não mais subsistia e pôs-se em marcha à frente de seu exército, não, para voltar à Espanha, mas para subjugar a África inteira. Jamais invasão fêz correr tanto sangue e cobriu a terra de tantas ruínas. Os vândalos eram

---

(20) Tillemont, — **Valentinien III, Hist. du bas Empire,** — l. XXXI.

naturalmente cruéis; julgando-se desprezados, foram mais cruéis ainda: como arianos, uniam a tudo isso seu ódio contra os católicos. Logo a África inteira, que, por sua opulência, sua fertilidade, pela multidão de suas cidades, se considerava a vida mesma do universo, foi desolada pelo ferro, pelo fogo e pela carestia. Com risco de perecerem também, os vândalos não poupavam nem as messes nem as árvores frutíferas, para fazer morrer de fome os infelizes que se tinham refugiado nas cavernas ou nas montanhas. Nem a classe, nem o nascimento, nem a fraqueza do sexo ou da idade, achavam graça naqueles corações impiedosos. Carregavam de fardos as mulheres e as pessoas mais ilustres e as faziam caminhar a golpes de chicote. Arrancando as crianças dos braços das mães êles as esmagavam com pedras ou as matavam pendurando-as pelos pés. Quando, depois de ter atacado uma fortaleza, a julgavam inexpugnável, reuniam uma multidão de prisioneiros e os degolavam, a fim de que a infecção de seus cadáveres levasse a morte aos sitiados e os forçasse a se entregar. Seu furor pelo arianismo fêz uma infinidade de mártires. Viam-se por tôda a África bispos, padres, virgens consagradas a Deus, famílias inteiras, uns privados de uma parte dos membros, outros carregados de correntes e extenuados pela fome. Não havia mais cantos nas Igrejas. Elas mesmas estavam, na maior parte, reduzidas a cinzas; não mais festas, não mais celebrações do santo sacrifício. Os donatistas esperavam, em vão, pôr-se a salvo, favorecendo os bárbaros na perseguição aos católicos; não foram mais bem tratados:

massacravam-nos sem distinção com os que êles traíam. (21)

Talvez nos admiremos de ver a Providência punir com tanta severidade um país onde havia tantas igrejas, bispos, concílios, cânones de disciplina. Os autores cristãos do tempo, no-lo explicam. Todos consideram essa desolação como um castigo merecido. Os vândalos mesmos diziam que não era por sua própria iniciativa que usavam de tanto rigor, mas sentiam uma fôrça interior que os impelia, contra a vontade. De fato, jamais bárbaros pareceram mais sensìvelmente ministros da vingança divina. Exceto um pequeno número de servos de Deus, a África inteira era como uma sentina comum de todos os vícios. Entre as nações bárbaras, cada qual tinha seu vício particular; os africanos superavam cada uma dessas nações. Mas quanto à impudicícia, superavam a si mesmos. Quanto era raro, alhures, encontrar-se homem adúltero, tanto era raro na África encontrar-se um que não o fôsse. No meio das grandes cidades, mas sobretudo em Cartago, sob as mesmas vistas dos magistrados, viam-se jovens passear pelas ruas com adornos e adereços de mulheres, para dizer que faziam profissão pública de sodomia. Cada lugar, cada rua, era lugar de prostituição, armadilha ao pudor. Os órfãos e as viúvas eram oprimidos, os pobres, atormentados e reduzidos ao desespêro, rogavam a Deus que entregasse a cidade aos bárbaros. A blasfêmia e a impiedade reinavam. Muitos embora cristãos no exterior, eram pagãos na alma; adoravam a deusa

(21) Vict. Vit. — **praef.** — et l. I, art. 1, 2, 3. August. — **Serm. de temps barb.** — Salvian. l. VII.

Celeste ou a antiga Astartéia, dedicavam-se a ela e, ao sairem dos sacrifícios pagãos, iam à igreja e aproximavam-se da sagrada mesa. Principalmente os maiores e os mais poderosos cometiam essas impiedades. Mas todo o povo tinha desprêzo e extrema aversão pelos monges, por mais santos que fôssem. Em tôdas as cidades da África e particularmente em Cartago, quando viam um homem pálido, de cabelos cortados até à raiz, vestido de um manto monacal, não podiam conter as injúrias e as maldições. Se um monge do Egito e de Jerusalém vinha a Cartago para uma obra de piedade, logo que aparecia em público, riam-se todos, às gargalhadas, vaiavam-no, assacavam-lhe injúrias. A grande paixão dos africanos eram os espetáculos. No cêrco de Cartago, enquanto uma parte dos habitantes era degolada pelo inimigo ao pé das muralhas, a outra estava ocupada no teatro, rindo-se e soltando gritos de alegria. Foi preciso que os vândalos os reduzissem à escravidão para se reformarem os costumes. Êsses bárbaros eram castos, quando chegaram à África. Tinham horror aos crimes que atacavam o pudor. Proibiram, sob pena de morte, a prostituição; fecharam os lugares de devassidão e proscreveram as prostitutas, obrigando-as a se casar. (22)

Genserico tinha abandonado a Mauritânia para se lançar sôbre a Numídia e a Proconsular, províncias muito mais ricas e populosas. Aí apoderou-se de tôdas as cidades, exceto Cirte, Hipona e Cartago. Bonifácio, com suas fôrças muito inferiores, arriscou

(22) Salv. l. VII e VIII.

uma batalha; foi derrotado e obrigado a encerrar-se em Hipona. O vencedor veio sitiá-lo no fim de maio de 430. (23)

Na primeira invasão dos vândalos, Santo Agostinho chorava sem cessar os males presentes e futuros da África. Entretanto sua extrema dor em nada lhe diminuía a fé e a generosidade episcopal. Consultado por um bispo se era permitido aos pastôres dos povos deixá-los fugir e retirarem-se êles também para evitar o perigo, respondeu que os bispos não deviam impedir os do povo que se quisessem retirar; mas êles não podiam abandonar suas igrejas, nem quebrar os laços pelos quais a caridade de Jesus Cristo os tinha prendido ao seu ministério; e assim, enquanto sua presença fôsse necessária ao povo, êles outra coisa não poderiam fazer, que se entregar à vontade de Deus, com plena confiança em seu auxílio. (24)

Sua aflição tornou-se ainda bem maior quando viu a cidade de Hipona sitiada. Entretanto, tinha a consolação de ver consigo vários bispos, entre outros Possídio de Cálamo, um dos mais ilustres de seus discípulos, o mesmo que nos deixou sua biografia. Uniam seus penares, seus gemidos e suas lágrimas. Santo Agostinho pedia a Deus, em particular, lhe aprouvesse libertar Hipona dos inimigos que a cercavam, ou que pelo menos, desse aos servos a fôrça de suportar os males de que estavam ameaçados, ou enfim de os retirar do mundo e de os chamar a si. De fato, caiu doente de febre no terceiro mês do

(23) Procop. de — **Vandal.** — l, I, c. III.
(24) Aug. — **Epist.** — 228.

cêrco e viu-se logo que Deus não tinha rejeitado a oração de seu servo.

Durante a doença mandou escrever e colocar junto da parede, perto de seu leito, os salmos de Davi sôbre a penitência; lia-os derramando lágrimas. Dez dias antes da morte, rogou aos amigos mais íntimos e aos mesmos bispos, que ninguém entrasse em seu quarto, senão quando viesse o médico para o ver, ou lhe trouxessem o alimento; empregava todo o tempo na oração. Enfim, chegou seu último dia; Possídio e os outros amigos vieram juntar orações às suas, que êle só interrompeu, quando adormeceu em paz. Até então, tinha conservado o uso de todos os membros e nem o ouvido, nem a vista se tinham debilitado. Como tinha abraçado a pobreza voluntária, não fêz testamento; nada tinha a deixar, mas recomendou se conservasse com cuidado a biblioteca da igreja e todos os livros que podia ter em casa, para aquêles que viessem depois dêle. Possídio conta que tendo sido a cidade de Hipona incendiada algum tempo depois, essa biblioteca foi conservada no meio do saque dos bárbaros. Põe-se a morte de Santo Agostinho a 28 de agôsto de 430. Vivera setenta e seis anos, e servira a Igreja perto de quarenta na qualidade de padre e de bispo.

Com Santo Agostinho morreu de algum modo a África cristã e civilizada. Depois dêsse tempo, até que espirou sob os ferros dos muçulmanos, sua existência foi sòmente uma longa agonia. Hoje pareceria que a Providência a quer ressuscitar e ressuscitá-la pela mesma província que Santo Agostinho ilustrou por sua vida e morte, o país da Argélia e de Bone.



Funerais de Santo Agostinho, na Sé de Hipona, de acôrdo com uma pintura de Benozzo Gazzoli, na igreja do santo, em San-Giminiano.

Quem não conhece Santo Agostinho? Quem não conhece as Confissões, onde deplora os desvarios da juventude? Quem não conhece sua mãe, Santa Mônica, chorando noite e dia aquêle filho, seguindo-o por tôda parte e implorando sem cessar ao céu, em seu favor? Foi sòmente na idade de trinta e dois anos que êsse filho de tantas lágrimas se livrou inteiramente da heresia maniquéia e da escravidão das paixões corrompidas e recebeu o batismo das mãos de Santo Ambrósio. Mas quem poderia dizer quanto sua conversão foi perfeita! Com que amarga tristeza chorou faltas passadas, embora tivessem sido apagadas inteiramente pelo batismo; com que ardor amou a Deus; com que zêlo trabalhou para sua glória! Ai de nós; se o imitamos mais ou menos nos seus desvarios, quando o imitaremos na santidade de vida?

Não nos é dado escrever como Santo Agostinho pela defesa da religião contra os pagãos, os judeus, os hereges, os cismáticos e convertê-los aos milhares. Mas que nos impede chorar nossas faltas como êle, amarmos a Deus como êle, sermos humildes como êle? Pois êle também, êsse grande santo, foi religioso. Pouco depois da conversão, renunciou a tudo o que possuía de bens e viveu em comunidade religiosa, com os amigos. E quando foi feito bispo de Hipona, fêz de sua casa episcopal um mosteiro, onde vivia em religião, com seus padres e diáconos. Como o exemplo dêsse grande santo, depois do de tantos outros não nos deve fazer estimar e amar a vocação religiosa. Desejamos saber de Santo Agostinho mesmo qual é a verdadeira fonte de santidade? Escutemos o que diz: a primeira coisa para se chegar à verdadeira sabedoria é a humildade; a segunda é a humil-

dade; a terceira é a humildade e tantas vêzes quantas me fizésseis essa pergunta, tantas vêzes vos daria a mesma resposta. Não, que não haja outros preceitos; mas se a humildade não preceder, não acompanhar e não seguir, o orgulho tirará de nossas mãos tudo o que fizermos de bem.

* * *

SANTO EZEQUIAS (*)

Rei de Judá

Antigo Testamento

Ezequias foi o sucessor do pai, Acaz, sôbre o trono de Jerusalém (718), e amigo do grande profeta Isaías.

"No terceiro ano de Oséias, filho de Ela, rei de Israel, reinou Ezequias, filho de Acaz, rei de Judá".

Acaz era filho de Joatão. Tinha vinte anos, quando começou a reinar, "e reinou dezesseis anos em Jerusalém; não fêz o que era agradável na presença do Senhor seu Deus, como Davi, seu pai".

Ezequias, quando começou a reinar, tinha vinte e cinco anos, "e reinou vinte e nove anos em Jerusalém. Sua mãe chamava-se Abi, filha de Zacarias.

"Êle fêz o que era bom na presença do Senhor, segundo tudo o que tinha feito Davi, seu pai. Destruiu os lugares altos, quebrou as estátuas, cortou a aschera e fêz em pedaços a serpente de metal que Moisés tinha fabricado, porque os filhos de Israel, até então, tinham-lhe queimado incenso, e chamou-a Noestan (*isto é, um simples objeto de bronze*). Pôs

a sua esperança no Senhor Deus de Israel; por isso, depois dêle, não houve, dentre todos os reis de Judá, quem lhe fôsse semelhante, assim como não o tinha havido entre aquêles que o precederam. Conservou-se unido ao Senhor, não se apartou dos seus caminhos, observou os mandamentos que o Senhor tinha dado a Moisés.

"Por isso o Senhor era com êle, e conduziu-se com sabedoria em tôdas as coisas que empreendia. Revoltou-se contra o rei dos assírios e deixou de lhe estar sujeito. Destruiu os filisteus até Gaza e (*talou*) tôdas as suas terras, desde as simples tôrres de guarda até as cidades fortificadas.

"No ano quarto do rei Ezequias, que era o sétimo ano de Oséias, filho de Ela, rei de Israel, veio Salmanasar, rei dos assírios, a Samaria, visitou-a e tomou-a. Samaria foi tomada ao cabo de três anos, no sexto ano de Ezequias, isto é, no ano de Oséias, rei de Israel. O rei dos assírios transportou os israelitas para a Assíria e colocou-os em Hala e em Habor, perto do rio Gozan, e nas cidades dos medos, porque êles não tinham ouvido a voz do Senhor, seu Deus, mas tinham violado a sua aliança, recusando-se a ouvir e praticar as ordenações que Moisés, servo do Senhor, tinha-lhe prescrito.

"No ano décimo-quarto do rei Ezequias, veio Senaquerib, rei dos assírios, atacar tôdas as cidades fortes de Judá e tomou-as. Então Ezequias, rei de Judá, mandou mensageiros ao rei dos assírios, a Laquis, dizendo:

"— Eu cometi uma falta; retira-te das minhas terras, e eu sofrerei tudo o que tu me impuseres".

"O rei dos assírios impôs a Ezequias, rei de Judá, (*a contribuição de*) trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro. Ezequias deu-lhe tôda a prata que tinha sido encontrada na casa do Senhor e nos tesouros do rei. Nesta ocasião, Ezequias despedaçou as meias — portas do Senhor e as chapas de ouro, de que êle mesmo as tinha forrado, e deu-as ao rei dos assírios.

"O rei dos assírios, porém, (*faltando ao seu compromisso*), enviou de Laquis o chefe das suas tropas, o chefe dos eunucos e o copeiro-mor, ao rei Ezequias com um poderoso exército contra Jerusalém; êles, pondo-se em marcha, chegaram a Jerusalém e fizeram alto junto do aqueduto da piscina superior, que está no caminho do campo do Pisoeiro, e chamaram o rei. Foi, pois, ter com êles Eliacim, filho de Elcias, mordomo-mor da casa do rei e Sobna, o secretário, e Joaé, filho de Asaf, arquivista.

"O copeiro-mor disse-lhes:

"— Dizei a Ezequias: Eis o que diz o grande rei, o rei dos assírios: Que confiança é esta, em que tu te estribas? Porventura tomaste a resolução de te preparares para a batalha? Em que confias, para ousares resistir-me? Esperas porventura no Egito, que é uma cana rachada, que fere e trespassa a mão do que nela procura apoio: tal é Faraó, rei do Egito, para todos os que confiam nêle.

"Se vós me disserdes: Nós temos a nossa confiança no Senhor nosso Deus — não é êle o mesmo cujos altares e lugares altos Ezequias destruiu, dando a Judá e a Jerusalém esta ordem: Vós adorareis só diante dêste altar em Jerusalém? — Faze, pois, agora um tratado com o rei dos assírios, meu amo, e eu

darei dois mil cavalos, se puderes encontrar homens para montar nêles. Como poderás resistir diante de um só sátrapa dos últimos servos de meu senhor? Porventura tens confiança no Egito, por causa dos carros e cavaleiros? Porventura foi sem a vontade de Deus que eu vim a êste lugar para o destruir? O Senhor disse-me: "Entra nessa terra e arraza-a".

"Eliacim, filho de Elcias, Sobna e Joaé disseram ao copeiro-mor:

"— Nós te suplicamos que fales a teus servos, em arameu, porque entendemos esta língua, e não nos fale em hebraico, pois pode ouvir-nos o povo que está sôbre o muro".

"Mas o copeiro-mor respondeu-lhe:

"— O meu Senhor mandou-me porventura dizer estas coisas ao teu senhor e a ti, e não antes aos homens que estão sôbre o muro e que vão ser reduzidos, como vós, a comer os seus excrementos e a beber a sua própria urina?"

"Então o copeiro-mor pôs-se em pé e gritou em alta voz em hebraico:

"— Ouvi a palavra do grande rei, do rei dos assírios. Eis o que diz o rei: Não vos seduza Ezequias, porque êle não vos poderá livrar da minha mão. Nem vos inspire confiança no Senhor, dizendo: O Senhor infalìvelmente nos livrará, e esta cidade não será entregue na mão do rei dos assírios.

"Não queirais ouvir Ezequias, porque eis o que diz o rei dos assírios: Fazei paz comigo, rendei-vos, e cada um de vós comerá da sua vinha e da sua figueira, e bebereis as águas das vossas cisternas, até que eu venha e vos transfira para uma terra semelhante à vossa terra, para uma terra frutífera e fértil

de vinho, terra de pão e de vinhas, terra de olivais, de azeite e de mel: aí vivereis (*em paz*) e não morrereis. Não queirais dar ouvidos a Ezequias, que vos engana, dizendo: O Senhor nos livrará. Porventura os deuses das gentes libertaram as suas terras da mão do rei dos assírios? Que é feito do Deus de Emat e do deus de Arfad? Que é feito do deus de Sefarvaim, de Ana e de Ava? Porventura livraram êles da minha mão a Samaria? Quais são, entre todos os deuses das terras, os que livraram da minha mão o seu próprio país, para que o Senhor possa livrar Jerusalém da minha mão?"

"O povo calou-se, não lhe respondeu uma só palavra, porque tinha recebido ordem do rei para que não lhe respondesse. Eliacim, filho de Elcias mordomo-mor, Sobna, o secretário, e Joaé, filho de Asaf, arquivista, foram ter com Ezequias, rasgadas as suas vestes, e referiram-lhe as palavras do copeiro-mor". (1)

Isaías ia ser consultado sôbre aquêle impasse.

"O rei Ezequias, tendo ouvido isto, rasgou as suas vestes, cobriu-se de saco e entrou na casa do Senhor. E mandou Eliacim, mordomo-mor de sua casa, Sobna, secretário, e os mais velhos dos sacerdotes, cobertos de sacos, ao profeta Isaías, filho de Amós, os quais lhe disseram:

"— Eis o que diz Ezequias: Êste dia é um dia de tribulação, de castigo e de opróbrio; os filhos chegaram ao ponto de nascer, porém a que está de parto não tem fôrças (*para os dar à luz*). O Senhor teu Deus talvez tenha ouvido as palavras do copeiro-mor, a quem enviou o rei dos assírios, seu amo, para blas-

---

(1) II Reis, 18, 1-37.

femar do Deus vivo, para o insultar com palavras, e talvez o vá punir pelas palavras que ouviu: faze, pois, oração ao Senhor por êste resto que ainda subsiste".

"Foram, pois, os servos do rei Ezequias ter com Isaías. Isaías disse-lhes:

"— Direis ao vosso Senhor o seguinte: Não temas essas palavras que ouviste, com as quais os servos do rei dos assírios blasfemaram contra mim. Eu vou enviar-lhe um espírito, e êle ouvirá uma nova, voltará para a sua terra, e eu o farei perecer à espada na sua terra".

"Voltou o copeiro-mor e encontrou o rei dos assírios sitiando Sobna, porque tinha sabido que (o *seu senhor*) se havia retirado em Taraca, rei da Etiópia: Olha que êle saiu para pelejar contra ti. Então enviou novamente mensageiros a Ezequias, dizendo:

"— Direis a Ezequias, rei de Judá: Vê, não te seduza o teu Deus, no qual tens confiança, nem digas: Jerusalém não será entregue nas mãos do rei dos assírios. Tu mesmo tens ouvido o que os reis dos assírios fizeram a tôdas as terras e como as devastaram; tu só, pois, te poderás salvar? Porventura os deuses das gentes livraram os povos que meus pais devastaram, a saber: Gozan, Haran, Resef, e os filhos de Eden, que estavam em Telassar? Que é feito do rei de Emat, do rei de Arfad, do rei da cidade de Sefarvaim, de Ana e de Ava?"

"Ezequias, tendo recebido a carta da mão dos mensageiros e tendo-a lido, foi para a casa do Senhor, estendeu-a diante do Senhor e fêz a sua oração diante dêle, dizendo:

"— Senhor Deus de Israel, que estás sentado sôbre os querubins, só tu és que és o Deus de todos os reis da terra; tu fizeste o céu e a terra. Inclina o teu ouvido e ouve; abre, Senhor, os teus olhos e vê; ouve tôdas as palavras de Senaquerib, que mandou se blasfemasse diante de nós contra o Deus vivo. É verdade, Senhor, que os reis dos assírios destruiram as gentes e tôdas as suas terras, e lançaram os seus deuses no fogo, porém êles não eram deuses, mas obra das mãos dos homens, de pau e de pedra, e, por isso, foram destruidos. Salva-nos agora, Senhor, nosso Deus, das suas mãos, para que todos os reinos da terra saibam que só tu és o Senhor Deus."

"Então Isaías, filho de Amós, mandou dizer a Ezequias: Eis o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu ouvi a oração que tu me fizeste relativamente a Senaquerib, rei dos assírios. Eis o que o Senhor disse dêle:

"Ela te desprezou e te escarneceu,
a virgem, filha de Sião;
ela sacudiu a sua cabeça por detrás de ti,
a filha de Jerusalém.
A quem insultaste, contra quem blasfemaste?
Contra quem levantaste a tua voz?
A quem desafiaste com teus olhos?
O Santo de Israel.
Por meio dos teus servos ultrajaste o Senhor,
dizendo: Com a multidão dos meus carros (*armados*)
subirei ao alto dos montes,
ao cimo do Líbano;
deitarei abaixo os seus altos cedros,
os seus mais belos ciprestes.

Penetrarei até os mais remotos limites,
até os bosques mais espessos.
Cavei.
E bebi águas estrangeiras,
sequei com as plantas dos meus pés
todos os rios do Egito.
Tu não ouviste dizer
o que eu fiz desde o princípio?
Desde os dias antigos eu formei êste projeto,
e agora o executo;
as cidades fortes dos combatentes
são um montão de ruínas.
Os que nelas habitam, ficando sem fôrças,
atemorizam-se e confundem-se,
tornam-se como o feno dos campos,
como a erva verde dos telhados,
que se seca antes de amadurecer.
Eu previ a tua habitação, a tua saída,
a tua entrada e o teu caminho,
conheço o teu furor contra mim.
Ficaste furioso contra mim,
e a tua soberba subiu até os meus ouvidos.
Eu porei pois o meu anel nos teus narizes,
e o meu freio nos teus lábios,
e te farei voltar pelo caminho por onde vieste.
Tu, porém, ó Ezequias, terás êste sinal:
Come neste ano o que encontrares,
e no segundo ano o que nascer por si mesmo;
mas no terceiro semeai e recolhei,
plantai vinhas e comei os frutos delas.
O que ficar da casa de Judá,
lançará raízes para baixo,
e produzirá o seu fruto para cima.
De Jerusalém sairão uns restos (*de povo*),

e do monte Sião, sobreviventes.
O zêlo do Senhor dos exércitos fará isto.
Portanto, eis o que, do rei dos assírios, diz o Senhor:
Êle não entrará nesta cidade,
nem despedirá nenhuma seta contra ela;
não a cingirá de escudos, nem a cercará de trincheiras.
Êle voltará pelo caminho por onde veio,
e não entrará nesta cidade, diz o Senhor.
Eu protegerei esta cidade e a salvarei por amor de mim e por amor do meu servo
Davi".

"Naquela mesma noite, veio o anjo do Senhor e matou no campo dos assírios cento e oitenta e cinco mil homens. Senaquerib, tendo-se levantado ao amanhecer, viu todos os corpos dos mortos, e, retirando-se, foi-se. Senaquerib, rei dos assírios, retirou-se e ficou em Nínive. Enquanto, certo dia, adorava no templo o seu deus Nesroque, Adrameleque e Sarasar, seus filhos, mataram-no com a espada e fugiram para a terra dos armênios. Seu filho Assaradão reinou em lugar dêle". (2)

— — — —

"Por aquêle tempo, Ezequias adoeceu de morte. O profeta Isaías, filho de Amós, foi ter com êle e lhe disse:

"— Eis o que diz o Senhor Deus: Põe em ordem a tua casa, porque vais morrer, não viverás" (*mais*).

---

(2) II Reis, 19, 1-37.

"Êle virou o rosto para a parede e fêz oração ao Senhor, dizendo:

"— Peço-te, Senhor, lembra-te, suplico-te, de que eu andei diante de ti, em verdade e com um coração reto, e que fiz o que era do teu agrado".

"Depois Ezequias derramou abundantes lágrimas.

"Antes que Isaías tivesse passado metade do átrio, o Senhor falou-lhe, dizendo:

"— Volta e dize a Ezequias, condutor do meu povo: Eu ouvi a tua oração, vi as tuas lágrimas. Vou curar-te: daqui a três dias irás ao templo do Senhor. Acrescentarei quinze anos aos dias da tua vida; além disto, eu te livrarei a ti e a esta cidade da mão do rei dos assírios, e protegerei esta cidade por amor de mim e por amor de Davi, meu servo".

"Isaías disse:

"— Trazei-me cá uma massa de figos".

"Tendo-lhe trazido, puseram-na sôbre a úlcera do rei, que ficou curado.

"Ezequias tinha dito a Isaías:

"— Qual será o sinal de que o Senhor me curará e de que, dentro de três dias, irei ao templo do Senhor?"

"Isaías respondeu-lhe:

"— Será êste o sinal que te dará o Senhor, de que há de cumprir a sua palavra: Queres que a sombra (*nesse relógio solar*) se adiante dez graus, ou que retroceda dez graus?"

"Ezequias disse:

"— É fácil que a sombra se adiante dez graus; não quero que se faça isto, mas que volte atrás dez graus".

"O profeta Isaías invocou, pois, o Senhor e fêz que a sombra voltasse pelas linhas, pelas quais já tinha passado no relógio de Acaz, dez graus atrás.

"Naquele tempo, Nerodac Baladan, filho de Baladan, rei dos babilônios, enviou uma carta e presentes a Ezequias, porque tinha sabido que Ezequias tinha estado doente. Ezequias alegrou-se com a sua vinda, e mostrou-lhes a casa dos aromas, o ouro e a prata, tudo o que tinha em seus tesouros. Não houve nada em seu palácio, nem coisa que fôsse sua, que Ezequias não lhes mostrasse.

"O profeta Isaías foi ter com o rei Ezequias e disse-lhe:

"— Que te disseram êstes homens? Donde vieram êles para te falar?"

Ezequias respondeu-lhe:

"— Vieram ver-me dum país muito remoto de Babilônia".

"Êle respondeu:

"— Que viram êles em tua casa?"

"Ezequias disse:

"— Viram tudo quanto há no meu palácio; não há nada nos meus tesouros que eu não lhes mostrasse".

"Então Isaías disse a Ezequias:

"— Ouve a palavra do Senhor: Eis virão dias em que será transportado para Babilônia tudo o que há em tua casa, tudo o que os teus pais juntaram até êste dia; não ficará coisa alguma, diz o Senhor. Até os teus mesmos filhos, que sairem de ti, que tiveres gerado, serão levados, e farão dêles eunucos no palácio do rei de Babilônia".

"Ezequias respondeu a Isaías:

"— É justa a palavra do Senhor que tu me

anuncias; haja paz e verdade (*ao menos*) durante os meus dias".

"O resto das ações de Ezequias, o seu grande valor, a construção do reservatório e do aqueduto pelo qual conduziu a água para a cidade, não está tudo isto escrito no livro das Crônicas dos reis de Judá? Ezequias adormeceu com seus pais: Em seu lugar reinou seu filho Manassés". (3)

Manassés tinha doze anos, quando começou a reinar. Reinou cinqüenta e cinco anos em Jerusalém, e fêz o mal diante de Deus: Seguiu os ídolos das nações que o Senhor tinha expulsado diante dos filhos de Israel. Reedificou os lugares altos que Ezequias destruira e levantou altares a Baal. Manassés era filho de Hafsiba.

No livro do profeta Isaías, lê-se o Cântico de Ezequias, entoado quando foi curado da enfermidade. O rei, no momento em que a vida lhe fugia, teria querido retê-la.

Canta:

"Eu disse: Na metade de meus dias, lá me vou
para as portas do sepulcro,
privado do resto dos meus anos.
Eu disse: Não verei mais o meu Senhor Deus na
terra dos viventes.

(3) II Reis, 20, 1-21. Ver II Cron. 29-32.

Não verei mais homem algum entre os habitantes do mundo.
É arrancada a minha morada, levada para longe, como uma tenda de pastôres.
Enrolei, como um tecelão, a (*teia da*) minha vida;
quando eu ainda a estava urdindo, êle ma cortou;
desde manhã até a tarde tu acabarás comigo (*ó Deus*).
Eu esperava até amanhã;
êle, como um leão, quebrou todos os meus ossos.
Desde manhã até a tarde acabarás comigo.
Grito como a andorinha,
gemo como a pomba.
Os meus olhos cansaram-se a olhar para o alto.
Senhor, estou angustiado. Conforta-me.
Que direi eu? Êle o disse, e (*como disse*) assim o fêz.
Repassarei diante de ti pela memória todos os meus anos
na amargura da minha alma.
Senhor, se é assim que se vive,
e se a vida do meu espírito consiste em tais coisas,
sara-me, faze-me tornar à vida.
Mudou-se em paz a minha amargosíssima aflição.
Tu livraste a minha alma da tumba da corrupção,
lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados.
Com efeito, o sepulcro não te louvará,
nem a morte te celebrará;
os que descem à cova não esperarão mais na tua fidelidade.
O que vive, o que vive, êsse é o que te louvará,
como eu faço hoje;
o pai fará conhecer aos filhos a tua verdade.

Senhor, salva-nos,
e nós cantaremos os nossos salmos,
diante da casa do Senhor". (4)

— — — —

"Ezequias foi rico e de grande fama. Juntou para si grandes tesouros de prata e de ouro, de pedras preciosas, de aromas, de tôda a qualidade de armas e de vasos de grande preço. Teve também grandes celeiros de trigo, de vinho e de azeite, estábulos para tôda a casta de animais e currais para gados. Edificou também, cidades para si, porque tinha inumeráveis rebanhos de ovelhas e de gado graúdo, porque o Senhor lhe tinha dado uma extraordinária abundância de bens. Êste é o mesmo Ezequias, que tapou a fonte superior de águas de Gion e as desviou por baixo da terra para o poente da cidade de Davi. Em tôdas as obras que empreendeu foi bem sucedido. Todavia, quando vieram os embaixadores dos príncipes de Babilônia, enviados para se informarem do prodígio que tinha acontecido na terra, Deus desamparou-o para o experimentar, para ver tudo o que êle tinha no fundo do seu coração.

"O resto das ações de Ezequias, das suas boas obras, tudo está escrito na Visão do profeta Isaías, filho de Amós, e no livro dos reis de Judá e de Israel. Ezequias adormeceu com seus pais, e o sepultaram sôbre os sepulcros dos filhos de Davi. Todo o (*povo*) de Judá e todos os moradores de Jerusalém prestaram-lhe, na sua morte, grandes homenagens.

---

(4) Is. 38, 10-20.

"Em seu lugar reinou seu filho Manassés". (5)

Os gregos festejam Santo Ezequias, rei de Judá, piedoso soberano, aos 28 de agôsto.

No mesmo dia, em Roma, a festa de Santo Hermes, mártir, muito ilustre personagem. Segundo o que se lê nas *Atas* do bem-aventurado Alexandre, papa, foi primeiramente, trancafiado numa prisão; depois, com muitos outros, foi abatido, a espada, sob o juiz Aureliano, assim consumindo o martírio. Santo Hermes é um dos grandes mártires de Roma, um dos mais venerados, de culto sòlidamente atestado. Morto, provàvelmente, em 116.

Em Venosa, a *Paixão* dos santos Setimino, Januário e Félix, filhos dos santos Bonifácio e Tecla: foram decapitados por ordem do juiz Valeriano sob o imperador Maximiano. A festa, com a dos outros doze irmãos, celebra-se nas calendas de setembro. Ver 1 de setembro.

Em Brionde, na Auvergne a *Paixão* de São Julião, mártir, companheiro do tribuno Ferreol: servindo secretamente a Nosso Senhor Jesus Cristo sob a farda do militar, foi prêso por soldados durante a perseguição de Diocleciano, sendo degolado, sofrendo morte crudelíssima, no século III. São Julião é um dos mais célebres mártires da Gália.

Em Constança, Germânia, São Pelágio, mártir, que foi decapitado e recebeu a coroa do martírio quando do imperador Numeriano e o juiz Evilásio (283?).

---

(5) II Cron. 32, 27-33.

Em Salerno, os santos mártires Fortunato, Caio e Antes, decapitados sob o imperador Diocleciano e o procônsul Leôncio.

Em Constantinopla, Santo Alexandre, bispo, venerável ancião: em 336, Ário conseguira a graça do imperador Constantino; Alexandre, bispo de Constantinopla, foi consultado sôbre se admitiria o ímpio à sua comunhão; o prelado orou longamente e, ao amanhecer do domingo em que devia haver a reabilitação, soube da morte súbita de Ário, sobrevinda depois da ruptura dos intestinos, quando o ímpio satisfazia uma necessidade. Santo Alexandre morreu quase centenário, em 336.

Em Saintes, na Gália, São Viviano, bispo e confessor, no século V.

No mesmo dia, São Moisés, o Etíope: de notório bandido, tornou-se fervente anacoreta, tendo convertido um número infindo de ladrões, os quais levou consigo para o mosteiro. Conhecido também como o *Negro*, diz-se dêle que comia um cabrito inteiro e enxugava todo um odre de vinho. Seu maior prazer era matar. Convertido, foi batizado por Macário. Perseguido tenazmente por Satanás, soube vencê-lo pela infinita paciência (395? 407?).

Em Sarsina, na Itália, São Vinício, bispo.

Em Tadino, Úmbria, São Facundino, bispo.

Ainda em Tadino, São Juventino, arcediago. Teria sido discípulo de São Facundino.

Em Saintes, Santo Ambrósio, bispo, no século V. São Viviano, bispo de Saintes, foi formado por êste santo prelado. Ambos os dois, na diocese de

La Rochelle-Saintes, são festejados aos 28 sob o rito duplo.

Na Irlanda, São Flannan, bispo de Killaloe (século VII?). Teria sido sagrado pelo papa João IV (640-642).

Na diocese de Liège, hoje de Reims, Santo Elmer ou Ermélio, bispo (século VII-VIII?).

Em Buchau, Suábia, a bem-aventurada Adelinda, viúva (abadêssa?). Falecida em 930.

Na abadia de Villers, Brabante, o bem-aventurado Goberto, cisterciense, que faleceu, supõe-se, em 1263.

Em Londres, os bem-aventurados Guilherme Dean, Guilherme Gunter, Roberto Morton, Hugo More, Tomás Holford, Tiago Claxton e Tomás Felton, mártires, em 1588, todos beatificados em 1929.

Em Lancastre, Inglaterra, o bem-aventurado Edmundo Arrowsmith, mártir, em 1628.

Em Barcelona, a bem-aventurada Joaquina de Vedruna, fundadora das Carmelitas da Caridade. Nascida em Barcelona em 1783, em nobre família católica, foi batizada aos 16 de abril daquele ano. Aos dez anos, fêz a primeira comunhão. Aos doze, projetou viver entre as carmelitas. Todavia, não pôde subtrair-se ao desejo dos pais, que a casaram, em 1799, com um gentil-homem de Vich, Teodoro de Mas. Espôsa modêlo, viúva depois de dezesseis anos de vida conjugal, com nove filhos, iniciou uma obra de socorro aos pobres, donde surgiria as Carmelitas da Caridade. Quando da guerra espanhola,

dita dos sete anos, foi encarcerada, depois exilada. Refugiando-se na França, com as irmãs, em 1843 tornou à pátria, onde faleceu, vitimada pela cólera, em 1854, com setenta e um anos de idade. Beatificada em 1940.

* * *

29º DIA DE AGÔSTO

Degolação de São João Batista

João, cujo nascimento celebramos a 24 de junho, deixa o mundo desde sua primeira infância; deixa mesmo a casa paterna que era todavia uma casa de santos e retira-se para o deserto, longe do bulício dos homens, para só conversar com Deus. Tem como veste apenas um rude cilício de pele de camêlo, um cinto também tão espantoso sôbre os rins; como alimento, gafanhotos e mel silvestre; e na sêde, água pura. Exposto às intempéries e não tendo outro retiro que os rochedos, sem recurso, sem servidores, e sem outra manutenção: essa a vida que leva João Batista, desde a infância. Queixamo-nos ainda agora!

Mas eis aqui uma privação bem mais surpreendente. João Batista tinha sentido sôbre a terra o Verbo Encarnado, desde o seio de sua mãe; o pai tinha-lhe predito que êle seria o profeta e devia preparar-lhe o caminho. Entretanto, êle não deixa o deserto para o ir ver entre os homens; êle o conhece tão pouco, que será necessário que o Espírito Santo lhe dê um sinal, para o conhecer, quando chegar o tempo de o manifestar ao mundo. Todavia, êle ocupa-se sem cessar de Jesus, sem cessar êle medita em sua grandeza, sem cessar êle o adora em silêncio,

sem cessar o escuta dentro de si. Êle não tem curiosidade de o ver com os olhos do corpo: é que êle sabe que Jesus opera invisìvelmente, de longe como de perto. Eis quem deve servir e amar a Jesus, não mais como criança, que é preciso nutrir de leite, de consolações sensíveis, mas como homem feito, que se nutre de alimento sólido, que se nutre de privações e de sofrimentos. Somos assim?

Morrei, delicadeza no beber e no comer, delicadeza nas vestes, delicadeza no dormir; morrei, orgulho humano; morrei, curiosidade, ambição, desejo de aparecer. Se, como João Batista queremos preparar os caminhos para Jesus, introduzi-lo nos nossos corações e nos corações dos outros, como João Batista morramos a tôda vista humana, a todo afeto da carne e do sangue.

Há quinhentos anos não aparecia mais profeta. Mas uma grande novidade se espalha: um profeta veio do deserto e prega nas margens do Jordão. É o filho de Zacarias e de Isabel; seu nome é João; seu nascimento foi maravilhoso; sua vida é ainda mais maravilhosa. Não come, não bebe, por assim dizer; vive de gafanhotos e de mel silvestre. Seu vestuário é um rude cilício com um cinto de couro. Fazei frutos dignos de penitência, diz, porque o reino de Deus está próximo e o Messias vai aparecer. Tôda a Judéia, tôda Jerusalém para lá acorre e recebe o batismo de penitência, confessando os pecados. Corramos nós também à pregação dêsse admirável missionário; nós também confessemos os pecados e recebamos o batismo da penitência, para nos prepararmos à vinda de Jesus Cristo, a nossos corações.

Que multidão de pecadores abraça a penitência! João dizia-lhes: Já o machado está pôsto à raiz das árvores; tôda árvore que não der bons frutos será cortada e atirada ao fogo. Que faremos então? Perguntava a multidão do povo. Mestre, que faremos? Perguntavam os publicanos. E nós também, perguntavam os soldados, que faremos? E êle dizia a cada um o que devia fazer, e todos o faziam. Os maiores pecadores, as mulheres de má vida, acreditavam na pregação, convertiam-se e ganhavam o céu. Os fariseus ao contrário, os escribas, aquêles que se consideravam sábios e justos, não acreditavam e não se convertiam.

Temamos que, em nos ocupando de ciência, observando uma regularidade exterior, nos não enchamos de orgulho, como os escribas e os fariseus, e não percamos, como êles, o espírito de penitência e de compunção. Talvez os pecadores do mundo, cujos escândalos deploramos, se convertam e nos precedam no céu, ao passo que, árvores cheias de flôres e de fôlhas, mas sem bons frutos, seremos cortados e atirados ao fogo. Deus nos livre de tal calamidade!

A admiração que se teve pelo santo precursor foi logo tão grande, que o povo tinha o espírito suspenso e todos pensavam se João não seria Cristo. Mas João respondeu a todos: Eu vos batizo na água para a penitência; mas aquêle que deve vir depois de mim é mais poderoso que eu e não sou digno de lhe desatar as correias das sandálias (como faria um escravo ao senhor). Não, não sou digno de me prostrar diante dêle, para lhe desatar a correia da sandália. Êle vos batizará no Espírito Santo e no fogo. Tem o abano na mão e limpará a eira; ajun-

tará o trigo no celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extinguirá.

Não sòmente o povo tinha de João tão alta idéia. A cidade de Jerusalém manda-lhe uma solene delegação de padres e de levitas, para lhe perguntar se era o Messias. Êle respondeu claramente: Não sou Cristo. — Como então? Sois Elias? — Não. — Sois um profeta? — Não. — Que sois, então? Que dizeis de vós mesmo? — Eu sou a voz daquele que clama no deserto: Endireitai os caminhos do Senhor, como disse o profeta Isaías. — Mas, se não sois nem Cristo, nem Elias, nem profeta, porque, então, batizais? — Eu vos batizo, respondeu êle, na água, mas há no meio de vós quem não conheceis; deve vir depois de mim, foi-me preferido, porque existe antes de mim; e não sou digno de lhe desatar os cordões das sandálias. — Êsse era João Batista. Quanto mais o elevam, mais êle se abaixa, mais atribui a Jesus sòmente tôda sua glória.

Entretanto, como o Senhor mesmo nos afirma, João era Elias em espírito e em virtude, se não o era em pessoa, era profeta e mais que profeta, porque devia não sòmente anunciar o Cristo futuro, mas mostrá-lo já vindo, batizá-lo com suas mãos. E com isso se julga indigno de lhe prestar os mais humildes serviços, de desatar-lhe as sandálias. Ó alma minha, ousaremos ainda glorificar-nos de alguma coisa? Orgulharmo-nos de vãos louvores que se nos dão, cobiçar os que nos não dão! Quem somos, perto de João Batista?

No meio dessa multidão de pecadores, que se apresentam a João para receber o batismo de penitência, há um que êle recusa receber e admitir ao

mesmo. Quem é? É Jesus, que vem da Galiléia ao Jordão e se apresenta a João para ser batizado. O senhor apresenta-se ao servo, o criador à criatura. Deus ao homem? O Santo dos Santos confunde-se entre os pecadores, o Juiz entre os culpados. João o tinha reconhecido e adorado desde o seio de sua mãe, reconhece-o de novo e o adora. Eu, diz êle, inclinando-se diante de Jesus, eu é que tenho necessidade de ser por vós batizado; e vós vindes a mim! — Ó bem-aventurado João, obtende-me de Jesus vossa humildade.

Que vai fazer Jesus? Que dirá? Deixai-me agir agora, pois convém que cumpramos tôda a justiça. Jesus, tendo tomado sôbre si as iniqüidades de todos, era justo, era conveniente que se misturasse aos pecadores. Tendo vindo principalmente para nos curar do orgulho, da vaidade, da rebelião para com Deus, era conveniente que nos desse o exemplo de humildade, de abaixamento. Admiremos essa maravilhosa questão entre o senhor e o servo. Quem se colocará mais abaixo do outro? Ai! Nossas discussões são da mesma natureza? Entre nós não é quem mais se eleva acima do outro? Quão pouco nos assemelhamos a Jesus e a João Batista! Ó divino Mestre, tende piedade de nós, tende piedade de mim! Dai-nos, dai-me ser doce e humilde de coração, como vós e vosso santo precursor!

A humildade de João era sincera e êle obedeceu à ordem de Jesus. Ambos descem ao Jordão. O rio, que se tinha detido outrora diante da arca da aliança, para deixar passar o povo de Deus, sob o comando de Josué ou Jesus; o Jordão estremece de alegria desconhecida; suas águas rodeiam, com res-

peito, a carne adorável do Filho de Deus feito homem; correm com pesar; correm, santificadas por aquêle contacto a santificar tôdas as águas do universo e comunicar-lhes a virtude de apagar os pecados pelo batismo. Entretanto, o bem-aventurado João põe sôbre a cabeça sagrada de Jesus uma mão agitada pelo respeito e pela alegria e batiza seu Senhor e seu Deus; Jesus está imerso nas águas; afoga os pecados do mundo e delas sai para criar um mundo novo, um homem novo.

Ao sair do deserto, aonde tinha ido depois do batismo e triunfado do demônio, Jesus caminhava ao longo do Jordão. João viu-o vir para seu lado e disse: Eis o Cordeiro de Deus, eis aquêle que tira os pecados do mundo. Todos os dias, de manhã e de noite, imolava-se no templo um cordeiro e a isso se chamava o sacrifício perpétuo. Como se São João tivesse dito: Não acrediteis que êsse cordeiro, que se oferece dia e noite, seja o verdadeiro cordeiro, a verdadeira vítima de Deus; eis aquêle que se pôs, entrando no mundo, no lugar de tôdas as vítimas; também êle é a vítima pública do gênero humano, e sòmente pode expiar ou tirar aquêle grande pecado que é a fonte de todos os outros e que por isso pode ser chamado de pecado do mundo, isto é, pecado de Adão, que é o pecado de todo o universo.

Êsse cordeiro já foi imolado em figura; e pode-se dizer, na verdade, que foi morto e pôsto à morte desde a origem do mundo. Foi massacrado em Abel, o Justo: quando Abraão quis sacrificar o filho, começou em figura o que devia ser terminado em Jesus Cristo. Vemos também cumprir-se nêle o que começaram os irmãos de José. Jesus foi odiado, perse-

guido até à morte por seus irmãos; foi vendido na pessoa de José, atirado a uma cisterna, isto é, entregue à morte; estêve com Jeremias no lago profundo, com os moços na fornalha ardente, com Daniel na cova dos leões. Era imolado em espírito em todos os sacrifícios. Estava no sacrifício de Noé, oferecido ao sair da arca, quando viu no céu o arco-íris como sacramento da paz; no que os patriarcas ofereceram nas montanhas, no que Moisés e tôda a lei ofereciam no tabernáculo e depois, no templo; e não tendo jamais deixado de ser imolado em figura, vem agora sê-lo em verdade.

Cada dia, assistimos ao sacrifício adorável onde êsse cordeiro de Deus continua a se imolar pelos pecados do mundo. Cada dia mesmo, podemos aí comer a carne adorável dessa vítima. O padre diz-nos, como outrora São João: — *Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi;* — eis o cordeiro de Deus, eis aquêle que tira os pecados do mundo. Creiamos, adoremos; mas creiamos, adoremos com a fé dos patriarcas e dos profetas, com a fé de São João Batista.

Um dia os discípulos de João lhe vieram dizer: Mestre, aquêle que estava convosco além do Jordão e a quem destes testemunho, batiza e todos vão a êle. Julgavam que tendo êle também vindo a João, para ser por êste batizado, não se devia abandonar a João por êle. Escutemos a resposta de João: "O homem nada pode receber, se não lhe fôr dado pelo céu. Vós me prestais testemunho de que eu disse: Eu não sou o Cristo, mas sou o enviado diante dêle. Aquêle de quem é a espôsa é o espôso; mas o amigo do espôso que assiste e escuta é transportado de alegria pela voz do espôso. E por isso minha alegria

completa-se. É preciso que êle cresça e que eu diminua." Meditemos bem nestas últimas palavras.

Os discípulos de João viam, com uma espécie de inveja, que o mestre era abandonado para ir a Jesus. Seu mestre, ao contrário, estava no auge da alegria, por isso. Tinha vindo anunciar Filho de Deus feito homem, anunciá-lo como espôso da natureza humana, espôso da Igreja, espôso de nossas almas. Êsse divino espôso tinha começado a fazer ouvir sua voz e João com isso ficou fora de si, pela alegria: está no auge de seus desejos. É preciso, diz, que cresça e que eu diminua. Palavras admiráveis! Quem nos dera imitá-lo? Quem nos dera procurar a glória de Jesus, às custas da nossa?

Os discípulos de João ficaram com inveja por causa de seu mestre. Algo de semelhante nos pode acontecer. Pode acontecer que no mesmo bem sejamos invejosos uns dos outros, que vejamos com pesar que outro faça melhor que nós, que outra congregação faça melhor que a nossa. Ah! meus irmãos ou irmãs, sejamos invejosos pela glória de Jesus, nosso mestre único. Que todos nos abandonem para ir a Jesus; que a glória de Jesus aumente, sem cessar e que a nossa diminua: como São João deveremos por isso estar no auge da alegria.

Quando João estava na prisão, soube dos discípulos as obras do Cristo; mandou dois dêles dizer-lhe: "Sois vós quem deveis vir, ou devemos esperar outro?" O fim de João era curar os discípulos da má disposição em que estavam, com relação a Jesus e dar-lhes ocasião de reconhecer, por êles mesmos, que era verdadeiramente o Messias, que esperavam, segundo o testemunho que lhes tinha dado. Êsses

homens foram ter com Jesus e disseram-lhe: "João Batista mandou-nos, dizendo: sois o que deve vir ou devemos esperar outro?" No mesmo instante, êle curou vários doentes de suas chagas, bem como libertou alguns possessos do demônio e grande número de pessoas e deu a vista aos cegos. E respondendo disse: "Ide, contai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e o Evangelho a boa nova, é anunciada aos pobres. E bem-aventurado o que não se escandalizar de mim." (1)

Sua resposta mostrava a realização destas palavras de Isaías: Eis que deve vir Deus mesmo e êle vos salvará. Então serão abertos os olhos dos cegos, os ouvidos dos surdos; então curvar-se-á como um cervo coxo e será livre a língua dos mudos. Jeová enviou-me para pregar o Evangelho aos pobres. (2) "Acrescenta uma advertência para êles e para os judeus de não se escandalizarem, se se chocarem nêle, pedra angular, fundamento de salvação para uns, mas pedra de escândalo para outros.

Depois que os enviados partiram, Jesus se pôs a falar de João à multidão: "A quem fôstes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Mas a quem fôstes ver? Um homem molemente vestido? Eis que os que se cobrem de vestes preciosas e vivem nas delícias estão nos palácios dos reis. Mas a quem fôstes ver? Um profeta? Sim, eu vos digo e mais que um profeta. Pois dêle está escrito: eis que envio meu anjo, diante de tua face, o qual preparará a

---

(1) Mat., 11, 2-6. Luc., 7, 19-23.

(2) Isaías, 35, 4-6. 61. 1.

estrada por onde deves caminhar. Na verdade, eu vos digo, entre os que nasceram de mulher não há profeta maior do que João Batista; mas aquêle que é o menor no reino de Deus é maior do que êle." Era Jesus mesmo menor que João na idade, mas maior em tudo o mais. Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus sofre violência e os violentos o arrebatam. Pois até Jesus, todos os profetas e a lei profetizaram; mas êle mostrou a realização. E se o quereis ouvir, é êle, Elias, que deve vir. Quem tem ouvidos, para ouvir, ouça.

Herodes, o Tetrarca, tinha mandado prender João e o acorrentar na prisão, por causa de Herodíades, mulher de Filipe, seu irmão, a quem tinha desposado; porque João disse a Herodes: Não vos é permitido ter a mulher de vosso irmão. Herodes queria fazê-lo morrer; mas temia o povo, porque se tinha a João por grande profeta. Entretanto, armava-lhe ciladas e o queria matar, mas não podia, porque Herodes, que temia a João, sabendo que era homem justo e santo, fazia-o conservar, agindo mesmo em muitas coisas por seu conselho e escutando-o de boa vontade.

Por fim, chegou um dia favorável: o do nascimento de Herodes, no qual êle deu um banquete aos príncipes, aos tribunos militares e aos principais da Galiléia. A filha de Herodíades dançou diante de Herodes e de tal modo lhe agradou e aos que estavam à mesa, que êle lhe disse: Pede-me o que quiseres, e eu to darei. E jurou: Eu te darei tudo o que me pedires, mesmo que seja a metade de meu reino. Ela saiu e foi falar com sua mãe: Que pedirei? Sua mãe respondeu-lhe: A cabeça de João Batista.

Voltando imediatamente com grande ânsia para a sala, onde o rei estava, ela fêz-lhe o pedido, dizendo: "Quero que me deis agora mesmo, numa bandeja, a cabeça de João Batista." O rei ficou muito aflito; entretanto, por causa do juramento que tinha feito e daqueles que estavam à mesa, com êle, não a quis contristar, com uma recusa. Assim, tendo chamado um de seus guardas, ordenou-lhe que trouxesse a cabeça de João numa bandeja. E o guarda cortou-lhe a cabeça, na prisão, e a trouxe numa bandeja; deu-a à moça e a moça a entregou à mãe." (3)

Os Apóstolos viam na sorte de São João um comentário falante do que Jesus lhes acabava de dizer sôbre os obstáculos que encontrariam no mundo. João tinha vindo anunciar a paz, reconciliar os pais com os filhos e prepará-los para a vinda de Cristo. O povo crê na sua palavra e o reverencia como a um profeta; mas os fariseus dizem que êle é possesso do demônio. O tetrarca da Galiléia Herodes Antigas, considera-o um justo e um santo, mas tem mêdo, porque aquêle santo repreende-o de seus crimes, em particular de seu incesto. Herodes tinha desposado a filha de Aretas, rei dos árabes, mas tendo visto Herodíades, mulher de seu irmão, Herodes Filipe, concebeu por ela uma paixão criminosa e prometeu-lhe despedir a primeira mulher para desposá-la. A lei de Moisés ordenava ao irmão desposar a viúva do irmão falecido, sem filhos. Mas Herodíades não era viúva, o marido ainda vivia, e tinha, dentre outras, uma filha, Salomé, a dançarina. Era então, sob todos os aspectos, um enorme escândalo. Ademais, uma guerra surgiu entre Aretas e Herodes,

(3) Mat., 14, 1-11; Marc. 6, 14-28; Luc., 4, 7-9.

onde os judeus sofreram sangrenta derrota. João defendia a causa de Deus e a causa da humanidade, quando disse: Não vos é permitido ter a mulher de vosso irmão. O justo é pôsto na prisão pelo culpado. Herodes teria querido fazê-lo morrer imediatamente: uma coisa, porém, lho impedia, o temor do povo. Chegou a festa de seu aniversário, dia de regozijo e de graças: estava sentado no banquete, entre prazeres; uma moça, a mesma cuja honra as censuras de João tendiam a vingar, recebeu a promessa de obter tudo o que lhe pedisse. Pedirá talvez a liberdade de João, seu vingador, seu benfeitor. Ela quer sua cabeça e no mesmo instante trazem-lha numa bandeja, entre as outras iguarias da mesa. Ao público, teve-se o cuidado de dizer, como vemos no historiador Josefo, (4) que isso se tinha feito por razões de estado, por medidas de alta política, para a segurança do reino, ao passo que era apenas um assassínio em favor do adultério e do incesto. E eis a história de tôdas as oposições, que o Evangelho ou a verdade encontram no mundo.

Os discípulos de João, tendo sabido de sua morte, vieram buscar-lhe o corpo e o puseram num túmulo. Depois, foram contar a Jesus o que tinha acontecido. (5)

* * *

(4) Josefo, Ant. 1. XVIII, c. VII.

(5) Mat. 14, 12. Marc. 6, 29.

BEM-AVENTURADO RICARDO HERST (*)

M á r t i r

Nascido perto de Preston, condado de Lancastre, foi induzido a prestar o juramento que era condenado por Roma: Ricardo preferiu morrer. Escreveu, então, ao seu confessor:

"Eu vos suplico que vos lembrais de meus meninos, meus pobres meninos".

Depois:

"Minha carne está atemorizada, amedrontada, mas encontro grande confôrto espiritual em me atirar ao meu doce Salvador com um ferventíssimo amor. Quando me ponho a considerar o que lhe fizeram e o que sofreu por mim, meu maior desejo é de sofrer com êle. Acho melhor morrer mil vêzes do que possuir um reino e viver em pecado mortal. Nada há de mais detestável, para mim, do que o pecado, e isto ùnicamente pelo amor do meu Salvador".

Corajosamente, o bem-aventurado Ricardo Herst foi morto no ano de 1628. Deixara seis filhos e um por nascer.

Beatificado em 1929.

No mesmo dia, em Roma, no monte Aventino, a morte de Santa Sabina, mártir: sob o imperador Adriano, morreu pela espada, assim obtendo a palma do martírio. A igreja de Santa Sabina de Roma, até os nossos dias, ainda conserva a mesma fisionomia do século V. Começada sob o pontificado do papa Celestino I (422-432), foi terminada, provàvelmente, sob Sixto III (432-440). O *título* de Sabina é celebre.

Em Veliniano, nos confins da Apúlia a *Paixão* dos santos Vidal, Sator e Repósito, filhos de São Bonifácio e Santa Tecla: foram condenados à pena capital pelo juiz Valeriano, sob o imperador Maximiano. A festa, e a dos outros doze irmãos mártires, é celebrada nas calendas de setembro. Ver 1 de setembro.

Em Roma, Santa Cândida, virgem e mártir, cujo corpo foi transferido para a igreja de Santa Praxedes, pelo papa Pascal I.

Em Constantinopla, os santos Hipácio, bispo da Ásia, e André, sacerdote, que, pelo culto das santas imagens, tiveram, sob o imperador Leão, o Isauriano, a barba ensopada em pixe, depois acesa, e tirado o couro cabeludo; foram, então, degolados e arrojados, impiedosamente, aos cães.

Em Antioquia, a morte dos santos Nicéias e Paulo.

Em Metz, Santo Adelfo, bispo e confessor, no século V.

Em Paris, a morte de São Mederico, sacerdote, em 700.

Em Perusa, Santo Eutímio, romano, que, tendo-se refugiado naquela cidade com a espôsa e o filho

Crescêncio, para evitar a perseguição de Diocleciano, ali morreu na paz do Senhor. O filho de Eutímio, Crescêncio, teria sido decapitado em Roma, fora da porta Salária.

Na Inglaterra, São Seibo, rei de Essex, que reinou sôbre os saxões orientais da Ilha por trinta anos. "Foi homem devotadíssimo a Deus" (S. Beda, *Hist. Eccl.*, IV, XI).

Perto de Esmirna, a morte de Santa Basília, virgem, da qual se ignora quase tudo.

Em Troyes, Santa Sabina, virgem, célebre pelas virtudes e milagres. Teria sido irmã de São Sabriniano. (1)

Em Cambon, na Bretanha, São Vítor, solitário (século VII?) Possìvelmente discípulo de São Martinho de Vertou.

Perto de Louvain, Brabante, Santa Verona, virgem (século IX-X), que alguns autores procuram aparentar com a casa da Áustria.

Na Romanha, Itália, Santo Alberico, ermitão.

Na Cracóvia, Silésia, a bem-aventurada Bronislawa (século XIII). Segundo uma tradição local, Bronislawa era irmã ou prima de São Jacinto.

* * *

(1) 29 de janeiro.

30.º DIA DE AGÔSTO

SÃO FIÁCRIO

Anacoreta

São Fiácrio nasceu no comêço do século VII, de uma ilustre família da Irlanda. Os escoceses, que são uma emigração de irlandeses ao norte da Grã-Bretanha, dizem mesmo que era filho de um de seus reis e que foi educado, com seus dois irmãos, pelo bispo Conan, o que é muito possível, pois nessa época os irlandeses ou escoceses, tinham reis em cada província. Fiácrio aproveitou tanto de sua primeira educação que aspirou logo a mais do que uma simples coroa perecível. Deixou a família e o país na flor da idade, para ir em terra estrangeira servir o Senhor na solidão. Tendo vindo à França, como fizeram vários de seus compatriotas, naquele tempo, foi procurar o bispo de Meaux, para lhe pedir um retiro solitário em sua diocese.

O Bispo de Meaux era um santo o segundo de quatro filhos que São Colombano abençoou, passando pela casa de seus pais; êsses quatro filhos são: São Chagnoaldo, que abraçou a vida religiosa em Luxeuil; São Faron, que foi também bispo de Meaux e suas duas irmãs, Santa Fara e Santa Agnetruda. Santa

Fara foi a primeira abadêssa do célebre mosteiro de Faremoutier, que seu pai Agnerico fundou. Faron passou vários anos na côrte dos reis Teodeberto II e Clotário II, com o qual desempenhou altas funções de chanceler. Por fim, comovido pelas piedosas conversas de sua irmã Santa Fara, deixou o mundo, a seu exemplo, recebeu a tonsura clerical e se tornou bispo de Meaux. Tinha o cuidado de atrair à sua diocese pessoas recomendáveis pela santidade. Quando São Fiácrio veio dizer-lhe como tinha deixado a família e o país, para servir a Deus na solidão, o bispo respondeu-lhe com grande alegria: tenho, não longe daqui, uma floresta de meu patrimônio a que os habitantes chamam de Breuil e que julgo própria para a vida solitária. Os dois santos foram vê-la e o bispo deu ao piedoso emigrado da Irlanda a porção que lhe pareceu necessária. Ainda hoje, em alemão e em francês, a palavra *Breuil* significa um lugar úmido e pantanoso, plantado de árvores e abrolhos.

São Fiácrio, recebeu a bênção do bispo, desbastou o bosque, construiu uma igreja em honra da Virgem Santa, com uma pequena casa ao lado, onde morava e recebia os hóspedes, que alimentava com os frutos de seu pomar. Por isso em várias províncias, os ortelãos honram São Fiácrio, como seu patrono.

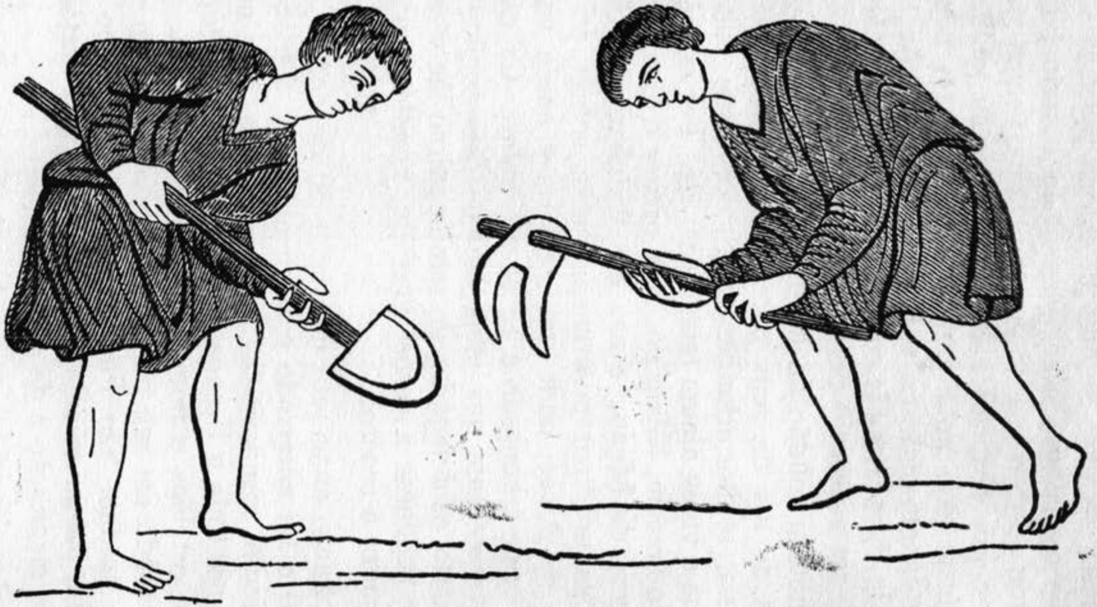
Com o tempo, o piedoso solitário construiu uma espécie de hospital, onde servia aos pobres e dava-lhes muitas vêzes a saúde pela virtude de suas preces. Mas não permitia às mulheres entrar no recinto de sua ermida. Antigas narrações populares atribuem a causa disso a circunstâncias singulares onde há talvez alguma coisa de verdadeiro, mas difícil de se provar. Ademais, o artigo que proíbe às mulheres

entrar num mosteiro de homens é uma regra inviolável entre os monges irlandeses. São Fiácrio jamais se afastou dessa regra, enquanto viveu; e vemos ainda hoje que por respeito à sua memória, as mulheres não entram nem no lugar onde morava em Breuil, nem na capela onde foi enterrado. Ana da Áustria, rainha da França, foi lá em peregrinação e contentou-se em fazer a prece à porta de seu oratório.

Naquela solidão de Breuil, São Fiácrio recebeu a visita de um de seus parentes, chamado Chillen ou Kilain, senhor irlandês ou escocês, que voltava de Roma e viveu algum tempo com êle. Por conselho do santo homem, Kilain pôs-se a pregar o Evangelho na diocese de Meaux e nas das vizinhanças. Suas pregações produziram ótimos frutos, sobretudo na diocese de Arras, onde sua memória é ainda venerada, e onde é honrado a 13 de novembro. Os escoceses acrescentam que morrendo os dois irmãos de São Fiácrio, os delegados do reino paterno lhe vieram suplicar aceitasse a coroa; mas êle, humildemente e com firmeza a recusou.

O Santo anacoreta morreu a 30 de agôsto, no ano 670 e foi enterrado em seu oratório. Milagres sem-número tornaram-lhe o nome cada vez mais célebre por tôda a França, onde geralmente os jardineiros e ortelãos o honram como seu patrono. De fato, rezando em seu oratório e trabalhando em sua horta e jardim, São Fiácrio mereceu um trono no céu. Um pomar mesmo pode tornar-se um oratório, lugar de meditação e de oração.

A alma santa é comparada pelo Espírito Santo a um jardim fechado. Sigamos um pouco a bela comparação. Quando se quer ter um bom terreno, ornado



Monges dedicando-se aos trabalhos de agricultura (de uma miniatura de um missal do século XII).

de tôdas as espécies de flôres, não fica aberto a todos os viandantes nem aos animais, mas é logo rodeado de uma cêrca de espinhos. Aquêle que lá não entra só vê espinheiros e abrolhos. Do mesmo modo um homem que não penetrou no interior de uma devoção, que não lhe saboreou as secretas doçuras, vê nas almas piedosas apenas pessoas que rezam, que jejuam, que combatem contra as paixões, vê sòmente a cêrca de espinhos. Mas se pudesse ver a devoção interior que torna essas ações agradáveis, doces e fáceis, se pudesse penetrar nesse recinto misterioso, admirar-lhe-ia a beleza, a tranqüilidade, a variedade; ficaria arrebatado pelo brilho e pelo odor das virtudes cristãs, que, como flôres transplantadas do céu, expargem por tôda parte um delicioso perfume; veria uma fonte de água viva que jorra até à vida eterna e que de lá recai em doce orvalho, para refrescar, embelezar e fazer crescer tôdas as plantas; veria a graça divina erguer-se em desejos inflamados até o céu, até o mesmo Deus e de lá descer como chuva fecunda, que reanima, embeleza, faz brotar tôdas as virtudes. Veria a Deus mesmo passear às vêzes, por assim dizer, no interior daquela alma e conversar familiarmente com ela, como passeava outrora no paraíso terrestre e conversava com nossos primeiros pais, ainda em seu estado de inocência. Meu Deus, quem nos dará semelhante jardim?

Êsse jardim de delícias eu mesmo devo plantar, em meu coração. Como? Quando se quer transformar em jardim um terreno inculto até então, primeiro devemos arrancar os cardos, os espinheiros e as ervas más; arranquemos, pois, tôdas as ervas inúteis, plantemos as boas, enfim melhoremos o terreno. Pois

bem. Eis o que devo empreender. Os cardos e os espinheiros são os pecados; as ervas inúteis são os pensamentos, as aflições, as palavras inúteis e vãs; as plantas boas são os pensamentos, os afetos e sobretudo as ações santas; enfim, devemos melhorar o terreno substituindo o vício pela virtude, o orgulho pela humildade, a cólera pela doçura e assim do mais. Coragem, então! Cada qual de nós ponha mãos à obra e trabalhe assìduamente em seu jardim.

Meu Deus, vós que plantastes o jardim de delícias onde colocastes nossos primeiros pais, ajudai-me a plantar o jardim de minha alma. Aí só vejo até agora uma terra inculta. Não há, talvez, grandes moitas de espinhos, mas também não há uma planta bela, uma árvore formosa; tudo é magro, mesquinho, sem beleza. Numa palavra, o jardim não é melhor que o jardineiro: ambos mereceriam ser atirados fora. O único remédio que vejo, ó meu Deus, é que vós mesmo refaçais, novamente um e outro.

* * *

SÃO PAMÁQUIO (*)

Confessor

Pamáquio era um nobre romano, riquíssimo, da ordem senatorial. Nós o conhecemos, principalmente, através de São Jerônimo, seu contemporâneo e condiscípulo, do qual o Doutor, numa carta, diz: "Meu velho condiscípulo, camarada e amigo".

Primo de Marcelo, que seria discípulo de São Jerônimo, Pamáquio, que pertencia à família dos Furii, ligada aos mais belos nomes cristãos de então, casou-se com Paulina, e segunda filha de Santa Paula, "ilustre dirigida de Jerônimo".

Morta a espôsa, fervente cristã, Jerônimo escreveu-lhe, consolando-o. E Pamáquio, tendo adotado um costume e um gênero de vida monásticos, embora permanecendo no mundo, acabou por transformar o *palazzo* em que vivia, no Célio, em ponto de reunião de cristãos.

No século IX, podia ler-se no frontal da vastíssima residência, depois basílica, porque Pamáquio engrandeceu-a com uma abside e edifícios anexos, o seguinte:

Quem fundou pelo Cristo
tal casa, e tão vasta,
tão venerável?
Tu queres saber?
Foi Pamáquio,
no seu culto da fé.

Cultor Pammachius fidei: esta expressão acha-se no princípio do cânon da missa: *catholicae et apostolicae fidei cultoribus.*

O atual título dos Santos João e Paulo chamava-se, outrora, *Titulus Pammachii.*

Dizia, numa carta, São Jerônimo:

"Pamáquio, meu caríssimo Pamáquio: se eu te interpretar o nome, revelar-se-á verdadeiramente profético, e tu te mostrarás combatendo de tôdas as maneiras contra o diabo e a potências adversas".

Com efeito, Pamáquio foi tenaz adversário de donatistas, levando mesmo muitos dêles à conversão: em fins do ano 401, Santo Agostinho escrevia-lhe uma ardorosa carta, na qual lhe felicitava o feito.

São Pamáquio, confessor, faleceu em 410, quando da tomada de Roma pelos bárbaros, pelas hordas loucas de Alarico na noite de 24 de agôsto.

No mesmo dia, em Bolonha, São Bonônio, abade. Bastante moço, principiou a professar entre os beneditinos de Santo Estéfano, mas, quase em seguida, tentado pela vida eremítica, partiu para o Oriente,

fixando-se nas imediações do Cairo. Amável, simpático, soube conquistar o coração dos poderosos: desta maneira, pôde restaurar igrejas e fundar um mosteiro de observância beneditina. Foi célebre em Alexandria. Feito abade de Lucédio, no Piemonte, faleceu em 1026. Fundou um mosteiro na Toscana.

Em Chipre, São Filônido, bispo e mártir (303?).

Em Comminges, São Gaudêncio, mártir (475?).

Em Tavistock, na Inglaterra, São Rumon, Roman, Ruan ou Rinnon, bispo (século VI?). Padroeiro de Rumonsleigh (Devon). Em Redruth há uma capela que lhe é dedicada.

Na diocese de Orleãs, Santo Ay ou Agil, confessor, no século VI.

Na Irlanda, São Modan (bispo?).

Em Rebais, na diocese de Meaux, Santo Agil, Aile, Ayeul ou, simplesmente Y, abade. Porque homem dotado de invulgar agilidade, ficou-lhe o nome. Provàvelmente originário de Franche-Comté, teria, quando menino, recebido a bênção de São Columbano. Desde os sete anos, viveu em Luxeuil, na qualidade de oblato. Em 612, acompanhou Santo Eustácio na missão que a êste Santo levou à Baviera. Feito abade de Rebais, ali faleceu em 650. Logo após a morte, foi honrado como santo. A igreja de Rebais ainda conserva uma imagem de Santo Agil, que data do século XII.

Em Jumieges, Santa Ameltrudes, virgem (século VII-VIII?).

Em Coblence, a bem-aventurada Ritza, virgem (século X-XI). Jaz enterrada na igreja de São Castor.

Em Tyburn, perto de Londres, os bem-aventurados Ricardo Leigh, Eduardo Shelley, Ricardo Martinho, João Roche, Margarida Ward e o venerável Ricardo Flower, mártires, em 1588. Com exceção de Ricardo Flower, que é venerável, os demais foram beatificados em 1929.

No Piemonte, o bem-aventurado João Juvenal Ancina, bispo, um dos primeiros membros do Oratório fundado por São Filipe Néri. Nascido em Fossano em 1545, foi grande amigo de São Francisco de Sales. Espírito cultivadíssimo, foi poeta ardente. Amável, humilde e penitente, faleceu em 1604. Beatificado em 1888.

Santa Rosa de Santa Maria, cuja vida se encontra a 26 dêste mês, dia de sua morte. — Em Roma na via de Óstia, o martírio de São Félix, sob os imperadores Diocleciano e Maximiano. Atormentado primeiro sôbre o cavalete, foi, em seguida, condenado à morte; quando o levavam para o lugar onde devia ser decapitado, um cristão, parando diante dêle, disse em voz alta, que também era cristão e teve também a cabeça cortada. Os fiéis que lhe ignoravam o nome chamaram-no de Adauto, isto é, Acrescentado, porque tinha recebido a coroa do martírio com São Félix. — Em Roma, ainda, Santa Gaudência, virgem e mártir, com outros três santos mártires. — Em Sufétula, uma das colônias da África, sessenta mártires, sacrificados pelos gentios enfurecidos. — Em Adrumeto, outra cidade da África, São Bonifácio e Santa Tecla, que tiveram doze filhos mártires. — Em Tessalônica, São Fantino, confessor. Sofreu muito da parte dos sarracenos que o expulsaram de seu mosteiro, onde tinha vivido em abstinência maravi-

lhosa; tendo levado um grande número de almas pelo caminho da salvação morreu em bem-aventurada velhice. — Em Trebi, na campanha romana, São Pedro, confessor, que brilhou por suas virtudes e milagres. Morreu nesse mesmo lugar e aí é honrado com muita devoção.

* * *

31.º DIA DE AGÔSTO

SÃO RAIMUNDO NONATO

Nasceu em 1204, em Portel, na diocese de Urgel, Catalunha. Deram-lhe o cognome de Nonato, *que não nasceu*, porque sua mãe tendo morrido antes de seu nascimento, tiraram-no do corpo pela operação cesariana. Os parentes eram de família nobre, mas pouco favorecidos de bens de fortuna. Na infância, mostrava gôsto pelos exercícios de piedade e pelo cumprimento dos deveres. A penetração de seu espírito fê-lo percorrer, com tanta rapidez como êxito, a carreira das belas letras. Seu pai, que notava nêle a inclinação para a vida monástica, ou pelo menos, para o estado eclesiástico, mandou-o ao campo, para o fazer trabalhar numa fazenda. Sua intenção era afastá-lo da vocação e do estudo. O santo obedeceu sem replicar e por amor à solidão, encarregou-se do cuidado de pastorear o rebanho. Imitava, nas montanhas e nas florestas, a vida dos antigos anacoretas.

Ora, no campo onde o jovem Raimundo pastoreava suas ovelhas, havia uma pequena igreja ou ermida dedicada a São Nicolau de Mira e nessa igreja uma belíssima imagem da Mãe de Deus. O jovem Raimundo, que tinha perdido a mãe antes de vir ao mundo, ia muitas vêzes rezar com fervor diante

daquela santa. Um dia, quando lhe tinha aberto de todo o coração, a santa Virgem apareceu-lhe e disse-lhe com inefável doçura: "Não temas, Raimundo, desde agora eu te recebo por meu filho; poderás, então, com tôda verdade, chamar-me de tua mãe e ter certeza de minha proteção para o futuro." Desde aquêle momento, embora se considerasse o mais humilde servo da rainha dos céus, não podia deixar de a chamar bem alto com o nome de mãe e de protestar que jamais tinha tido outra, nem que jamais a teria. Todos os dias rezava o rosário aos pés dessa imagem.

Invejoso de uma juventude tão pura, o espírito das trevas apareceu-lhe sob a forma de um pastor, esforçando-se por persuadi-lo de que a um moço da nobreza não era conveniente levar vida tão rústica e solitária, que devia freqüentar lugares mais célebres. O moço respondeu que só seguiria os conselhos de sua mui doce mãe, a Virgem Maria. A êsse nome o demônio fugiu com um horrível estrondo. Raimundo foi ao seu asilo costumeiro, agradeceu à sua divina libertadora e, em sua honra, consagrou a Deus a virgindade. Maria testemunhou-lhe a materna satisfação, e o aconselhou a entrar na Ordem da Redenção dos cativos, cuja fundação tinha inspirado havia pouco a São Pedro Nolasco. Raimundo não pedia coisa melhor, mas temia a oposição do pai. O conde de Cardone, inspirado pela Santa Virgem, obteve-lhe o consentimento. Era um senhor de seus parentes que vinha freqüentemente em peregrinação à ermida de São Nicolau. Raimundo foi então a Barcelona e fêz seus votos nas mãos de São Pedro Nolasco, fundador da Ordem das Mercês.

O novo religioso tornou-se modêlo de seus irmãos por seu fervor, sua mortificação e outras vir-

tudes. Seu progresso na perfeição foi tão surpreendente que, após dois ou três meses de profissão, o julgaram digno de exercer o ofício de redentor e substituir a êsse respeito, São Pedro Nolasco. Tendo sido enviado à Barbária, obteve dos agelianos a liberdade de um grande número de escravos. Quando seus fundos se esgotaram, deu-se a si mesmo como refém, para o resgate dos cristãos cuja situação era mais rude e cuja fé corria mais risco. O sacrifício generoso que fazia de sua liberdade só serviu para irritar os maometanos. Trataram-no com tanta desumanidade que teria morrido em suas mãos, se o temor de perder a soma estipulada não tivesse levado o cádi, ou magistrado da cidade, a dar ordens para que o poupassem. Deixaram-no então respirar e permitiram-lhe ir aonde quisesse.

Aproveitou a permissão que se lhe concedia, para visitar os cristãos e os consolar. Abriu também os olhos a vários muçulmanos, que receberam o batismo. O governador, tendo sido informado, condenou-o a ser enforcado. Mas os que estavam interessados no pagamento do resgate dos cativos, pelos quais estava como refém, obtiveram-lhe a comutação da pena e êle sofreu cruéis porretadas. Tal suplício não lhe diminuiu a coragem; julgava nada ter feito, enquanto via os irmãos em perigo de se perderem eternamente: também não deixava escapar nenhuma ocasião de ir em seu auxílio. Quando um homem, dizia êle com São Crisóstomo, desse aos pobres tesouros imensos, aquela boa obra em nada se aproxima da de um homem que contribue para a salvação de uma alma. Essa esmola é preferível à distribuição de dez mil talentos; vale mais que o mundo inteiro, por maior

que pareça aos nossos olhos, pois um homem é mais precioso que todo o universo.

O santo não tinha mais dinheiro para resgatar os escravos; por outro lado, era um crime capital entre os muçulmanos falar de religião aos de sua seita. Se se deixasse levar pela esperança de algum êxito, via-se exposto à morte, vítima da caridade. Retomou, entretanto, seu primeiro método, de exortar os cristãos e instruir os infiéis. O governador, informado de seu proceder, ficou muito irritado; fê-lo chicotear nas esquinas de tôdas as ruas, depois do que, lhe furaram os lábios com um ferro em brasa, numa praça pública e lhe fecharam a bôca com um cadeado, que se abria sòmente quando tinha de comer. Carregaram-no de correntes e fecharam-no numa masmorra. Lá ficou oito meses e só saiu quando os padres das Mercês trouxeram o resgate que São Pedro Nolasco mandava. Vendo que não o queriam deixar na prisão, pediu que, ao menos, lhe fôsse permitido viver no meio dos escravos, que tinham urgente necessidade de socorro. Mas as ordens de seu geral, que o chamava, obrigaram-no a partir.

Chegado à Espanha, foi nomeado cardeal pelo papa São Gregório IX. Sua nomeação a essa dignidade em nada lhe mudou os sentimentos; conservou sempre o hábito e a primitiva maneira de viver. Preferiu a cela a um palácio que lhe ofereciam; não quis ter ricas mobílias e contentou-se com o que era suficiente para as necessidades da natureza. O papa chamou-o a Roma, na esperança de que lhe seria muito útil para o govêrno da Igreja. Êle se pôs a caminho e viajou com a simplicidade de um pobre religioso; mas logo que chegou a Cardona, que está a seis milhas de Barcelona, foi atacado de uma febre

violenta. Viam-se logo nêle os sintomas que anunciavam o próximo fim. Morreu a 31 de agôsto de 1240, na idade de trinta e sete anos. Enterraram-no na mesma capela de São Nicolau onde tinha começado o noviciado de santidade na juventude. São Pedro Nolasco mandou construir um convento de sua ordem em 1255 e ainda aí se conservam as relíquias de Raimundo. A história de seus milagres foi inserida na coleção dos bolandistas. O papa Alexandre II colocou-o no martirológio romano, no ano de 1657. (1)

* * *

(1) Godescard e **Acta SS.**, 31 de agôsto.

BEM-AVENTURADO ANDRÉ DOTTI (*)

Servita de Maria

Nasceu o bem-aventurado André em 1250 em San Sepolcro, no curso superior do rio Tibre, entre a Toscana e a Úmbria. De família nobre, muitos dos parentes ocuparam altos cargos na magistratura e no exército: um dos seus irmãos, chamado Datto Dotti, foi general dos arqueiros nas hostes do rei Filipe, o Belo, rei da França.

Tendo recebido excelente educação, seguiu, por algum tempo, a carreira das armas. Desejoso, porém, de levar vida mais perfeita, procurou a ordem terceira dos Servitas de Maria.

Quando nos vinte e oito anos, ao ouvir um sermão de Filipe Beniti, tocado, entrou na ordem mesma dos Servitas.

O noviciado, fê-lo André Dotti em Florença, onde teve a felicidade de privar com Santo Aleixo Falconieri, um dos sete fundadores da ordem.

Enviado para San Sepolcro, no convento que outro dos sete fundadores dirigia, São Sostegno, ali viveu André ativa umas vêzes, contemplativamente outras.

Depois de 1297, principiou a pregar. Viajou por Florença, Orvieto, Siena, Milão, Asti, Alexandria. Conhecia, como poucos, tôda a Itália do Norte.

Em 1310, depois da morte de Santo Aleixo Falconieri, retirou-se o bem-aventurado André Dotti em Vallucola, onde foi superior. Nos últimos anos de vida, deu-se às práticas da mortificação e da contemplação, falecendo no dia e na hora em que predissera.

Morto aos 31 de agôsto de 1315, a reputação de santidade de que gozava quando ainda no mundo foi atestada por milagres realizados à tumba.

Pio VII aprovou-lhe o culto em 1806, no dia 29 de novembro.

No mesmo dia, em Pádua, São Siríaco (ou Siro, em italiano), bispo.

Em Espoleto, na Itália, São Primiano, mártir (303?). Lê-se no *Catalogus sanctorum Italiae* que as relíquias dêste Santo estão conservadas na igreja principal, e que o costume antigo de lhe celebrar, em Espoleto, a morte, sugere o martírio naquela cidade mesma. Teria padecido sob Diocleciano.

Em Folkestone, na Inglaterra, Santa Eanswida, abadêssa (640?). Neta do rei Santo Etelberto de Kent, foi fundadora do mosteiro de Folkestone (*Folcanstane*).

Em Jouarre, Santo Ebregésilo, bispo de Meaux (século VII?). Aparentado com o fundador da abadia, é dado como irmão de Santo Agilberto.

Em Wimborn, Inglaterra, Santa Cutburga, abadêssa, e Santa Quemburga, virgem (século VIII). Cutburga morreu como abadêssa de Wimborn, no condado meridional de Dorset, em 752. Era filha do rei de Wessex, Ina, e casada com Aldfrido. Teve dois filhos. Tendo obtido licença para tomar o véu no mosteiro de Barking, no Essex, foi noviça sob Santa Hildelith. Em 705 fundou Wimborn, um mosteiro duplo para monges e monjas. Por esta data, foi ter com ela a irmã, Quemburga.

Em Saragoça, na Espanha, São Dominguito do Val, mártir, em 1250. Menino de sete anos, filho do tabelião Sancho e de Isabel, foi crucificado por judeus. O culto é bem atestado.

Em Arezzo, na Itália, o bem-aventurado Bento, franciscano, falecido em 1281. Da família dos Sinigardi, recebeu o hábito que São Francisco dava aos seus companheiros quando na visita seráfica a Arezzo, na Toscana. Em 1216, era provincial nas Marcas. São Francisco, em 1219, enviou-o à Grécia. Foi provincial da Terra Santa e do Oriente de 1221 a 1237. Foi quem deu o hábito franciscano a João de Brienne, imperador de Constantinopla. Era muito estimado de Carlos I de Nápoles e de Balduíno II de Constantinopla. Faleceu em Arezzo.

Em Fontavellana, na Úmbria, o bem-aventurado Albertino, prior geral, desaparecido em 1294. Prior geral de Fontavellana em 1275, mosteiro fundado em princípios do século XI pelo bem-aventurado Ludolfo, na região de Gubbio, Gagli, Pergola e Pesaro, recusou, em 1288, o episcopado de Osimo, província de Ancona.

Finalmente, em Praga, os bem-aventurados Lourenço Nerucci, Agostinho Cannini, Bartolomeu Donati, João Batista Petrucci e companheiros, mártires servitas, em 1420. Em março de 1420, o papa Martinho enviou para a Boêmia um grupo de predicadores, dos quais quatro servitas originários da Toscana: Lourenço, Agostinho, Bartolomeu e João Batista. Pouco depois da chegada, foram queimados vivos com sessenta companheiros, numa igreja, pelos hussitas. O culto teria sido aprovado por Bento IV, em 1918. O decreto não apareceu nas *Acta apost. Sedis.*

Em Tréveris, São Paulino, bispo que na perseguição dos arianos, foi, pela defesa da fé católica, exilado pelo imperador Constâncio e, cansado até à morte pelas freqüentes mudanças de exílio, nas regiões onde o nome de Jesus Cristo não era mesmo conhecido: enfim, tendo morrido na Frígia, recebeu do Senhor a coroa que tinha conquistado com os sofrimentos. — Os santos mártires Robustiano e Marcos. — Em Trasacco, no país de Márcia, na Itália, perto do lago Fucino, festa dos santos Cesídio, padre, e seus companheiros, que obtiveram a coroa do martírio, durante a perseguição de Maximiano. — Em Cesaréia, na Capadócia, São Teódoto, pai do mártir São Mamés; Santa Rufina, sua mãe, que o teve numa prisão; e Santa Âmia, sua ama. — Em Atenas, Santo Aristides, ilustre pela fé e sabedoria, que apresentou ao imperador Adriano um livro sôbre a verdade da religião cristã. Pronunciou também, diante do mesmo imperador, um excelente discurso no qual provou por razões convincentes, a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo. — Em Auxerre, Santo Optato, bispo e confessor. — Na Inglaterra, Santo Aidano, bispo

de Lindisfarne. São Cutberto, pastor, vendo sua alma levada ao céu ficou tão impressionado, que deixou o rebanho e se fêz religioso. — Em Nosca, Santo Amado, bispo. — No monte Senário, perto de Florença o bem-aventurado Bonajuncta, confessor, um dos sete fundadores da ordem dos servitas. Êsse santo, falando a seus irmãos da Paixão de Jesus Cristo, entregou o espírito nas mãos do Senhor.

* * *

Setembro

1.º DIA DE SETEMBRO

A BEM-AVENTURADA JOANA SODERINI

Veio ela ao mundo no ano 1301, numa das primeiras famílias de Florença. Nem bem sua razão começou a desabrochar, e já o seu maior prazer consistia em ouvir a narrativa dos mistérios da fé cristã, e em conversar sôbre êles. Uma terna piedade lhe abrasava o coração. A Santa Virgem merecia-lhe particular devoção; honrou-a desde os mais ternos anos; todos os dias entoava-lhe louvores e dirigia-lhe fervorosas preces. Tendo Joana chegado ao conhecimento, de maneira sobrenatural, de que a sua governanta, chamada Felícia Tônia, morreria dentro de pouco tempo, preveniu a moça, e esta, submetendo-se resignadamente à vontade de Deus, se ocupou em procurar uma pessoa prudente capaz de substituí-la junto à aluna. Nessa intenção indicou a ilustre Santa Juliana Falconieri. Muito repugnava aos pais de Joana a idéia de fazê-la ingressar num estabelecimento religioso, pois era a única filha do casal, e já cogitavam dá-la em casamento a um jovem florentino de classe igualmente elevada. Porém, quando a menina lhes contou que já escolhera Jesus Cristo para espôso, não ousaram opor-se ao desejo por ela

manifestado. Apenas com doze anos de idade, a jovem serva de Deus colocou-se sob a disciplina de Santa Juliana e prazerosamente envergou o hábito religioso.

Sob a direção de tão hábil mestra, não tardou em realizar grandes progressos nos caminhos da perfeição. Não satisfeita por haver renunciado ao mundo e a tôdas as vantagens temporais que nêle poderia encontrar, desejou ligar-se a Deus por laços indissolúveis e pronunciou, diante do altar de Nossa Senhora da Anunciação, seu voto de castidade perpétua. Porém, persuadida de que essa virtude evangélica só através da mortificação e da prece perdura na alma, castigou o corpo durante a vida inteira com o jejum, as vigílias, o cilício, a disciplina, e várias outras austeridades. Possuía-a tão grande humildade que encontrava prazer em executar as tarefas mais grosseiras da casa e em prestar às suas irmãs os serviços mais abjetos. Sua doçura, sua bondade, a alegria simples e natural que acompanhava seus atos de caridade mereceram-lhe e conquistaram-lhe a afeição de tôdas suas companheiras.

O demônio, invejoso de tão alta pureza e virtude, envidou os maiores esfôrços para triunfar da serva de Deus: esta porém, cheia de confiança no auxílio do céu, resistiu tenazmente às mais difíceis e penosas tentações, suportou com paciência as mais mortificantes provações, e afinal saiu vitoriosa da luta que sustentara contra o inimigo. Para premiar a sua virtude, sem dúvida, o Senhor favoreceu-o com o dom da profecia. Joana fêz várias predições, cuja veracidade foi comprovada pelos acontecimentos.

Tendo chegado o tempo em que a sua bem-aventurada diretora, Santa Juliana Falconieri deixaria

a terra para reunir-se ao celeste espôso, Joana prodigalizou-lhe os mais assíduos e os caridosos cuidados; recebeu, em 1340, o seu último suspiro e foi a primeira a ver a imagem do Salvador miraculosamente impressa, como um sinête, no peito daquela ilustre virgem. Comunicou o prodígio às irmãs, que não se fartaram de admirá-lo. De tal modo a impressionou aquêle favor celestial que redobrou de fervor e empenhou-se, durante os vinte e seis anos que ainda viveu, em imitar tôdas as virtudes de que Santa Juliana lhe dera tão belos exemplos. Enfim, rica de merecimento e gasta pelas mais rigorosas penitências, entregou pacìficamente a alma ao Criador, no dia primeiro de setembro de 1827. Seu corpo foi transportado para a Igreja da Anunciação, de Florença, assistida pelos servitas, e bem depressa se tornou objeto de veneração pública. Em virtude da insistente solicitação do conde Lourenço Soderini, patrício romano, e que pertencia à mesma família da santa religiosa, o papa Leão XII aprovou, no dia primeiro de setembro de 1827, o culto imemorial da bem-aventurada Joana. (1)

* * *

(1) Godescard, 1.º de setembro.

NOSSA SENHORA DA PENHA (*)

Rainha e Padroeira de São Paulo

A Penha — Penha de França — grande, movimentado, tradicional bairro da Capital do Estado de São Paulo, vem acompanhando, galhardamente, do alto duma colina, o desenvolvimento da Cidade de Anchieta, ora debaixo dum sol radioso, em céu azul sem nuvens, muito alegre, ora sob a garoa a peneirar, fria, em céu cinzento, carrancudo.

Em que ano foi fundado o povoado da Penha?

Não se pode, com exatidão, fixar a data de fundação do populoso bairro de hoje. Situado a nove quilômetros do centro da Paulicéia, esta decantada Paulicéia dos poetas, a Penha é um dos mais amenos lugares da Capital.

Antigamente, quando os caminhos eram difíceis, tortuosos, contornando morros, ou seguindo a margem dos rios, e as viagens eram trabalhosas, duras, fatigantes, grandemente demoradas, quem se locomovia do Rio de Janeiro para São Paulo, ou vice-versa, forçosamente passava pela Penha.

Augusto de Saint-Hilaire, na sua segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822), passou pela Penha. Diz o ilustre sábio, autor de tão célebres narrativas de viagens

realizadas em nosso País, relatando-nos como o bairro de hoje se apresentava naquela época:

"Desde Inhàzinha até a Penha, o terreno é em geral ondulado e a vegetação muda de maneira notável. Algumas vêzes atravessam-se matas de vegetação bem vigorosa, outras esta vegetação não vai além da altura de nossas grandes matas de corte, e, então, encontra-se em abundância a bonita melostomácea (1), que num mesmo pé insere flôres azuis e brancas, além de outras de um roxo avermelhado, ou vermelho purpurino, e outras enfim que participam destas duas côres.

"Muitas vêzes atravessamos campos semeados de grupos de arbustos; por fim, vimos também terrenos pantanosos cobertos só de ervas e outros ainda onde crescem arbustos cerrados de casca esbranquiçada, galhos finos e ramos bem curtos.

"Nos campos, como nos das redondezas de Taubaté (2), abunda a gramínea chamada *Barba de Bode,* neste momento não florida. Os negros fazem com seus caules espécies de cordões, que amarram com um fio e com os quais tecem chapéus.

"Nos brejos, como nos de Minas, encontra-se comumente uma aroídea (3) de fôlhas grandes, vulgarmente chamada *Banana do Brejo.* Tem frutos suculentos e dispostos em espigas, de gôsto suave. Mas é preciso contentar-se com chupá-lo, tomando muito cuidado para não se pôr na bôca o eixo da espiga, cujo sabor é acre e dá dor de garganta.

---

(1) Ou seja, a Quaresmeira. Melhor será Melostomatácea, do gênero **Tibouchina.**

(2) Taubaté — **Aldeia Grande.**

(3) Arácea será melhor.

"Perto do lugar chamado Casa Pintada, que fica a duas léguas e meia de Inhàzinha, tem-se ainda péssimo caminho, que, contudo, vencemos sem incidentes.

"A paróquia de Nossa Senhora da Penha, como já disse atrás, fica situada sôbre pequeno morro e serve de mirante à cidade de São Paulo. Abaixo dessa aldeia atravessa-se o Tietê e encontra-se, em seguida, terreno perfeitamente plano até São Paulo". (4)

Anteriormente a Saint-Hilaire, sòmente alguns albergues existiam pelo caminho, afora fazendas, sítios e sitiocas, albergues que serviam para descanso ou pousada de viajantes.

Diz uma tradição popular que um devoto compatriota de Saint-Hilaire, em época que não se pode estabelecer, viajando de São Paulo ao Rio, levava consigo uma imagem da Virgem Maria, que amava e estimava sobremodo, a qual, onde quer que fôsse, em se tratando de longas viagens, trazia consigo. Assim, vindo da França para o Brasil, ao empreender, um dia, a dura caminhada de São Paulo ao Rio, a Imagem acompanhava-o.

De caminho, pernoitou na Penha, e, ao raiar do dia seguinte, reiniciou a viagem, com tôda a bagagem, em lombo de burros. Uma surprêsa, porém, esperava-o no próximo pouso.

À noite, vistoriando os trens que o acompanhavam, deu por falta da mais preciosa coisa — a querida Imagem que não deixava e que trouxera da pátria distante, dalém-mar.

---

(4) A. de Saint-Hilaire, **Seg. Viag. do R. de Jan. a Minas e a S. Paulo.**

Sem se importar com canseiras, nem com a escuridão da noite e os perigos das matas, voltou sôbre os passos, em busca da Imagem de Nossa Senhora, o seu tesouro.

Encontrou-a no alto da colina, na Penha. Aliviado, dando graças a Deus, mas abismado, tomou-a consigo e encetou a caminhada de volta, para onde o aguardavam. No dia seguinte, continuou a viagem, rumo ao Rio de Janeiro.

Ao cair da tarde, foi, numa parada para repouso, fazer nova vistoria nas coisas que levava. E de coração bacorejando, sobressaltado, a rebuscar fardos com piedosa impaciência, certificou-se de que, de novo, a Imagem desaparecera.

Que lhe teria então passado pelo pensamento, naquela conjuntura? Como, decerto, tivera a alma encolhida!

No mesmo instante, desprezando, como desprezara, canseiras, o negror da noite, os perigos todos das matas, retornou. Teria a certeza de que havia de encontrar a preciosa Imagem no mesmo lugar? Quem o sabe!

Com efeito, a Imagem de Nossa Senhora, do piedoso francês, encontrava-se no mesmo sítio em que a encontrara pela primeira vez, no alto da colina. Homem de profunda fé, reconheceu, então, que a Virgem Mãe de Deus escolhera "aquêle lugar para seu trono e morada." Assim, construiu-lhe tôsca, pequena capela no local eleito.

A notícia daqueles acontecimentos, das idas e vindas do bom francês, correu, num instante, por todo o arredor. E o povo, logo, entrou a venerar a Imagem miraculosa.

Paulatinamente, a Penha começou a povoar-se, e, no ano remoto de 1796, era elevada a paróquia, desligada da então freguesia da Sé.

Diversos foram os vigários que se ocuparam com a capela da Penha até 1844, ano em que tomou posse da paróquia o padre Antônio Benedito de Camargo.

O padre Antônio governou-a até 1905. Querido do povo, pela bondade e caridade, que se tornaram proverbiais, conquistou corações e fêz grandes amizades num grande raio.

Quanto ao movimento religioso, limitava-se a paróquia da Penha à celebração solene, pomposa, da festa da Padroeira, aos 8 de setembro, e às missas aos domingos, às onze horas.

Em 1905, contava a Penha com duas mil e quinhentas almas, mais ou menos, e não se encontrava totalmente separada do centro da cidade: unida pela Estrada de Ferro Central do Brasil, também chegava até o pé da colina os bondinhos puxados a burros.

— — — —

Em 1717, três pescadores felizes colheram em suas rêdes, pescando que andavam pelo rio Paraíba do Sul, o corpo, depois a cabeça duma milagrosa Imagem, que se chamou Aparecida.

Dezesseis anos depois, ocorriam os primeiros prodígios e a ereção dum oratório de pau a pique. Em 1888, dava-se a solene inauguração da atual igreja de Nossa Senhora da Conceição Aparecida — Basílica Nacional — e, em 1894, chegavam ao Brasil os Padres Redentoristas, que iam cuidar do

então Curato de Aparecida, aos cuidados do padre Claro Monteiro do Amaral.

No ano seguinte, 1895, Aparecida teve o seu primeiro Capelão-Cura redentorista, que se chamava padre José Wendel.

Em 1904, realizou-se a Coroação da Padroeira do Brasil, e o impulso que a famosa cidade do Vale do Paraíba vinha tomando, material e espiritualmente, devia-o aos missionários que ali haviam chegado em 1894. (5)

Na reunião do Episcopado em Aparecida, por ocasião da solene Coroação de Nossa Senhora, o então bispo de São Paulo, Dom José de Camargo Barros, insistiu com o Vice-provincial dos Redentoristas para que aceitasse a paróquia de Nossa Senhora da Penha e lhe desse aquela importância e aquêle brilho que os missionários estavam conseguindo, e de modo simplesmente maravilhoso, para o Santuário de Aparecida.

O Vice-provincial hesitou. Depois, porém, de maduras reflexões, obtida a necessária licença do Superior-Geral, acedeu, resolveu aceitar a difícil incumbência — a título de experiência, contudo.

Aos 5 de março de 1905, Dom José de Camargo Barros entregou a paróquia nas mãos dos Redentoristas, dando provisão de vigário ao padre Lourenço Hubbauer, continuando o padre Antônio Benedito de Camargo com o título de Vigário Colado e com a Côngrua do Govêrno.

Os filhos espirituais do grande Santo Afonso principiaram por implantar na população da Penha o espírito de piedade, a verdadeira devoção a Nossa

---

(5) Ver 12 de outubro.

Senhora, aquela devoção que, antes de mais nada, consiste na prática dos mandamentos de Deus e da Igreja e nos exercícios das virtudes cristãs.

Para êste fim, recorreram aos meios apresentados e aconselhados pela Igreja. Assim, com a devida autorização das autoridades eclesiásticas, fundaram, no decorrer dos anos, o *Apostolado da Oração*, para os fiéis dos dois sexos, a *Côrte de São José*, o *Sodalício da Pia União*, a *Congregação Mariana*, para os moços, a *Liga Católica Jesus, Maria, José*, para os pais de família, as *Conferências Vicentinas* e as *Damas de Caridade*, para o socorro aos pobres, a *Irmandade de São Benedito* (6), para os homens de côr, e, finalmente, o *Centro Operário Católico*, para a cristianização dos operários que compõem a quase totalidade dos habitantes da Penha.

Nossa Senhora da Penha, através dos tempos, tem fartamente abençoado, e de modo visível, os esforços dos Redentoristas, bem como amparado e acoroçoado as Irmãs Vicentinas que labutam por Jesus e por Maria, uns e outras pelejando pela formação intelectual e moral da juventude.

Numerosas romarias, principalmente das paróquias vizinhas, têm comparecido, incorporadas, ao Santuário da Penha, e, afora êste movimento, incalculável é o número de romeiros que, sobretudo aos domingos, afluem à velha igreja, para implorar a

(6) Em Aparecida, é grandemente festejado São Benedito. A igreja dêste célebre santo prêto, construída sob o Padre Antônio de Lisboa, na atual Praça Dr. Benedito Meireles, festeja, todos os anos, depois da Páscoa, a festa do **Mouro**. Em Pindamonhangaba, o culto de São Benedito também é notável, e à sua igreja acorre multidões, para assistir aos grandes festejos em honra do Santo.

milagrosa proteção de Nossa Senhora da Penha e cumprir promessas.

————

A 20 de julho de 1909, a Matriz de Nossa Senhora da Penha foi elevada a Santuário Episcopal.

O velho templo, todo de taipa, foi construído, em 1682, pelo então vigário padre Jacinto Nunes. Obra tôsca, como quase tôdas da época, sem estética, serviu os fiéis até 1935 — por duzentos e cinqüenta e três anos, pois, como se vê. Em virtude do movimento sempre e sempre crescente das romarias e do desenvolvimento do povo penhense, a velha igreja, que comportava, quando literalmente tomada, seiscentas pessoas, tornou-se insuficiente para as reuniões e funções religiosas.

Foi assim que o padre Oscar Chagas, com permissão de Sua Excelência, o primeiro arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, de saudosa memória, conseguiu a licença para proceder à reforma do velho templo — o qual, hoje, em sua nova aparência, é conhecido de todo paulistano e de muitos fiéis de outros Estados.

No altar-mor, encontra-se a Imagem milagrosa e tradicional, deixada em terras brasileiras pelo piedoso, anônimo viajante francês.

Maria Santíssima, coroada, tem, num dos braços, ao Filho Menino, à esquerda. Na mão direita, firme, segura o Cetro, Rainha que é. De manto, tem, aos pés, o rostinho singelo dum anjo.

Salve, Rainha de São Paulo, Mãe de Deus e Mãe dos homens, admirável Aqueduto, seivosa Árvore da Vida, Arca da Aliança, Canal da Graça, Escada

Celeste, Espelho de Justiça, Lâmpada Inestinguível, Lírio entre Espinhos, Mar de Graças, Porta do Céu! Velai, perenemente, do Alto da Colina, por esta trepidante São Paulo de Piratininga! Ó Rosa Mística!

— — — —

Hoje, faz-se necessária a construção dum novo Santuário. A velha, poética igreja reformada e aumentada, não comporta mais o movimento de devotos que procuram as bênçãos de Nossa Senhora.

Assim, a 15 de novembro de 1957, foi solenemente lançada a *Pedra Fundamental* de nova igreja, que será, sem dúvida, uma das maiores de São Paulo.

— — — —

DEVOÇÃO

Tôdas as quartas-feiras, no Santuário de Nossa Senhora da Penha, realiza-se a Novena Perpétua em louvor da Rainha de São Paulo: pela manhã, na missa das sete horas, e à noite, na missa das vinte horas.

* * *

SANTA ANA

Profetisa

I Século

Lê-se no Evangelho segundo São Lucas:

"Havia também uma profetisa, (*chamada*) Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser; estava em idade muito avançada, tinha vivido sete anos com seu marido, desde a sua virgindade. E (*tinha permanecido*) viúva até os oitenta e quatro anos; e não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia com jejuns e orações. Ela também sobrevindo nesta mesma ocasião, louvava a Deus, e falava dêle a todos os de Jerusalém que esperavam a redenção". (1)

São Lucas chama Ana de profetisa porque anunciou a vinda do Messias. Mereceu esta honra incomparável pela humildade, pela vida tôda dada a Deus.

Adon, no século IX, inscreveu Ana no seu livreto sôbre as festas dos apóstolos, a 1.º de setembro. O martirológio romano acompanhou-o. Entre os gregos,

---

(1) Lc. 2, 36-38.

Santa Ana é comemorada aos 28 de agôsto. Em Constantinopla, aos 3 de fevereiro.

Diz, no seu resumo, o martirológio:

"Em Jerusalém, Santa Ana, a Profetisa, da qual a narrativa evangélica atesta a santidade (I Século).

* * *

SANTOS JOSUÉ E GEDEÃO (*)

Antigo Testamento

Josué

O nome de Josué nada mais é do que o nome sagrado de Jesus apresentado de modo diferente. Josué chamava-se Oséias, *Hoshea*. Moisés nomeou-o *Yeoshua*, "Javé é saudado".

Josué filho de Nun, foi o grande chefe, aquêle que completou a obra de Moisés e conquistou a Terra Santa, prefigurando Nosso Senhor Jesus Cristo.

— — — —

"Moisés dirigiu ainda estas palavras a todo o Israel. Disse-lhes:

"— Eu estou hoje com a idade de cento e vinte anos, já não posso ir e vir, principalmente tendo-me dito o Senhor: Tu não passarás êste Jordão. O Senhor teu Deus passará, pois, diante de ti; êle mesmo exterminará diante de ti tôdas estas nações, tu as possuirás. Josué passará adiante de ti, como o Senhor disse. O Senhor fará a êstes povos, como fêz a Seon e a Og, rei dos amorreus, e ao seu país, destruindo-os. Quando êle, pois, tiver também entregado êstes, vós

lhes fareis como vos ordenei. Procedei varonilmente, tende coragem; não temais nem tremais, à vista dêles, porque o Senhor vosso Deus é êle mesmo o guia, que não vos deixará, nem desamparará".

"Moisés chamou Josué e disse-lhe diante de todo o Israel:

"— Tem ânimo, sê forte, porque tu hás de introduzir êste povo na terra que o Senhor jurou a seus pais que lhes havia de dar, e tu a repartirás por sorte. O Senhor, que é vosso guia, êle mesmo será contigo; não te deixará, nem de desamparará; não temas, nem te assustes". (1)

————

Moisés entregou a lei aos levitas, e Deus, sancionando a autoridade de Josué, ordenou a Moisés que escrevesse um cântico, aquêle cântico, dito de Moisés, que é uma das mais belas páginas da Sagrada Escritura, o qual, mesmo visto pelo prisma literário, é composição que não se encontra igual em qualquer literatura humana.

"E Moisés, servo do Senhor, morreu ali na terra de Moab, segundo a ordem do Senhor". E Josué, filho de Nun, porque Moisés lhe impusera as mãos, "foi cheio do Espírito de sabedoria".

————

O livro de Josué tem o seu nome não só porque seja nêle o principal personagem, como também porque, pelo menos em parte, foi por êle escrito. Fala-nos

(1) Deut. 31, 1-8.

da conquista da Palestina e da sua divisão entre as tribos. Neste livro, demonstra-se a fidelidade de Deus em cumprir as promessas feitas aos Patriarcas antigos de dar a terra de Canaan ao povo de Israel, e de o proteger de um modo especial.

"Aconteceu que, depois da morte de Moisés, servo do Senhor, o Senhor falou a Josué, filho de Nun, ministro de Moisés, e disse-lhe:

"— Meu servo Moisés morreu; levanta-te e passa êsse Jordão, tu e todo o povo contigo, entra na terra que eu darei aos filhos de Israel. Todo o lugar, que pisar a planta de vosso pé, eu vô-lo darei, como disse a Moisés. Desde o deserto e desde o Líbano até o grande rio Eufrates — todo o país dos heteus — e até o mar grande para o ocidente, todo êste território será vosso. Ninguém vos poderá resistir em todos os dias da vossa vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei. Tem ânimo, e sê fôrte, porque tu hás de levar êste povo à posse da terra, que prometi com juramento a seus pais que lhes havia de dar. Tem ânimo pois, reveste-te de grande fortaleza, para cuidadosamente cumprir tôda a lei, que Moisés, meu servo, prescreveu-te; não te desvies dela nem para a direita nem para a esquerda, a fim de que sejas feliz em tudo o que fizeres. Não se aparte da tua bôca o livro desta lei, mas medita nêle dia e noite, cuidando de cumprir tudo o que nêle está escrito; então prosperarás em teus caminhos e serás bem sucedido. Porventura não te ordenei: tem ânimo, e sê forte? — Não tenhas, pois, mêdo nem temor, porque o

Senhor teu Deus está contigo em qualquer parte para onde vás".

Assim, Josué deu ordens para a passagem do rio Jordão e preparou a conquista da Palestina. Antes, porém, enviou, de Setim, dois espiões a Jericó, para que examinassem o país e a cidade. Êles partiram e se fixaram na casa duma mulher chamada Raab.

"E foi dado aviso disso ao rei de Jericó, assim: entraram aqui de noite uns homens dos filhos de Israel, para explorar o país.

"O rei de Jericó mandou dizer a Raab:

"— Faze sair êsses homens, que foram ter contigo e entraram em tua casa, porque são espiões que vieram reconhecer todo o país".

"Mas a mulher, tomando os homens, escondeu-os, e disse:

"— Confesso que êles vieram a minha casa, mas eu não sabia donde eram, e, quando se fechava a porta (*da cidade*), sendo já escuro, êles sairam ao mesmo tempo, e não sei para onde foram. Ide após êles, depressa, e encontrá-los-eis".

"Ora, ela tinha feito subir os homens ao terraço da sua casa e tinha-os coberto com palha de linho, que ali havia.

"Os que haviam sido enviados, foram atrás dêles pelo caminho que conduz ao vau do Jordão, e, logo que sairam, foi fechada a porta (*da cidade*).

"Ainda os homens, que estavam escondidos, não tinham adormecido, quando a mulher subiu junto dêles e lhes disse:

"— Eu sei que o Senhor vos entregou êste país; o terror de vós apoderou-se de nós, e todos os habi-

tantes do país desanimaram, pois soubemos que o Senhor secou as águas do Mar Vermelho à vossa entrada, quando saístes do Egito, e (*soubemos*) o que fizestes aos dois reis dos amorreus, que estavam da banda de além do Jordão, Seon e Og, os quais matastes. Quando ouvimos isto, tivemos grande mêdo, o nosso coração desmaiou e não ficou alento em nós à vossa aproximação; porque o Senhor vosso Deus é o (*mesmo*) Deus (*que reina*) lá em cima no céu, e cá em baixo na terra. Agora, pois, jurai-me pelo Senhor, que, assim como eu usei de misericórdia convosco, assim usareis com a casa de meu pai, e dai-me um sinal seguro de que salvareis meu pai e minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs, assim como tudo o que lhes pertence, e livrareis as nossas vidas da morte".

"Êles lhe responderam:

"— À custa da nossa vida salvaremos a vossa, contanto que tu não nos atraiçoes; quando o Senhor nos entregar êste país, usaremos contigo de misericórdia e de fidelidade".

"Ela os fêz descer da janela por uma corda, porque a sua casa estava pegada ao muro (*da cidade*). Disse-lhes:

"— Ide para o monte, não suceda que êles vos encontrem, quando voltarem, e deixai-vos lá estar escondidos durante três dias, até que êles voltem, e depois tomareis o vosso caminho".

"Êles lhe disseram:

"— Nós cumpriremos fielmente o juramento, que nos fizeste prestar, se, quando entrarmos no país, estiver como sinal êste cordão côr de escarlate, e o atares à janela, por onde nos fizeste descer, e se tiveres recolhido, em tua casa, o teu pai, a tua mãe, os

teus irmãos e tôda a tua parentela. Se alguém sair da porta da tua casa, o seu sangue cairá sôbre a sua cabeça, e nós ficaremos sem culpa; mas o sangue de todos os que estiverem contigo em tua casa, cairá sôbre nossa cabeça, se alguém os tocar. Porém, se tu nos atraiçoares, e publicares isto que te dizemos, ficaremos desobrigados dêste juramento, que nos fizeste prestar".

"Ela respondeu:

" — Faça-se como dissestes".

"Depois os despediu e êles partiram; (*então*) pendurou o cordão côr de escarlate à janela.

"Êles, andando, chegaram ao monte, e lá permaneceram durante três dias, até que voltaram os que tinham ido em seu seguimento. Êstes, tendo buscado por todo o caminho (*os espiões*), não os encontraram. (*Então*) os espiões deram volta, e, tendo descido do monte e passado o Jordão, chegaram a Josué, filho de Nun, e contaram-lhe tudo o que lhes tinha acontecido, dizendo:

" — O Senhor entregou todo êste país nas nossas mãos, pois os seus habitantes estão consternados de mêdo".

— — — —

"Josué, levantando-se de madrugada, moveu o acampamento e saiu de Setim. Chegados ao Jardão, êle e todos os filhos de Israel, aí se detiveram, antes de o atravessar.

"Passados três dias, os pregoeiros atravessaram pelo meio do acampamento, e começaram a dizer em alta voz:

"— Logo que virdes a arca da aliança do Senhor vosso Deus levada pelos sacerdotes da linhagem de Levi, levantai-vos vós também, e ide atrás dela, mas de forma que haja entre vós e a arca o espaço de dois mil côvados, a fim de a poderdes ver de longe, e conhecer o caminho por onde deveis ir, porque não andastes antes por êle; tomai cuidado, não vos aproximeis da arca".

"Josué disse ao povo:

"— Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará entre vós maravilhas".

"Depois Josué falou aos sacerdotes:

"— Tomai a arca da aliança e ide adiante do povo".

"Êles, executando a sua ordem, tomaram (*a arca*), e caminharam adiante do povo.

"O Senhor disse a Josué:

"— Hoje começarei a exaltar-te diante de todo o Israel, para que saibam que, assim como fui com Moisés, assim sou contigo. Aos sacerdotes que levam a arca da aliança, dá-lhes esta ordem: Quando tiverdes chegado às águas do Jordão, parai aí".

"Josué disse aos filhos de Israel:

"— Aproximai-vos, e ouvi a palavra do Senhor vosso Deus".

"E acrescentou:

"— Por isto conhecereis que o Senhor, o Deus vivo, está no meio de vós, e exterminará à vossa vista o cananeu, o heteu, o heveu, o fereseu, o gergeseu, o jebuseu e o amorreu. Eis que a arca da aliança do Senhor de tôda a terra irá adiante de vós pelo meio do Jordão. Preparai doze homens das tribos de Israel, um de cada tribo. Logo que os sacerdotes,

que levam a arca de Javé, o Senhor de tôda a terra, puserem as plantas de seus pés nas águas do Jordão, as águas debaixo seguirão a sua corrente e minguarão, e as que vem de cima, pararão, amontoando-se".

E foi a miraculosa passagem do Jordão: quando o povo saiu das tendas, para passar o rio, os sacerdotes, levando a arca, caminhavam na frente.

"No momento em que entraram no Jordão, e a água lhes começou a molhar os pés (porque o Jordão, sendo o tempo da ceifa, inundava as margens do seu leito), as águas, que vinham de cima, pararam num só lugar, e, levantando-se à maneira dum monte, descobriram-se de longe desde a cidade, que se chama Adom, até o lugar de Sartan; e as que desciam continuaram a correr para o mar do deserto (que agora se chama Mar Morto), até que faltaram de todo. Entretanto, o povo caminhava para Jericó. Os sacerdotes, que levavam a arca da aliança do Senhor, conservaram-se quietos, de pé, sôbre a terra sêca, no meio do Jordão, e todo o povo ia passando pelo leito do rio, a pé enxuto".

— — — —

A uma ordem de Deus, Josué mandou erigir um monumento, com doze pedras "duríssimas", como "um memorial eterno dos filhos de Israel", no lugar onde acamparam. Outro monumento, depois, levantaram no meio mesmo do leito do Jordão, também com doze pedras, "onde estiveram parados os sacerdotes, que levavam a arca da aliança, e elas ainda ali se conservam até o dia de hoje".

Saiu, então, o povo do Jordão. E foi a glória de Josué e a volta das águas.

Acampados em Galgala, tremeram os amorreus e os cananeus, aterrorizados.

Circuncidados os filhos de Israel, disse o Senhor a Josué:

"— Hoje tirei de cima de vós o opróbrio do Egito".

E, ali, em Galgala, celebraram êles a primeira Páscoa na terra de Canaã.

— — — —

Aproximava-se a conquista da terra prometida.

"Ora, estando Josué nos arredores de Jericó, levantou os olhos e viu diante de si um homem em pé, que tinha uma espada desembainhada; foi ter com êle, e disse-lhe:

"— Tu és dos nossos ou dos inimigos?"

"Êle respondeu:

"— Não; sou o príncipe do exército do Senhor, que agora venho" (*para vos auxiliar*).

"Josué caiu com o rosto por terra, prostrou-se e disse-lhe:

"— Que diz o meu Senhor ao seu servo?"

"— Tira, respondeu-lhe êle, o calçado de teus pés, porque o lugar, em que estás, é santo".

"Josué fêz como lhe tinha sido mandado".

Deus, então ordenou que se atacasse Jericó, e, executada a ordem divina, a cidade foi tomada. Sòmente a casa de Raab foi poupada, conforme haviam prometido os espiões.

"Puseram fogo à cidade e a tudo o que nela havia, à exceção do ouro e da prata, dos utensílios

de cobre e de ferro, que consagraram para o tesouro do Senhor".

Naquele tempo, Josué proferiu esta imprecação contra Jericó:

"— Maldito seja diante do Senhor o homem que levantar e reedificar a cidade de Jericó; morra o seu primogênito, quando lhe lançar os fundamentos, e perca o último de seus filhos, quando lhe puser as portas".

"Foi o Senhor com Josué, e o seu nome se divulgou por tôda a terra".

— — — —

Os filhos de Israel, todavia, violaram o mandamento. Um dentre êles, Achan, "tomou alguma coisa dada ao anátema, e o Senhor irou-se contra os filhos de Israel". Castigados, foram derrotados diante de Hai, que ficava junto de Betaven, ao nascente da cidade de Betel.

Descoberto o culpado da derrota, Achan, foi punido. Todo o Israel o apedrejou. "E juntaram sôbre êle um grande montão de pedras, o qual permanece até o dia de hoje. (*Com isto*), apartou-se dêles o furor do Senhor".

E disse Javé a Josué:

"— Não temas, nem te acobardes; toma contigo todos os combatentes, e, levantando-te, sobe à cidade de Hai; eis que te entregarei nas tuas mãos o seu rei, o povo, a cidade e o seu território. Farás à cidade de Hai e ao seu rei, como fizeste a Jericó e ao seu rei. Todavia, repartireis entre vós a prêsa

e todos os animais; põe uma emboscada à cidade por detrás dela".

"Levantou-se Josué com todo o exército dos combatentes, para marchar contra Hai. Mandou de noite trinta mil homens escolhidos dos mais valentes, dando-lhes esta ordem:

"— Armai uma emboscada por detrás da cidade; não vos afasteis muito (*dela*), e estai todos apercebidos. Eu e o resto da gente que está comigo, avançaremos pela parte oposta contra a cidade. Quando êles saírem contra nós, fugiremos e voltar-lhes-emos as costas, como primeiro fizemos, até que, perseguindo-nos, tenham-se afastado da cidade, pois dirão: Fogem de nós como da primeira vez. Enquanto formos fugindo, e êles nos seguindo, vós saireis da emboscada e destruireis a cidade. O Senhor vosso Deus vô-la entregará nas suas mãos. Depois que a tiverdes tomado, ponde-lhe fogo e assim fareis tudo como eu mandei".

"Despediu-os, e êles foram para o lugar da emboscada, entre Betel e Hai, ao poente da cidade de Hai. Josué ficou aquela noite no meio do povo. Levantando-se de madrugada, passou revista à sua gente e marchou com os anciãos à frente do exército, sustentado com o grosso das suas tropas. Tendo chegado e subido até junto de Hai, fizeram alto no lado setentrional da cidade, entre a qual e êles mediava um vale. Josué tinha escolhido cinco mil homens, e tinha-os pôsto de emboscada entre Betel e Hai, ao poente da mesma cidade; todo o resto do exército marchava em ordem de batalha para o setentrião, de sorte que os últimos daquela multidão alcan-

çavam até o poente da cidade. Josué marchou aquela noite e parou no meio do vale.

"O rei de Hai, tendo visto isto, saiu a tôda a pressa da cidade, ao amanhecer, com todo o exército, e encaminhou as suas tropas para a banda do deserto, ignorando que lhe ficava atrás uma emboscada. Josué, porém, e todo o Israel, foram-se retirando, fingindo mêdo, e fugindo pelo caminho do deserto. Os de Hai, levantando ao mesmo tempo uma grande grita e animando-se mùtuamente, foram-nos perseguindo. Quando já estavam longe da cidade, sem que tivesse ficado nem sequer um em Hai e em Betel, que não saísse em perseguição de Israel, (deixando abertas as cidades donde tinham saído de tropel), o Senhor disse a Josué:

"— Levanta o escudo que tens na mão contra a cidade de Hai, porque eu ta entregarei".

"Tendo êle levantado o escudo contra a cidade, imediatamente saíram os que estavam escondidos na emboscada e, encaminhando-se para a cidade, tomaram-na e puseram-lhe fogo.

"Os homens da cidade, que perseguiam Josué, olhando para trás e vendo o fumo da cidade que subia até o céu, não puderam já fugir nem para cá nem para lá, principalmente quando os que davam mostra de fugir e corriam para o deserto, atacaram com grande esfôrço aquêles que os iam perseguindo.

"Josué e todo o Israel, vendo que a cidade estava tomada e que dela subia o fumo, voltaram-se e passaram à espada os de Hai. Também os que tinham tomado e queimado a cidade, saindo dela para se unir com os seus, começaram a bater os inimigos que estavam no meio. Assim, foram os inimigos feridos por

uma e outra parte, de modo que nem um se salvou de tão grande multidão; (*os homens de Israel*) tomaram vivo o rei da cidade de Hai e apresentaram-no a Josué".

— — — —

Mortos todos, destruída a cidade, tomados e repartidos os despojos, Josué edificou um altar ao Senhor Deus de Israel sôbre o Monte Hebal, ofereceu sôbre êle holocaustos a Javé, escreveu sôbre pedras o Deuteronômio da lei de Moisés e abençoou o povo.

Depois da astúcia dos gabaonitas para obter a aliança de Israel, os quais passaram a ser empregados no serviço de todo o povo e do altar do Senhor, cortando lenha e conduzindo água, "Adonisedec, rei de Jerusalém, tendo ouvido que Josué tomara Hai e a destruíra (porque fêz a Hai e ao seu rei, como tinha feito a Jericó e ao seu rei), e que os gabaonitas se tinham passado para Israel e se tinham tornado seus aliados, teve muito mêdo. Com efeito, Gabaon era uma cidade grande, como uma das cidades reais, ainda maior que a cidade de Hai, e todos os seus guerreiros muito valentes. Enviou, pois, Adonisedec, rei de Jerusalém (*mensageiros*) a Ohan, rei de Hebron, a Faran, rei de Jerimot, a Jafia, rei de Laquis, e a Dabir, rei de Eglon, dizendo:

"— Vinde ter comigo e trazei-me socorro, a fim de tomarmos Gabaon, porque êle passou para Josué e para os filhos de Israel".

"Unidos, pois, os cinco reis dos amorreus, o rei de Jerusalém, o rei de Hebron, o rei de Jerimot, o

rei de Laquis, o rei de Eglon, saíram com os seus exércitos, e acamparam junto de Gabaon, sitiando-a.

"Os habitantes da sitiada cidade de Gabaon mandaram dizer a Josué, que estava acampado em Galgala:

"— Não recuse as tuas mãos aos teus servos; vem depressa, livra-nos, dá-nos socorro, porque se coligaram contra nós todos os reis dos amorreus, que habitam nas montanhas".

"Josué subiu de Galgala, e com êle todo o exército dos combatentes, homens valentíssimos. O Senhor disse a Josué:

"— Não os temas, porque eu os entregareis nas tuas mãos: nenhum dêles te poderá resistir".

"Josué, tendo marchado tôda a noite desde Galgala, deu de repente sôbre êles, e o Senhor os desbaratou à vista de Israel; (*Israel*) infligiu-lhes uma grande derrota, junto de Gabaon, e os foi perseguindo pelo caminho que sobe a Bet-horon, batendo-os até Azeca e Maceda. Enquanto êles fugiam dos filhos de Israel e estavam na descida de Bet-horon, fêz o Senhor cair do céu grandes pedras em cima dêles até Azeca, e morreram muitos mais pelas pedras do granizo, do que pelos golpes da espada dos filhos de Israel".

Aqui Josué, temendo não ter tempo de perseguir os inimigos, para os exterminar completamente, inspirado por Deus, voltou-se para Êle. E disse:

"— Sol, não te movas de sôbre Gabaon,
e tu, lua, (*não te movas*) de sôbre o vale de
Ajalon".

"E o sol e a lua pararam,
até que o povo se vingou de seus inimigos.

"Não está escrito no livro do Justo? Parou, pois, o sol no meio do céu, e não se apressou a pôr-se durante quase o espaço de um dia. Não houve nem antes nem depois um dia tão longo, obedecendo o Senhor à voz de um homem, porque combatia por Israel. E Josué voltou com todo o Israel para o acampamento de Galgala.

"Ora, os cinco reis tinham fugido, e tinham-se escondido numa caverna na cidade de Maceda. Êle ordenou aos que o acompanhavam:

"— Rolai pedras grandes para a bôca da caverna e ponde homens cuidadosos, que guardem os que nela estão escondidos; vós, porém, não estejais parados, mas persegui os inimigos e matai os fugitivos que forem ficando atrás; não deixeis entrar nas fortalezas das suas cidades aquêles que o Senhor entregou nas vossas mãos".

"Tendo sido feito, pois, grande destroço nos inimigos, quase até o extermínio, aquêles que puderam fugir de Israel, acolheram-se às cidades fortes. Todo o exército salvo e em número completo voltou para Josué, a Maceda, onde então estava o acampamento; ninguém (*dos adversários*) se atreveu a abrir a bôca contra os filhos de Israel. Josué disse:

"— Abri a bôca da caverna e trazei-me os cinco reis, que nela estão escondidos."

"Êles fizeram como lhes fôra mandado, e levaram-lhe os cinco reis: o rei de Jerusalém, o rei de Hebron, o rei de Jerimot, o rei de Laquis e o rei de Eglon. Quando foram conduzidos perante êle, chamou todos os varões de Israel e disse aos chefes do exército que estavam com êle:

"— Ide e ponde o pé sôbre o pescoço dêstes reis".

"Tendo êles ido e pôsto os pés sôbre os pescoços (2) dos reis subjugados, disse-lhes de novo:

"— Não temais nem vos acovardeis, tende ânimo, sede fortes, porque assim fará o Senhor a todos os vossos inimigos, contra quem pelejais".

"Depois disto, Josué feriu-os e tirou-lhes a vida, e mandou-os pendurar em cinco fôrcas, onde estiveram até a tarde. Ao pôr-do-sol, mandou os companheiros que os descessem dos patíbulos. Depois de descidos, lançaram-nos nas cavernas, em que se tinham escondido, e puseram à entrada grandes pedras, que ali se conservam até hoje".

— — — —

Em seguida, deram-se à conquista de Maceda, Lebna, Laquis, Eglon, Hebron e Dabir.

Contra Israel, coligaram-se os reis do norte. Mas o Senhor, tendo dito a Josué: *Não temas, porque amanhã, a esta mesma hora, entregar-tos-ei a todos para serem passados a espada à vista de Israel; jarretarás os seus cavalos e queimarás os seus carros,* acabaram por se apoderar da Palestina do Norte.

"Conquistou, pois, Josué todo o país, conforme o Senhor tinha dito a Moisés, e entregou a sua posse aos filhos de Israel por porções segundo as suas tribos. E cessou a guerra no país".

---

(2) Pena humilhante muito usada pelos assírios e egípcios para com os inimigos que venciam; sinal de que jaziam completamente sujeitos ao vencedor.

Dividida a terra prometida entre as doze tribos, e passado muito tempo depois que o Senhor tinha dado a paz a Israel, "subjugadas tôdas as nações circunvizinhas, Josué, sendo já velho, de idade muito avançada, chamou todo o Israel, os anciães, os chefes, os juízes e os oficiais, e disse-lhes:

"— Eu estou velho, de idade muito avançada, e vós vedes tudo o que o Senhor vosso Deus fêz a tôdas as nações circunvizinhas, e como êle mesmo combateu por vós; vedes que reparti entre vós por sorte tôda a terra, desde a parte oriental do Jordão até o Mar Grande, e, pôsto que restem ainda muitas nações (*a vencer*), o Senhor vosso Deus as exterminará e as tirará da vossa vista, e vós possuireis o país, como êle vos prometeu. Sòmente é preciso que sejais fortes e solícitos em observar tôdas as coisas que estão escritas no livro de Moisés, não vos desvieis delas, nem para a direita, nem para a esquerda. Não vos mistureis com êsses povos que ficaram entre vós, não jureis pelo nome de seus deuses, nem os sirvais, nem os adoreis, mas permanecei unidos ao Senhor vosso Deus, como tendes feito até êste dia. Então o Senhor vosso Deus exterminará à vossa vista nações grandes e fortíssimas, e ninguém vos poderá resistir. Um só de vós porá em fuga mil homens dos inimigos, porque o Senhor vosso Deus combaterá por vós, como prometeu. Sòmente tende grandíssimo cuidado em amar o Senhor vosso Deus. Se quiserdes seguir os erros dêstes povos, que habitam entre vós, e contrair com êles matrimônios, e estabelecer amizades, sabei desde já que o Senhor vosso Deus não os exterminará diante de vós, mas serão para vós uma cova e um laço, um aguilhão nos vossos flancos,

e espinhos nos vossos olhos, até que vos tire e vos extermine desta terra excelente que vos deu.

"Eis que hoje entro no caminho de tôda a terra. (3) Reconhecei de todo o vosso coração que de tôdas as palavras que o Senhor prometeu cumprir em vosso favor nem uma só ficou sem efeito. Ora, assim como êle cumpriu de fato as suas promessas, e tudo vos tem sucedido felizmente, assim também mandará sôbre todos vós os males de que vos ameaçou, até que vos tire e vos extermine desta excelente terra que vos deu, se violardes o pacto do Senhor vosso Deus, que êle fêz convosco, se servirdes aos deuses estranhos e os adorardes; depressa e sùbitamente se levantará contra vós o furor do Senhor, e sereis tirados desta terra excelente que vos deu".

Assim falando, Josué entrou a exortar o povo todo para que se mantivesse fiel a Deus. E o povo, depois de ouvi-lo, prometeu-lho.

Depois de declarações mais precisas e da renovação da aliança, tendo dado ao povo preceitos em leis em Siquem, "escreveu também tôdas estas palavras no livro da lei do Senhor, tomou uma pedra muito grande, colocou-a debaixo dum carvalho, que estava no santuário do Senhor, e disse a todo o povo:

"— Esta pedra servir-vos-á de testemunho de que ouviu tôdas as palavras, que o Senhor vos disse, para que não aconteça que depois queirais renegar o Senhor vosso Deus".

"E despediu o povo, cada um para a sua possessão.

---

(3) Refere-se à morte, caminho que se trilha desde o dia em que se vem ao mundo.

"Depois disto, morreu Josué, filho de Nun, servo do Senhor, com cento e dez anos. Sepultaram-no nos confins da sua possessão, em Tamnat Saraa, que está situada sôbre o monte de Efraim, para a parte setentrional do monte Gaas. Israel serviu ao Senhor, durante todo o tempo da vida de Josué e dos anciães, que viveram muito tempo depois de Josué, e que sabiam tôdas as obras que o Senhor tinha feito em (*favor de*) Israel". (4)

* * *

GEDEÃO

Os anos passaram. E os hebreus entraram a ser infiéis. Deus, para puni-los, movimentou contra êles o povo do país. "Êles vinham com todos os seus rebanhos e tendas, como nuvem de gafanhotos, e essa multidão inumerável de homens e camelos cobria tôdas as coisas, destruindo tudo o que tocava". E Israel ficou muito humilhado. E se arrependeu.

"Quando os israelitas clamaram ao Senhor, pedindo socorro contra os madianitas, o Senhor mandou-lhes um profeta, que lhes disse:

"— Eis o que diz o Senhor Deus de Israel: Eu vos fiz sair do Egito e vos tirei da casa da escravidão, livrei-vos do poder dos egípcios e de todos os inimigos, que vos afligiam; lancei-os fora à vossa chegada e entreguei-vos a sua terra. Nessa ocasião, disse-vos: Eu sou o Senhor vosso Deus, não temais os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais. E vós não quisestes ouvir a minha voz".

---

(4) Jos. I-XXIV.

"Depois (*destas palavras*) veio o anjo do Senhor e sentou-se debaixo de um terebinto, que havia em Efra e pertencia a Joás, pai da família de Ezri. Estando Gedeão, seu filho, sacudindo e limpando o trigo no lagar, para o esconder dos madianitas, o anjo do Senhor apareceu-lhe e disse:

"— O Senhor é contigo, valente herói".

"Gedeão disse-lhe:

"— Se o Senhor é conosco, peço-te, senhor meu, (*que me digas*) por que nos aconteceram tôdas estas coisas? Onde estão aquelas suas maravilhas, que nossos pais nos contaram, dizendo: O Senhor tirou-nos do Egito? Agora o Senhor abandonou-nos e entregou-nos nas mãos dos madianitas".

"Então (*o anjo que representava*) o Senhor olhou para êle e disse:

"— Vai com essa tua fôrça e livra Israel do poder dos madianitas. Sabe que sou eu quem te manda".

"Êle respondeu e disse:

"— Dize-me, peço-te, meu Senhor, como poderei eu livrar Israel? A minha família é a última de Manassés, e eu sou o menor na casa de meu pai".

"O Senhor disse-lhe:

"— Eu serei contigo, e tu derrotarás os madianitas, como se fôssem um só homem".

"Êle replicou:

"— Se eu achei graça diante de ti, dá-me um sinal por onde conheça que és tu quem me fala, e não te vás daqui, antes que eu volte, trazendo um sacrifício, e to ofereça".

"Êle respondeu:

"— Eu esperarei a tua volta".

"Gedeão foi a sua casa, cozeu um cabrito e pães ázimos duma medida de farinha, e, pondo a carne num cêsto e deitando o caldo da carne numa panela, levou tudo ao lugar debaixo do terebinto e ofereceu-lho. O anjo do Senhor disse-lhe:

"— Toma a carne e os pães ázimos, põe-nos sôbre aquela pedra, e derrama-lhes por cima o caldo".

"Tendo assim feito Gedeão, o anjo do Senhor estendeu a ponta da vara, que tinha na mão, tocou a carne e os pães ázimos, e saiu fogo da pedra, que consumiu a carne e os pães ázimos; e o anjo do Senhor desapareceu de seus olhos. Vendo Gedeão que era um anjo do Senhor, disse:

"— Ai de mim, Senhor meu Deus, que vi o anjo do Senhor face a face".

"O Senhor disse-lhe:

"— A paz seja contigo; não temas, não morrerás".

Gedeão pensava que fôsse morrer, porque os hebreus julgavam que quem visse um anjo de Deus seria morto, como se vê no Êxodo (20, 19): "Todo o povo ouvia os trovões e o som da trombeta, e via os relâmpagos e o monte fumegando; aterrorizados e abalados com o pavor, pararam ao longe, dizendo a Moisés: Fala-nos tu, e nós ouviremos; não nos fale o Senhor, não suceda morrermos".

"Gedeão edificou ali um altar ao Senhor, e chamou-o Paz do Senhor, (*nome que conserva*) até o dia de hoje. Estando êle ainda em Efra, que pertence à família de Ezri, naquela noite disse-lhe o Senhor:

"— Toma o touro de teu pai, e outro touro de sete anos, e destruirás o altar de Baal que é de teu

pai, e corta o aschera, que cerca o altar; edificarás um altar ao Senhor teu Deus em cima desta pedra, sôbre o qual puseste antes o sacrifício, e tomarás o segundo touro, e o oferecerás em holocausto sôbre um monte de lenha, que terás cortado do aschera". (5)

"Gedeão, tendo tomado dez homens dos seus servos, fêz o que o Senhor lhe tinha ordenado; porém, temendo a família de seu pai e os homens daquela cidade, não o quis fazer de dia, mas executou tudo de noite.

"Os homens daquela cidade, tendo-se levantado pela manhã, viram o altar de Baal destruído, o aschera e o segundo touro pôsto sôbre o altar, que acabava de ser erigido. Disseram uns para os outros:

"— Quem fêz isto?"

"Averiguando o autor da obra, foi-lhes dito:

"— Gedeão, filho de Joás, fêz tôdas estas coisas".

"Disseram a Joás:

"— Faz vir aqui teu filho, para que seja morto, porque destruiu o altar de Baal, e cortou o aschera".

"Joás respondeu-lhes:

"— Porventura sois vós os vingadores de Baal, para combaterdes por êle? Aquêle que é seu inimigo, morra antes que chegue o dia de amanhã; se êle é Deus vingue-se daquele que destruiu o seu altar".

---

(5) Estacas sagradas espetadas no solo, nos lugares do culto, principalmente junto dos altares de Baal: eram representações de Astartè, personificação feminina da natureza entre os cananeus.

"Daquele dia em diante, Gedeão foi chamado Jerobaal (6), por Joás ter dito: Vingue-se Baal daquele que destruiu o seu altar.

"Entretanto, todos os madianitas, os amalecitas e os povos do oriente, juntaram-se, e, tendo passado o Jordão, acamparam no vale de Jezrael. O espírito do Senhor apoderou-se de Gedeão, o qual, tocando a trombeta, convocou a casa de Abiezer, para que o seguisse. E enviou mensageiros por tôda a tribo de Manassés, que também o seguiu; e enviou outros mensageiros às tribos de Aser, de Zabulon e Neftali, que foram juntar-se com êle.

"Gedeão disse a Deus:

"— Se tu salvas Israel, por meio da minha mão, como disseste, eu porei na eira êste velo de lã; se o orvalho cair só no velo, e tôda a terra ficar sêca, reconhecerei nisso que salvarás Israel pela minha mão, como prometeste".

"Assim sucedeu. Levantando-se, ainda de noite, espremeu o velo e encheu um vaso de orvalho.

"Gedeão disse de novo a Deus:

"— Não te acenda contra mim o teu furor, se eu ainda fizer outra prova, pedindo um sinal no velo. Peço que só o velo esteja sêco, e tôda a terra molhada de orvalho".

"Naquela noite o Senhor fêz como (*Gedeão*) lhe tinha pedido: só o velo ficou enxuto, havendo orvalho por tôda a terra". (7)

— — — —

(6) Jogo de palavras: que Baal defenda a sua causa contra Gedeão.

(7) Juízes, 6, 7-40.

"Jerobaal, que é Gedeão, levantando-se de noite acompanhado de todo o povo, foi à fonte chamada Harad. O acampamento dos madianitas estava no vale, ao norte da colina de Moré.

"O Senhor disse a Gedeão:

"— Tens contigo muita gente, e Madian não será entregue na sua mão, para que Israel não se glorie contra mim, dizendo: Por minhas fôrças fui livre. Fala ao povo e, de modo que todos ouçam, ordena: Aquêle que é medroso e tímido, volte para trás. Retiraram-se do monte de Galaad e voltaram para trás vinte e dois mil homens do povo, e só ficaram dez mil.

"O Senhor disse a Gedeão:

"— Ainda é gente demais. Leva-os às águas, que lá os provarei: aquêle que eu te disser que parta contigo, êsse vá, e aquêle a quem eu proibir, volte para trás".

"Tendo o povo descido às águas, o Senhor disse a Gedeão:

"— Porás a um lado os que lamberem a água com a língua, como os cães costumam lamber; e os que beberem de joelhos, estarão noutra parte".

"Ora, o número dos que lamberam a água, lançando-a com a mão à bôca, foi de trezentos homens; todo o resto da gente tinha dobrado os joelhos para beber (*mais comodamente*). O Senhor disse a Gedeão:

"— Com os trezentos homens, que lamberam a água, livrar-vos-ei, e entregarei nas tuas mãos os madianitas; tôda a outra gente volte para sua casa".

"Gedeão, tomando víveres e trombetas à proporção do número, ordenou que tôda a restante multi-

dão se retirasse para as suas tendas. Êle, com os trezentos homens, saiu à batalha.

"Naquela mesma noite o Senhor lhe disse:

"— Levanta-te e desce ao acampamento (*dos inimigos*), porque eu os entregarei nas tuas mãos. Todavia, se tens mêdo de ir só, vá contigo o teu criado Fara; escutarás o que êles dizem, e então te confortarão as tuas mãos, e descerás com maior segurança ao acampamento dos inimigos".

"Desceu êle, com Fara seu criado, à parte do acampamento, onde estavam as sentinelas do exército (*inimigo*).

"Os madianitas, os amalecitas e todos os povos do oriente, jaziam estendidos no vale, numerosos como gafanhotos; os camelos eram também inumeráveis, como a areia que há na praia do mar. Quando lá chegou Gedeão, um dêles estava a contar ao camarada o seu sonho, e dêste modo lhe referia o que tinha visto:

"— Tive um sonho, em que me parecia ver como que um pão de cevada, que rolava sôbre o acampamento de Madian, e que, tendo chocado com uma tenda, sacudiu-a com a pancada, e a lançou de todo por terra".

"O outro, a quem êle falava, respondeu:

"— Isto não é outra coisa senão a espada de Gedeão, filho de Joás, homem israelita. O Senhor lhe entregou nas mãos Madian e todo o seu acampamento".

"Gedeão, tendo ouvido êste sonho e a sua interpretação, adorou (*a Deus*), voltou ao acampamento de Israel e disse:

"— Levantai-vos, porque o Senhor nos entregou nas mãos o acampamento de Madian".

"Dividiu os trezentos homens em três batalhões, pondo, nas mãos de cada um, uma trombeta e uma ânfora vazia, e, dentro desta, uma lanterna acesa, e disse-lhes:

"— Fazei o mesmo que me virdes fazer. Quando eu chegar aos limites do acampamento, imitai o que eu fizer. Quando soar a trombeta (*que tenho*) na mão, tocai também as vossas ao redor do acampamento, e gritai todos à uma: Pelo Senhor e por Gedeão".

"Gedeão e os cem homens, que o acompanhavam, chegaram aos limites do acampamento, ao princípio da vigília da meia-noite, quando se rendiam as sentinelas, e começaram a tocar as trombetas, e a quebrar as ânforas umas nas outras. Os três batalhões, quebradas as ânforas, tomaram as luzes na mão esquerda, e, tocando as trombetas com a direita, gritaram juntos:

"— A espada pelo Senhor e por Gedeão".

"Conservaram-se cada um no seu pôsto, ao redor do acampamento inimigo, e, nisto, todo o acampamento (*dos madianitas*) se pôs em desordem, e, dando grandes gritos, fugiram. E enquanto os trezentos homens continuavam a tocar as trombetas, o Senhor fêz que todos os madianitas voltassem a espada uns contra os outros, e todo o acampamento fugiu até Betseta, e até os confins de Abelmehula em Tebat. Os homens de Israel, das tribos de Neftali e de Aser, e todos os da tribo de Manassés, gritando juntos, perseguiam os madianitas.

"Gedeão enviou mensageiros por todo o monte de Efraim, dizendo:

"— Saí ao encontro dos madianitas e ocupai as águas até Betbera, e até o Jordão".

"Todo o Efraim, pois, gritou e antecipou-se a ocupar as águas, e (*passos do*) Jordão até Betbera. Tendo apanhado dois dos madianitas, Oreb e Zeb, mataram Oreb no penhasco de Oreb, e Zeb no lugar de Zeb. E perseguiram os madianitas, levando as cabeças de Oreb e de Zeb a Gedeão, ao outro lado do rio Jordão.

"Os homens de Efraim disseram-lhe:

"— Que é isto que pretendes fazer, não nos chamando, quando ias pelejar contra os madianitas?"

"E increparam-no com violência.

"Gedeão respondeu-lhes:

"— Que coisa pude eu fazer semelhante ao que vós fizestes? Porventura não vale mais um cacho de Efraim, do que as vindimas de Abiezer? O Senhor vos entregou nas mãos os príncipes de Madian, Oreb e Zeb; que coisa pude eu fazer semelhante ao que vós fizestes?"

"Dizendo isto aplacou a ira de que estavam possuídos contra êle. Gedeão, tendo chegado ao Jordão, passou-o com os trezentos homens que levava consigo; mas, de cansados, não podiam perseguir os fugitivos. Disse, pois, aos moradores de Socot:

"— Dai, peço-vos, pão a esta gente, que trago comigo, porque estão muito cansados, a fim de podermos ir ao alcance de Zebee e Salmana, reis de Madian. Os príncipes de Socot responderam:

"— Tens talvez já em teu poder as palmas das mãos de Zebee e de Salmana, para (*te atreveres a*)

pedir (*como vencedor*) que demos pão ao teu exército?"

"Gedeão disse-lhes:

"— Quando pois o Senhor me tiver entregue nas mãos Zebee e Salmana, eu vos moerei as carnes com os espinhos e abrolhos do deserto".

"Saindo dali, foi a Fanuel, e falou do mesmo modo aos homens daquele lugar. Êles lhe responderam como tinham respondido os de Socot. (*Gedeão*) disse-lhes também:

"— Quando eu voltar vitorioso, destruirei esta tôrre".

"Entretanto Zebee e Salmana estavam descansando com todo o seu exército, uns quinze mil homens, que eram os que restavam de todo o exército dos filhos do Oriente, pois haviam sido mortos cento e vinte mil combatentes que manejam a espada. Gedeão, tomando o caminho dos que habitavam em tendas, na parte oriental de Nobe e de Jegbaa, destroçou o acampamento dos inimigos, que se davam por seguros e nada suspeitavam de adverso. Zebee e Salmana fugiram, mas Gedeão, indo no seu alcance, prendeu-os depois de ter pôsto em desordem todo o seu exército".

"Voltando Gedeão da batalha, pela subida de Hares, tomou um jovem da gente de Socot, e perguntou-lhe os nomes dos chefes e anciães de Socot, e êle (*o jovem*) escreveu setenta e sete pessoas. Foi a Socot, e disse-lhes:

"— Eis aqui Zebee e Salmana, a respeito dos quais me escarnecestes, dizendo: Porventura estão já em teu poder as mãos de Zebee e Salmana, para

nos pedires que demos pão à tua gente, que está desfalecida?"

"Tomou, pois, os anciães da cidade e, com espinhos e abrolhos do deserto, castigou aquêles homens de Socot. Destruiu também a tôrre de Fanuel, depois de ter morto os habitantes da cidade. E disse a Zebee e a Salmana:

"— Como eram aquêles homens, que vós matastes sôbre o Tabor?"

"Êles responderam:

"— Semelhantes a ti; cada um dêles parecia quase o filho de um rei".

"Êle lhes respondeu:

"— Eram meus irmãos, filhos de minha mãe. Viva o Senhor, que, se vós lhes tivésseis salvo a vida, eu não vos mataria".

"E disse a Jeter, seu primogênito:

"— Levanta-te e mata-os".

"Porém êle não puxou pela espada, porque, como era ainda rapaz, tinha mêdo.

"Zebee e Salmana disseram (*a Gedeão*):

"— Vem tu mesmo e lança-te sôbre nós, porque a fôrça é proporcionada à idade".

"Gedeão levantou-se e matou Zebee e Salmana, e tomou os crescentes com que se costumavam adornar os pescoços dos camelos dos reis. Todos os homens de Israel disseram a Gedeão:

"— Sê nosso príncipe, tu e teu filho, e o filho de teu filho, porque nos livraste da mão de Madian".

"Êle lhes respondeu:

"— Nem eu, nem meu filho vos dominaremos, mas o Senhor terá domínio sôbre vós".

"E disse-lhes:

"— Uma só coisa vos peço: Dai-me as argolas (*do nariz*) da vossa prêsa".

"Os inimigos, que eram ismaelitas, costumavam trazer argolas de ouro.

"Êles responderam:

"— Nós tas daremos de muito boa vontade".

"E, estendendo no chão uma capa, lançaram nela as argolas havidas da prêsa.

"O pêso das argolas pedidas foi a de mil e setecentos siclos de ouro, afora os ornamentos e colares, e vestidos de púrpura, que os reis de Madian costumavam usar, e afora as coleiras de ouro dos camelos.

"Gedeão fêz disto um éfode e o pôs na sua cidade de Efra. Isto deu ocasião a que todo o Israel idolatrasse, e foi a ruína de Gedeão e de tôda a sua casa. Foram humilhados os madianitas diante dos filhos de Israel, e não puderam mais levantar a cabeça. Todo o país ficou em paz durante os quarenta anos, que Gedeão governou. Retirou-se Jerobaal, filho de Joás, e habitou em sua casa, e teve setenta filhos, todos seus, porque tinha muitas mulheres. (8) Uma das suas mulheres secundárias, que estava em Siquém, deu-lhe à luz um filho, que foi chamado Abimelec. Morreu Gedeão, filho de Joás, numa boa velhice, e foi sepultado no sepulcro de Joás, seu pai, em Afra, (*cidade*) da família de Ezri. Depois que Gedeão morreu, os filhos de Israel voltaram as costas (*a Deus*) e contaminaram-se com Baal. Fizeram aliança com Baal, para que fôsse seu deus, e não se recordaram do Senhor seu Deus, que os livrou das mãos de todos os seus inimigos que os

(8) A poligamia era permitida no Antigo Testamento.

cercavam, nem usaram de piedade com a casa de Jerobaal, (*isto é*) de Gedeão, em reconhecimento de todos os benefícios que êste tinha feito a Israel". (9)

— — — —

Foi Floro que inscreveu nos martirológios a Josué. Trinta e poucos anos mais tarde, Adon acrescentou Gedeão.

Os gregos comemoram a 1.º de setembro a morte de *Ihesu Nave*.

* * *

(9) Juízes, VI-VIII.

SÃO SIXTO e SÃO SINÍCIO (*)

Bispos

Século III

São Sixto e São Sinício foram os primeiros bispos de Reims. A lista episcopal de Reims, reconhecida de grande valor histórico, tida como sincera pelos críticos, começa por aquêles dois santos prelados.

A tumba primitiva de São Sixto achava-se provàvelmente num cemitério da cidade, no do sul, no lugar em que, mais tarde, foi erigida a igreja que recebeu o nome do Santo, igreja deveras célebre na Idade Média, demolida em 1726.

Quanto a São Sinício, foi enterrado ao lado do predecessor. O culto dos dois santos bispos, comum, é antiquíssimo, mas as invenções não têm grande valor, já que os colocam no I século, como discípulos de São Pedro.

* * *

SÃO VITÓRIO (*)

Bispo

São Vitório, bispo do Mans, o quarto, segundo se acredita. Em 453, participou do concílio de Angers.

Segundo São Gregório de Tours, foi um grande taumaturgo, que, com um simples sinal da cruz, extinguiu um incêndio que devastaria o Mans. A sepultura era "curadora".

Os *Actus pontificum* dão-lhe o dia da morte como sendo o 1.º de setembro de 490.

Nos tempos dos merovíngios, São Vitório era o grande Santo do Mans. A basílica que lhe foi dedicada é mencionada desde o século VII.

* * *

SÃO LÔBO (*)

Bispo

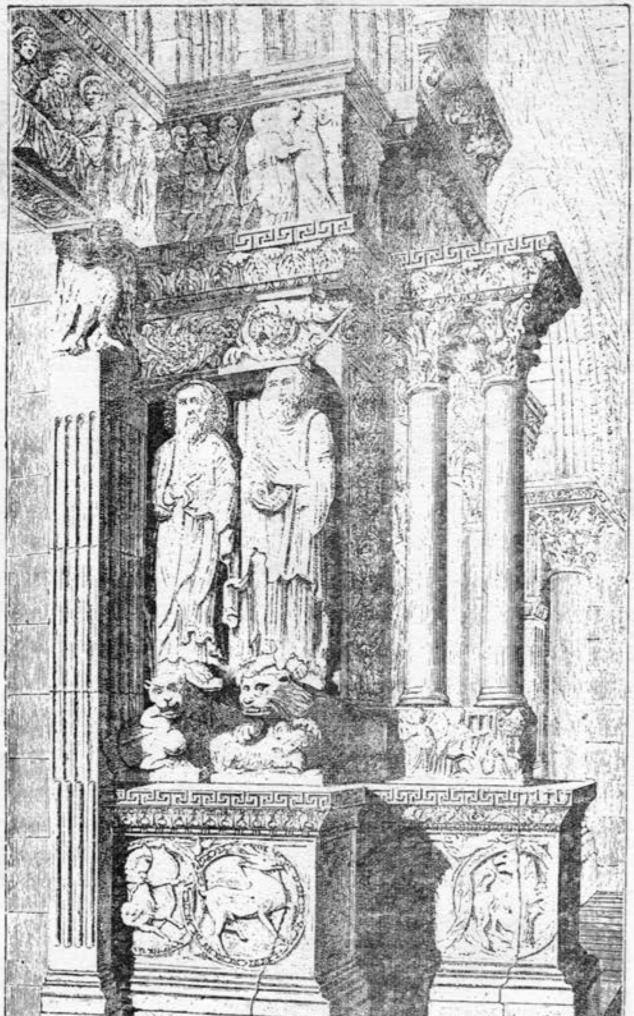
Bispo de Sens, Lôbo foi dos mais célebres prelados daquela localidade, de culto que permaneceu vivo por longos anos, principalmente na província.

Há várias paróquias e inúmeros mosteiros debaixo de sua invocação, como os importantes priorados de São Lôbo de Naud, perto de Provins, e de São Lôbo de Esserent, próximo de Senlis, cujas igrejas, magníficas, ainda estão de pé.

Lôbo era filho de Betton e de Austregilda, nobres que viviam na região de Orléans, às margens do Loire. Aplicadíssimo nos estudos, chamou a atenção, pela circunspecção, de dois bispos, seus tios, irmãos de Austregilda, Austrinos, bispo de Orléans, e Aunacário, bispo de Auxerre, os quais, julgando o jovem digno da clericatura, trataram de protegê-lo.

Foi assim que subiu, debaixo daquelas santas sombras, e, morto o bispo Artêmio, Lôbo, como era o desejo do povo, foi feito o sucessor do falecido, nomeado pelo rei.

O zêlo que demonstrou foi extraordinário. Tôdas as noites, invariàvelmente, ia o Santo orar nas igrejas da cidade. Logo, principiaram a lhe atribuir milagres.



Vista perspectiva da porta principal da igreja de Saint-Gilles (século XII).

Exilado, por intrigas de invejosos, quando dos distúrbios políticos ocorridos depois da morte de Thierry II, reconhecida a verdade, São Lôbo teve regresso triunfal e assinalado por milagres: em Paris, a libertação de prisioneiros, por via divina, e em Melun, a extinção de um incêndio de vastas proporções.

Morreu São Lôbo, ao que se supõe, no ano de 623, em Brienon. Segundo o seu desejo, foi enterrado no mosteiro de Santa Colomba de Sens, o qual fundara e devia, bem cedo, ao nome da titular, juntar o seu.

* * *

SÃO NIVARDO (*)

Bispo

São Nivardo ou Nivo foi bispo de Reims, e, como a maior parte dos prelados do seu tempo, pertenceu à nobreza. Filho de pais muito ricos, educado na côrte de Clovis II, o qual, depois, nomeou-o para o episcopado, na vaga deixada pela morte de Landon, em 657, Nivardo, humilde, penitente, afável e simples, foi sempre querido de todos.

São Bercário, um dia, pediu-lhe que fundasse um novo mosteiro que seguisse a regra de São Bento e de São Colombano. A idéia aprovada pelo rei, o Santo logo pensou em reerguer a antiga abadia de Villers-sous-Chatillon, que jazia completamente em ruínas. Desanimado, porque era, a velha fundação, um montão de pedras e destroços, deixou os planos que fizeram para traçar outros.

Certo dia, quando voltava duma viagem, em companhia de São Bercário, por volta do meio-dia, quando o calor derreava e o sol escaldava, sentiu-se tomado por irresistível sonolência. Pararam, então, para um descanso, nas proximidades de Hautvillers.

Eis senão quando, uma pomba, branca como a neve, surgiu no céu, vinda de onde não se sabia, e pôs-se a voar em círculos sôbre um determinado tre-

cho da região. Depois de três voltas, que o Santo, estranhamente desassossegado, acompanhou com o olhar, a ave pousou no galho duma árvore.

Nivardo viu naquilo um sinal do céu. A pomba, incontestàvelmente, com o círculo, delimitara o espaço em que deveria ser edificado o mosteiro que o companheiro lhe pedira edificasse.

Com efeito, ali nas proximidades de Hautvillers, ergueu-se a nova fundação, cuja direção coube a São Bercário. Ali foi São Nivardo, morto em 673, enterrado.

Hautvillers, que conheceu grande prosperidade, e que, no século IX, foi o centro duma florescente escola, donde saíram obras-primas, como o saltério dito de Utrecht, conserva, piedosamente, a lembrança do grande e santo fundador.

* * *

SÃO GIL (*)

A b a d e

Século VI ou VIII

São Gil ou Egídio, segundo a lenda, nasceu em Atenas, de Teodoro e de Pelágia, primeiros cidadãos da cidade e de estirpe real.

Inteligente e piedoso, o Santo, desde a primeira juventude, sentiu grande compaixão pelos pobres, os que nada tem. Diz-se que, duma feita, indo por uma estrada pouco freqüentada, encontrou-se, numa curva, com um pobre em cujo rosto se via que estava bastante febril, muito doente.

Ao Santo, estendeu a mão, suplicando alguma coisa. Gil, que nada tinha para dar ao homem, não titubeou: tirou o casaco, rico, que envergava, e deu-o ao pobre.

Assim que o vestiu, muito alegremente, sentiu-se completamente curado.

Medroso de que aquilo servisse para seu envaidecimento, quando em casa lhe perguntaram que fim levara o casaco, escondeu a verdade, a caridade e o milagre, dizendo simplesmente que um desconhecido lhe roubara.

Órfão, São Gil distribuiu aos pobres tudo aquilo que lhe coubera. E, tendo curado um homem que fôra picado por uma serpente, expulsou o demônio do corpo dum possesso, com a popularidade a assustá-lo, secretamente deixou a cidade e buscou a praia, a pensar para onde iria.

Uma tempestade formava-se, então, e o vento, assobiando, a tudo varria. Da praia, Gil percebeu, em alto mar, um navio a lutar contra a tormenta. Apiedado das almas que levava no bojo, pôs-se a orar, com fervor, e o barco, felizmente, pôde safar-se sem qualquer avaria.

Os marinheiros, reconhecendo, por inspiração divina, que o jovem encontrado na praia fôra o salvador da embarcação, rogaram-lhe que os acompanhasse, guiando-os até Roma.

Depois de alguns dias de viagem, deram numa ilha onde vivia um velho ermitão. Com o santo homem, Gil passou três dias a louvar a Deus.

Tendo conhecimento de que em Arles habitava São Cesário, prelado de grande santidade, quis conhecê-lo. Lá chegando, hospedou-se na casa duma viúva rica, chamada Teócrita, cuja filha, havia três anos, jazia muito doente. São Gil curou-a, incontinenti.

Depois de ter vivido dois anos ao lado do santo bispo de Arles, o Jovem, desejoso de solidão, deixou-o, atravessou o Ródano e encontrou um ermitão, chamado Veredêmio, que habitava uma caverna do Gard. Passou, então, a viver ao lado dêste novo personagem.

A terra, ali, era estéril. Procurados por camponeses, entraram a orar, ambos os dois, rogando a Deus

que, por misericórdia, usasse do seu infinito poder e fertilizasse aquela aridez. Assim foi feito, e São Gil, sempre atemorizado com a popularidade, que o perseguia onde quer que estivesse, deixou o bom ermitão e foi fixar-se na desembocadura do Ródano, num paraíso de animais silvestres, ao pé duma bela fonte.

Passou, então, a viver, exclusivamente, de ervas e água. Deus, todavia, enviou-lhe algo mais, uma cabra, que lhe forneceu leite.

Um dia, caçando por aquelas matas, o rei gôdo Flávio deu, de repente, com a cabra. Achou-a enorme e bela, como jamais vira outra igual. Julgando-a selvagem, correu para ela, pronto para feri-la, quando percebeu que entrava numa caverna.

Flávio desmontou e, cautelosamente, foi-se aproximando da bôca da gruta. Parou. Olhou para dentro. E, quando os olhos se acostumaram com a escuridão que lá reinava, deparou com um quadro inusitado: o animal, que viera perseguindo, encostava-se, todo trêmulo, a um anacoreta que lhe acariciava, tranqüilamente, os macios pêlos do pescoço.

Gil contou ao rei tôda a sua vida. No dia seguinte, Flávio apareceu com o bispo, oferecendo-lhe presentes. O Santo agradeceu, recusou, e sugeriu que se construísse, ali, um mosteiro.

Obtido o consentimento real, Flávio impôs-lhe o cargo de abade, como condição. Gil, que a princípio relutou, procurando demover o rei da imposição, acabou, tal a inabalável firmeza que lhe opôs o soberano, por aceitar.

Duas igrejas foram, então, construídas. Uma dedicada a São Pedro e outra a São Privato ou a São Prisco, perto da caverna de Gil, que foi ordenado

padre e entrou a dirigir os monges que acorreram viver sob a direção de tão santo abade. E o rei, satisfeito, doou-lhe tôdas as terras que circundavam a gruta, num raio de cinco milhas.

Bastante idoso, depois de ter colocado a fundação sob a proteção de Roma e de pôr em ordem tudo aquilo que dizia respeito ao mosteiro, São Gil morreu na noite de 1 de setembro, e os fiéis ouviram os anjos que lhe recebiam a alma a cantar louvores.

— — — —

O vale Flaviano, onde se eleva hoje a cidade de São Gil, era habitado desde a Antiguidade, e a situação geográfica, excelente, trouxe-lhe grande importância nos séculos que se seguiram depois do décimo-primeiro. Pôrto de mar, a cidade, vizinha do Ródano, foi passagem de duas grandes peregrinações, a de Roma e a de São Tiago de Compostela, e tão importante, que a rota que a elas levava passou a chamar-se *Caminho de São Gil.*

Aquela prosperidade de São Gil deveu-se aos monges, que obtiveram numerosos privilégios dos papas Urbano II, Alexandre III, Inocêncio III, Gregório IX e, principalmente, de Clemente IV, que nasceu na cidade que surgira em tôrno do mosteiro.

Relíquias de São Gil foram distribuídas em todo o Ocidente.

No mesmo dia, nos confins da Apúlia, a *Paixão* de São Donato e dum outro São Félix, filhos de São Bonifácio e Santa Tecla: depois de diversos tormen-

tos, sob o imperador Maximiano, foram, por ordem do juiz Valeriano, decapitados neste dia, que se escolheu, mais tarde, para se lhes celebrar a festa, com os demais, que foram mencionados dias atrás. O corpo dos doze irmãos, transferidos para Benevento, ali são conservados com honra.

Em Amiens, São Firmino, bispo e confessor.

Em Bayeux, São Regnoberto, bispo, no século VII, e São Zeno, arcediago (século VII?). Segundo o *Gallia christiana*, São Regnoberto teria assistido ao concílio de Clichy, em 627. Quanto a São Zeno, era, segundo consta, arcediago do santo bispo. Diz-se que um senhor das imediações de Lisieux, chamado Herveu, advertido em sonhos por São Regnoberto, foi procurar o corpo dos dois santos na igreja abandonada de Santo Exupério de Bayeux.

Nas Ilhas Britânicas, São Litano, Lythan ou Llythaothaw.

Em Metz, o bem-aventurado Gondulfo, bispo.

Em Borgo, San Sepolcro, na Itália central, os santos Arcano e Egídio, ermitães, no século XI. São os fundadores dum mosteiro que se ergueu ao pé duma fonte de águas medicinais.

Em Venosa, a bem-aventurada Inês, abadêssa (século XII?). Segundo se crê, foi uma cortezã convertida por São Guilherme de Montevirgínia.

Nas Astúrias, São Gil, monge, o qual teria sido o primeiro abade de São Martinho de Castanheda, falecido em 1200.

Em Veneza, a bem-aventurada Juliana Collalto, abadêssa. Professou, primeiramente, entre as beneditinas, sob a bem-aventurada Beatriz de Este, nos mosteiros de Salarola, depois de Gêmola, perto de

Pádua. Após a morte de Beatriz, fundou o convento dos Santos Brás e Cataldo de Veneza. Faleceu em 1262. O corpo da bem-aventurada Juliana Collalto foi conservado em São Brás num relicário, até a destruição do claustro.

Na Abissínia, o bem-aventurado Gebra Miguel, mártir. A Etiópia foi evangelizada por São Frumêncio, tornando-se uma dependência religiosa do patriarcado de Alexandria. Em 451, Alexandria se separou de Roma, professando, sob Nosso Senhor Jesus Cristo, a doutrina monofisita. A Etiópia seguiu-a. Em 1790, nasceu, perto do santuário marial de Kidano-Meheret, um menino, filho de pai português e mãe etíope: Gebra Miguel, ou seja, Servidor de Miguel, o Arcanjo. Morreu por Nosso Senhor, em 1855, defendendo o catolicismo.

Em Todi, São Terenciano, bispo, que, sob o imperador Adriano, foi submetido, por ordem do procônsul Letien, à tortura e às unhas de ferro: enfim, depois de ter tido a língua e a cabeça cortadas, consumou seu martírio. — Na Heracléia, Santo Amão, diácono, e quarenta santas virgens que instruíra na fé, e que levou em sua companhia à glória do martírio, sob o tirano Licinius. — Na Espanha, São Vicente e Santo Ledo, mártires. — Em Cápua, no caminho da Água, São Prisco, mártir, um dos antigos discípulos de Jesus Cristo. — Ainda em Cápua, outro São Prisco, bispo: êste se encontrou à frente de um grupo de santos sacerdotes que, na perseguição dos vândalos, depois de terem sofrido vários tormentos pela fé católica, foram postos num velho navio à mercê das ondas, e levados das ilhas da África para as da Campânia, onde, tendo-se dispersado por diversos

sítios dessa província, foram nomeados para o govêrno de várias igrejas e deram um maravilhoso impulso à religião cristã. Teve como companheiros Castrense, Tâmaro, Rósio, Heráclio, Secundino, Adjutor, Marcos, Augusto, Elpídio, Cânio e Vindônio. — Em Sens, São Lopo, bispo e confessor, do qual se conta que, estando certo dia no altar, na presença do clero, viram uma pedra preciosa cair do céu no seu cálice. — Em Aquino, São Constâncio, bispo, ilustre pelo dom da profecia e pelo dos milagres. — Em Bade, na diocese de Constança, Santa Verena, virgem.

* * *

2.º DIA DE SETEMBRO

SANTO ESTÊVÃO

Primeiro rei da Hungria

Era filho de Geisa, quarto duque dos húngaros depois de terem entrado na Panônia: príncipe severo para com os seus até a crueldade, mas humano e liberal em relação aos outros, particularmente em relação aos cristãos. Permitiu-lhes, mesmo, por um edito público, que entrassem em seus Estados, ordenando fôssem acolhidos hospitaleiramente; gostava que os clérigos e os monges se apresentassem diante dêle e ouvia-os prazerosamente. Converteu-se, afinal, assim como sua família: recebeu o batismo e prometeu que faria todos seus súditos abraçarem o cristianismo. Eram êstes os terríveis hunos ou húngaros que, durante um século inteiro, haviam pôsto a Europa a ferro e a sangue.

Como o duque encontrasse dificuldade em decidir o que devia fazer para abolir o paganismo e fortalecer a verdadeira religião com novos bispados, divisou, à noite, em sonhos, um homem de extraordinária beleza que lhe disse: "Aquilo que imaginas não será realizado por ti: tuas mãos estão manchadas com sangue humano; mas terás um filho que porá em

execução o teu desejo; será incluído entre os eleitos de Deus e, depois de ter reinado na terra, reinará na eternidade. Contudo, recebe dignamente um homem que virá desempenhar junto a ti uma embaixada espiritual, e segue suas instruções." Êsse embaixador celeste foi Santo Adalberto de Praga, que chegou à Hungria pouco depois e, a cujo conselho, o duque de Geisa mandou reunir todos os súditos: o santo bispo doutrinou-os, um grande número dêles foi batizado, e construídas igrejas em vários lugares.

Também a duquesa teve uma visão; pois, estando grávida e prestes a dar à luz, apareceu-lhe Santo Estêvão, o primeiro mártir, dizendo-lhe que ela teria um filho e êste seria o primeiro rei da sua nação, e ordenando-lhe que lhe fôsse dado o seu nome. Nascida a criança, Santo Adalberto batizou-a e chamou-a Estêvão. Viu a luz em Strigônia, onde aprendeu gramática e foi cuidadosamente educado. Mal deixou a infância, o duque, seu pai, reuniu os grandes e outras classes importantes do reino, e estando êles de acôrdo, instituiu o filho seu sucessor e fê-lo prestar juramento. Geisa, já adiantado em anos, faleceu logo depois, em 997.

O jovem duque Estêvão, preocupado em concluir a obra da conversão do seu povo, começou por estabelecer a paz com todos os vizinhos; porém, dirigidos pelos fidalgos, seus súditos pagãos revoltaram-se; pilhavam cidades e campos, matavam seus oficiais e insultavam o próprio duque. Êste reuniu suas tropas e, levando em seus estandartes a imagem de São Martinho e São Jorge, marchou contra os rebeldes que sitiavam Vesprim. Tendo-os derrotado, consagrou suas terras a Deus e fundou um mosteiro

em honra de São Martinho de Tour, que a Panônia, onde êste nasceu, sempre honrou. O duque construiu o mosteiro num lugar chamado Monte Sagrado, onde, segundo diziam, São Martinho fazia suas preces quando se encontrava na região. (1)

Depois dessa vitória, o duque Estêvão só cuidou da propagação do Evangelho e, na intenção de atrair as bênçãos de Deus, dava avultadas esmolas e orava com freqüência, entre lágrimas, prosternado no chão da igreja. Mandava convocar de tôdas as partes operários evangélicos; e assim conseguiu trazer à Hungria muitos sacerdotes e clérigos zelosos, abades e monges, que de boa vontade renunciaram à pátria para executar obra tão pia. O mais famoso dêles foi Astric, também chamado Anastácio. Era um dos seis monges que Santo Adalberto de Praga trouxera do mosteiro de Santo Bonifácio, de Roma, ao regressar à Boêmia pela derradeira vez, e a quem fizera abade do mosteiro de Breunove, fundado pelo duque Boleslas, o Piedoso. A revolta dos boêmios obrigara Santo Adalberto a deixar o país e, tendo-se transportado para a Hungria com seus monges, o duque Estêvão acolheu-os muito bem, edificou-lhes um mosteiro dedicado a São Bento, e comprazia-se em entreter-se freqüentemente com êles. Foram de grande auxílio na conversão de seus súditos, e tão bem o duque agiu, tanto por persuasão como pelo temor, que acabou completamente com a idolatria nos seus Estados. Também vieram da Polônia dois santos indivíduos, um chamado Suiard e apelidado André, outro chamado Bento, que abraçaram a vida eremí-

(1) **Vit. Steph. 2 sept. Acta SS.**

tica. Tendo sido assassinado por ladrões, Bento foi considerado mártir; André operou vários milagres.

Contudo, compreendendo o duque Estêvão que a igreja nascente não poderia subsistir sem pastor, dividiu o país em dez bispados, determinando que a Strigônia fôsse constituída em metrópole, e dando-lhe como arcebispo Sebastião, monge do Mosteiro de São Martinho, homem de grande virtude. Quanto ao abade Astric, fê-lo eleger bispo de Colocza, sob o nome de Anastácio. Mais tarde, quatro anos após a morte de seu pai, isto é, no ano 1000, enviou-o a Roma com a incumbência de solicitar ao papa a confirmação daqueles bispados, e também a coroa real para o duque, a fim de que essa dignidade lhe conferisse maior autoridade na execução de seus virtuosos objetivos. Ao chegar a Roma, Anastácio relatou ao papa tudo quanto o duque Estêvão realizara em seus Estados em favor da religião, e prazerosamente o papa concedeu a coroa pedida, a ela acrescentando uma cruz que seria entregue ao novo rei como insígnia de seu apostolado, pois lograra conquistar tão numeroso povo para Jesus Cristo. Havia vários séculos que davam ao papa o título de Apostólico.

Dizia o papa na sua carta ao santo rei: "Os emissários da vossa nobreza, principalmente nosso bem-amado irmão Astric, bispo de Colocza, tanto mais nos alegraram o coração, tanto mais fàcilmente executaram sua incumbência, pois nós, avisados por Deus, esperamos ardentemente sua vinda de uma nação que nos era desconhecida. Feliz embaixada que, antecipada por uma mensagem celeste, e negociada pelo ministério dos anjos, foi concluída por

Deus antes que dela tivéssemos notícia. Na verdade, tudo depende, não daquele que deseja, nem daquele que corre, mas de Deus que faz misericórdia e que, como disse Daniel, muda os tempos e as idades, transfere os reinos e os funda, revela coisas profundas e ocultas nas trevas, pois a luz está com êle, a luz que ilumina todos os homens dêste mundo. Antes de tudo demos graças a Deus, Pai, e a Nosso Senhor Jesus Cristo que, em nossos dias, encontrou um Davi, filho de Geisa, um homem segundo seu coração e que, tendo-o iluminado com a luz celeste, suscitou-o para apascentar seu povo de Israel, a nação escolhida dos húngaros. Em seguida louvamos vossa piedade para com Deus e vosso respeito para com o trono apostólico, ao qual, pela misericórdia divina, presidimos sem nenhum mérito da nossa parte. Enfim, faremos os elogios que merece a grande liberalidade com que, por intermédio dos mesmos embaixadores e de cartas, oferecestes ao bem-aventurado Pedro, Príncipe dos Apóstolos, o reino e a nação de que sois chefe, assim como tudo quanto vos pertence, e a vossa própria pessoa. Ação maravilhosa, que aponta a resposta que esperais de nós. Nada mais dizemos; pois não achamos necessário louvar aquêle a quem os fatos e o próprio Deus enaltecem.

"É por isso, glorioso filho, que tudo quanto nos pedistes, a nós e ao Trono Apostólico, o diadema, o título de rei, a metrópole da Strigônia e os outros bispados, a autoridade de Deus todo-poderoso, assim como dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, tendo Deus nos prevenido e ordenado, tudo concedemos com muito gôsto e com a bênção dos apóstolos e a nossa. O reino que vossa munificência ofereceu

a São Pedro, vossa pessoa, a nação dos húngaros, presente e futura, tudo recebemos na proteção da Santa Igreja Romana e entregamos à vossa prudência e aos vossos legítimos sucessores para que conserveis, governeis e usufruais. Vossos sucessores, depois de terem sido legìtimamente eleitos pelos magnates, ficarão obrigados a prestar a nós e aos nossos sucessores, em pessoa, ou por intermédio de embaixadores, a obediência e o respeito que nos são devidos; a mostrar-se submissos à Santa Igreja Romana, que não considera seus súditos servidores, mas filhos; a perseverar firmemente na fé católica e na religião cristã e a trabalhar para elevá-la em dignidade". Silvestre II acrescenta que para recompensar o zêlo apóstolico do príncipe e a sua veneração, concedia-lhe, e a seus sucessores legìtimamente eleitos, e aprovados pela Santa Sé, depois de terem cingido a coroa que lhes enviava, o privilégio de mandar carregar a cruz à sua frente e de regulamentarem os negócios eclesiásticos do reino como vigários do papa. Essa carta acompanhava-se de outras, dirigidas aos grandes e a todo povo. (2)

Tendo o bispo Anastácio levado para a Hungria as cartas do papa, assim como a coroa e a cruz, os prelados, os fidalgos, o clero e o povo se reuniram, e o duque Estêvão foi aclamado rei e solenemente coroado. A coroa enviada pelo papa Silvestre ainda hoje serve para coroar os reis da Hungria. Em seguida o novo rei redigiu um edito para evitar violências e opressões, e para estabelecer a paz e os bons costumes no seu reino. Também fêz coroar

(2) Acta SS., a sept. Vit. S. Steph. Disert. Proev. n. 185, 186, 187.

rainha a Gisela, sua espôsa, concedeu grandes benefícios às igrejas e aos mosteiros, entre outras à Igreja de Vesprim, que edificou e enriqueceu com adornos e vasos sagrados. O rei outorgou grandes rendas à metrópole e às catedrais por êle fundadas, determinando-lhes grandes dioceses e dando-lhes dignos prelados. Também concedeu às abadias terras e famílias de servos, com real magnificência, aumentando as liberalidades durante o decurso de sua vida, a fim de que nenhuma necessidade temporal desviasse os monges do serviço de Deus. Contudo, informava-se com cuidado, ora em pessoa, ora por intermédio de terceiros, sôbre a vida e o comportamento dos religiosos, censurando os negligentes e dando provas de amizade aos mais fervorosos. Quanto aos cônegos, recomendava-os à orientação dos bispos. É sem dúvida surpreendente ver um sucessor, talvez um descendente do terrível Átila, solicitar a coroa e a dignidade real ao sucessor de São Pedro, e receber além disso o nome tão glorioso e tão dignamente merecido de apóstolo.

Tendo Sebastião, arcebispo de Strigônia, ficado cego, o rei, com o consentimento do papa, deu-lhe por sucessor Anastácio, de Colocza; porém, três anos depois Sebastião recobrou a vista e Anastácio, cedendo-lhe o antigo pôsto, retornou à sua igreja, porém conservando o *pallium*, com a aprovação do papa. Por meio de um voto particular, o rei Estêvão colocou a sua pessoa e o seu reino sob a proteção especial da Santa Virgem. Chamou a Panônia de família da Santa Maria. Quanto aos húngaros, ao referirem-se à Mãe de Deus, não lhe davam o nome de Maria ou qualquer outro; diziam apenas: A Senhora, ou

Nossa Senhora. À simples menção dessas palavras inclinavam a cabeça e dobravam o joelho. O santo rei mandou construir, em honra à gloriosa padroeira, magnífica igreja em Alba Real. Os muros do côro eram ornados de esculturas, o piso era de mármore; possuía várias mesas de altar de ouro puro, enriquecidas de pedrarias, e um tabernáculo para a eucaristia, maravilhosamente trabalhado. O tesouro estava repleto de vasos de ouro e prata, cristal e ônix, e de ricos paramentos. O rei fêz questão de que essa igreja ùnicamente dependesse dêle, sem estar sujeita a nenhum bispo. Nos dias em que fôsse necessário dar a absolvição aos penitentes, ou administrar o santo-crisma, o rei designaria um bispo para exercer essas funções, assim como para celebrar a missa em sua presença. Na ausência do rei, nenhum bispo poderia exercer função alguma sem o consentimento do preboste e dos monges, que também recebiam os dízimos do povo subordinado àquela igreja, sem que nenhum bispo pudesse reivindicar êsse direito.

O zêlo do santo rei não se restringiu ao seu reino. Fundou um mosteiro em Jerusalém e concedeu-lhe rendas suficientes em terras e vinhedos; em Roma, construiu uma colegiada de doze cônegos, e casas de hospitalidade para os húngaros que iam em peregrinação a São Pedro; enfim, construiu uma belíssima igreja em Constantinopla. A fama da sua piedade fêz com que a maioria dos peregrinos da Itália e das Gálias, que se destinavam a Jerusalém, deixassem de seguir a rota ordinária, que seria o mar, e passassem pela Hungria. O rei Estêvão recebia-os como se fôssem seus irmãos, fazia-lhe generosas dádivas,

o que levou grande quantidade de pessoas, tanto da nobreza como do povo, a fazer tal peregrinação.

À piedade e ao zêlo de um apóstolo, Santo Estêvão da Hungria juntava a coragem de um guerreiro e herói. Nas instruções a seu filho Santo Emérico, êle próprio observa que passara quase tôda a vida na guerra, repelindo invasões de nações estrangeiras. Em 1002, tendo seu tio Giula, duque da Transilvânia, atacado a Hungria por várias vêzes, Estêvão marchou contra êle, fê-lo prisioneiro, assim como sua família, e juntou seus Estados à monarquia húngara. Venceu da mesma forma, e matou com suas mãos, Kean, duque dos búlgaros. Com o mesmo êxito repeliu os bessos, povo vizinho da Bulgária. Mas sua justiça igualava seu valor. Atraídos por sua fama, sessenta bessos da nobreza deixaram sua terra, levando com êles famílias e riquezas, e vieram pedir ao santo rei permissão para se estabelecerem no reino da Hungria. Os fâmulos de um comandante da fronteira, levados pelo incentivo dos despojos, atacaram-nos de improviso, mataram alguns dêles, feriram um grande número, e arrebataram-lhe todos os bens. Informado dessa violência pelas vítimas, o santo rei não se manifestou; mas secretamente deu ordens para que o comandante e sua tropa se apresentassem na côrte. Ao defrontá-los, recriminou-lhes a desumanidade de que haviam dado prova, e comunicou-lhes que, assim como haviam feito com os outros, assim seria feito com êles. E imediatamente mandou-os enforcar, dois a dois, em tôdas as avenidas do reino, a fim de que todos soubessem que a Panônia estava

aberta aos estrangeiros e êles nela encontrariam hospitalidade e proteção. (3)

Apóstolo da sua nação, Santo Estêvão também foi seu legislador. A principal legislação é a própria religião. A ela acrescentou um código de leis civis e penais, composto de cinqüenta e cinco artigos. As principais disposições dêsse código têm como objetivo manter o respeito às igrejas e às coisas sagradas, apoiar a autoridade dos bispos no govêrno eclesiástico, particularmente na defesa das viúvas e dos órfãos. Se um sacerdote, um conde, ou outra pessoa fiel encontrar algum trabalhando aos domingos, deverá impedi-lo; se estiver trabalhando com bois, tirar-lhe-ão um, que será dado para os habitantes comerem; e, se fôr com cavalos, trocará um por um boi, que será dado aos habitantes, como foi dito. Os sacerdotes e os condes recomendarão a todos os camponeses, moços e velhos, homens e mulheres, para irem à igreja aos domingos, com exceção daqueles que guardam o fogo. Se alguém obstinadamente permanecer em casa será açoitado e terá a cabeça raspada. Aquêles que conversam na igreja de maneira a pertubar os outros, se forem pessoas de importância serão censuradas e expulsas de maneira vexatória; se forem jovens ou gente do povo, serão açoitados diante de todos. Se alguém comer carne às sextas-feiras ou nas têmporas, será encarcerado e jejuará uma semana. Se alguém se recusar obstinadamente a confessar os pecados ao padre, não serão feitas em sua intenção, por ocasião da morte, nem preces, nem esmolas, tal como se fôsse infiel. Se alguém morrer

(3) Vit. S. Steph, Acta SS., 2 sept.

sem confissão por terem seus parentes ou vizinhos negligenciado chamar um sacerdote, serão feitas em sua intenção preces e esmolas; mas os parentes expiarão essa negligência com jejuns, ao critério dos sacerdotes. Aquêles que morrerem de morte súbita serão sepultados com tôdas as honras da Igreja; pois os secretos juízos de Deus são desconhecidos.

Todos terão a faculdade de dispor de seus bens, de dá-los à mulher, aos seus filhos, às filhas, aos parentes ou à Igreja e, depois da morte, ninguém poderá anular as disposições do extinto. Se alguém, tocado pela compaixão, der liberdade a seus escravos, e disso houver testemunho, ninguém poderá reduzi-los à escravidão após a sua morte. Se a liberdade fôr prometida aos escravos e a morte tiver impedido que um penhor lhes haja sido dado, a viúva e os filhos deverão dar-lhes êsse penhor para obterem a redenção de sua alma. Os escravos não poderão testemunhar contra seus senhores. Quanto à punição pelo furto, o escravo que furta pela primeira vez restituirá a coisa furtada e resgatará seu nariz com cinco novilhos; se não puder fazê-lo, terá o nariz cortado. Se furtar pela segunda vez, resgatará da mesma forma as suas orelhas, ou então serão cortadas. Se depois disso ainda furtar, será punido com a morte. Um homem livre, que comete um furto, ou se resgatará, ou será vendido; se tornar a roubar, depois de ter sido vendido, ficará sujeito à lei dos escravos. Quem matar um homem com a espada, seja quem fôr, será morto com a mesma espada. Se alguém, puxando da espada, mutilar o próximo, sofrerá a pena de talião. Se o ferido se recuperar sem outras conseqüências, aquêle que o feriu pagará o resgate

ou a multa do homicídio. Quem puxar da espada num impulso de cólera, mas sem ferir pessoa alguma, pagará a metade da multa. (4) Por êsses estratos, vê-se que a legislação tendia a civilizar aquela nação feroz, habituada havia séculos ao sangue e ao morticínio; mas a mais eficaz legislação para o povo foi sem dúvida a vida do santo rei.

Além dêsse código para seu povo, temos de Santo Estêvão uma instrução em dez artigos sôbre a maneira de bem governar, e dedicada a seu filho Santo Emérico, que morreu antes do pai. Êsses dez artigos são, no espírito do santo rei, como dez florões que deviam ornamentar a coroa real. Eis como se expressa: "Como ninguém deverá aspirar à realeza se não fôr católico fiel, damos o primeiro lugar das nossas instruções à nossa santa fé. Recomendo-vos antes de tudo, mui querido filho, se quiserdes ilustrar a coroa real, professar com tanta firmeza a fé católica que possais servir de modêlo a todos os súditos, e fazer com que todos os filhos e ministros da Igreja vos reconheçam como verdadeiro cristão; pois aquêles que professam uma falsa crença, ou que, professando a verdadeira, não a praticam em suas obras, não reinarão na terra com glória, nem participarão do reino eterno; mas se conservardes o escudo da fé, tereis o capacete da salvação. Com essas armas podereis combater legìtimamente os inimigos, visíveis e invisíveis, pois o disse o apóstolo: "Só será coroado aquêle que combateu legìtimamente. "Ora, é esta a fé a que me refiro." Neste ponto êle relembra o símbolo de Santo Atanásio em relação à Santa Trin-

(4) Vit. S. Steph, Acta SS., 2 sept. Dissert., § 34.

dade: "Se, pois, concluiu êle, alguém, sob o vosso domínio, procurar dividir, diminuir ou aumentar essa Trindade Santa, ficai ciente de que é filho da heresia e não filho da Santa Igreja. Evitai, pois, seja alimentá-lo, seja defendê-lo, sob pena de parecerdes seu amigo e de querer favorecê-lo; pois as pessoas dessa espécie contaminam os filhos da Santa Fé; sobretudo perderiam e corromperiam miseràvelmente êste novo povo da Santa Igreja. Velai acima de tudo para que tal não aconteça.

Depois da fé, o que vem em segundo lugar é a Igreja, fundada por Jesus Cristo, propagada pelos apóstolos, e espalhada pelo universo inteiro. Embora gere continuamente novos filhos há, contudo, lugares onde a consideram antiga. Mas, mui querido filho, nossa monarquia é ainda jovem e recente; e por isso tem necessidade de guardas mais atentos, a fim de que o bem a nós concedido pela divina misericórdia, sem que o tenhamos merecido, não se dissipe e se perca por negligência de nossa parte; pois aquêle que diminui ou desfigura a dignidade da Santa Igreja, procura mutilar o corpo de Cristo.

O ornamento do trono é a ordem dos Pontífices: assim, com referência à dignidade real, os Pontífices ocupam o terceiro lugar. Mui querido filho, tratai os senhores de tal ordem como a pupila de vossos olhos. Se gozardes de sua benevolência, não precisareis temer nenhum adversário. Se êles vos protegerem, estareis garantido em relação a tôdas as coisas, e êles vos recomendarão a Deus todo-poderoso; pois Deus fê-los guardas do gênero humano, sentinelas das almas, dispensadores de tôdas as dignidades eclesiásticas e dos divinos mistérios. Sem êles, não

são constituídos reis, nem príncipes. É pela sua intervenção que são remidos os pecados dos homens. Se os amardes como deveis, também vos sentireis firme e governareis vosso reino de maneira dignificante; pois em suas mãos foi depositado o poder de ligar-nos aos nossos pecados e de nos desligar dêles. Deus estabeleceu com êles uma aliança eterna, separou-os dos outros homens, fê-los participantes do seu nome e da sua santidade, e proibiu que os criticassem, ao dizer pela bôca de Davi: "Não toqueis nos meus cristos." Ora toca nos cristos de Deus, quem, contra a lei de Deus e os santos cânones, difama os homens dessa ordem sagrada, acusando-os de falsos crimes, e os arrasta diante do povo. É o que vos proibo terminantemente de fazer, meu filho, caso quiserdes viver feliz e ilustrar o vosso reino; pois é sobretudo dessa forma que Deus é ofendido. Se, livre-nos Deus, virdes qualquer coisa censurável em algum dêles, adverti-o três ou quatro vêzes em particular, de acôrdo com o preceito do Evangelho. Se êle se recusar a ouvir vossas advertências secretas, será preciso fazer outras públicas, segundo esta palavra: "Se êle não ouvir, dizei-o à Igreja." Obedecendo a êste preceito, tornareis esplêndidamente gloriosa a vossa coroa.

"O quarto florão do govêrno é a fidelidade, a coragem, a presteza, a polidez, a confiança dos príncipes, dos barões, dos condes, dos guerreiros, dos nobres; pois são êles o baluarte do reino, os defensores dos fracos, os vencedores dos inimigos e os engrandecedores das monarquias. Que sejam para vós, meu filho, como pais e irmãos! Jamais reduzais algum dêles à servidão, nunca chameis de escravo

a qualquer dêles: serão vossos soldados, e não vossos servos; comandai-os sem violência, sem orgulho, sem inveja, pacìficamente, humildemente, suavemente, lembrando-vos sempre de que todos os homens pertencem a uma mesma condição, e que nada eleva, a não ser a humildade, e que nada rebaixa, a não ser o orgulho e a inveja. Se fordes pacífico, sereis chamado rei e filho de rei, e sereis amado por todos os guerreiros. Se fordes colérico, soberbo, invejoso, intratável, e vos erguerdes com arrogância, acima dos condes e dos príncipes, o próprio valor dos guerreiros será a fragilidade da realeza, e êles entregarão vosso reino aos estrangeiros. Nesse temor, orientai a vida dos condes de acôrdo com a regra das virtudes, a fim de que, retidos pela afeição que vos dedicam, permaneçam sempre ligados à realeza, e que vosso reinado seja pacífico.

O quinto ornamento da coroa real, são a paciência e a justiça. Dizia Davi: "Deus, dai ao rei o vosso julgamento! "E ainda: "A honra do rei ama o julgamento". São Paulo fala da paciência: "Sêde pacientes com todos". E o Senhor, no Evangelho: "É pela paciência que possuireis as almas". Se quiserdes desfrutar as honras da realeza, amai o critério; se quiserdes possuir vossa alma, sêde paciente. Assim, tôdas as vêzes que vos forem apresentados, seja uma causa digna de julgamento, seja um acusado de crime capital, não mostreis impaciência, não afirmeis sob juramento que o castigareis; tal coisa necessàriamente vos fará inconstante e instável, pois as promessas tolas devem ser quebradas. Também não pretendais julgar vós mesmo, a fim de não aviltar a realeza com a usurpação de negócios subalternos; e,

sim, enviai-os aos juízes competentes para que os julguem segundo a lei. Evitai serdes juiz, preferi ser rei e usar êsse título. Os reis pacientes reinam, os impacientes tiranizam. Se convier à vossa dignidade julgar uma questão a vós apresentada, julgai-a com paciência e misericórdia, a fim de que a coroa seja enaltecida e enriquecida.

"Há tão grande proveito nos hóspedes e nos imigrantes, que podemos considerá-los como o sexto florão da dignidade real. Por que se dilatou o império romano e os soberanos de Roma se tornaram tão importantes e tão ilustres, a não ser por ter para lá afluído, de tôdas as partes, uma multidão de homens nobres e sábios? Roma ainda seria escrava, se os descendentes de Enéias não a tivessem tornado livre. Pois os imigrantes, vindos de províncias diversas, trazem, juntamente com línguas e costumes diferentes, indústrias e armas diferentes, coisas que embelezam e elevam uma côrte, e abatem a arrogância das nações estrangeiras. Um reino com uma única língua e um só caráter é fraco e frágil. É por isso que vos ordeno, meu filho, acolherdes os estrangeiros com benevolência e tratá-los com deferência, a fim de que prefiram morar convosco a qualquer outro lugar; pois se destruirdes o que edifiquei, e dissipardes o que reuni, vosso reino indubitàvelmente sofrerá os maiores prejuízos. Para que tal não aconteça, dilatai vosso reino todos os dias, a fim de que todo mundo considere vossa coroa verdadeiramente augusta.

"O conselho ocupa o sétimo lugar junto ao trono. É através do conselho que os reis são constituídos, que os reinos são governados, que a pátria é defendida, as batalhas preparadas, a vitória obtida, o ini-

migo repelido, amigos conquistados, destruídas as fortalezas dos adversários. Tudo isso se realiza, digo, quando os conselhos são proveitosos; pois conselheiros insensatos, arrogantes e medíocres não saberiam formar homens: para isso, são necessários os mais ilustres e os melhores anciãos, os mais sábios e os mais estimáveis. Assim, meu filho, não soliciteis conselhos a jovens e menos sábios, mas a anciãos, a quem a idade e a experiência tornam aptos a dá-los; pois os conselhos dos reis devem estar guardados no coração dos sábios e não entregues à volúvel tagarelice dos insensatos. Que cada um se exercite naquilo que é adequado à sua idade, os jovens nas armas, os velhos nos conselhos. Contudo, não é conveniente repelir inteiramente os conselhos dos jovens. Mesmo que, ao consultá-los, recebêsseis um conselho útil, será sempre preciso comunicá-los aos anciãos, a fim de que tôdas as vossas ações sejam medidas pela regra da sabedoria.

"Na dignidade real, a imitação dos antepassados ocupa o oitavo lugar. Ficai ciente de que um dos maiores ornamentos da realeza é acompanhar os reis precedentes, e imitar pais respeitáveis; pois quem despreza os decretos de seu pai, e não obriga a respeitar as leis divinas, perecerá. Os pais devem sustentar os filhos, os filhos devem obedecer aos pais. Quem resistir a seu pai é inimigo de Deus. O espírito de desobediência dispersa os florões da coroa. A desobediência é a perdição dos impérios. É por isso, mui querido filho, que deveis ter sempre na memória as advertências de vosso pai, a fim de que possais desfrutar de prosperidade como rei. Segui, sem a menor hesitação, meus costumes, que sabeis adequa-

dos à dignidade real. Ser-vos-ia difícil conservar o govêrno dêste país, se não imitásseis os costumes dos reis precedentes. Algum grego governaria os latinos segundo os costumes gregos? Ou algum latino governaria os gregos segundo os costumes latinos? Nenhum. É porque deveis seguir meus costumes, a fim de que vos distinguais entre os vossos e sejais considerado entre os estrangeiros.

"A oração é um meio muito poderoso de salvação para um rei: ocupará o nono lugar. A oração contínua é a remissão dos pecados. Cada vez que comparecerdes ao templo do Senhor para adorar Deus, dizei com Salomão: "Dai-me, Senhor, a sabedoria do trono da vossa glória, a fim de que permaneça comigo e trabalhe comigo, e eu saiba em qualquer tempo o que vos é agradável". Era assim que oravam os antigos reis: orai da mesma forma para que Deus afaste de vós todos os vícios e o mundo inteiro reconheça em vós um rei invencível. Orai também para que afaste de vós a preguiça e a estupidez, para que vos conceda tôdas as virtudes a fim de vencerdes todos os inimigos visíveis e invisíveis, e possais, vós e os vossos súditos, terminar a vossa vida na paz e na segurança.

"O acôrdo das virtudes ornamenta a coroa dos reis e constituirá o meu décimo preceito; pois o Senhor das virtudes é o Rei dos reis. Assim como o conjunto do exército celeste se compõe de dez côros (sem dúvida êle considera os homens o décimo côro) também o conjunto da nossa vida se comporá de dez mandamentos. É preciso que um rei seja piedoso, misericordioso e ornado de outras virtudes. Um rei ímpio e cruel arroga-se inùtilmente o nome de rei;

é de tirano que deve ser chamado. É porque, meu bem amado filho, delícia do meu coração, esperança da minha futura posteridade, vos rogo e ordeno sejais piedoso em tudo e por tôda parte, sejais indulgente, não apenas com os parentes, os próximos, os príncipes, os duques, os abastados, os vizinhos e os indígenas, mas também com os estrangeiros, e com todos os que vos procuraram; pois a obra da piedade vos conduzirá à soberana beatitude. Sêde misericordioso para com todos os que sofrerem violências, tende sempre no coração o exemplo do Senhor: "Quero a misericórdia e não o sacrifício". Sêde paciente com todos, não apenas com os poderosos, mas também com os fracos. Sêde forte, para que a prosperidade não vos eleve cedo demais, ou a adversidade não vos abata; sêde humilde para que Deus vos exalte neste mundo ou no outro; sêde moderado para não punirdes ou não condenardes ninguém desmedidamente; sêde brando para jamais resistirdes à justiça; sêde honesto para nunca ofenderdes espontâneamente pessoa alguma; sêde pudico, para evitar tôdas as imundícias do desejo, assim como o aguilhão da morte. Aí está o conjunto que compõe a coroa real, sem o qual ninguém poderia reinar aqui na terra ou alcançar o reino eterno. (5)

Tais são as instruções que Santo Estêvão, o apóstolo, o herói, o legislador, o primeiro rei da Hungria, dava a seu filho Santo Emérico sôbre a arte de bem governar. Vê-se bem qual a idéia que, no início do décimo-primeiro século, se formava da realeza e da política. Não nos lembramos de jamais haver lido algo tão cristão, tão sensato, tão singelo,

(5) Dissert., § 33.

tão nobre, tão perfeito. O que ainda mais surpreende é o fato que não apenas o décimo-primeiro século conservava no espírito semelhante ideal, mas presenciava mais de um exemplo real: o piedoso Roberto de França, o Santo Henrique da Alemanha, Santo Estêvão da Hungria. Que digo? A fria Escandinávia também teve o santo rei Ovalo ou Olaüs.

Depois de ter convertido e edificado seu povo por uma santa vida, o rei Estêvão edificou-o com uma santa morte, em 1038. Deus provou-o com grandes sofrimentos. Perdeu vários filhos de tenra idade; mas consolava-se com as grandes esperanças dadas pelo único que lhe restava, chamado Emérico. Fê-lo educar com grande cuidado e compôs para a sua instrução o *Tratado de Política e de Legislação Cristãs*, que já apreciamos. Tão grandes proveitos tirou o jovem príncipe da boa educação recebida, que chegou a um elevado grau de piedade e, estando certa noite em oração, prometeu a Deus conservar a virgindade; mas conservou essa resolução muito em segrêdo. Aconteceu que, desejoso de assegurar a sucessão do reino, o rei Estêvão, seu pai, propôs-lhe um casamento conveniente com uma bela princesa. Emérico recusou-se a princípio, depois cedeu à vontade paterna e casou-se, mas sem prejuízo do seu voto, e não tocou na espôsa, como ela própria deu testemunho depois da morte do príncipe, que seguiu de perto seu casamento. Foi enterrado em Alba Real e operaram-se vários milagres no seu túmulo: e, assim, a Igreja venera-o entre os santos do dia 4 de novembro. (6)

---

(6) Apud. Sur., 4 nov. Acta SS., 20 aug.

O rei Estêvão precisou apelar para as suas virtudes a fim de consolar-se pela perda do filho e, na intenção de atrair sôbre si a misericórdia de Deus, aumentou as suas esmolas, já avultadas, sobretudo para os estrangeiros. Confiava particularmente num santo eremita chamado Gonthier que se retirara na Boêmia; e quando o santo homem vinha vê-lo, deixava-o senhor do seu tesouro. Enfim, após uma prolongada moléstia e sentindo aproximar-se seu fim, o santo rei chamou os bispos e os fidalgos da côrte, que eram cristãos e recomendou-lhes a eleição de um novo rei e, sobretudo, que conservassem a religião recentemente estabelecida na Hungria. Depois do que, erguendo as mãos e os olhos, exclamou: "Rainha do céu, redentora do mundo, é ao vosso patrocínio que entrego a Santa Igreja com os bispos e o clero, o reino com os grandes e o povo: dizendo-lhes o último adeus entrego minha alma em vossas mãos". Em seguida, depois de receber na presença de todos a extrema-unção e o santo viático, expirou no dia 15 de agôsto, dia da Assunção da Santíssima Virgem, tal como sempre desejara e pedira com lágrimas. Foi enterrado na igreja que mandara construir para essa santa padroeira, em Alba Real. Sua santidade foi confirmada por vários milagres. Seu corpo foi retirado da terra quarenta e cinco anos após a sua morte. Bento IX canonizou-o e Inocêncio XI fixou sua festa no dia 2 de setembro. (7)

* * *

(7) Acta SS., 2 sept.

BEM-AVENTURADA MARGARIDA DE LOUVAIN

No século terceiro, em que à Itália foi proporcionado admirar duas servas, Verdiana e Zita, a cidade de Lovaina, na Bélgica, assistia a um espetáculo talvez ainda mais raro; uma criada de albergue que, juntamente com seu patrão e patroa, deu o exemplo de tôdas as virtudes cristãs. Margarida nascera em Lovaina, mesmo, de pais pouco abastados, mas muito virtuosos. Quando chegou à idade de empregar-se, seus pais, que apenas viviam do trabalho cotidiano, viram-se obrigados a colocá-la como criada em casa de um parente chamado Amando, que mantinha um albergue e que, levado por motivos religiosos, se impunha o dever de dar hospitalidade aos peregrinos pobres. Não foi pequena a satisfação de Margarida por ter sob os olhos aquêles exemplos de virtude, e por encontrar-se também em condições de imitá-los. Não se contentou com cumprir todos os deveres da sua condição com a mais escrupulosa fidelidade; persuadida de que servia a Jesus Cristo na pessoa dos seus membros, nunca se sentia mais feliz do que quando podia dar provas da sua caridade para com os pobres e os infelizes. Fizera voto de castidade perpétua, e evitava com cuidado tudo quanto pudesse causar-lhe o menor dano; a êsse

respeito sua austeridade era tão conhecida que a chamavam de Orgulhosa Margarida, alcunha que conservou até os nossos dias.

Amando e sua mulher tinham feito o projeto de abraçar a vida monástica e, nessa intenção, venderam tudo quanto possuíam. Ao ser disso informada, Margarida resolveu tomar o véu na ordem de São Bernardo. Alguns malfeitores, cientes de que o dinheiro proveniente das vendas se encontrava na casa das referidas pessoas, disfarçaram-se com roupas de peregrinos e, à tardinha, vieram pedir pousada para uma só noite. Embora tivesse a intenção de partir no dia seguinte para a abadia de Villers, Amando não quis deixar de praticar mais essa obra de caridade; satisfez-lhes o pedido e para ainda melhor tratá-los mandou Margarida comprar vinho e trazê-lo numa bilha que até hoje é conservada em Lovaina. Porém, mal ela deixara a casa, os miseráveis impiedosamente assassinaram seus piedosos hospedeiros. Ao regressar, Margarida foi também assaltada e maltratada e finalmente arrastada fora da cidade pelos malfeitores que, depois de terem partilhado os despojos do albergue, consultaram-se para saber o que fariam da moça. Um dêles, menos corrompido do que os companheiros, mostrou desejos de conservá-la como espôsa, a fim de salvar-lhe a vida. Mas a piedosa Margarida, impelida por sentimentos mais generosos, preferiu morrer a trair o voto de castidade pronunciado. Um dos assassinos feriu-a no pescoço, varou-lhe o coração com o punhal e atirou-lhe o corpo no Dyle, no dia 2 de setembro de 1225.

Já nesse momento Deus quis dar a conhecer quanto a vida daquela virgem lhe fôra agradável;

seu corpo não foi ao fundo, mas flutuou na superfície das águas e tornou a subir o rio até à cidade; ao mesmo tempo, uma luz celestial nimbava-o e ouviam-se cantos melodiosos. Várias pessoas testemunharam o fato, entre outras Henrique I, duque de Lorena e de Brabante. Bem depressa a notícia se espalhou em Lovaina; o capítulo de São Pedro, acompanhado do duque e de sua espôsa, dos nobres e do corpo de magistrados foram recolher aquêle precioso penhor, transportaram-no com muita solenidade para a igreja colegial de São Pedro, onde um grande número de milagres foi operado pela intercessão da virgem e mártir. (1)

* * *

(1) Acta SS., 2 sept.

OS MÁRTIRES DE SETEMBRO (*)

Entre os acontecimentos da Revolução francesa, os massacres de setembro são os mais tristemente célebres.

Vetado o decreto, pelo soberano, suspendendo a côngrua aos sacerdotes refratários ao juramento civil e outro decreto punindo de morte os emigrados que não retornassem, ambas resoluções da Legislativa, a atitude real provocou graves distúrbios: o povo invadiu as Tulhérias, obrigando Luís XVI a cobrir-se com um barrete frígio e a fazer uma saudação à nação.

Quando chegou a Paris a notícia da invasão prussiana, a agitação chegou ao auge. E os "filósofos", os enciclopedistas, todos os primevos da Revolução, que haviam votado tremendo ódio à religião e aos seus ministros, entraram a agir loucamente.

Assim, depois do 10 de agôsto e da queda da monarquia, uma vez desaparecidos o *tirano* e o *veto,* começaram as prisões a encher-se de "refratários ao juramento de fidelidade à Constituição civil". E tão grande era o número de presos, e os cárceres, insuficientes, tão abarrotados jaziam, que se tratou de transformar os próprios mosteiros e abadias em prisão.

O massacre principiou a 2 de setembro, no mosteiro beneditino de Saint-Germain-de-Près, alastrando-se depois, assustadoramente, selvagemente. Por

não prestar o juramento, foram mortos os bispos João Maria do Lau de Alleman, nascido em 1738, no castelo da Costa, paróquia de Brias, diocese de Perigueux, arcebispo de Arles; Francisco José de La Rochefoucauld Moumont, nascido em 1736, paróquia de São João de Angouleme, bispo de Beauvais; Pedro Luís de La Rochefoucauld (irmão de Francisco José) nascido em 1744, bispo de Saintes; e muitos padres, vigários, curas da diocese de Paris, das dioceses das províncias e pessoas do clero regular e laicos, às centenas.

No mesmo dia, em Apaméia, Santo Antonino, mártir, no século IV. Nascido em Aribazos, na Síria, era cortador de pedras. Mártir do zêlo, foi massacrado por pagãos que procurava converter.

No monte Soracte, São Nonoso, abade, que pela oração transportou enorme pedra e brilhou por outros milagres (século VI). Êste Santo é conhecido graças aos famosos *Diálogos* de São Gregório, o Grande. Vivia sob um abade irascível, *aspérrimo*, como diz São Gregório, e, um dia, quando limpava as lâmpadas na sacristia, deixou que uma escapasse, indo espatifar-se no chão. Temeroso de que o abade o increpasse com furor, *vehementissimum furorem*, Nonoso abaixou e pôs-se, diligentemente, a catar todos os cacos de vidro, principiando pelos maiores, depois pelos menores, e, finalmente, a recolher a poeira de vidro. Tendo corrido a um dos altares da igreja, ali depositou o que recolhera, ajoelhou-se e rezou fervorosamente, suspirando às vêzes, gemendo

outras. Quando terminou e levantou a cabeça, encontrou a lâmpada intata.

Em Pamiers, os santos João e Almáquio, mártires.

Em Estrasburgo, São Justo, bispo (século IV?). Décimo-segundo bispo daquela cidade, segundo os catálogos, São Justo teria vivido no século IV. O culto é atestado desde o século X, mas a vida é desconhecida.

Em Estrasburgo ainda, São Valentino, bispo (século V?). Décimo-quarto do catálogo, é absolutamente desconhecida a sua vida.

Na Gália, Santo Antônio de Lialores, mártir, que, segundo o breviário de Agen, de 1505, era ermitão.

Em Avinhão, Santo Agrícola, bispo (século VII?). Padroeiro de Avinhão, repousa na igreja de São Pedro de Avinhão.

Festa de São Leseu ou Lezens, mártir (século IX?).

Na Dinamarca, São Guilherme, bispo de Roeskilde, falecido, presume-se, em 1070. Crê-se que foi capelão do rei Canuto, e depois bispo daquela cidade dinamarquesa.

Na Escócia, São Lolan, bispo (século XI?).

Perto de Louvain, a bem-aventurada Margarida (nome que significa *Pérola*), virgem e mártir (1225?).

Na Palestina, o bem-aventurado Brocardo, carmelo, falecido em 1231 (?).

Em Roma, Santa Máxima, mártir que tendo confessado Jesus Cristo juntamente com Santo Ausan durante a perseguição de Diocleciano, entregou o espírito sob as pancadas que recebeu. Em Palmiers,

os santos Diomedes, Julião, Filipe, Eutiquiano, Hesíquio, Leônidas, Filadelfo, Menalipo e Pantágapa, que sofreram o martírio, uns pelo fogo, outros pela espada, ou na cruz. — Em Nicomédia, os santos mártires Zeno, Concórdio e Teodoro, seus filhos. — No mesmo dia os santos irmãos Evódio, Hermógenes e Calista, mártires. — No mesmo lugar, Santo Elpídio, bispo e confessor. — Em Marca de Ancona, São Lupédio, abade, que deu nome à cidade que se glorifica de possuir-lhe o corpo.

* * *

ÍNDICE

16.º dia de agôsto

17.º dia de agôsto

18.º dia de agôsto

19.º dia de agôsto

20.º dia de agôsto

21.º dia de agôsto

22.º dia de agôsto

23.º dia de agôsto

24.º dia de agôsto

25.º dia de agôsto

26.º dia de agôsto

27.º dia de agôsto

28.º dia de agôsto

29.º dia de agôsto

30.º dia de agôsto

31.º dia de agôsto

SETEMBRO

1.º dia de setembro

2.º dia de setembro

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITORA DAS AMÉRICAS
São Paulo —— 1960